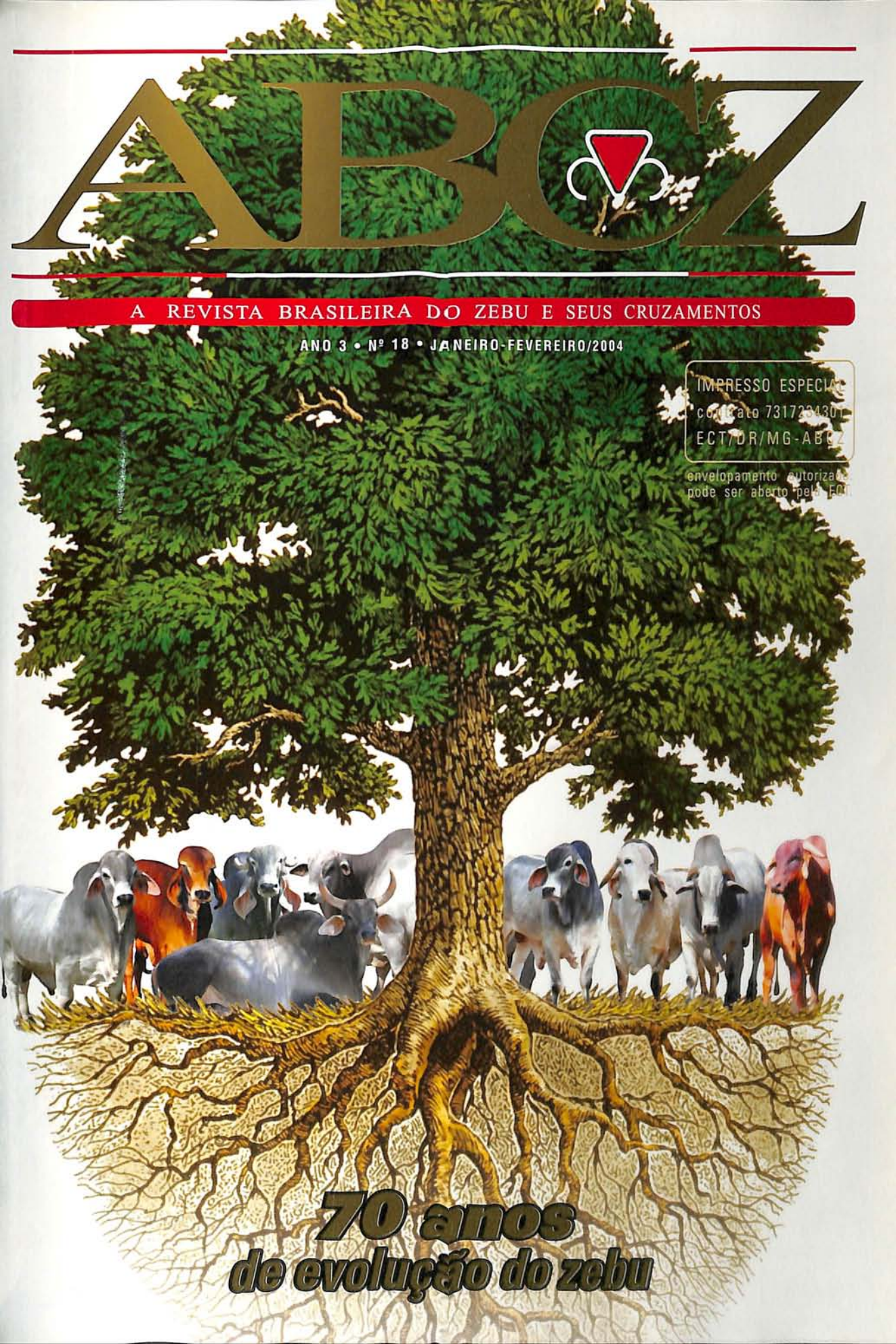
ABCZ

A REVISTA BRASILEIRA DO ZEBU E SEUS CRUZAMENTOS

ANO 3 • Nº 18 • JANEIRO-FEVEREIRO/2004

IMPRESSO ESPECIAL
contrato 7317234301
ECT/DR/MG-ABCZ
envelopamento autorizado
pode ser aberto pela ECT



70 anos de evolução do zebu

BRAHMAN PILAR / RKC

2° Leilão de Embriões POI
ExpoZebu 2004

Dia 09 maio 21:00h
Tattersal Leilopec

Promotores:
Sergio Santos Rutowitsch
Rômulo Kardeck de Camargos

Participantes Especiais:
Ladislau Alves de Almeida, Wilson Lemos de Moraes Jr.
Lauro Roosevelt / Cristiano Botelho e Núcleo de Rio Preto

Convidados Especiais:
Brahman Transmontana e Fazenda Guaratiba - Cláudio Paranhos
Grupo Nacional Brahman - Guilherme Bucalem
Helder Galera - José Osael Faria - Luis Humberto M. Borges
Orestes Prata Tibery Jr - Paulo Mesquita
Pedro Antonio Oliveira Sobrinho - Rancho Haras Quitumba
Rodrigo Simonato Soares - Sergio Izidoro Eskenazi

40 lotes em 14 parcelas

Brahman POI
Genética impecável, para Clientes exigentes.

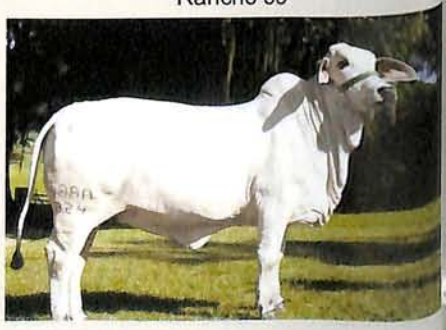
Brahman PILAR / RKC

MISS PILAR POI 79 - G. C. Nacional
Pai: JJ Ring Crata 688/1
Embrião de: JDH Prescot Manso 82/6

Fazenda São José

SS PAHNTER da ST
Pai: MR V8 901/4
Embrião de: JDH Sarasoto Manso 880/2

Rancho 55



MISS PILAR 324
Pai: MR V8 777/4
Embrião de: JDH Sir Marri Manso 557/5

Sêmen de touros cujas fotos vão abaixo, foram comprados pelos criadores brasileiros para colocar à venda no 2° Leilão Brahman PILAR / RKC embriões com o que há de melhor na genética Brahman mundial.

MR PILAR POI 75 "Tiro Certo"
ande Campeão ExpoZebu 2001

JDH PRESCOT MANSO 82/6
Grande Campeão Americano

JDH LIBERTY MANSO 847/5
Grande Campeão Americano

JDH MR UNION MANSO 455/3
Grande Campeão Americano

H REMINGTON MANSO 784/2
de Grande Campeão Americano

JDH SIR M. MANSO 557/4
Pai G. Campeã Americana 2002

MR V8 901/4
Grande Campeão Americano

MR PILAR POI 36
Grande Campeão ExpoZebu 2003

Com o objetivo de proporcionar máxima satisfação a nossos clientes,fixamos, nós e nossos convidados, critérios e exigência genética, morfológica e de premiação em pista para os ancestrais diretos dos embriões que vão a leilão, e nos impuzessem ofertar Embriões BRAHMAN POI, sexados de Fêmea, da mais alta qualidade. Buscando adicionalmente disponibilizar o máximo de referenciais comparativos para nossos clientes, os lotes serão apresentados no Tattersal, sempre com a matriz doadora ou um irmão(ã) próprio do embrião ofertado para ser analisado.

Os Pais, Grandes Campeões e Campeões nos Estados Unidos ou no Brasil, com progênies premiadas, representam como suas mães, todas POI - Puras de Origem Importada, o alto nível de competência atingido pela raça BRAHMAN para produzir animais dóceis, de invejável carcaça, com precocidade sexual e fertilidade comprovada em mais de 5000 TE's só no Brasil e ganho de peso a campo, que a tornam a raça mais usada em formação de raças de corte e em cruzamento industrial do mundo tropical.

No Brasil, quanto mais se compara mais cresce o BRAHMAN, que com 874 registros em 1998, pulou para 4941 em 2002, e 11.517 animais registrados na ABCZ em 2003, isto é um crescimento de 133% em relação ao ano anterior. O BRAHMAN entra agora em sua segunda decada no Brasil, as fotos de touros e matrizes cujos embriões estarão fazendo em nosso leilão esta adição genética à já melhor pecuária zebuina do mundo que é a brasileira, são aqui apresentados dentro da filosofia de transparência de nossa raça.

BRAHMAN - Nasceu para ser comparado!

Faça suas escolhas em nosso site: www.pilar-rkc.com.br

ormações:
21) 9601-5215
24) 3321-5169

Transmissão:
CANAL RURAL
Via TV a Cabo NET ou SKY

Leiloeira:
LEILOPEC
(34) 3314-0102
(34) 3314-0599
Uberaba.MG
leilopec@zaz.com.br

Assessoria:
RAP

Patrocínio:
TORTUGA

Sincretismo comercial

Quando pequeno ouvi muitas histórias a respeito da Índia. Nas reuniões com os meus parentes, as peripécias de nossos antepassados eram narradas com detalhes. Mais tarde, representando a ABCZ, tive a chance de visitar o solo indiano por algumas vezes. Agora, nas últimas semanas de janeiro, tenho a oportunidade de retornar à pátria do zebu, em virtude de um convite do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para integrar o grupo de empresários brasileiros que acompanhou sua comitiva presidencial em viagem aquele país.

O Brasil tem bastante interesse em abrir negócios com a Índia, segunda nação mais populosa do mundo. Temos produtos, know-how, tecnologia e criatividade suficientes para abastecer aquele mercado, um aglomerado de gente pra lá de um bilhão de pessoas. E o que notamos bem numa viagem como essa é que o governo brasileiro quer volume, quer buscar nichos comerciais que possam absorver muito daquilo que é produzido por aqui e não é escoado, ou então que não é, até mesmo, produzido por não ter justamente para onde ser comercializado com sucesso.

Em contra-partida, comercialmente falando, a Índia também tem muito a nos oferecer, apesar de nos constituirmos apenas de 175 milhões de habitantes. É por isso que empresários brasileiros e indianos fizeram questão de enxergar essa reunião como algo a mais do que um mero encontro para troca de contatos. Representantes de diversos setores da economia brasileira saíram da Índia, se não com um contrato assinado, com negociações bem adiantadas.

Por nossa parte, no tocante à pecuária, temos um laço histórico com a Índia, que ultrapassa qualquer relação econômica. É de lá que importamos, há mais de 100 anos, o gado zebu. No entanto, em 1962, essa comercialização foi encerrada e, desde então, o Brasil buscou aprimorar seu rebanho zebuíno (hoje, em mais de 140 milhões de cabeças) com os reprodutores que se encontravam espalhados em seu próprio território.

O trabalho de seleção das mais diversas linhagens zebuínas existentes no Brasil é invejável, sem comparativo em qualquer parte do mundo, mas em muitas delas notamos a necessidade daquilo que é chamada heterose, ou seja, o refrescamento de sangue. E na Índia existem ainda alguns poucos exemplares cuja carga genética seria de grande importância para essa finalidade.

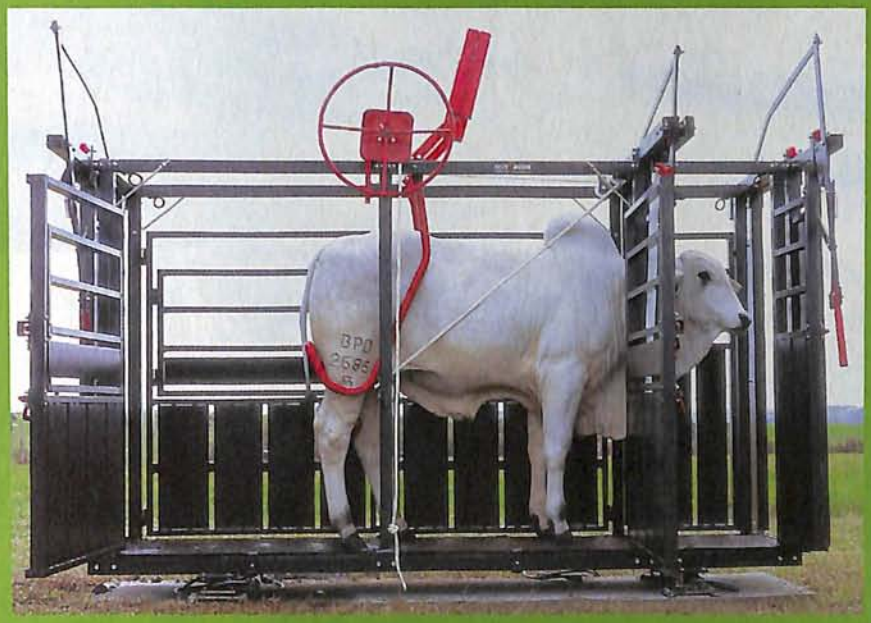
Com isso, afastaríamos de vez algo que já chegou a ser apelidado de "o fantasma da consangüinidade", e abriríamos a possibilidade de dar um salto ainda maior na produtividade do zebu brasileiro. A Índia, por sua vez, também necessita incorporar essa genética ao seu contigente bovino, uma vez que o zebu tupiniquim é incomparavelmente superior ao indiano, em virtude da seleção e do melhoramento genético aqui impressos.

Sendo assim, a ABCZ está empenhada em abrir a comercialização de material genético com a Índia e esperamos que ela aconteça o mais rápido possível, principalmente agora que vemos o governo brasileiro disposto a nos ajudar a incrementar o comércio bilateral. Por fim, ao retomar as impressões de criança, bem como as constatações pessoais de hoje, sou categórico em afirmar que, em diversos aspectos, o Brasil e a Índia possuem muita afinidade, mesmo levando em consideração todas as suas diferenças – que não são poucas.

foto: M. Farias

José Olavo Borges Mendes, presidente da ABCZ

Tecnologia para proteger o homem e preservar o animal



TRONCO TRAPÉZIO BECKHAUSER

Projetado pela Beckhauser para atender as necessidades da pecuária moderna, o Tronco Trapézio imobiliza sem agredir o animal.

Exame andrológico

Inseminação artificial

Castração

BECKHAUSER

TRONCOS E BALANÇAS

Irmãos Beckheuser e Cia. Ltda.

Av. Dep. Heitor Alencar Furtado, 2985

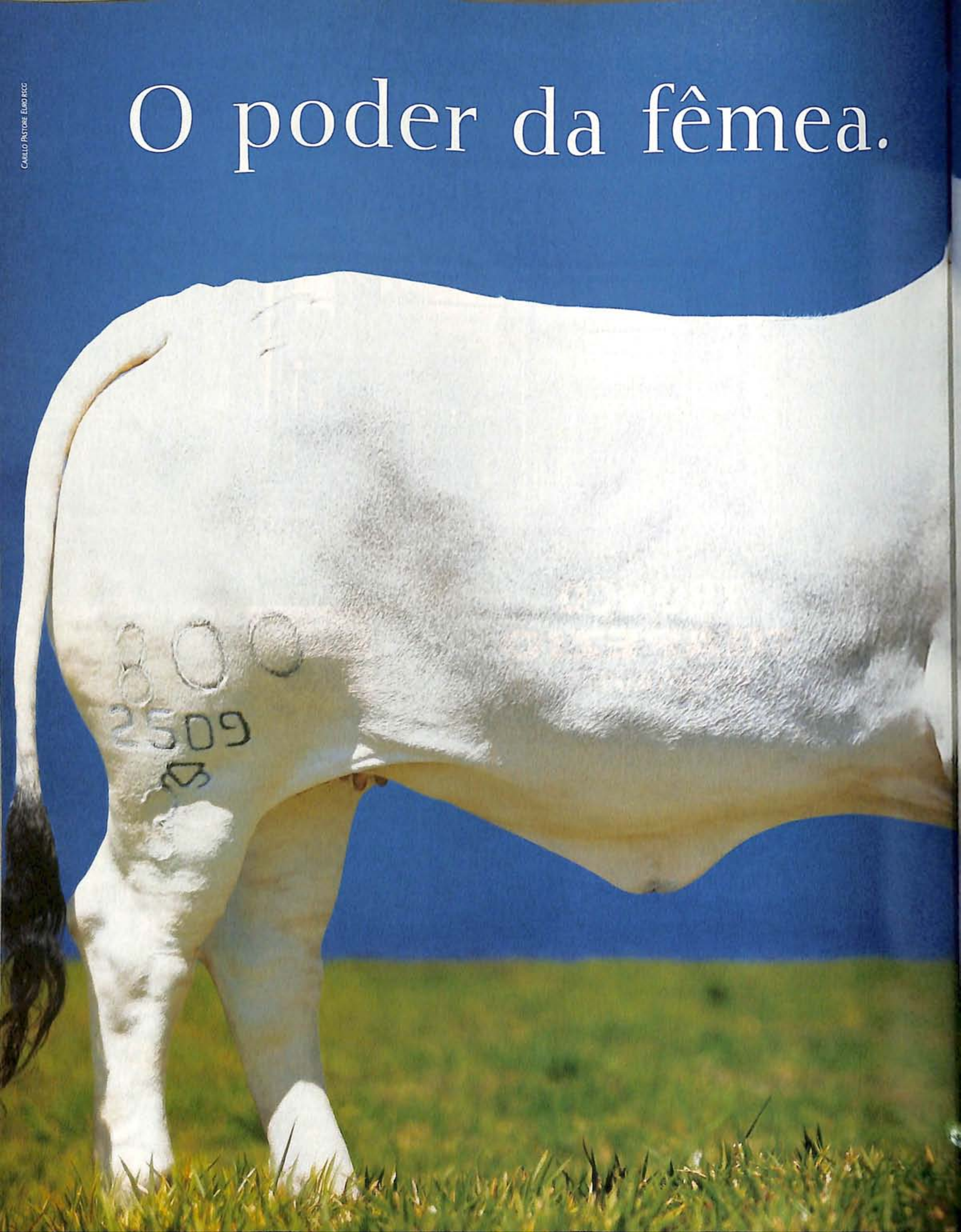
Fone (44) 421-1000 Fax (44) 421-1010

87711- 000 Paranavaí - PR

DDG 0800-44-9002

Visite nosso site e conheça toda linha Beckhauser

www.beckhauser.com.br e-mail: tronco@beckhauser.com.br


O poder da fêmea.
CAMILO PASTORE EURO RSCG

A BrBr, Brahman Brasil, único criatório do mundo a utilizar exclusivamente a genética JDH, está formando seu plantel a partir do poder das melhores fêmeas de reposição da família Hudgins, escolhidas pelo próprio Bubba Hudgins.

JDH Lady Manso 800/3.

Fêmea importada que estará à venda no leilão

Aliança Brahman eSPecial

O Melhor do Melhor.

BRBR

BRAHMAN BRASIL

www.brbr.com.br

EDITORIAL

Os últimos preparativos para as comemorações dos 70 anos da maior organização pecuária e da melhor mostra de zebuínos do mundo estão a todo vapor. Data histórica para a pecuária, esse acontecimento requer atenção e dedicação especiais. O Brasil é, hoje, altamente competitivo no setor pecuário, desponta como maior exportador de carnes in natura do mundo e é um dos únicos países da atualidade que não utilizou ainda todo o seu potencial de produção relativo à bovinocultura.

Mercadologicamente falando, a pecuária de corte não só restabeleceu a presença do Brasil na ordem econômica do agronegócio mundial, como também lançou o país numa posição privilegiada em relação à dos seus concorrentes nesse segmento.

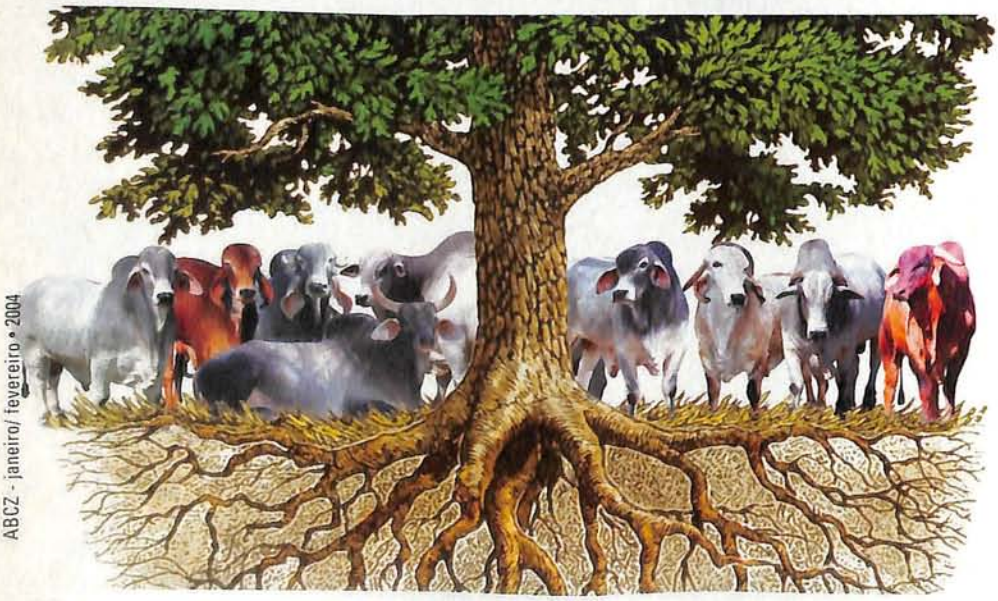
Com isso, é justo e devido creditar à ABCZ e à ExpoZebu o mérito na obtenção e na sedimentação desse patrimônio genético que é o zebu brasileiro – hoje presente em 80% dos mais de 170 milhões de animais que compõem o contingente bovino nacional.

Nos últimos 70 anos, a ABCZ e a ExpoZebu foram os principais agentes do melhoramento genético e da promoção das raças zebuínas, dando continuidade ao trabalho daqueles antepassados visionários que enxergaram no gado indiano um dos mais eficientes meios de se produzir carne e leite a pasto.

Essa histórica comemoração será realizada de 29 de abril a 10 de maio, no Parque Fernando Costa, em Uberaba. Nesta edição, a revista traz como capa este 70º aniversário da ABCZ e da ExpoZebu, e divulga as informações da feira, bem como a expectativa de seus organizadores.

Além disso, pautamos assuntos como o transporte de bovinos, elo da cadeia produtiva responsável pelo "leva e traz" de milhões de cabeças pelo Brasil anualmente; os sistemas de produção utilizados por selecionadores de zebu para garantir a eficiência produtiva e, conseqüentemente, o retorno financeiro de seus rebanhos; além de reportagens e opiniões sobre a interação agronegócio/Cerrado, entre outros.

Aproveitamos para agradecer a Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, pela colaboração prestada à equipe da revista ABCZ na realização da matéria a respeito da segurança no campo. O Brasil tem problemas das mais variadas ordens, no entanto, bem maior é o volume de nossas soluções. E que venha a ExpoZebu 70 anos!



ABCZ

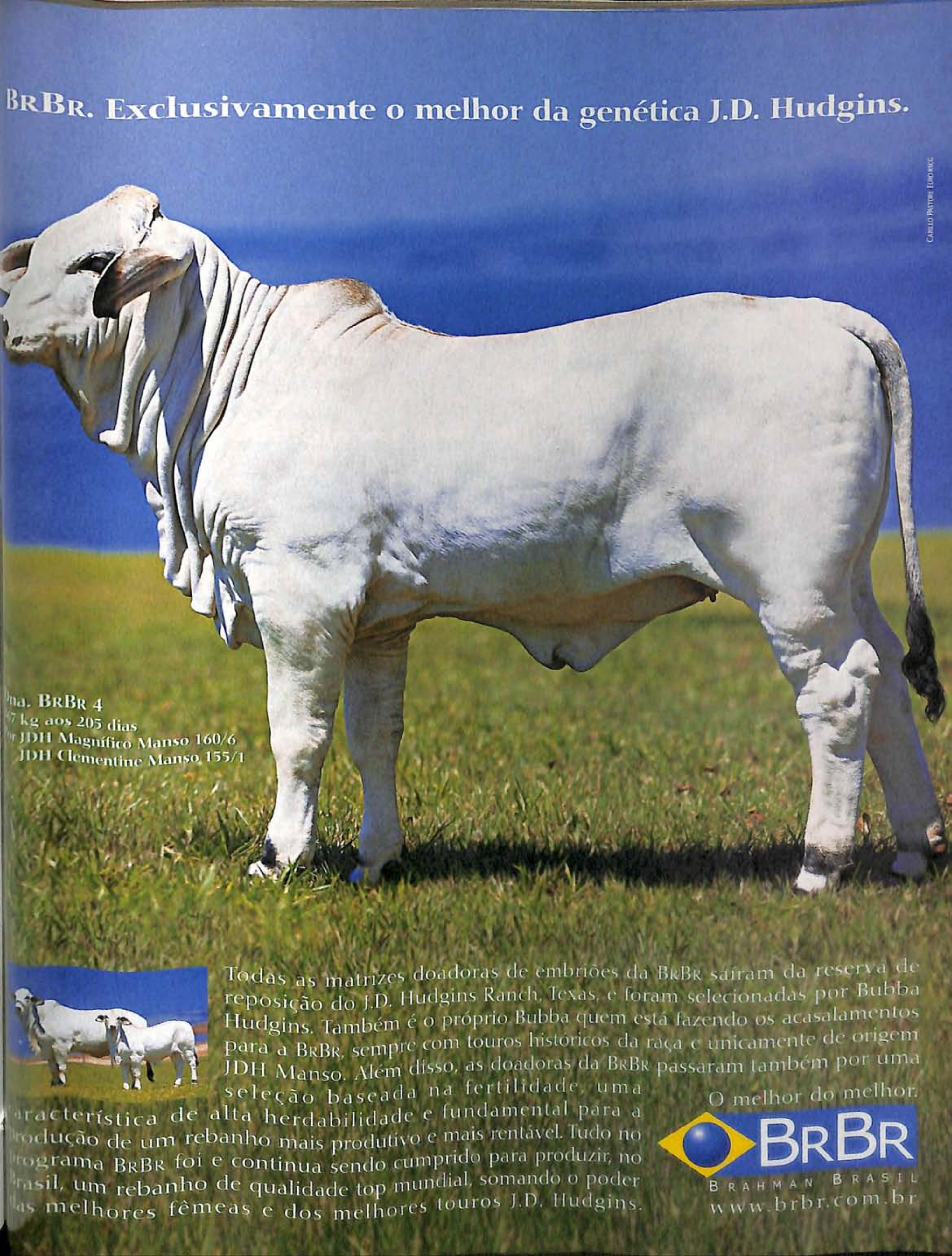
Órgão oficial da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu

Conselho Editorial
José Olavo Borges Mendes, João Antonio Prata, Arnaldo Prata Filho, Dirceu de Azevedo Borges, Luiz Humberto Carrião, Luiz Antonio Josahkian e Randolfo Borges Filho.
Diretores responsáveis
João Antonio Prata (Editorial) e William Koury (Comercial)
Editor e jornalista responsável
Luciano Bitencourt
Repórteres
Larissa Vieira e Renata Thomazini
Colaboradores
Najar Tubino
Fotos (exceto as mencionadas em crédito)
Maurício Farias e L.Adolfo
Redação
(34) 3319 3826 • revista.abcz@abcz.org.br
Charge e ilustrações
Pedro Riccioppo "Peafo"
Revisão
Sandra Regina Rosa dos Santos
Departamento Comercial
Míriam Borges (gerente), Euler José dos Santos e Vânia Aparecida Borges Weitzel
(34) 3319 3983 • meiorural@abcz.org.br
Assinaturas
(34) 3319 3848 • assinatura@abcz.org.br
Projeto gráfico e Produção gráfica
Dgraus Design • design@dgraus.com.br
Diagramação
Gil Mendes, Cassiano Tosta e Issao Ogassawara
Scanner/ tratamento
Paulo Henrique Crepaldi
Impressão - CTP
Prol Editora Gráfica
Tiragem
12.000 exemplares
Capa
Nativa Propaganda

Diretoria da ABCZ (2001-2004)

Presidente: **José Olavo Borges Mendes,**
1º Vice-pres.: **João Antonio Prata;**
2º Vice-pres.: **Paulo Ferolla da Silva;**
3º Vice-pres.: **Jonas Barcellos Corrêa Filho.**
Diretores
Antônio Ernesto W. de Salvo, Arnaldo Manuel de S. Machado Borges, Arnaldo Prata Filho, Dirceu de Azevedo Borges, João Machado Prata Jr., José Carlos Prata Cunha, Lourival Sales Parente, Luiz Humberto Carrião, Marco Túlio de A. Barbosa, Nelson R.Pineda Rodrigues, Orestes Prata Tibery Jr., Sílvio Castro Cunha Jr. e William Koury.
Superintendências
Geral: **Agrimedes Albino Onório.** *Adm-financeira:* **José Valtoírio Mio.** *Técnica:* **Luiz Antonio Josahkian.** *Informática:* **Eduardo Luiz Milani.** *Técnica-adjunta de Melhoramento Genético:* **Carlos Henrique Cavallari Machado.** *Técnica-adjunta de Genealogia:* **Carlos Humberto Lucas.** *Técnica-adjunta do Depto. de Jurados das Raças Zebuínas:* **Moacir Duarte Gomes.**
Assessorias
Jurídica: **Gilberto Martins Vasconcelos.**
Imprensa: **Luciano Bitencourt**

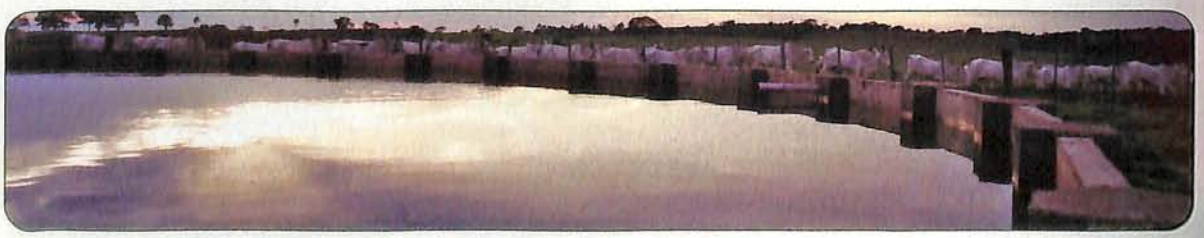
Associação Brasileira dos Criadores de Zebu – ABCZ
Praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 • Bloco 1
Cx. Postal 6001 • CEP.: 38022-330 • Uberaba(MG)
Tel.: (34) 3319•3900 Fax: (34) 3319•3838
www.abcz.org.br


BrBr. Exclusivamente o melhor da genética J.D. Hudgins.
na. BrBr 4
kg aos 205 dias
JDH Magnífico Manso 160/6
JDH Clementine Manso 155/1
Todas as matrizes doadoras de embriões da BrBr saíram da reserva de reposição do J.D. Hudgins Ranch, Texas, e foram selecionadas por Bubba Hudgins. Também é o próprio Bubba quem está fazendo os acasalamentos para a BrBr, sempre com touros históricos da raça e unicamente de origem JDH Manso. Além disso, as doadoras da BrBr passaram também por uma seleção baseada na fertilidade, uma racterística de alta herdabilidade e fundamental para a rodução de um rebanho mais produtivo e mais rentável. Tudo no rograma BrBr foi e continua sendo cumprido para produzir, no rasil, um rebanho de qualidade top mundial, somando o poder as melhores fêmeas e dos melhores touros J.D. Hudgins.
O melhor do melhor.
BrBr
BRAHMAN BRASIL
www.brbr.com.br

ABCZ
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE ZEBU

Índice geral

04 ***pecuária no brasil***
08 Editorial
14 ***cartas da índia***
16 Entrevista criador: Guzerá versátil
22 Sistema de produção
34 **EXPOZEBU 70 ANOS**
50 ***dicas técnicas***
52 Alerta no campo
56 ***etc & tal***
58 Boi na pista
64 ETR
66 ***meio ambiente***
68 Prosperidade e beleza no Cerrado brasileiro
78 ***tempo técnico***
86 Aula de Zebu
88 Cuidado com o cão
94 CNA ajuíza ações contra o Incra
98 ***economia do zebu***
102 Santo lucro
108 Entrevista diretor: Genética campeã nas pistas
114 ***campo alegre***
116 Zebu capixaba
122 ***alimento de qualidade***
126 Fim do amadorismo
132 ***pecuária jovem***
136 ***conexão pecuária***
138 Água que te quero rio
144 ***mercado do leite***
146 Carta escondida na manga
150 Conservação do queijo frescal é estudada
160 ***zebu na mesa***
162 ***histórias de tiãozinho cunha***



SEÇÕES

42 **cartas & e-mails**
154 **ABCZ serviços**
155 **registro**
156 **além da fronteira**
157 **Além do QG**
158 **atacado & varejo**
159 **novos sócios**

3º Leilão Poty

Torres Lincoln e Convidados Especiais

qualidade genética

02 • maio • 2004 • Domingo
13h • Tattersal VR • Uberaba MG

Realização

REMATE LEILÕES
www.remateleiloes.com
(11) 3872-5777

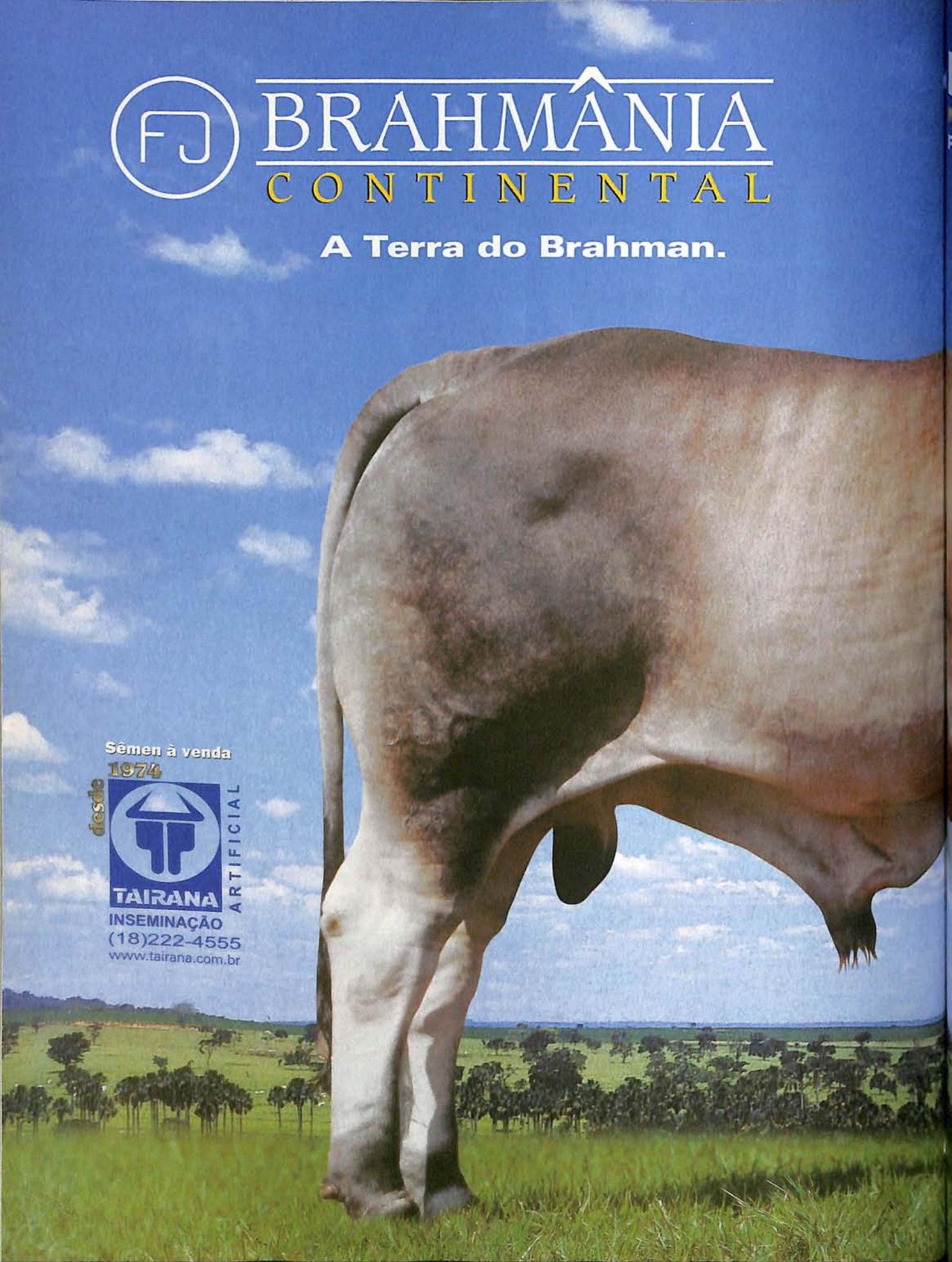
Assessoria

Quality genética
ASSESSORIA RURAL
(34) 3332.1300

Transmissão ao vivo

CANAL RURAL
Via TV a Cabo NET ou SKY

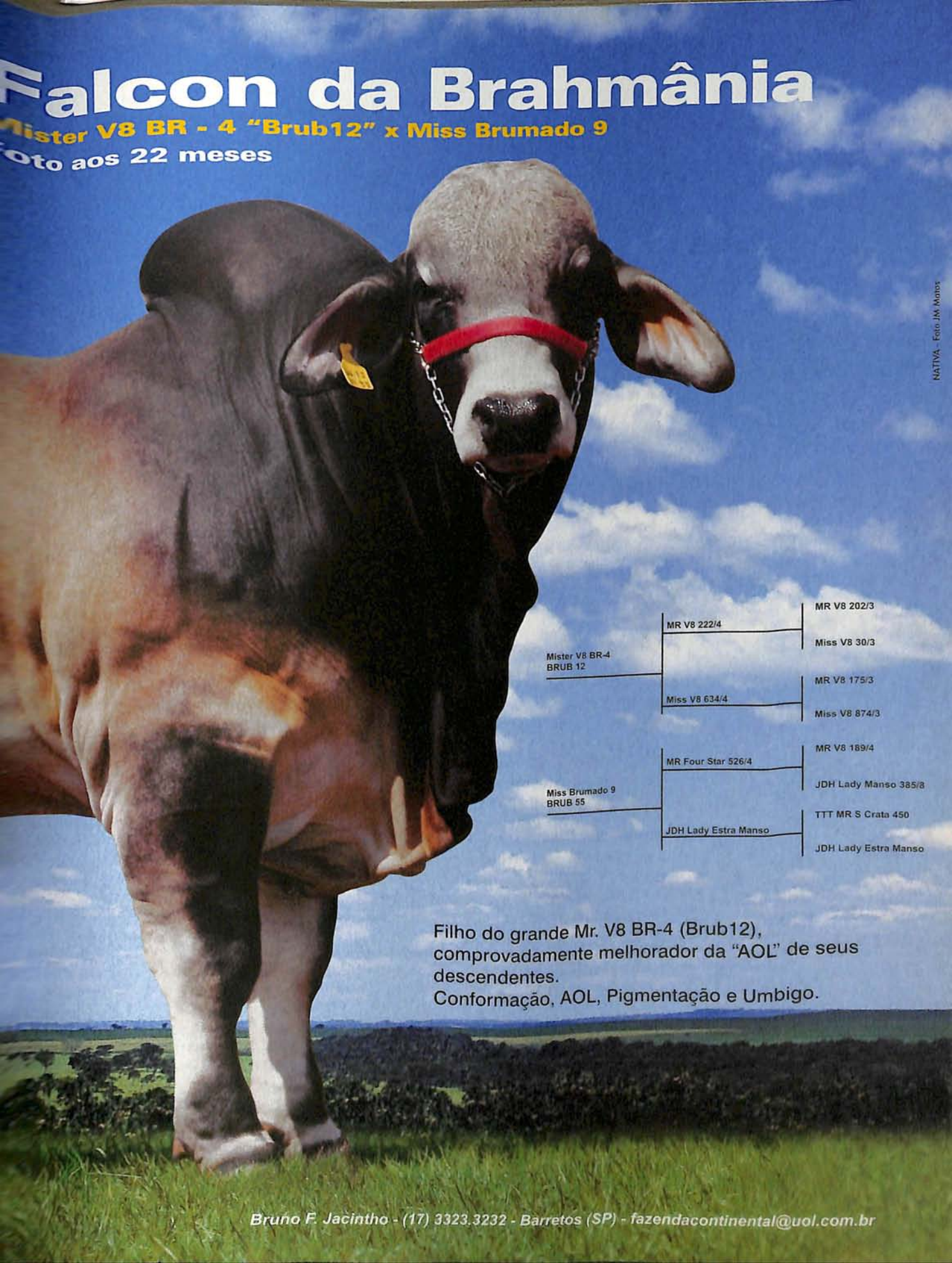
NATIVA


FJ
BRAHMÂNIA
CONTINENTAL
A Terra do Brahman.
Sêmen à venda
desde 1974
TAIRANA
ARTIFICIAL
INSEMINAÇÃO
(18)222-4555
www.tairana.com.br

Falcon da Brahmânia

Mister V8 BR - 4 "Brub12" x Miss Brumado 9

Foto aos 22 meses



NATIVA - Foto JM Motos

Mister V8 BR-4 BRUB 12	MR V8 222/4	MR V8 202/3	
		Miss V8 30/3	
	Miss V8 634/4	MR V8 175/3	
		Miss V8 874/3	
Miss Brumado 9 BRUB 55	MR Four Star 526/4	MR V8 189/4	
		JDH Lady Manso 385/8	
	JDH Lady Estra Manso	TTT MR S Crata 450	
		JDH Lady Estra Manso	

Filho do grande Mr. V8 BR-4 (Brub12), comprovadamente melhorador da "AOL" de seus descendentes.
Conformação, AOL, Pigmentação e Umbigo.

Bruno F. Jacintho - (17) 3323.3232 - Barretos (SP) - fazendacontinental@uol.com.br

A visão da pena do PIONEIRO

João Martins Borges, um dos pioneiros na importação do zebu da Índia para o Brasil, enfrentou dificuldades para trazer o gado da Ásia, como revela em suas cartas.

Foto: arquivo Museu do Zebu

O trabalho de pesquisa e recuperação desses documentos foi feito pela sobrinha-afim de João Martins Borges, Ida Aranha Borges

Ahmedabad, 4 de agosto de 1916

Nhonhô,*

Recebi tua carta de 8 de junho que respondo.

Fiquei ciente de que desejas vir buscar um lote de gado para sociedade com o Quinca Machado. O Candula, pelo que com ele tratei antes de partir, tenciona também vir; assim julgo que vocês virão ambos. Não acho prudente que se ausentem, ambos, de casa ao mesmo tempo.

Não posso dar-te ou adiantar-se melhores notícias sobre o negócio aqui do que o que já tenho escrito ao Candula. O que te assevero é que o negócio é difícil. Não te iludas em fazer planos que, por experiência própria, sei que quase tudo planejado de antemão, com muito otimismo, rue por terra e vai por água abaixo, acabando em decepções.

Embora já tenha quase certeza de embarcar o gado dentro de três meses, mais ou menos, não ouso afirmar ainda que se encontram vapores. Isto é cousa que não se pode afirmar com muita antecedência. Não é pessimismo meu, mormente agora que, terminando a guerra, a navegação ficará mais ou menos restabelecida; é apenas que já estou escaldado e ponho dúvida mesmo diante da própria evidência.

A compra do gado aqui é difícil, não que não haja bom gado, mas é que aí não querem gado bom, só querem gado aleijado, porquanto 0,40m de orelha é simplesmente um aleijume, uma monstruosidade.

Quanto a mandar comprar-te o gado na ocasião em que telegrafares a partida, é praticamente, segundo os costumes do lugar, impossível, porquanto poucos que disso se poderiam encarregar, não dão um passo sem ter dinheiro adiantado, afim de segurar o negócio e poder impingir gado mais ou menos. A única pessoa capaz, honesta, que poderia tomar tal empreendimento e dar conta é o Nariman; esse, porém, está comprando para mim e continuará enquanto eu estiver aqui, porque desejo levar um grande número. Ele, quando terminar as minhas compras, parece-me, irá começar as do Parton. Assim é duvidoso que se lhe obtenha auxílio.

Há outras pessoas que poderiam comprar e preparar um gado em pouco tempo, tomando-se diversas, mas para isso seria preciso adiantar-lhes o dinheiro, ferroá-los, vigiá-los com energia. A essas pessoas não posso dirigir-me para a compra do seu gado ou o do Candula. Uma, que não tenho a absoluta certeza de que vocês virão; duas, que a saída deles para a campanha prejudicaria o meu negócio, que não é meu só.

Portanto, caso resolvas a vir definitivamente, o que te fica melhor, e te pode dar mais probabilidades de sucesso, é chegar primeiro, afim de tomarmos os melhores compradores; essa é a questão essencial. Quanto ao tempo que deves vir, saberás pelo seguimento da guerra; quando não houverem perigos. Se vocês ainda me alcançassem aqui teriam muitas facilidades e muitas economias, evitando muita cabeçada e perda de tempo. Conheço o negócio e as pessoas em que se pode fiar.

O melhor é não trazer intérprete daí; é um muito de despesas inúteis. O que se precisa não é de quem fale francês ou inglês, mas de quem tenha bastante expediente na viagem, não dê por paus e pedras, para evitar despesas. Essa condição é que poucos intérpretes têm. Demais qualquer intérprete daí é aqui completamente inútil e haveria sempre a necessidade de um outro. Um mundo de despesas. Por ver o que essa gente tem feito, não só os daí como os daqui, tenho deles especial horror. Os daí são inúteis papa-angus, que não sabem nada do negócio; os daqui são puramente exploradores que recebem comissões até da lavadeira, roubando o patrão e dificultando o negócio afim de serem tidos em serviço longo tempo. Como não sabes, porém, a língua, terás que sujeitar um daqui, que se arranjará o menos viciado e mais honesto. Não traga ninguém daí, mesmo que venhas com dificuldades.

Toma, para a viagem, as considerações que tenho feito em cartas ao Candula.

Avisa-me por telegrama. O meu endereço telegráfico é Ahmedabad.

Não mostre esta a ninguém.

Caso, não me encontres aqui, deixarei todas as instruções para tua orientação.

Recomendações a todos.

Do teu irmão e amigo. J. Borges

***Nhonhô, seu irmão mais velho, Adolpho Martins Borges, já mencionado neste trabalho a respeito do capim napiê.(N.da T.)**

Vista essa camisa e entre em campo

28 de fevereiro será um dia muito especial, onde nós da Querença estaremos recebendo você, entusiasta da raça, para uma mútua troca de conhecimentos em prol do engrandecimento do Brahman no Brasil.

- DIA 28 DE FEVEREIRO - DAS 8:00 ÀS 17:00
  Local: ÁGUAS DO TREME (FAZ. QUERENÇA)
- Presença do Dr. Ronald Randel
  (Ph.D. em Fisiologia da Reprodução de Gado de Corte)
- Presença do Dr. Vicente Otávio da Fonseca
  (Doutor em Reprodução Animal - Prof. aposentado da EV-UFMG)

Patrocínio:
Adubos Vanguard

QUERENÇA
A MARCA BRAHMAN DO BRASIL
(31) 3773.9926 - Inhaúma.MG
www.querenca.com.br
querenca@querenca.com.br

Patrocínio:
Cenatte embalagens
prodap

20:00 - LEILÃO DE PRENHEZES DAS PRINCIPAIS DOADORAS DO BRASIL

Foto ilustrativa. A camisa que será oferecida aos convidados é de caráter promocional.

DUAL

Guzerá: versatilidade do **zebu brasileiro**

Com dupla aptidão, os animais da raça mostram desempenho que nos últimos anos tem despertado a fascinação dos criadores. O interesse comercial por esses bovinos aumenta a passos largos, mostrando a força e o potencial para novos cruzamentos e acasalamentos

Renata Thomazini

Ao lado: o pecuarista Roberto Franco

Para falar do guzerá é preciso dar um giro de 360 graus na história e voltar ao início do século 20, quando foram trazidos os primeiros exemplares zebuínos ao Brasil. Conta a história que o guzerá foi o primeiro a pisar as terras tupiniquins. Um ar de imponência em seus traços e a robustez dos animais foram os maiores atrativos para que os pioneiros do zebu escolhessem a raça para cruzar o oceano rumo às terras brasileiras. Voltando a uma época mais recente, entre aqueles que apostaram na potencialidade dessa raça estão pecuaristas como Roberto Martins Franco.

A atividade como selecionador de zebuínos começou cedo para esse paulista, que via desde 1940 o pai como exemplo no setor. A fazenda Lageado, localizada no município de Sales Oliveira, interior de São Paulo, foi o primeiro campo de lida para Roberto. Antenado com as técnicas que possibilitam melhorar o rebanho cada vez mais, começou em 1958 o trabalho de controle leiteiro oficial. Como engenheiro agrônomo, atuou na Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, na área de extensão rural.

Um dos mais antigos sócios da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), Roberto se orgulha de recordar as visitas com o pai à antiga sede da entidade, no centro da cidade de Uberaba. Roberto cria outras raças zebuínas além do guzerá, como o caso do nelore. As conquistas na ExpoZebu e Expoinel são lembradas com alegria por esse pecuarista que vê no guzerá um animal que tem grande potencial para cruzamentos chamados industriais, assim como para acasalamento com outras raças zebuínas. E cita como exemplo o guzolando (guzerá com holandês) e o guzonel (guzerá com nelore), que tem sido bastante aproveitado pelos pecuaristas pela sua produtividade.

A fazenda Lageado está conectada com o mundo por meio do site www.lageado.com.br e você poderá conhecer um pouco do trabalho desen-

fotos: divulgação

Ao lado: reprodutor guzerá da marca RF

volvido por Roberto Franco e sua opinião, como criador de guzerá, sobre os novos rumos da raça no Brasil a partir desta entrevista.

Ganho de peso e heterose altos.

Revista ABCZ: ***O guzerá é uma raça marcante na história do zebu no Brasil. Como o senhor vê a evolução desses animais hoje?***

Roberto Martins Franco: O guzerá está em um ótimo momento. Prova disso é a adesão de tantos pecuaristas à criação desses animais. Ele é um zebu rústico, com características bastante definidas que lhe conferem uma beleza marcante. A dupla aptidão é outro fator que tem sido importante para o aumento da procura pela raça.

ABCZ: ***E o senhor acredita que a aptidão leiteira tem sido destaque nesses animais?***

RMF: Principalmente nos cruzamentos com animais holandeses. A guzolando tem sido a vedete entre as raças produtoras de leite no país. A produção chega a uma marca considerável que faz desse cruzamento um excelente negócio para quem lida com a produção leiteira nesse país. Aliado à boa aptidão para o leite das raças européias está a rusticidade e a força do guzerá.

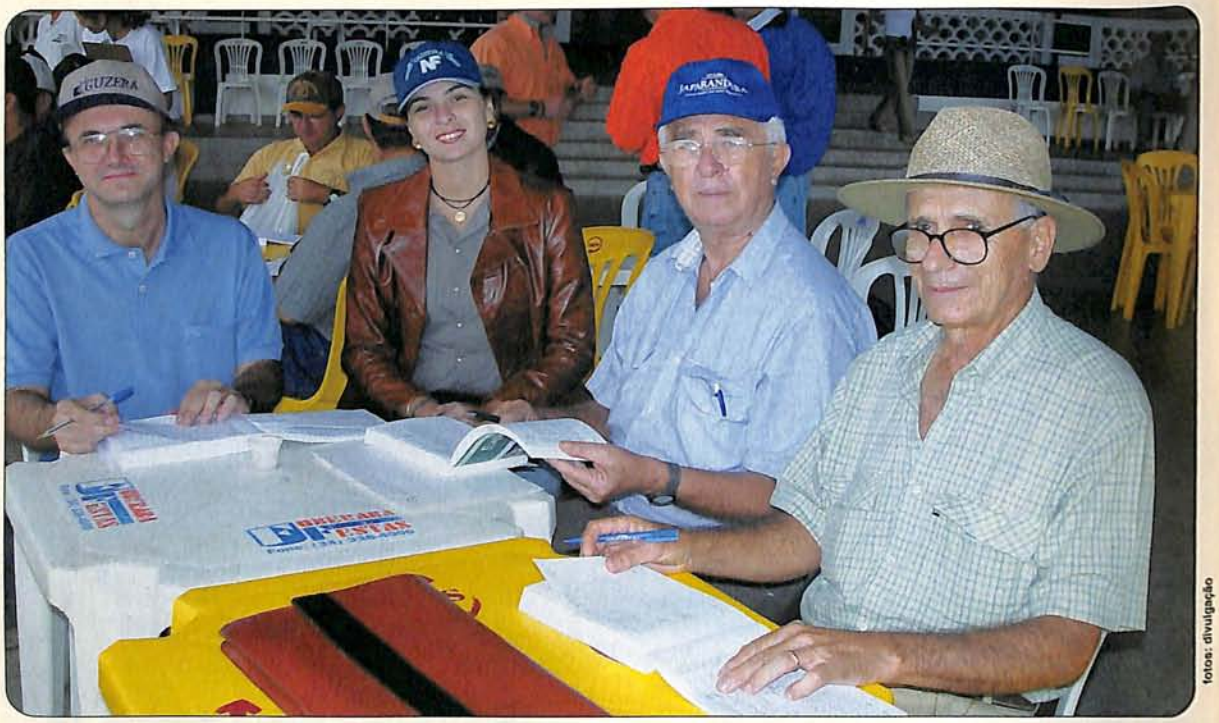
ABCZ: ***O desempenho do guzerá nas provas zootécnicas tem sido interessante.***

RMF: Os animais se destacam em diversas provas da Embrapa e da ABCZ. As fêmeas da raça têm uma habilidade materna excelente e os animais são mansos e fáceis de manejar.

ABCZ: ***Quem vê o guzerá de chefres pastando se engana com a imponência peculiar da raça. As pessoas tendem a pensar que são bravos.***

RMF: Um engano normal, já que no Brasil, os pecuaristas conseguiram uma seleção onde os animais bravios foram descartados e somente aqueles mais dóceis prevaleceram. Isso facilita o maejo e garante melhor rentabilidade ao pecuarista. Hoje,

Ao lado: Fernando, Beatriz, Aroldo e Roberto Franco, acompanham julgamento na ExpoZebu



fotos: divulgação

os zebuínos são ainda mais mansos. Principalmente as fêmeas guzerá têm mostrado temperamento extremamente dócil.

ABCZ: ***A raça detém uma pureza que ultrapassa os seis mil anos, é por isso que a heterose desses animais é considerada tão alta?***

RMF: Isso mesmo. O guzerá tem demostrado ser uma excelente escolha para acasalamento com outras raças zebuínas. Como o nelore, por exemplo. O rendimento de carcaça dessa mistura é muito bom e os animais se mostram bastante precoces. A procura por tourinhos que serão utilizados para cruzamento industrial tem sido maior a cada ano. Isso é devido à versatilidade do guzerá. Altamente produtivos tanto para corte, quanto para aptidão leiteira, esses bovinos estão conquistando cada vez mais mercados. Para se ter uma idéia, a demanda entre as variedades mocha e de chifres tem se equiparado. Essa é uma demonstração de que o trabalho desenvolvido em termos de melhoramento genético, feito ao longo desses anos pelos pecuaristas, está surtindo efeito positivo em todos os aspectos.

"...o zebu veio para o Brasil importado de um país onde os animais vivem soltos e de forma bastante rústica"

ABCZ: ***O senhor encara a lida na sua propriedade com olhos de empresário ou se deixa levar pela paixão de pecuarista às vezes?***

RMF: Acredito que a fazenda hoje precisa ser encarada, inegavelmente, como uma empresa porque os investimentos para se obter lucratividade são cada vez maiores e o produtor tem gastos que podem gerar perda de lucratividade se não forem bem gerenciados. Mas não posso negar minha paixão pela pecuária, pela seleção do zebu. Apenas acho que é fundamental que o produtor aprenda a lidar com a paixão e procure visualizar seu empreendimento como algo que depende do seu poder de administração.

ABCZ: ***Na sua propriedade quais as técnicas utilizadas para melhorar o rebanho geneticamente?***

RMF: Quando selecionamos os animais tentamos deixar as características da raça bem evidentes. O guzerá é um animal muito bonito por natureza, por isso não deixamos as características fisiológicas se perderem, seguindo sempre o padrão racial. Utilizamos a transferência de embriões e a inseminação artificial para multiplicar o que existe de melhor em nossos animais. São ferramentas indiscutivelmente importantes para o selecionador hoje em dia e estão bem mais acessíveis até mesmo ao pequeno produtor, desde que ele saiba utilizá-las de forma correta e com uma orientação adequada. Digo isso porque para se valer dessas técnicas não

Ao lado (fotos): o criador junto ao seu rebanho no interior de Goiás

"O guzerá foi oficialmente o primeiro zebuíno a pisar no Brasil"

basta comprar material genético de bons animais para se obter resultados satisfatórios com a reprodução. É preciso analisar sistematicamente os reprodutores e, no caso da TE, as receptoras. Não é preciso gastar tanto para se conseguir produtos (progênie) de boa qualidade. O que vale a pena não é a quantidade de animais que se seleciona, mas a qualidade desses animais.

ABCZ: ***O senhor acredita que os programas de melhoramento genético disponíveis atualmente para o produtor são importantes para o trabalho de seleção?***

RMF: Sem dúvida. Nós, por exemplo, utilizamos o sistema Procan, da ABCZ, com muito sucesso. Também participamos do Programa de Mlhoramento Genético da USP (Universidade de São Paulo), coordenado pelo professor Raysildo Lobo. Buscamos sempre elevar os índices zootécnicos de aproveitamento desses animais. É preciso buscar sempre patamares mais elevados. Para isso é preciso utilizar todos os recursos de melhoramento disponíveis no mercado.

ABCZ: ***Como o senhor vê as provas de ganho em peso, utilizadas por vários produtores como critério de seleção?***

RMF: É outra importante ferramenta, mas acredito que o pecuarista precisa entender que ela não pode ser a única forma de seleção para seu rebanho. É preciso ficar atento às características raciais, reprodutivas, locomotoras, aptidão para leite (quando a intensão é produzir). O trabalho de seleção tem vários fatores a serem considerados. O conjunto em um animal deve ser observado para que as características sejam harmônicas em todos os aspectos.

ABCZ: ***O mercado para o guzerá tem sido ampliado. E quanto à participação da raça nas exposições pelo país?***

RMF: Tem sido marcante. Os leilões da raça também têm rendido bastante com excelentes médias. Mesmo em uma época de transição como foi o ano de 2003, com a mudança de presidente, os negócios no setor, no que diz respeito ao guzerá, foram muito bons. Este ano nós queremos marcar presença na ExpoZebu, principalmente porque é uma data marcante para a pecuária nacional, com as comemorações dos 70 anos de feira e de ABCZ. O guzerá foi oficialmente o primeiro zebuíno a pisar no Brasil e a presença da raça no evento tem até um cunho histórico.

ABCZ: ***Os pecuaristas que optam pelo guzerá para cruzamento aprovam principalmente a eficiência dos touros.***

RMF: Muitos nos relatam, assim como nós mesmos comprovamos na propriedade, que a taxa de gestação ultrapassa os 90%. Os touros têm ótimo desempenho, com animais servindo de 40 a 100 vacas. Além disso, o ganho viabilizado pela heterose é excelente. Em regiões de clima quente os animais se mostram bem adaptados. Isso porque são originários dos desertos da Índia, onde os dias são muito quentes e as noites frias. Essa rusticidade é importante em um país de regiões tão diversificadas como o nosso, no qual prevalesce o clima tropical.

ABCZ: ***Essa versatilidade coloca o guzerá em uma posição privilegiada no mercado?***

RMF: Sem dúvida. O guzerá hoje está na linha de frente como uma opção interessante para os pecuaristas que querem animais produtivos, de bom rendimento de carcaça, boa habilidade materna e produção de leite, além de uma precocidade e resistência física invejáveis.

1º Leilão nelore do XINGU

29/04 NELORE PRECOCE • [40 novilhas PO prenhes até os 18 meses]

quinta-feira 13h • Tattersal ABCZ

30/04 MATRIZES DO XINGU • [40 novilhas PO]

sexta-feira 13h • Tattersal ABCZ

durante a ExpoZebu 70 anos

Realização:

ABCZ LEILÕES (34) 3319 3881

ESTÂNCIA BAHIA LEILÕES (66) 468 1740

Patrocínio:

BANCO DO BRASIL

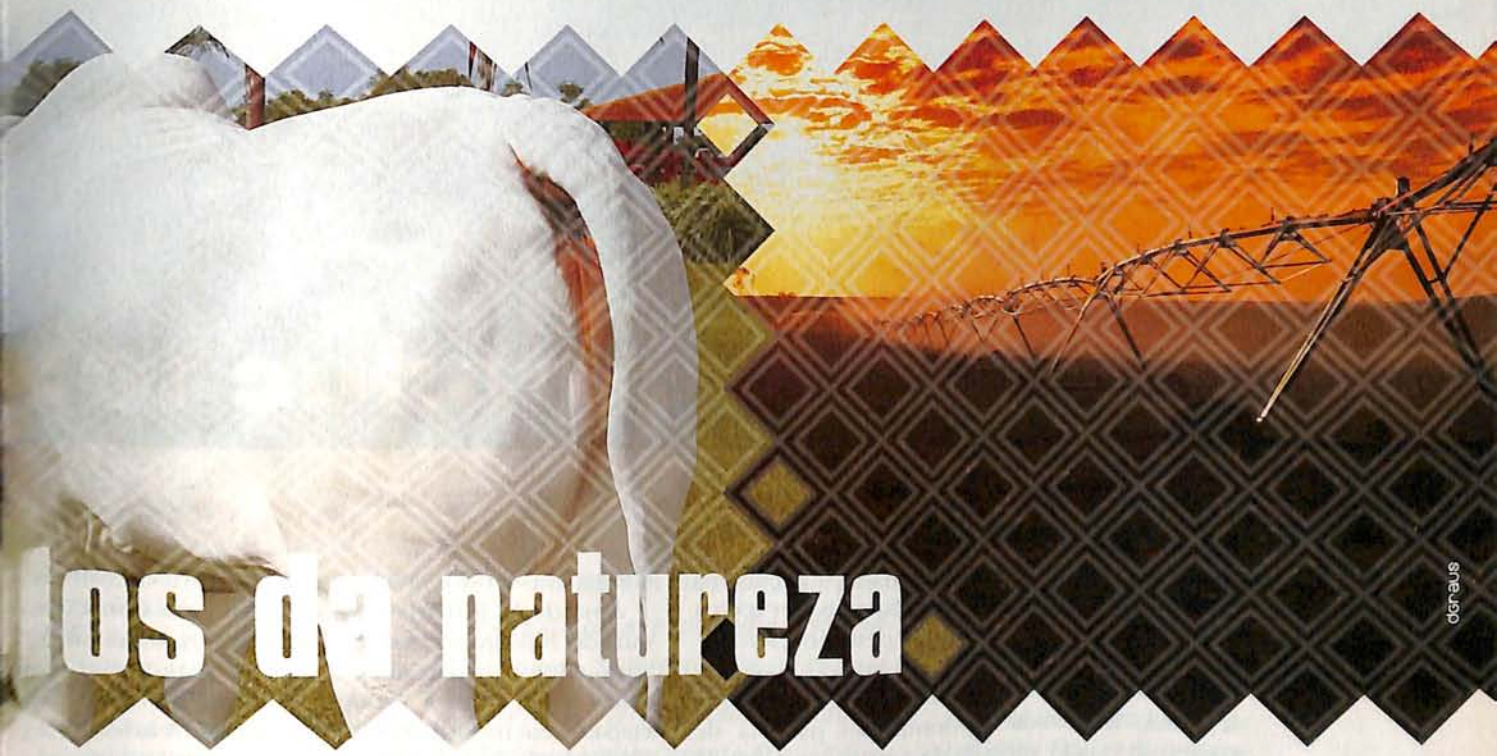
BELGO Belgo Bekaert Arames S.A.

TORTUGA

OURO FINO Saúde Animal

Organização:

NELORE JANDAIA PRECOCIDADE A PASTO



PARTICIPANTES

Abílio César Tardin • Carlito Guimarães • Carpa Serrana Agropecuária Rio Pardo S.A
Jorge Picciani • William Koury

CONVIDADOS

Adir do Carmo Leonel • Nelson Rafael Pineda Rodrigues • Rômulo Kardec de Camargos • Senador Jonas Pinheiro
Ubaldo Oléa • Waldomiro Corrêa

Assessoria: SAP Assessoria Pecuária (18) 624 5452

Apoio: SEDER-MT Secretaria de Estado de Desenvolvimento Rural; Governo de Mato Grosso; FAMATO

transmissão: CANAL DO BOI (67) 321 9090

Agência: dgraus design

Sistema de produção:

Texto e imagens
Najar Tubino

Acima: reservatório de água da fazenda Santa Iracema, no interior paulista

Área totalmente degradada, voçorocas engolindo casas, gramas batatais por toda a parte, cercas e divisórias em péssimo estado e um rebanho de corte de 1.250 cabeças. Essa era, há quatro anos, a realidade da Fazenda Santa Iracema, localizada no município paulista de Guaraçaí, região agrícola de Andradina. Além de recuperar o pasto da propriedade de 850 hectares, o pecuarista Jorge Nakaguma tinha pela frente outro desafio, bem mais difícil: dobrar o efetivo no prazo de três anos, triplicá-lo em oito anos, além de multiplicar por três o valor dos animais. "Quando assumi a direção da propriedade, ela tinha fortes indícios de degradação e com tudo por fazer. Cercas de divisas para cada quinhão, corredores de manejo, terraços para proteção e conservação do solo, água encanada por toda a fazenda, bebedouros, piqueteamento, correção do solo... Enfim, era como reformar uma casa, mudando totalmente as suas divisórias, morando dentro dela e com a família crescendo 33% ao ano", lembra o criador.

"Quando assumi a direção da propriedade, ela tinha fortes indícios de degradação e com tudo por fazer"

A virada na história da Santa Iracema começou quando Nakaguma, selecionador de nelore há 32 anos, adotou o sistema de pastejo rotacional e a correção de solo. A recuperação foi dividida em etapas - sete módulos de 50 alqueires. A adubação nitrogenada possibilitou dobrar a capacidade da pastagem apesar dos problemas enfrentados com a cana hidrolisada durante os períodos de seca. "Recorremos também ao uso de resíduos de indústria, como bagaço hidrolisado e farelo de soja. O bagaço estava mais caro que a própria cana, mas, mesmo assim, tivemos dificuldade em adquiri-lo. O farelo de soja também aumentou em mais de 100%. Houve necessidade de reformular o nosso sistema de produção", conta Nakaguma.

O pastejo rotacionado foi aperfeiçoado a partir da observação da natureza, obedecendo a fisiologia da planta, dando o descanso ideal para cada espécie. A idéia era implantar um sistema que tirasse da própria natureza as vantagens para pro-

em busca da independência

Acima: área com topografia acidentada; correção com curvas de nível

duzir de forma mais econômica. Um processo que não tivesse dependência ou atrelamento com fatores externos, como maquinários, implementos sofisticados e caros, petróleo, dólar, uréia, grãos, oficinas, peças. Para amenizar as complicações geradas pela forte estiagem, a pastagem da Santa Iracema passou a ser de braquiária brizanta, com capacidade para suportar até dois meses e meio a fenação em pé no período seco, de acordo com estudos da Embrapa.

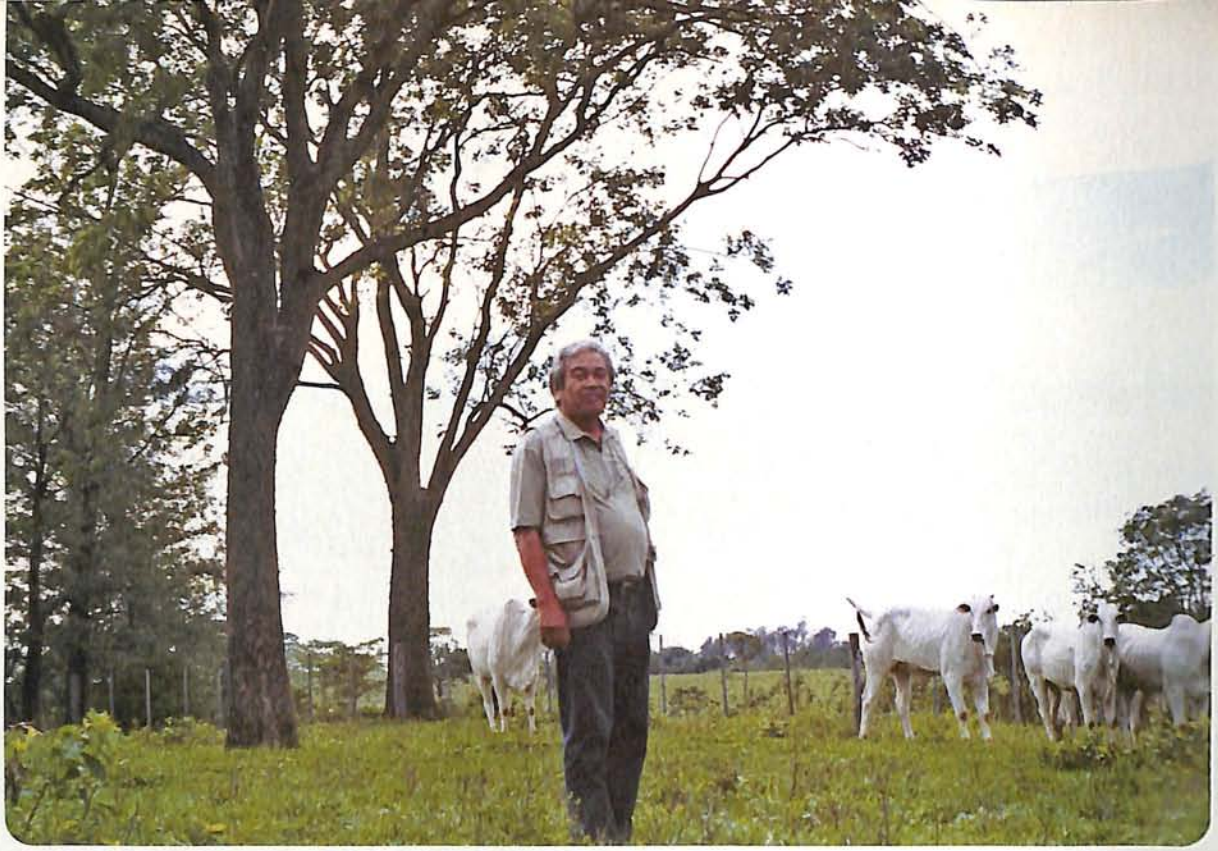
"Em 2003, a Fazenda Santa Iracema obteve um índice de ocupação de 2,02UA/ha. São 2.324 animais de 1.417 unidades animais. Antes o índice era de 1,25UA/ha"

O sistema de produção do criador paulista tem um extenso nome oficial, "Sistema de Produção Rotacional, Diferido e Consorciado", que foi sendo definido aos poucos e ainda continua em teste. Os resultados obtidos ao longo do tempo apontam que no primeiro ano economiza-se mais de 30% de uréia e proteína. No segundo, mais de 65%. A propriedade trabalha ainda com volumoso fenado em pé, nitrogênio fixado do ar e proteína, através do guandú. Dispensa-se assim máquinas, colheitadeiras e ensiladeiras. A filosofia é levar o boi ao pasto e não o pasto ao boi. O índice de produtividade exigido pelo Instituto de Terras de São Paulo (Itesp) para a Regional Agrícola de Andradina é de 1,1UA/ha. Em 2003, a fazenda Santa Iracema obteve um índice de ocupação de 2,02UA/ha. São 2.324 animais de 1.417 unidades animais. Antes o índice era de 1,25UA/ha.

Dias difíceis

Em 2002 e 2003, o sistema de produção rotacionado passou por um duro teste. A região de Andradina enfrentou a pior seca das últimas seis décadas. Normalmente chove 1.300 milímetros por ano. A falta de chuvas influenciou diretamente no sistema. O gado corria risco de morrer de sede. São quase 2,5 mil cabeças de nelore puro, onde 1.038 são matrizes a partir de 24 meses e 85% delas já passaram dos 36 meses. E todas parindo.

Quando a seca apertou há dois anos, Nakaguma decidiu abrir um segundo poço arte-



Ao lado: Nakaguma, que há décadas seleciona o gado nelore; abaixo, pastagem consorciada com guandú

siano no ponto mais alto da propriedade com reservatório capaz de armazenar 300 mil litros. A fazenda Santa Iracema é totalmente acidentada, são muitas elevações, encostas, o que agravou o problema da erosão. Para se ter uma idéia, além dos terraços e curvas de nível, foram abertas 300 bacias de captação para reter a água na enxurrada, e devolver, gradualmente para os mananciais subterrâneos.

A situação piorou no ano passado. Em 20 dias de chuva no mês de dezembro, a precipitação pluviométrica atingiu 80 milímetros. Todos os córregos e açudes tinham secado. Um dos poços artesianos (são dois grandes), não conseguia bombear água. Bebedouros ambulantes foram improvisados. O gado teve que ser misturado. "Foi um aperto muito grande. Vi o estado das vacas e não acreditei que elas pudessem sobreviver. Por isso, constatei que o sistema estava funcionando, porque, mesmo com todos os problemas, conseguimos atravessar as duas piores secas e os animais resistiram", atesta Nakaguma.

Mesmo com as adversidades do tempo, a ordem na fazenda é duplicar a produção do gado selecionado e concluir nos próximos quatro anos a reforma dos 700 hectares de pastagens, divididos em sete módulos. A propriedade também deve ganhar nova sede. Se a seca for muito forte este ano, a estratégia será vedar quatro piquetes no módulo e aplicar adubação nitrogenada, se

necessário. Como estratégia de implantação do sistema, cada módulo foi dividido em 12 piquetes, de dez hectares, que são rotacionados num intervalo de três dias. No início das chuvas dos meses de outubro e novembro, dois piquetes de cada

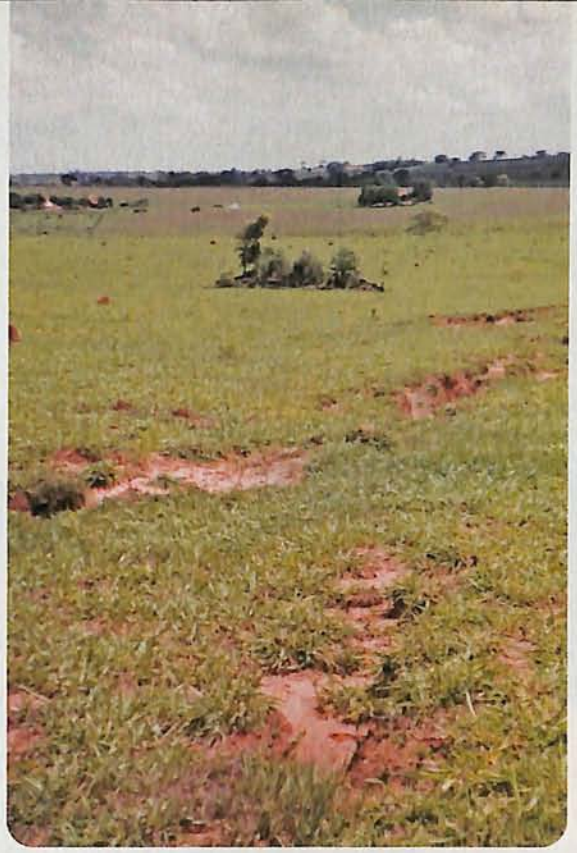
"Nessa propriedade, aprendi a valorizar o potencial que a natureza tem e que na maioria das vezes não é aproveitado"

módulo são reformados e é feito o rotacionamento em 10 deles, a cada quatro dias. Em dezembro ou janeiro, mais dois piquetes são reformados, passando a rotacionar em oito áreas por cinco dias.

Nos períodos de estiagem, a rotação é de seis dias. Nesse sistema, somente quatro piquetes de cada módulo são reformados, o que representa 33% da área. Isso inclui saturação de base em torno de 56% - a meta é alcançar 70% - e a proporção de fósforo acima de 15%, pretendendo chegar a 35%. A programação da reforma dos módulos prossegue com a reserva dos dois últimos para leguminosas, que servirão de banco de proteína e adubação verde. Posteriormente, será feito o reflorestamento (em 70 alqueires), irrigado por gotejamento. Em três anos, já se pode observar no solo da fazenda cobertura de palha ou matéria orgânica.

Início da trilha

A história do Sistema de Produção Rotacional, Diferido e Consorciado, implantado nas propriedades da família, começou a ganhar contornos em 1978. Jorge Nakaguma trocou a festa de casamento em que era padrinho pela palestra do geneticista sul-africano, Jan Bonsma. Animado com as idéias do pesquisador, o pecuarista decidiu aplicá-las na prática. "Iniciamos com animais

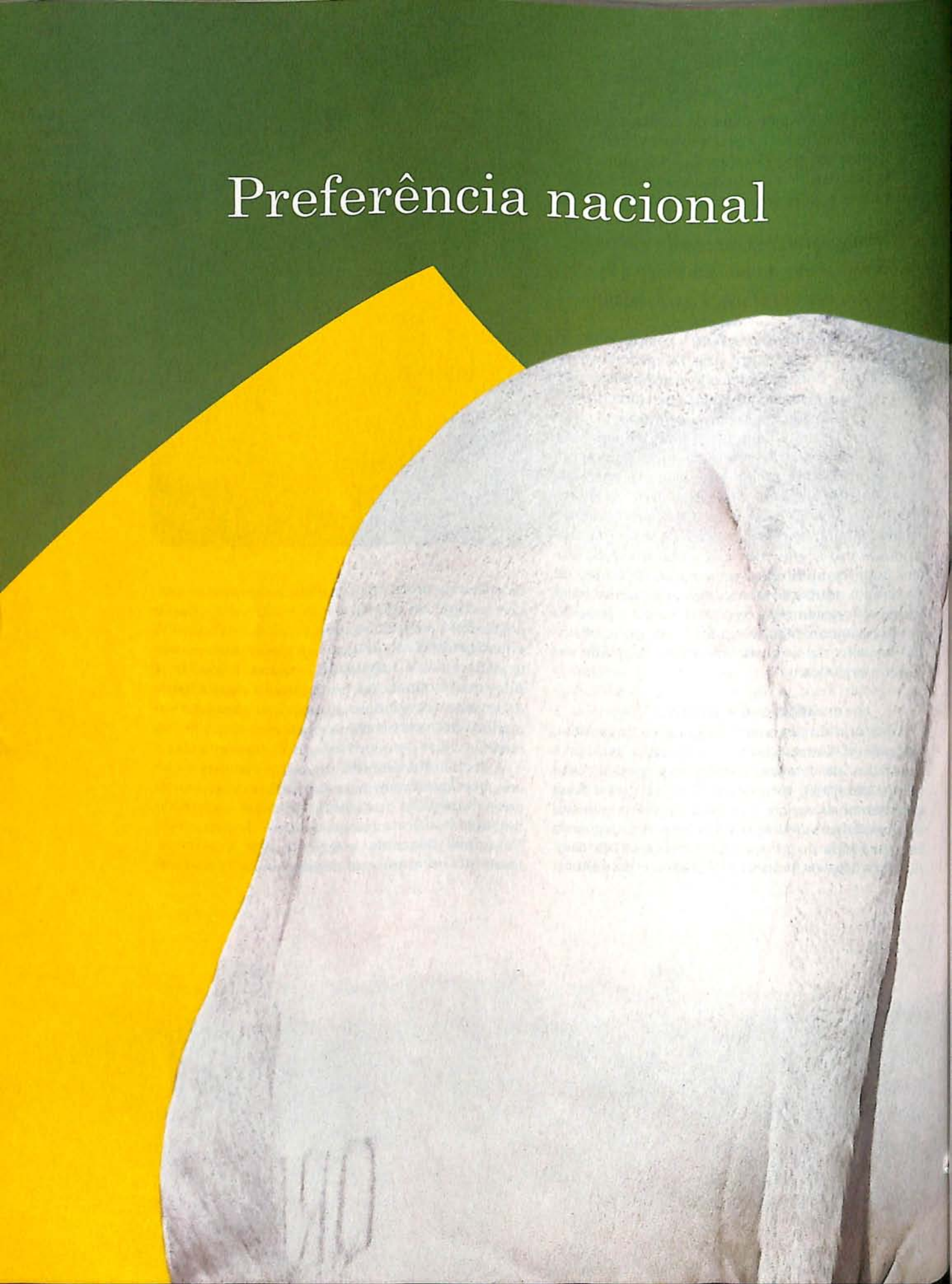


Ao lado: início de degradação de solo provocada pela voçoroca

de cocheira, muito bem manejados e suplementados, mas decidi mudar o rumo da minha criação ao assistir a palestra. Resolvemos focar o trabalho em adaptabilidade do gado ao clima onde é criado, fertilidade e habilidade materna. Passamos a selecionar animais de porte médio com capacidade para acabamento de carcaça, descartando bovinos pernaltas e com pouco arqueamento de costelas, além do couro esticado", comenta ele.

A decisão foi baseada em vários estudos técnicos, que apontavam para um déficit de reprodutores nas regiões do Cerrado em Mato Grosso do Sul, hoje o maior rebanho de corte do país, onde Nakaguma comanda a fazenda Boa Esperança, localizada no município de Ivinhema. "Existia um

Preferência nacional



Leilão • Embriões

NACIONAL BRAHMAN

2004

As melhores famílias da Raça Brahman.

07 - maio

2004 - 13h

Local: Novo Tattersal ABCZ

Participantes

Daniel Teixeira Dias, João Alfredo Ribeiro Gominha, NKR Agropecuária e Romeu Baia Lobato

Convidados Especiais

Wilson Lemos de Moraes Jr. e Núcleo de Rio Preto

Convidados

Álvaro João de Souza, André Badra, Bruno Ferreira Jacintho, EAO Empreendimentos, Evandro Faleiro Leuman, Fazenda Querença, GES Agropecuária, Guilherme Bucalem, José Macedo Neto, Nelmo Antônio Wenzel, Núcleo Brahman Pará, Rodrigo Simonato Soares e Ladislau Alves de Almeida, Romulo Kardec de Camargos, Sérgio Santos Rutowitsch, Tarcísio Jacy Herkert e Triunfo Agropecuária

BRAHMAN
GRUPO NACIONAL

Patrocínio

EMBRYOVET
Transferência de Embriões

Assessoria

RAP
RKC Assessoria Pecuária
(34) 9967-9515

Leiloeira

LEILOPEC
(34) 3314-0102
(11) 5533-3288
www.leilopec.com.br

Ao lado: vacada nelore do plantel de Nakaguma

nicho de mercado para reprodutores com esse perfil, rústicos, sem trato, com alta freqüência genética positiva e capazes de suportar pastagens de baixo valor nutritivo em terras fracas", acrescenta.

Hoje, o selecionador vende mais de 500 touros puros por ano para criadores dos estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, São Paulo e Paraná. Sua agenda sempre está lotada e não dá conta dos pedidos. Nakaguma tinha outras duas propriedades arrendadas, uma delas em Bataiporã (MS), onde havia construído baias confortáveis para o gado. Desativou tudo e resolveu criar somente a campo, nas condições normais do Cerrado.

Os números significativos são fruto de um trabalho de seleção de 32 anos, vitorioso, mas árduo. A questão não era somente criar a pasto, dando uma suplementação na época da seca, os piores meses do Cerrado (junho, julho, agosto e setembro). Em Ivinhema, na fazenda Boa Esperança, de 290 hectares, o criador implantou um sistema "silvo-pastoril", quer dizer, tirou o mínimo possível de mata nativa. "Na Boa Esperança, procuramos aplicar os conceitos de ecologia animal e preservação do ecossistema. Em 290 hectares preservamos o maior número de árvores possível, reservando preferencialmente as espécies leguminosas, que produzem nitrogênio via fixação biológica. Além disso, as árvores protegem do sol causticante e protegem dos ventos frios do inverno. Nessa propriedade, aprendi a valorizar o potencial que a natureza tem e que na maioria das vezes, não é aproveitado", diz Nakaguma que trabalha na fazenda desde 1960.

"Na Boa Esperança, procuramos aplicar os conceitos de ecologia animal e preservação do ecossistema. Em 290 hectares preservamos o maior número de árvores possível, reservando preferencialmente as espécies leguminosas, que produzem nitrogênio via fixação biológica"

Mudança de planos

Antes de se formar em odontologia, área onde atuou por apenas quatro anos, ele trabalhava com o pai, Luis Nakaguma, que na época fazia engorda na fazenda Santa Iracema. Mas Jorge queria selecionar nelore, e não engordar boi. O pai não dava chance, nunca tinha tempo para trabalhar no curral. A saída foi montar o projeto em outra área. "Comecei adquirindo novilhas com preços em torno de US$ 7 mil, da marca VR, de Torres Homem Rodrigues da Cunha, de José Olavo, do Tentente e de Torres Lincoln. Posteriormente, fiz uma parceria com José Olavo, em 100 matrizes de

5º Leilão de Produção Fazenda
PERFEITA UNIÃO & AMIGOS

ÂNGELO F. TONETTO, ALDO TONETTO & CONVIDADOS

Gobbo IT

19 DE MARÇO 2004 • SEXTA • 15H

1.800 animais para cria, recria e engorda

20 DE MARÇO 2004 • SÁBADO • 14H

35 Fêmeas Guzerá PO Elite

05 Machos Guzerá PO Elite

45 Machos Guzerá PO Rústicos a campo

RECINTO MELLO MORAES • BAURU-SP

Realização

FAZENDA PERFEITA UNIÃO
IRMÃOS TONETTO - PIRAJUÍ - SP
www.guzerait.com.br
irmaostonetto@guzerait.com.br
(14) 3572.1614 • (14) 3585.4913

Patrocínio

CENTRAL GENÉTICA GUZERÁ
www.guzerait.com.br

Assessoria

Xupeta's
Assessoria Genética e Pecuária
(43) 3327.6427
(43) 9102.1808 / 9991.1808

Leiloeira

VERDÓ LEILÕES
(14) 3214.1661
(14) 9772.5157

Transmissão

CANAL DO BOI
www.canaldoboi.com
(67) 321.9098

DIRECTV
CANAL 641

Rebanho (ao fundo) pasta em módulo que está em recuperação

sua seleção, parceria esta que durou quase dez anos. Inseminamos com os melhores expoentes das linhagens Karvadi, Rastã, Golias, Taj I, Ludy e novas opções, Bazuá, Gopala e Akan. Nos dias de hoje, temos acertado em sete dos dez primeiros colocados no ranking nacional, priorizando animais de porte médio, de boa cobertura muscular, na parte posterior, com bom arqueamento de costelas e linha de dorso correta, animais capazes de reproduzirem a campo, principalmente, em terras de Cerrado", destaca. Com a morte do pai, há quatro anos, Nakaguma assumiu a direção da fazenda Santa Iracema.

"Nos dias de hoje, temos acertado em sete dos dez primeiros colocados no ranking nacional"

O criador planeja agora alçar novos vôos. Ele irá lançar o "Projeto Raridade", com sêmens dos principais filhos de reprodutores importados, como Karvadi, Golias, Rastã, Taj I, Kurupathy, além de Chummak, Eeral, Faulad, Marajá, Anandi do Brumado, Faidã, que ele guarda há mais de 20 anos. Nakaguma é um selecionador apaixonado, como definiu bem o presidente da ABCZ José Olavo Borges Mendes, sócio do criador paulista por quase 10 anos. "Ele sempre demonstrou interesse, muita vontade de criar um gado de boa qualidade e procurou adquirir os melhores touros que estivessem à disposição para a monta natural. Quanto à inseminação artificial, Nakaguma a fazia também de modo muito especial, usando sêmen dos melhores touros da época", declara José Olavo. A parceria entre os dois foi apadrinhada por José da Silva, o Dico, conhecido no meio rural por seu dom em selecionar animais com base em um olhar clínico.

Parcerias

Apostando na idéia de que ninguém faz nada no singular, Jorge Nakaguma formou o Grupo de Troca de Experiências (GTE) em Guaraçaí e participa de outras iniciativas como o Clube dos Amigos da Terra, de Andradina. Além disso, mantém parceria com a Faculdade de Medicina Veterinária de Andradina. Professores e alunos da instituição de ensino paulista acompanham o manejo sanitário do gado na fazenda Santa Iracema, dão opiniões, discutem saídas.

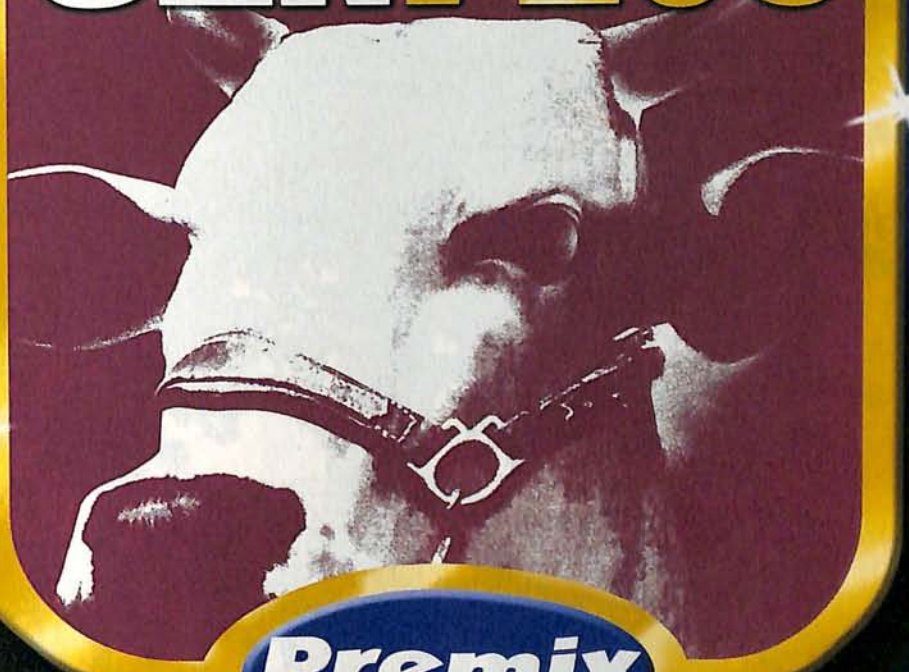
No próximo ano, entrará em vigor a mais nova parceria do criador na região, com a Agropecuária Manacá, Fazenda Guanabara, também em Andradina e de propriedade de Pedro Grendene. Serão 20 vacas da cabeceira do rebanho, que servirão de doadoras de embriões. Um fato curioso na história de seleção de Nakaguma é o de que ele nunca vendeu uma vaca cabeceira do seu plantel. Todas morreram de velha. Hoje, o rebanho de matrizes dele é de três mil reses, todas da raça nelore, selecionadas a campo.

Top em tecnologia e qualidade.

Para animais com valor genético diferenciado.

RAÇÃO PARA BOVINOS

GENPLUS®

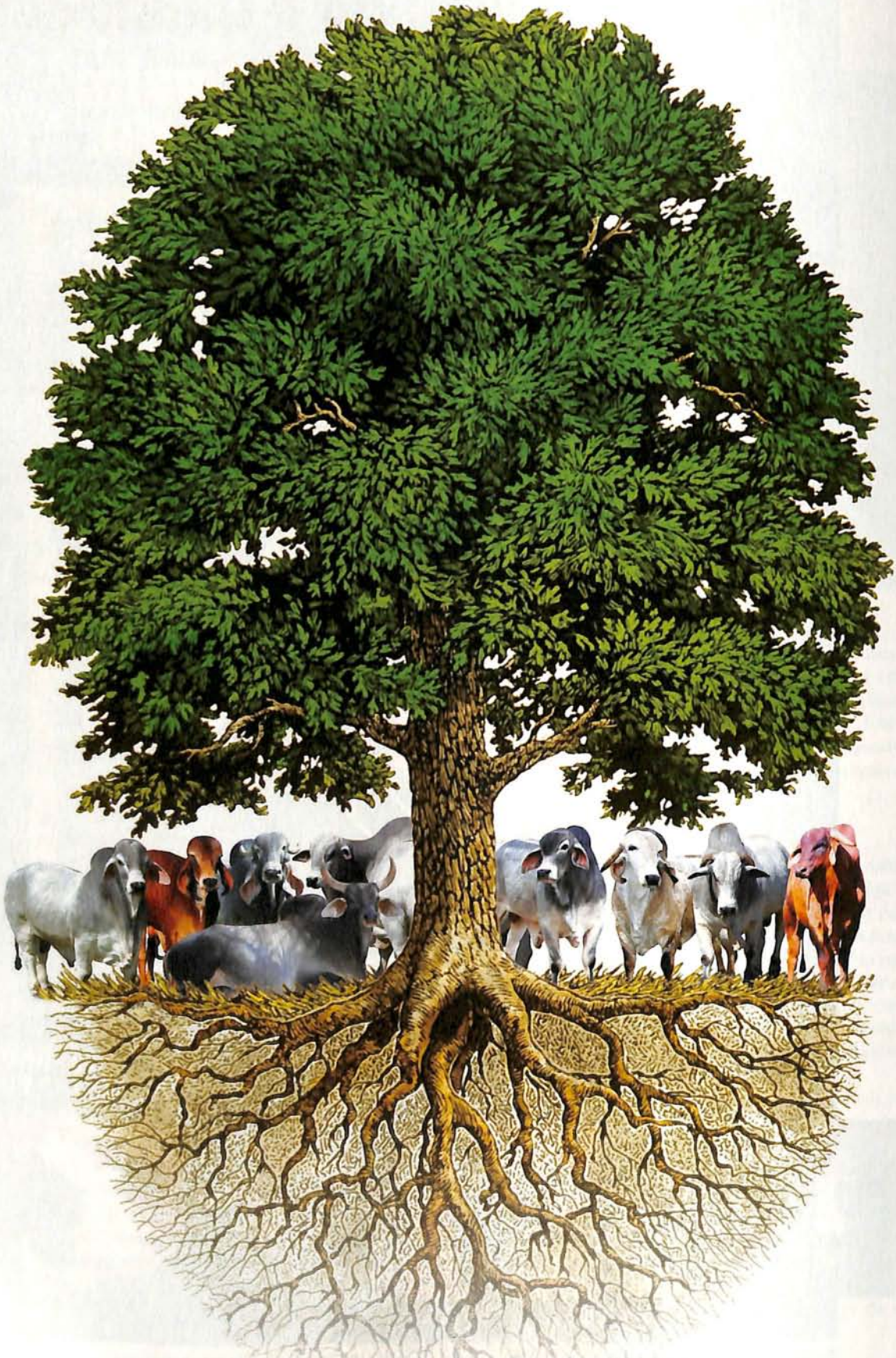


Premix
TÉCNICA EM SUPLEMENTAÇÃO

www.premix.com.br

16-3145-9500
18-3901-2100

Premix. Valorizando e qualificando o seu rebanho. Uma empresa 100%



70 anos de evolução do Zebu

O Zebu como experiência e um futuro de longo alcance.

Em 2004, a ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu está completando 7 décadas de um trabalho que não pára no tempo. E a edição comemorativa dos 70 anos da ExpoZebu, maior feira de pecuária zebuína do mundo, promete ser o grande marco no calendário do próximo ano. Isso porque, o Zebu de hoje, mais forte, enraizado e produto de um melhoramento genético contínuo, encontra-se pronto para conquistar o mundo. É a pecuária do Brasil firmando seu lugar de ponta no mercado internacional. Aproveite a ExpoZebu 2004 para conhecer a vitrine da pecuária brasileira e os melhores resultados alcançados nestes 70 anos de evolução do Zebu.

NATIVA

ExpoZebu
70 anos

O PONTO DE ENCONTRO DA PECUÁRIA MUNDIAL

DE 29 DE ABRIL A 10 DE MAIO DE 2004 • UBERABA/MG

ABCZ
www.abcz.org.br
A maior organização pecuária do mundo.

ABCZ e ExpoZebu:
70 anos de evolução do boi de capim

Entidade e feira símbolos do desenvolvimento da zebuinocultura comemoram, em maio, sete décadas de existência e dedicação ininterruptas à pecuária

Com o título "ExpoZebu 70 anos", a ABCZ comemora, agora em 2004, o 70º aniversário da entidade e da maior feira de zebuínos do mundo. A grande festa da pecuária brasileira, que será realizada de 29 de abril a 10 de maio, em Uberaba, vai enfatizar a dedicação histórica em prol do melhoramento genético e da expansão das raças zebuínas exercida pela ABCZ.

"O zebu fincou, há mais de 100 anos, as suas raízes no Brasil. Hoje, o zebu é a árvore forte da pecuária nacional, tanto é que seus frutos são responsáveis, entre outros, pela nossa liderança internacional na comercialização da carne bovina. Acompanhar a linha evolutiva do boi de capim é o mesmo que acompanhar a história da ABCZ e da ExpoZebu", avalia José Olavo Borges Mendes, presidente da entidade.

É nessa linha, inclusive, a campanha publicitária, criada pela agência Nativa Propaganda, para promover esse acontecimento – simbolizada por uma árvore de grandes proporções e de raízes profundas, com as raças zebuínas pastando em sua copa (vide pág. 40).

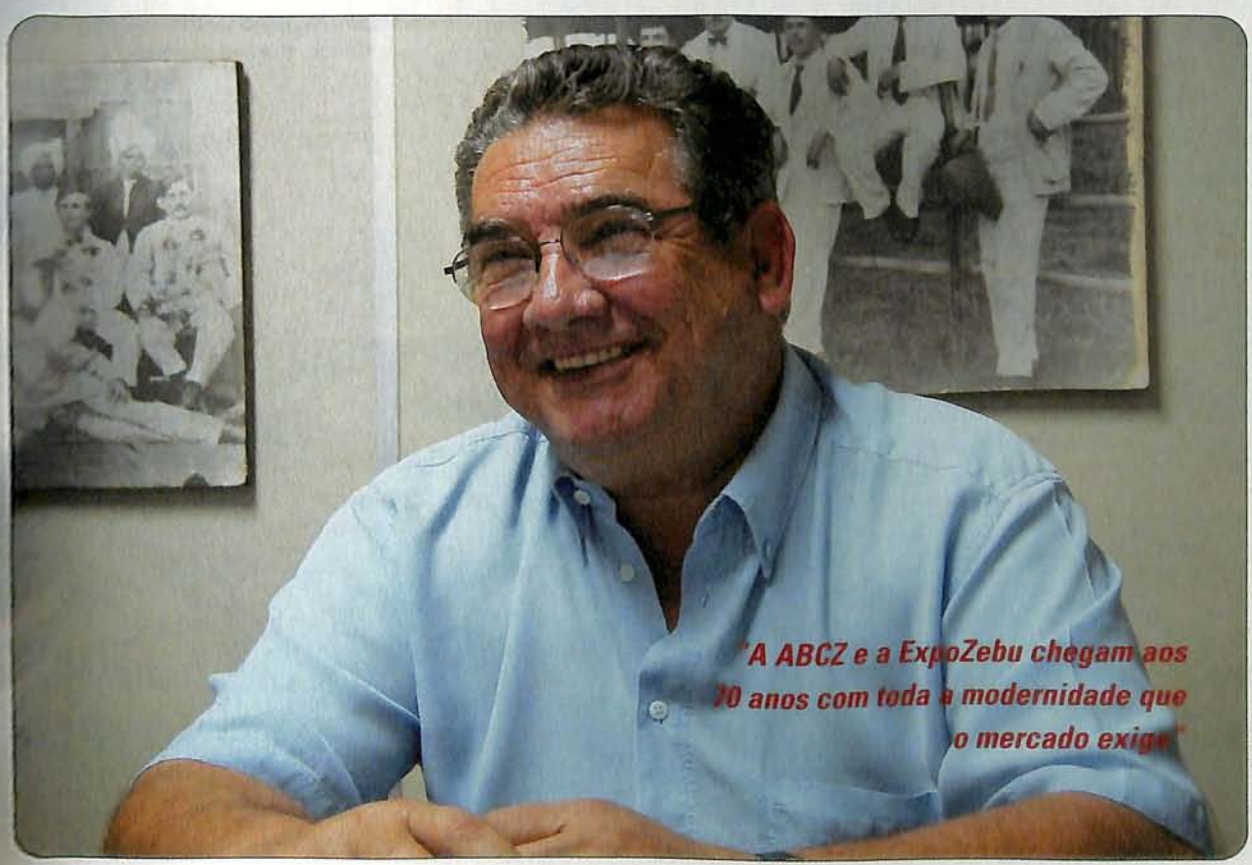
"Se observarmos, também, as fotos dos Grandes Campeões dos primeiros julgamentos realizados em Uberaba, e as daqueles consagrados em edições recentes, notaremos uma grande transformação. A ABCZ foi responsável por essa evolução, e a ExpoZebu a sua principal vitrine", conclui o presidente da ABCZ.

Esse patrimônio genético, que é oferecido nos leilões oficiais da feira, faz com que a ExpoZebu seja a praça de maior referência na comercialização de reprodutores de elite – o número de remates e de animais colocados à venda, bem como a qualidade dos mesmos, cresce significativamente a cada ano.

"O zebu fincou, há mais de 100 anos, as suas raízes no Brasil"

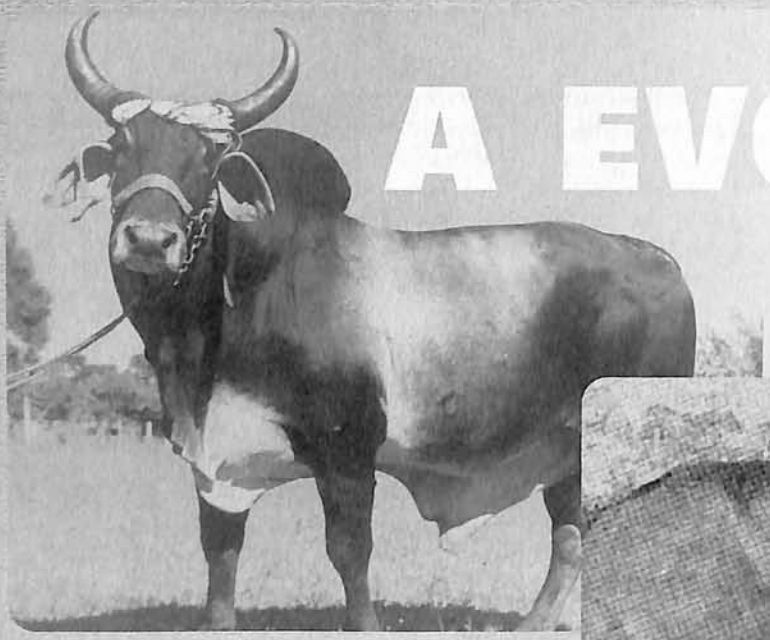
Em 2003, a feira movimentou cerca de R$ 98 milhões, sendo R$ 65 milhões somente nos leilões oficiais – que somaram ao todo 39 remates. Entre os animais mais caros estiveram as fêmeas da raça nelore Helen da Terra Boa, que foi arrematada por R$ 1,19 milhão, no Leilão Elo de Raça, e Típica BC, vendida por R$ 1,02 milhão, no Leilão Noite dos Campeões. Contudo, até o final de janeiro último, já estavam agendados 54 leilões para a ExpoZebu 70 anos (a lista completa dos remates está disponível na ABCZnet).

Pág. anterior: pista de julgamento do Parque Fernando Costa; abaixo, o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes

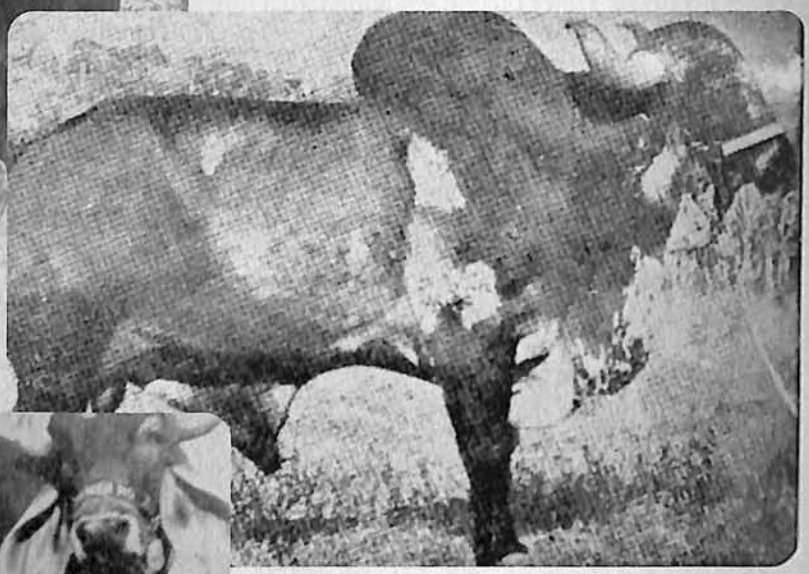


Fotos: M. Farias

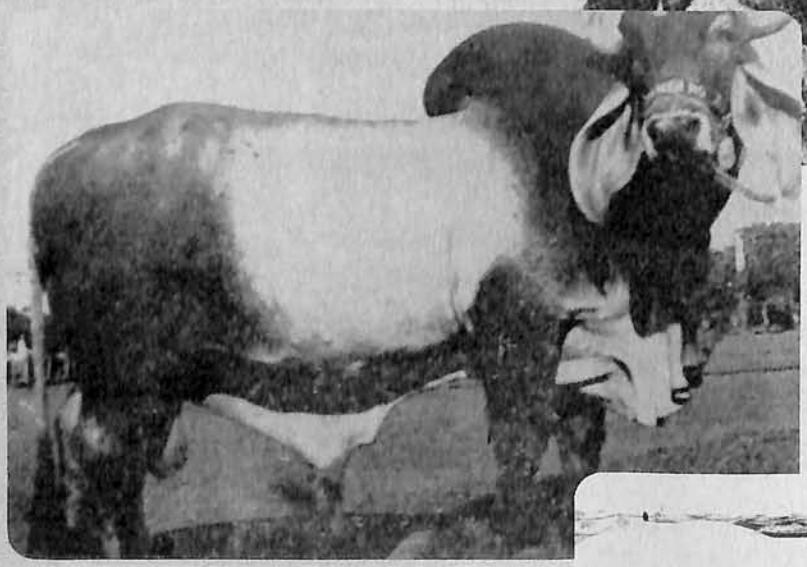
A EVOLUÇÃO



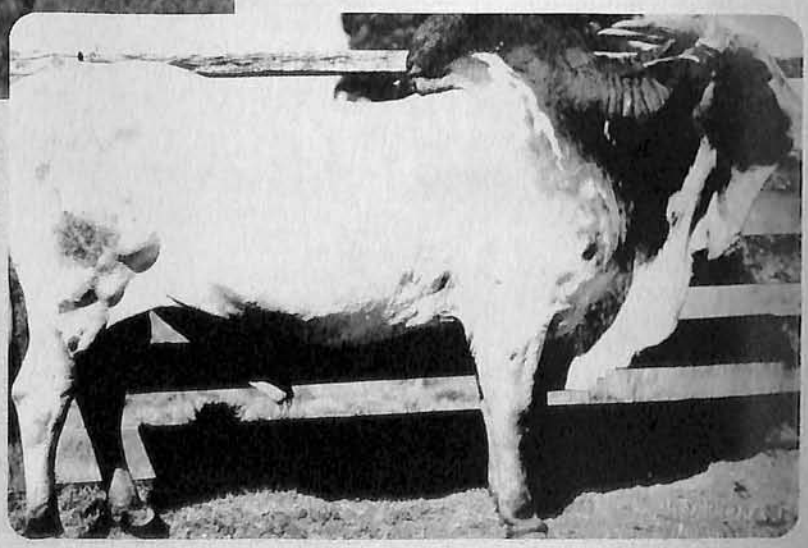
Indiano, Grande Campeão guzerá - 1948



Ceilão, Grande Campeão gir - 1937



Mineiro, Grande Campeão indubrasil - 1936



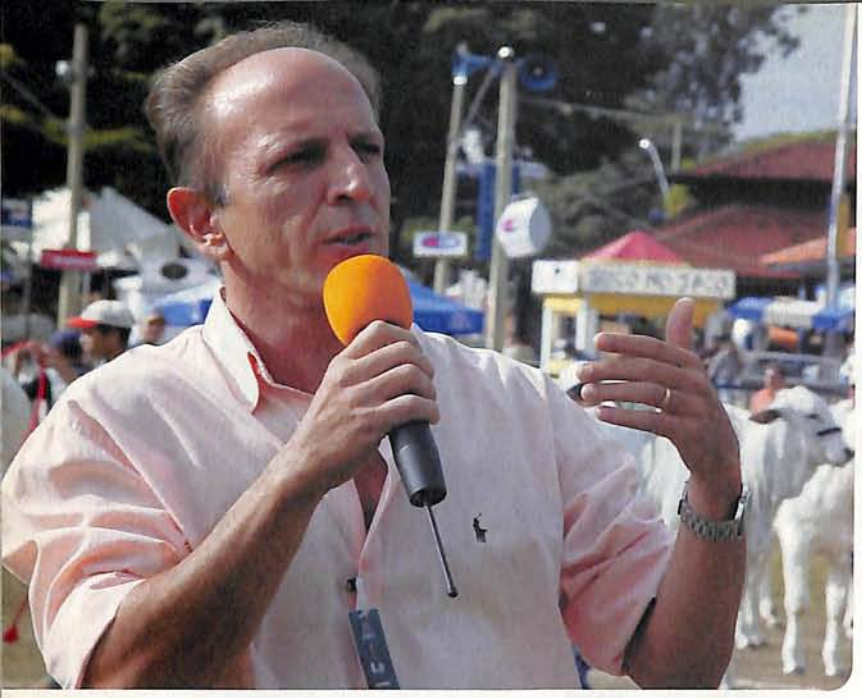
Guarujá R, Grande Campeão nelore - 1935

Fotos: Museu do Zebu

DO ZEBU

GRANDES CAMPEÕES DA EXPOZEBU 2003

Fotos: M. Farias



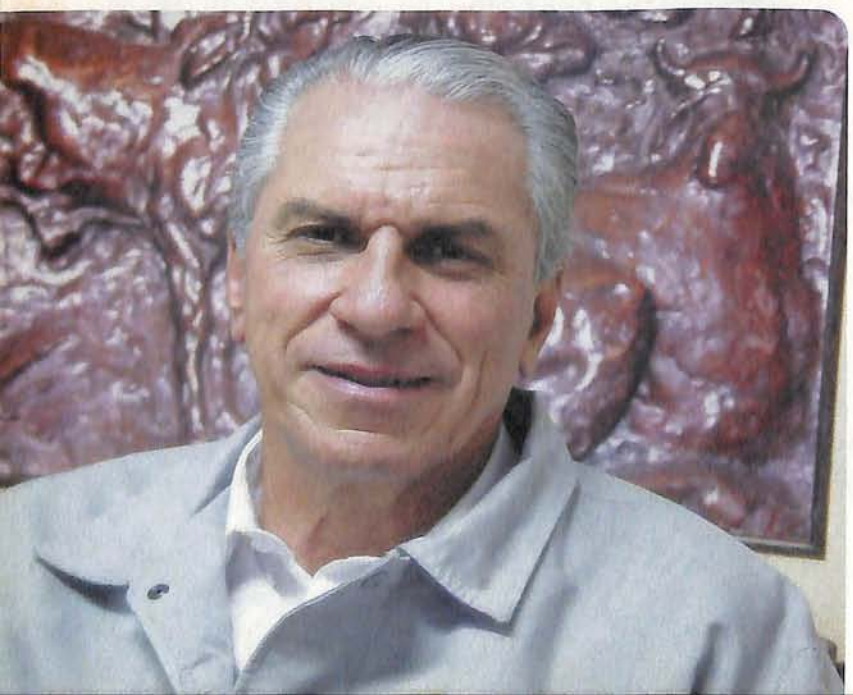
Josahkian (acima): número maior de animais inscritos; abaixo, João Prata, vice-presidente da ABCZ

Vale lembrar que, a partir do dia 02 de fevereiro, começam as inscrições dos animais que vão a julgamento. Uma das surpresas na pista da ExpoZebu poderá ser o retorno da raça sindi – ultimamente a mostra estava contando com a participação das raças brahman, gir, gir mocha, guzerá, indubrasil, nelore, nelore mocha e tabapuã.

A grande premiação

Atualmente, o Parque Fernando Costa comporta em torno de 2000 exemplares nos seus 23 pavilhões, contudo, a procura pelas argolas deve superar facilmente essa marca.

"Com certeza vamos atingir o mesmo número de animais inscritos no ano passado (mais de 2000), mas pelo que temos presenciado até agora



"Em 2003, a ABCZ contabilizou 125 exposições homologadas no país, 50.777 animais julgados, além de um acréscimo de 31,71% de animais inscritos no PMGZ "

esse volume pode aumentar", diz Luiz Antonio Josahkian, superintende-técnico da ABCZ.

A previsão de Josahkian tem como base o balanço do Departamento de Jurados das Raças Zebuínas (DJRZ) e o relatório anual do Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ). Em 2003, a ABCZ contabilizou 125 exposições homologadas no país, 50.777 animais julgados, além de um acréscimo de 31,71% de animais inscritos no PMGZ em relação ao ano anterior.

"Com isso, em 2003, aumentamos em 54,34% o número de criadores iniciantes no programa", informou o superintende-técnico da entidade, "além do número de registros que, nos últimos quatro anos, foi aumentado em mais de 80%, atingindo quase 600 mil/ano (RGN e RGD)". Um salto que, segundo Josahkian, vai incidir diretamente na feira deste ano.

Na avaliação do vice-presidente da ABCZ, João Antonio Prata, a expectativa de uma participação maior de criadores e de animais se justifica também considerando o número de novos sócios que a entidade registrou desde o início da gestão José Olavo: em média 6,1 pessoas/dia útil.

"A pecuária de elite vive um momento excelente e, por isso, o ingresso de novos criadores na seleção do gado zebu é impressionante. É natural que esses 'novos zebuzeiros' vejam no prêmio maior da ExpoZebu a consagração de seus esforços e o resultado de seus investimentos", explicou João Prata, ao destacar que a concorrência na pista de julgamento está, a cada ano, mais acirrada.

Presenças ilustres

A Comissão Organizadora da ExpoZebu 70 anos já se mobiliza nos preparativos para a inauguração oficial da feira, programada para o dia 03 de maio. Nesse dia, o palanque oficial do Parque Fernando Costa receberá a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, de ministros e diversas outras autoridades dos Poderes Executivo,

"A pecuária de elite vive um momento excelente e, por isso, o ingresso de novos criadores na seleção do gado zebu é impressionante"

"Os estrangeiros, aliás, continuam sendo um dos principais focos da atual diretoria que, no ano passado, lançou o núcleo de exportação de material genético zebuíno"

Legislativo e Judiciário das esferas federal, estadual e municipal, além de representantes de outros países.

Os estrangeiros, aliás, continuam sendo um dos principais focos da atual diretoria que, no ano passado, lançou o núcleo de exportação de material genético zebuíno, o Brazilian Cattle Genetics (BCG). Em maio próximo, a ABCZ e a Apex/Brasil, a agência nacional de promoção para exportação, vão inaugurar o novo Salão Internacional do BCG, que passará a funcionar em instalações definitivas no Parque Fernando Costa.

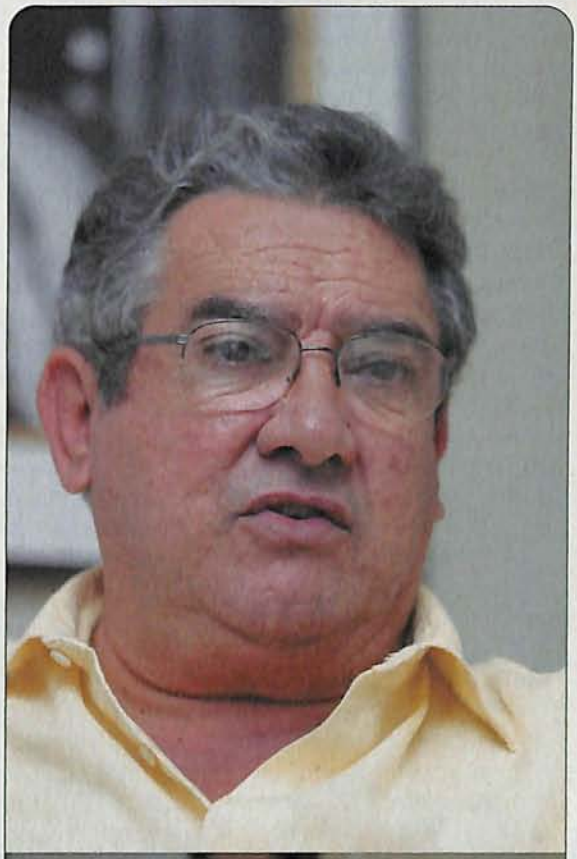
Para atender os visitantes do salão, o diretor de Relações Internacionais da ABCZ, Sílvio de Castro Cunha Júnior, informa que disponibilizará uma estrutura com seis computadores, cinco Vans (transporte para os roteiros de visitas), 15 intérpretes e cinco recepcionistas. "Estamos estudando uma programação extra que deverá contar também com atrações culturais", disse Sílvio de Castro Cunha Júnior.

A parceria ABCZ e Apex/Brasil está planejando ainda a visita de uma comitiva de 20 profissionais da imprensa internacional. "Vamos trazer jornalistas dos países alvo do BCG", completou o diretor. O projeto de marketing internacional do núcleo de exportação de material genético zebuíno tem o foco voltado para nações das três Américas, da África, Ásia e da Oceania. O convênio, celebrado em outubro do ano passado entre a ABCZ e a Apex/Brasil, está destinando R$ 2,6 milhões para custear a participação do BCG em exposições no exterior.

Boi do futuro

O Brasil já ultrapassou, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), as 170 milhões de cabeças de gado espalhadas em seu território, das quais 80% continuam sendo zebuínos puros ou cruzados. Para dar conta do desenvolvimento e aprimoramento genético desse contingente a ABCZ montou, nesses 70 anos, uma estrutura de apoio e de atendimento sem precedentes no mundo.

Atualmente, a entidade possui 1.115 jurados, sendo 279 efetivos e 836 auxiliares; cerca de 350 funcionários distribuídos na sede, nos seus 19 escritórios – dois novos serão inaugurados ainda



Fotos: M. Farias

Ao lado: José Olavo, que elegeu a evolução do zebu como tema dos 70 anos

Abaixo: Silvio Júnior, diretor de Relações Internacionais da ABCZ

Centro: árvore que simboliza o desenvolvimento das raças zebuínas

neste semestre – e nas cinco filiadas em todo o país. "A ABCZ e a ExpoZebu chegam aos 70 anos com toda a modernidade que o mercado exige", salienta o presidente José Olavo.

A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu foi criada em 1934, com o nome de Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (SRTM). Em 1967, transformou-se definitivamente em ABCZ. Na ata de fundação, datada de 18 de junho de 1934, constam 60 assinaturas, de acordo com o livro de ata de instalação e com a obra – "ABCZ, história e histórias", escrito por Maria Antonieta Borges Lopes e Eliane Mendonça Marquez de Rezende.

No momento, a entidade está próxima dos 15 mil associados. São empresários, pecuaristas e produtores que se integraram ao lendário time da zebuinocultura e que estão ajudando a desenhar o futuro da pecuária brasileira. "Temos muito a comemorar", completa o presidente da ABCZ.

A programação técnica do evento já está disponível nos endereços www.abcz.org.br e www.expozebu.org.br. Já a programação completa da ExpoZebu 70 anos será divulgada na ABCZnet.

Museu do Zebu

No dia 29 de abril, o Museu do Zebu vai inaugurar a sua mostra que, este ano, tem como título "Uma retrospectiva: 70 anos". O presidente do Conselho Curador do Museu, Márcio Cruvinel Borges, informa que a mostra vai resgatar as sete décadas de existência da ABCZ e de realização da maior feira de zebuínos do mundo, a ExpoZebu.

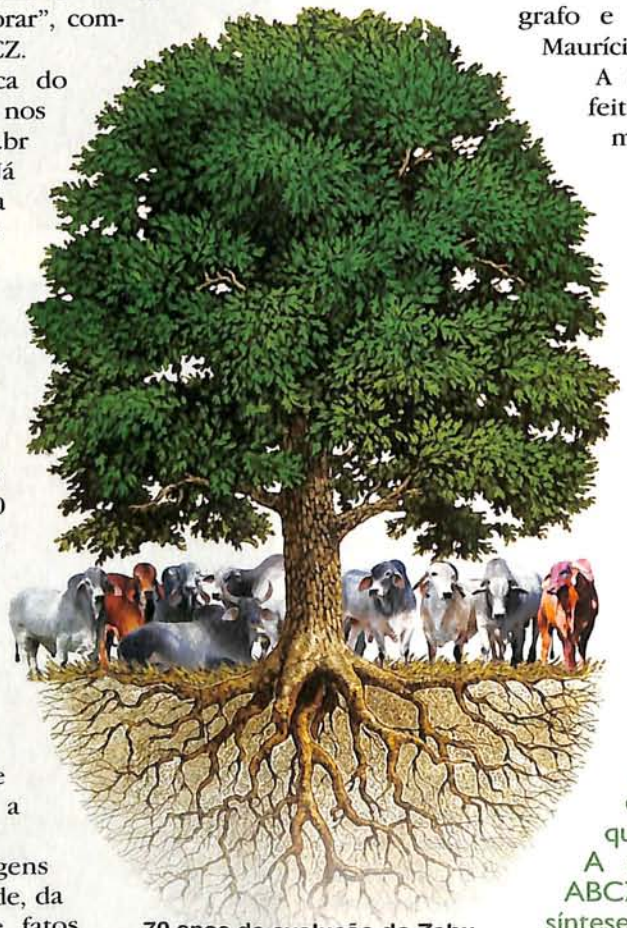
Serão expostas imagens (fotos e vídeo) da entidade, da feira, de animais e de fatos históricos do zebu. Segundo Márcio Cruvinel, a equipe do museu vai distribuir um livreto explicativo, alusivo ao tema da exposição, para acompanhamento dos visitantes.

"Contaremos ainda com a inauguração de um painel em aquarela, pintado pela artista holandesa Marleen Felius, que retrata a história do zebu, da ABCZ e das pessoas que contribuíram com a zebuinocultura nesses 70 anos", confirma o curador do museu.

A programação da mostra inclui o lançamento do livro "Campeões nelore internacionais de 2003", do zootecnista e artista plástico José Otávio Lemos; do projeto "Zebu na Escola"; e o resgate da obra do compositor uberabense Joubert Carvalho, autor, entre outras, das canções "Taí", "Maringá" e "Zebu na Ponta".

Quanto à comenda "Mérito Museu do Zebu", três personalidades irão receber a homenagem. São eles: o empresário e diretor da ABCZ, Dirceu Azevedo Borges; o criador do Colégio de Jurados da ABCZ e ex-conselheiro do Museu, Noel de Souza Sampaio; e o fotógrafo e funcionário da ABCZ, Maurício Farias.

A escolha dos nomes foi feita, em outubro, pelos membros dos Conselhos Deliberativo, Fiscal e Curador da entidade. A iniciativa é um reconhecimento às pessoas que contribuem para preservar a história da pecuária zebuína.



70 anos de evolução do Zebu

A árvore do zebu

Considerado um dos temas simbólicos de prosperidade mais difundido no mundo a árvore é o ícone da ExpoZebu 70 anos. Símbolo de amor à natureza, representa ainda o ciclo da relação entre "o que foi" e "o que será". A árvore, tal como a ABCZ e a ExpoZebu, é a síntese de longevidade: desde a raiz ao fixar-se às profundezas do subterrâneo (história) até os galhos mais altos que alcançam as alturas (futuro). No solo em que a árvore está plantada – o Brasil – se encontram as raças zebuínas.

www.vitrogen.com.br - info@vitrogen.com.br

A cada 15 minutos,

nasce no mundo

um bezerro produzido

pela Vitrogen

VITROGEN

Líder Mundial em Aspiração Folicular (OPU)
e Fecundação *in vitro* (FIV)

Laboratórios
Cravinhos (SP) 16. 651 42 66
Uni (SP) 14. 3532 54 24
Presidente Prudente (SP) 18. 232 19 99
Campo Grande (MS) 67. 384 28 85
Goiânia (GO) 62. 229 27 58

Laboratório Colômbia
Zipaquirá - Colômbia (CO)
57. 1 852 25 22 / 2628 / 2888
e-Mail: vitrogen@cgrbiotecnologia.com

Centrais de Doadoras
Cravinhos (SP) 16. 3951 71 75
Uberaba (MG) 34. 3315 38 18

Central Administrativa | Cravinhos (SP) 16. 3951 36 36

Ex. Sr. Presidente da ABCZ, Dr. José Olavo Borges Mendes

Envio a V.S. o artigo prometido, que escrevi sobre a vida de João Humberto de Andrade Carvalho. Caso V.S. achar que estão ao nível dos leitores da revista ABCZ está autorizado a publicá-lo.

Paulo Machado Borges

João Humberto de Andrade Carvalho (in memoriam)

Lá pelos anos de 1939, Chiquinho de Carvalho, comprou a fazenda Cabaçal, de Augusto Borges de Araújo, e transferiu-se com sua família da Fazenda Brejo, no município do Prata, para Uberaba.

Na Fazenda Brejo dedicou-se à criação de zebu e também ao comércio de bois da praça de Barretos (SP). Chiquinho doou a fazenda Cabaçal aos seus filhos Gastão, Rubico e João, todos jovens ainda, que ali começaram suas vidas de trabalho. A opção dos três irmãos foi à mesma: dedicar-se à seleção de gado zebu, e principalmente da raça nelore, o que fizeram e o que fazem até hoje os seus descendentes, construindo e edificando a marca F, que é sinônimo de tradição e qualidade há 80 anos.

Falar sobre o que João Humberto de Andrade Carvalho fez na vida é falar de prosperidade, terra boa e nova, de lindas fazendas bem cuidadas, uma "Arca de Noé". João criava de tudo, desde o nelore padrão, nelore mocho, guzerá, jersey, mangalarga machador, jumento pêga, porco piau mineiro e até fox paulistinha, todos da melhor qualidade.

João Humberto foi muito trabalhador e prático, tinha os pés no chão. Sua palavra valia documento, não era de brincadeiras e era respeitado por todos. Irradiava modéstia e foi muito querido na classe ruralista. Na Sociedade Rural do Triaângulo Mineiro (SRTM), anos 40-50-60, trabalhou e viajou intensamente, registrando animais e ajudando seus companheiros a organizarem os seus plantéis. Foi até juiz algumas vezes, nas exposições de Uberaba.

Fez parte do grupo de fazendeiros que dedicaram parte de suas vidas ao Serviço de Registro Genealógico das Raças Puras de Origem Indiana da antiga SRTM.

A entidade e os criadores de zebu são gratos a estes senhores, que trabalharam na implantação deste serviço, em todo o território nacional, e gratuitamente. João foi, juntamente com seus irmãos Gastão, Ovídio Brito e o Tio Nenê Costa, pioneiros da variedade mocha do nelore. Lembro-me dos anos 40, quando os criadores de zebu de Uberaba perceberam a rusticidade do nelore e sua aptidão para a criação extensiva, além de seu uso no povoamento dos nossos sertões.

Houve a primeira corrida na aquisição de matrizes, mas não existiam vacas nelore à venda e seu número era muito reduzido para atender ao mercado e aos novos criadores.

Partiram para a compra de vacadas guzerá aneloradas e muito pesadas, que foram servidas por touros OM, Taça, VR e R.

Foi assim que João Humberto começou o seu plantel nelore PO, bem como todos os demais criadores que iniciaram suas atividades na década de 1940. No decorrer dos anos, foram adquirindo animais puros de origem, reforçando a carga genética dos seus rebanhos.

O plantel OB, sucessores de Joaquim e José Machado Borges, foi também edificado obedecendo a estes critérios. Após 60 anos de seleção, podemos afirmar que estavam certos.

Com espírito bandeirante, João percebeu o desenvolvimento da região de Dourados, Bodoquena, Cáceres e Rio Alegre, ainda no antigo Mato Grosso. Com seus companheiros João Gilberto e Walter Ribas, implantaram em duas glebas de terras as fazendas Cerro Verde e Cerro Azul. Ótimo filho, ele cuidou sempre dos negócios do pai, até o seu passamento, mas a paixão de sua vida foi Dourados e a fazenda Rincon-Porã.

Alma pura, sempre pronto a somar, doou ao Sindicato Rural de Dourados, na gestão de Gustavo Adolfo Pável, de saudosa memória, a área do atual Parque de Exposição, que leva seu nome. Também vendeu a área nobre de sua propriedade a José Tavares, para a implantação do Frigorífico de Dourados, sem interesse comercial, mas com o objetivo de beneficiar a região.

Minha convivência com João e os irmãos Carvalho data do ano de 1939 pra frente, quando adolescente (época da II Guerra Mundial). Meus pais moravam na fazenda Campestre, meio de caminho da Cabaçal, e as dificuldades de transporte eram enormes.

Poucos fazendeiros possuíam automóveis. Gasolina só para fazer o carro pegar e ajudar o gasogênio a funcionar. Nestas condições eles sempre passavam, nem que fosse por um minutinho, para ver os tios Vigilato e Elina e oferecer seus préstimos.

Nos anos 60, construiu a sua residência na fazenda São Francisco, município de Uberaba, onde fez ótimas instalações, aptas a receber a elite da pecuária nacional, com eventos em torno de 1.500 convidados. Foi destaque comercial e social durante vários anos nas exposições de Uberaba.

O tempo passa, neste mundo tudo acaba, assim aconteceu com João e Yvete. Entretanto o ciclo de suas vidas continua com seus filhos e netos, cada um procurando novas oportunidades de vida e o seu destino.

Esta é a marcha da humanidade, na mudança das gerações, que ocupam o espaço que um dia foi dos seus pais e avós.

Mas, para mim, ficou a lembrança dos dias felizes que vivemos e convivemos juntos, nas fazendas do município de Uberaba. Minhas saudades de João e Ivete. Meus cumprimentos à família Carvalho, que marcou sempre presença neste mundo maravilhoso do nelore.

Paulo,

Obrigado pelas palavras de apoio às ações desta diretoria que foram descritas no original dessa carta. Logo publicaremos o seu texto a respeito da história da Fazenda Cassú.

Um abraço, José Olavo Borges Mendes

Mulheres de Raça

Em comemoração ao dia Internacional da Mulher

06 Março 2004 • Sábado 13h • Barra do Garças - MT

40 Fêmeas PO 20 Prenhezes 01 Paint Horse

Determinação.
A marca dessas mulheres.
O sucesso dessa marca.

Ana Carolina Ribeiro
Ana Cristina Leis Festa
Ana Vasconcellos
Andréa Frigi Novais
Anna Abigail Sebba
Beatriz A. de Oliveira e Silva
Celcita Pinheiro
Célia Lourdes Borges
Cintia Nakano
Cintia Oliveira
Dora Castro Arcangelo
Elza Consoni Guimarães
Elza Leite de Moraes Andrade
Eunice Leite de Barros
Estela Queirós Jorge
Janete Souza Moraes
Janine Supptitz Borges
Jussara de Souza Aguiar
Hilda Ciampolini
Irene Novais Guimarães
Ivete Fernandes Corrêa
Leda Garcia de Souza
Marcia Carneiro de S. Silveira
Maria Cristina Guimarães
Maria José Padilha Leopoldino
Maria Lucia Muller
Mariene Fagundes
Marilda Tozzi de Melo
Marina Glauce Torres de Carvalho
Mirella Foschi
Nana Guimarães
Nelcy Palhares
Nylza Menezes Szechy
Renatta Messias
Roberta Bertin
Silvana Sandoval
Solange Biagi
Sonia Helena Costa Bernardes
Stella Maris Floresani Jorge
Teia Fava Marques
Vitoria Doroti Bonfim e Silva

Leilão Oficial
nelore
A Força de uma Raça

Organização:
Téia Fava Marques
Informações:
(66) 401.5655

Purina
Autonorte
Flora Brasil
agrofava
grafica ivan
Tordon
Revista nelore
margen
TOLEDO
Lagoa da serra
TORTUGA
Sempre Presente
CASA DO CRIADOR
PRECOCE
Sementes Nova Era
vale da serra
CONSTROLUZ
ELETRIFICAÇÃO RURAL
BARRA DO GARÇAS-MT
Tel.: (66) 401-3423
Agrobrasil
motogarças
UMA FORÇA NA BARRA
Riama Tratores
Concessionário New Holland
Vale do Araguaia/Xingu
CASA DA LAVOURA
ZOOTEC
xavante
CANAL DO BOI
(67) 321.9090
DIRECTV
CANAL 641
REMATE
(11)3872-5777
Publique
(11) 3083.1899

PRODUÇÃO DE PASTAGEM IRRIGADA

por pivô central e manejada sob pastejo intensivo

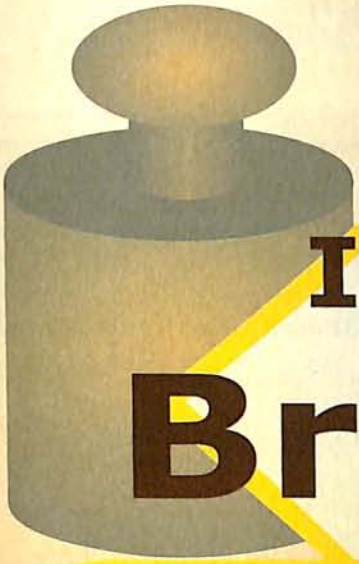
Acima: área irrigada no campus da Fazu

Autores: *Professores: Adilson de Paula Almeida Aguiar e Luís César Dias Drumond.*
Monitores: Juliano Ricardo Resende, Lúcio Flávio Carmo Borges, Luciano Ferreira Fontes, Luiz Antônio Melo Júnior, Diego Souza Ribeiro e Bruno Lacerda Demucci.

Na Fazenda Escola das Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu), está sendo desenvolvido um projeto de irrigação de pastagem para produção de carne com Pivô Central, através do Convênio Fazu-ABCZ-VALLEY. O Pivô Central Valley com área de 12 ha foi dividido em 30 piquetes e a forrageira escolhida para formação da pastagem foi o capim Braquiarão (Brachiaria brizantha cv Marandu). O local do experimento possui altitude de 800 metros, 190° 44' de latitude Sul e 47° 57' de longitude Oeste. O ciclo de pastejo adotado é de 30 dias nas estações de primavera-verão e de 45 dias nas de outono-inverno. As condições climáticas estão sendo monitoradas, por uma estação meteorológica automatizada Micrometos 300, e com os dados coletados se planeja e executa o manejo racional da irrigação, utilizando-se o software IRRIGA. O projeto é coordenado pelos professores Adilson de Paula Almeida Aguiar e Luís César Dias Drumond e conta com a colaboração de monitores, estudantes do curso de zootecnia e agronomia da Fazu.

Estão sendo analisados os dados do solo, da planta, dos animais e do sistema de irrigação. As informações geradas pela análise destes dados serão úteis para o estabelecimento de parâmetros de manejo de pastagens irrigadas, que

ANCHIETA 9969-6306



Iº LEILÃO Brahman de PESO - MS

1 de abril - Durante a Expogrande
Campo Grande - MS - às 19:30 h - Tattersal da Acrisul

35 lotes de fêmeas PO e POI

PROMOTORES

NELMO ANTÔNIO WENZEL - Brahman NAW
TARCÍSIO HERKERT - Brahman Central
CELSO THOMAS - Brahman Central
RAPHAEL FERREIRA - Brahman NKR
CARLOS E. QUARTIM BARBOSA - Brahman Center Triunfo

CONVIDADOS

Angelo Mário Prata Tibery
Antônio Deverlan
Antônio Costa Corrêa
Bruno Ferreira Jacintho
Daniel Teixeira Dias
Guilherme Bucalem
Giocondo Zancaner
João Alfredo Ribeiro Neto
Jovelino Carvalho Mineiro
Ovídio Carlos Brito
Rancho Haras Quitumba Ltda
Rodrigo Simonato Soares
Romeu Baia Lobato
Rubico/Tonico Carvalho
Querença - Moisés Campos

Apoio

ACRISSUL
Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul

Brahman
Associação Brasileira dos Criadores de Brahman

Realização

PROGRAMA LEILÕES
(43) 3373-7077
Leiloeiro: Cláudio Gasperini

Transmissão

CANAL DO BOI
LANCES:
(67) 321-9098
DIRECTV CANAL 641

TABELA 1. Dados da produção da pastagem de Brachiaria brizantha cv. Marandu (Capim Braquiarão) no período de fevereiro de 2002 a setembro de 2002.

mês	Altura do RPré-P (cm)[1]	Altura do R Pós-P (cm)[2]	MF (kg MS/ha)[3]	TA (kg MS/ ha/dia)[4]	D MF (kg MS/ ha/cm)[5]	CS (UA/ha)[6]
fevereiro	76	15	4398	56,6	57,87	5,4
março	81,53	15	5818	70,8	71,36	7,2
abril	54,11	22,81	7427	71,06	137,3	9,2
maio	60,9	25,49	4509	51,06	74	5,6
junho	66,3	24,66	6776	63,21	102,2	8,4
julho	70,9	23,67	8000	80,16	112,8	9,9
agosto	82,75	19,8	6534	49,95	78,95	8,1
setembro	33,98	21,51	5038	69,58	148,3	6,2
outubro	42,3	20,36	5061	79,05	119,6	6,2
média	**68,3**	**21,1**	**6154,8**	**65,5**	**92,6**	**7,6**
acumulado			**53561**	**17680**		

Legenda: [1]Altura do Relvado no Pré-pastejo; [2]Altura do Relvado no Pós-pastejo; [3]Massa de Forragem no Pré-pastejo; [4]Taxa de Acúmulo de Forragem; [5]Densidade da Massa De Forragem; [6]Capacidade de Suporte.

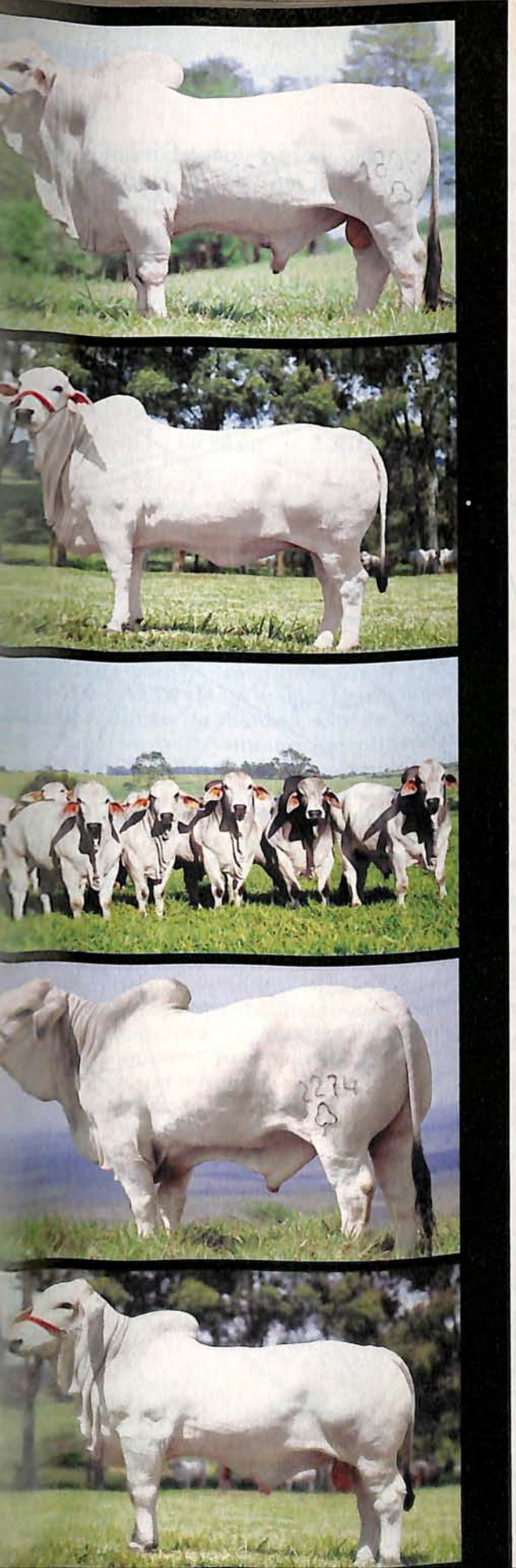
poderão ser reproduzidos em outros trabalhos de pesquisa, mas principalmente para as fazendas que estão adotando essa tecnologia.

No período de fevereiro a outubro de 2002 foram avaliados alguns parâmetros que se encontram apresentados na Tabela 1.

Para o Pivô (Figura 1), observa-se que a altura média do relvado antes da entrada dos animais nos piquetes foi de 68,3 cm e era rebaixada para 21,1 cm de resíduo pós-pastejo. A altura de 68,3 cm representou uma massa de forragem disponível media de 6.154,8 kg de MS/ha antes do pastejo com densidade de 92,6 kg de MS/ha/cm. A capacidade de suporte foi obtida considerando uma eficiência de pastejo de 50% e um consumo de 12 kg de MS/UA/dia e esta foi muito alta, projetando taxas de lotação médias de 7,6 UA/ha. Este resultado foi alcançado com a aplicação de 300 kg de N/ha, 74 kg/ha de P2O5 e 125 kg/ha de K2O.

fotos: divulgação

Figura 1 - Vista geral do Pivô Central Valley e dos piquetes.



O Brahman da FAZENDA SANT'ANNA é o

brahman adaptado

BRAHMAN SANT'ANNA

PRECOCIDADE & FERTILIDADE

Ao adquirir um dos melhores rebanhos brahman, com mais de 50 anos de seleção a pasto, a Fazenda Sant`Anna dedica-se ao melhoramento do plantel. Focando nas características economicamente importantes como fertilidade, precocidade e equilíbrio físico, produzindo um Brahman funcional, adequado à criação extensiva e adaptado a condições adversas.

RUSTICIDADE & ADAPTAÇÃO

FAZENDA SANT'ANNA

Estrada Rancharia/Bastos, Km 1 - Rancharia SP
Fones: (18) 251-1329/1556

www.fazendasantanna.com.br
comercial@fazendasantanna.com.br

Em 2003 foi implantado um experimento visando comparar três níveis de umidade do solo e dois níveis de adubação (Figura 2). Foram estabelecidos os níveis de umidade do solo, correspondentes a 75, 100 e 125% da capacidade de campo (de acordo com a retenção de água do solo) e a aplicação de adubação correspondente a 0 e a 50% da adubação aplicada no período de primavera-verão, em três parcelamentos (167 kg de Uréia/ha, 33 kg MAP/ha, 42 kg de Sulfato de Amônio/ha e 50 kg Cloreto de Potássio/ha), com três repetições para cada tratamento.

Para implantação desse experimento foram utilizados 18 piquetes do Pivô Valley, sendo que os outros 12 piquetes não foram irrigados, representando a testemunha.

Figura 2 – Croqui do Pivô Central Valley evidenciando os piquetes onde foi instalado o experimento.

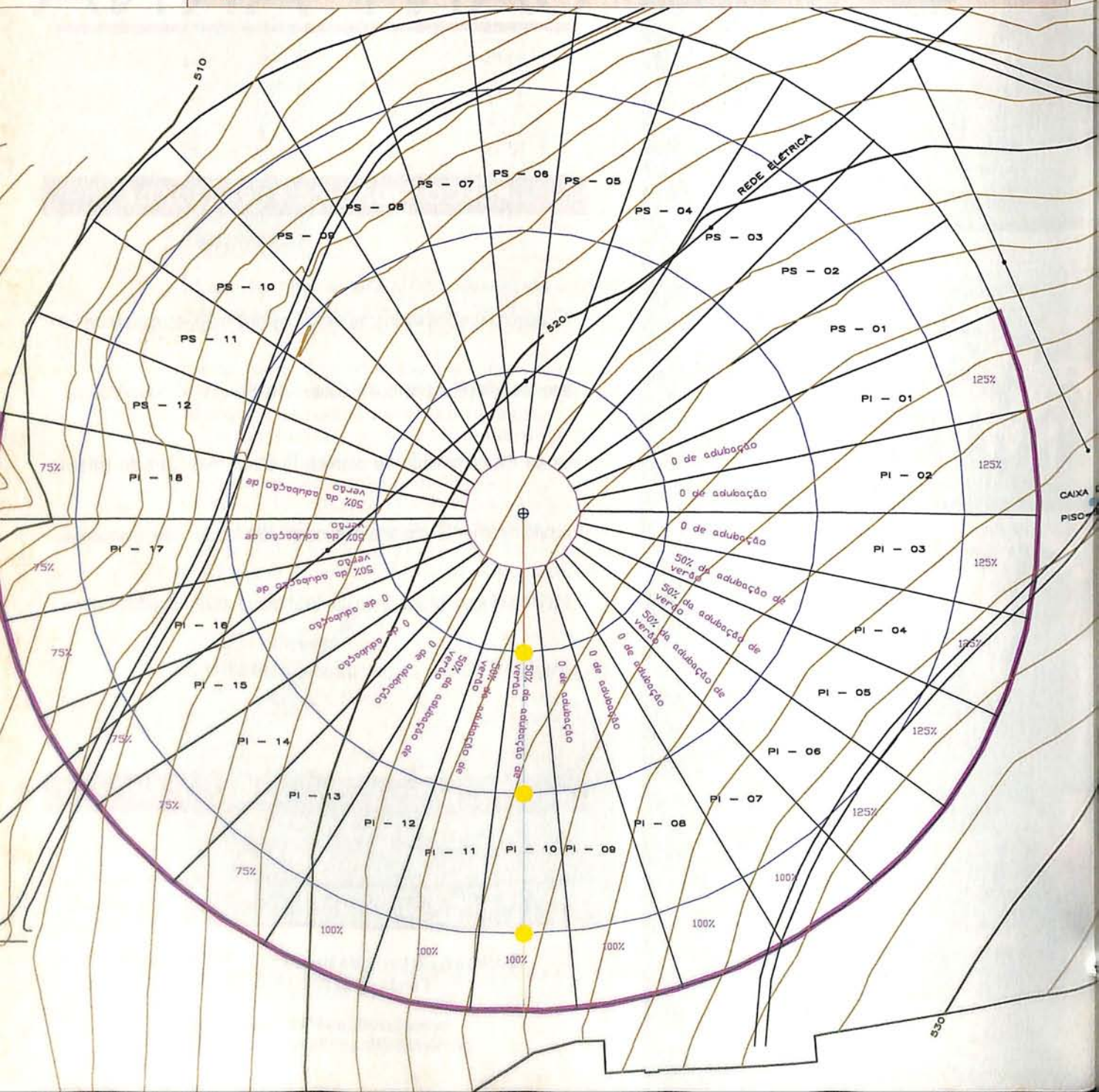


TABELA 2. Produção do Capim Braquiarão por ciclo, no período de maio a agosto de 2003, submetido a três níveis de umidade de solo e dois níveis de adubação.

mês	75% AS_CC[1]		100% AS_CC[2]		125% AS_CC[3]		Sequeiro
	0_AD[4]	50%_AD[5]	0_AD[4]	50%_AD[5]	0_AD[4]	50%_AD[5]	
	MS[6] (t/ha)	MS[6] (t/ha)	MS[6] (t/ha)	MS[6] (t/ha)	MS[6] (t/ha)	MS[6] (t/ha)	
maio a junho	2.171,30	4.530,30	2.716,60	3.593,30	3.233,30	6.063,30	**2.183,00**
julho a agosto	1.998,00	2.383,00	2.617,30	3.040,00	2.501,70	2.576,00	**1.852,50**

Legenda: [1]75% de água no solo em relação a capacidade de campo; [2]100% de água no solo em relação a capacidade de campo; [3]125% de água no solo (condição de saturação); [4]Sem adubação; [5]50% da adubação aplicada no verão; [6]Produção de matéria seca produzida no ciclo.

Na Tabela 2 estão apresentados os valores obtidos de maio a agosto de 2003.

Observa-se que não houve diferença na produção de forragem entre o tratamento 75% da CC e 0AD com a testemunha (sequeiro), mas para 100 e 125% da CC e 0AD houve um aumento na produção de matéria seca de 533 e 1.050 kg MS/ha, respectivamente, quantidade de forragem suficiente para alimentar mais 0,80 e 1,6 UA/ha durante os meses de maio e junho. O efeito combinado da adubação e da irrigação foi expressivo na produção de forragem, com aumentos de 2.347,3, 1.410 e 3.880 kg MS/ha, para os tratamentos 75% CC, 100% CC e 125% CC, respectivamente, em relação à testemunha. Esta quantidade de forragem seria suficiente para alimentar mais 3,6, 2,1 e 5,8 UA/ha durante os meses de maio e junho. No período de julho a agosto, se repetiu o resultado da não diferença entre o tratamento 75% da CC e 0AD com a testemunha (sequeiro), mas para 100 e 125% da CC e 0AD houve um aumento na produção de MS de 764,5 e 649 kg MS/ha, respectivamente, quantidade de forragem suficiente para alimentar mais 1,15 e 1,0 UA/ha durante os meses de julho e agosto. Nestes meses não houve efeito da combinação adubação e irrigação no mesmo nível do alcançado nos meses de maio e junho, provavelmente devido à condições climáticas desfavoráveis, tal como baixas temperaturas, impedindo a resposta da planta à irrigação e à adubação. Em breve será finalizada a analise estatística dos resultados e a correlação entre os tratamentos combinados e os efeitos climáticos do período. Como também, em breve resultados do solo (curva de retenção de água, analises químicas e físicas entre tratamentos), da planta e do relvado (alturas, massa de forragem, forragem acumulada, taxa de acúmulo, densidade), da pastagem e do pastejo (capacidade de suporte, taxa de lotação, eficiência de pastejo) e do animal (ganho de peso, consumo de forragem, conversão alimentar) estarão prontos e serão colocados a conhecimento da comunidade em congressos de pesquisas e revistas do setor, tal como na revista ABCZ.

Bibliografia Complementar:

•AGUIAR A. P. A, DRUMOND, L. C. D., SILVA, A. M. Produção de pastagem com irrigação. Revista da ABCZ, Uberaba, n. 10, set./out., 2002. p. 164-165.

•AGUIAR, A. P. A. et al. Comparação dos custos de produção de uma pastagem explorada em sistema intensivo irrigado com pastagens extensivas em sequeiro em uma propriedade no Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DAS RAÇAS ZEBUINAS, 5., 20-23 out., 2002. Anais... Uberaba: ABCZ, 2002. 365 p. p. 392-394.

•AGUIAR, A. P. A. et al. Ganho de peso e conversão alimentar de animais zebuínos em uma pastagem de capim Braquiarão (Brachiaria brizantha cv Marandu) explorada intensivamente sob sistema irrigado em nível de fazenda no Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DAS RAÇAS ZEBUINAS, 5., 20-23 out., 2002. Anais... Uberaba: ABCZ, 2002. 365 p. p. 395-397.

A importância do **macho** para o **rebanho**

Para resultados satisfatórios no melhoramento do rebanho, torna-se essencial a formação de grupos homogêneos de fêmeas, distribuindo-os segundo a condição corporal das mesmas. Tal condição permite a escolha de reprodutores adequados aos referidos grupos e, por conseguinte, menores transtornos como partos distócitos, bezerros natimortos, doenças do trato reprodutivo ou até mesmo morte de matrizes.

Neste sentido, cabe destacar a opção por touros capazes de produzir bezerros leves ao nascer, principalmente em novilhas. Esta informação é possível de ser obtida através de escriturações zootécnicas, onde se registra o nascimento dos bezerros e todos os eventos envolvidos no mesmo. Já no uso da inseminação artificial, algumas raças praticam provas zootécnicas registrando a facilidade de parto para os bezerros de cada touro avaliado, onde define-se como mais indicado para novilhas e fêmeas leves, os touros com até 10% de dificuldade de parto registrada.

É importante lembrar da estrutura corporal das fêmeas zebuínas, caracterizando-as como menos susceptíveis aos partos distócitos, principalmente quando acasaladas com touros também zebuínos.

Uma outra vantagem decorrente da formação de grupos homogêneos de fêmeas é a prática do acasalamento direcionado, onde a escolha dos touros também estará vinculada aos problemas mais comuns identificados nos respectivos grupos, tais como estatura, aprumos, comprimento corporal, inclinação de garupa, composto de úbere e arqueamento de costelas, entre outros. Neste contexto, é possível também trabalhar a genética do rebanho, seja através do refrescamento ou da consangüinidade. Esta ação, indicada inclusive para rebanhos comerciais, permite maior eficiência no melhoramento do plantel.

Definida a finalidade principal para o touro, resta avaliá-lo quanto a sua fertilidade. Tal avaliação consiste na adoção de coleta de sangue e esperma para avaliação parasitológica e espermograma; mensuração e palpação da bolsa testicular, uma vez que a consistência e o volume dos testículos apresentam correlação direta com a produção de espermatozóides viáveis; e a prática do teste de libido, que tem a função de determinar a eficiência do reprodutor e seu comportamento, minimizando repetições de cios e reduzindo o intervalo entre partos do rebanho. É bom lembrar que torções, grandes distensões e ausência de movimentação da bolsa escrotal, bem como manifestações de monorquidismo (bolsa com apenas um testículo) ou criptorquidismo (ausência dos dois testículos na bolsa), são defeitos graves pois comprometem diretamente a produção de espermatozóides viáveis, além de serem transmissíveis às gerações futuras.

Outra condição importante a ser observada é o comprimento do umbigo, uma vez que os pendulosos expõem o prepúcio e o pênis a acidentes, infecções ou até deformações, além de dificultar a penetração em casos exagerados.

Cuidados devem ser tomados em rebanhos que trabalham com dois ou mais touros por lote, pois há a manifestação de hierarquia entre os mesmos, onde os mais velhos têm a preferência à reprodução e os mais jovens auxiliam na identificação das fêmeas em cio e oportunamente também realizam a cobertura. Deve ser evitada a inclusão de touros adultos estranhos aos existentes no plantel a fim de se evitar brigas, acidentes e perda de reprodutores.

As condições expostas nos revelam que a escolha de touros exige atenção contínua do responsável pelo rebanho, de maneira a reduzir problemas relacionados ao comportamento animal, eficiência reprodutiva e prejuízos decorrentes de descartes não planejados ou mortes.

foto: divulgação

Alexandre Lúcio Bizinoto é coordenador do curso de zootecnia da Fazu e conselheiro do CRMV

Polisinto-Vac

Alta proteção por um preço justo

- **Manejo facilitado**
  Única vacina com dupla emulsão oleosa que permite a aplicação do REFORÇO até três meses após a 1ª dose.

- **Proteção comprovada a campo**
  Mais de 150 milhões de animais vacinados, alta proteção em mortes súbitas.

- **A solução contra Manqueira ou Carbúnculo**
  Protege animais vacinados por pelo menos um ano.

- **Vacina completa: toxóides + bacterinas**
  Prevenção contra Manqueira (Carbúnculo Sintomático), Gangrena Gasosa, Enterotoxemia, Doença do Rim Polposo, Enterite Hemorrágica e Hepatite Necrótica.

- **Alta qualidade pelo melhor preço**
  Toxóides importados da Austrália.

Polisinto-Vac: Quem usa não troca.

FORT DODGE

SAC 0800-7019987
www.fortdodge.com.br

Alerta no campo

fotos: L. Adolfo

Ameaçados pela onda de violência que ronda propriedades rurais de todo o Brasil, agropecuaristas estão se unindo para equipar a polícia. Em algumas regiões, o patrulhamento ostensivo no campo fez a criminalidade reduzir em 80%

Larissa Vieira

A cidade gaúcha de Sant'Ana do Livramento, na fronteira com o Uruguai e onde é produzido o famoso vinho Almadén, corre o risco de sofrer uma migração significativa de seus produtores rurais. Assustados com a crescente onda de violência, muitos estão colocando suas propriedades à venda e procurando outras terras para criar o gado. Apesar de levar rótulos como "Fronteira da Paz" e "a mais irmã de todas as fronteiras", em alusão à pacífica convivência com a vizinha cidade uruguaia de Rivera, na prática essa proximidade acabou dificultando a vida nas propriedades rurais de Sant'Ana do Livramento.

Quadrilhas formadas por criminosos do país vizinho estariam roubando animais aqui no Brasil para vender em terras uruguaias, onde os bovinos valem o dobro do preço. Oficialmente, a quantidade de reses furtada em 2003 no Rio Grande do Sul foi de 10.850 cabeças. As ocorrências cresceram 20,85% em relação à 2002 segundo dados da Secretaria da Justiça e da Segurança do Estado. Como a maioria dos criadores não aciona a polícia para registrar os furtos, na verdade esse número é bem maior que o oficial, de acordo com informações do Sindicato Rural do município.

São 180 quilômetros de fronteira seca com o Uruguai e um rebanho bastante expressivo para vigiar. A população de bovinos chega a 640 mil contra 480 mil de ovinos. Juntas, elas são quase 13 vezes maior que o número total de habitantes, pouco mais de 90 mil santanenses. A forte vocação pecuária de Sant'Ana do Livramento é cultuada desde a sua criação, por volta de 1823. De todo o Produto Interno Bruto (PIB) gerado pelos diversos segmentos da economia local, cerca de 70% vêm do campo.

Talvez por isso a indignação dos produtores rurais com a atuação das quadrilhas uruguaias seja grande. "O sentimento é de impunidade. Já tentamos de tudo e até agora nada funcionou. Estamos sofrendo com esses roubos há vários anos. Além disso, existe toda a burocracia por ser uma questão que envolve outra nação", desabafa o presidente do Sindicato e Associação Rural, César Maciel.

Uma ação conjunta da Secretaria de Agricultura, Receita Federal, Vigilância Sanitária e das Polícias Militar, Civil e Federal luta para encontrar uma solução para o problema de âmbito internacional. Os policiais chegaram a ir para o campo aprender como manejar os animais na tentativa de reforçar a segurança nas fazendas e estradas vicinais. Na prática, Maciel acredita que os resultados foram tímidos porque falta uma ação constante.

Para quem cria gado de elite, a perda de um único bovino é prejuízo grande"

Exemplos como o dos gaúchos não faltam de norte a sul do Brasil. É o caso do Pará, estado onde a pecuária começa a ganhar fôlego e terra de grandes criatórios que já estão alcançando destaque no cenário nacional. As quadrilhas roubam arames, motores, gado, tratores... Uma das cidades de maior destaque, Redenção, localizada ao sul do estado paraense, já sente os prejuízos causados pela falta de segurança, mas o problema é mais grave em Santana do Araguaia e Cumaru do Norte. Claro que em proporções menores que a registrada na cidade gaúcha. "É inadiável tomar providências para combater a ação dos bandidos. Os pecuaristas estão dispostos a ajudar a polícia na compra de mais viaturas e equipamentos", garante o selecionador de nelore e presidente do Sindicato Rural de Redenção, Adelino Junqueira Franco Neto.

Polícia no campo

Unir forças para ajudar a equipar a polícia local foi uma idéia que o pecuarista importou do Pontal do Triângulo Mineiro, onde o pai tem uma fazenda. Na região de grande escoamento de safra, bem na divisa de Minas Gerais com os estados do Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás, Adelino acompanhou de perto a atuação de policiais militares no projeto "Patrulha Rural", que conseguiu reduzir em 80% a violência na zona rural.

Assim como em Sant'Ana do Livramento e no Pará, os criadores do Pontal do Triângulo viviam assombrados com o ataque das quadrilhas que levavam não só o gado mas também máquinas e defensivos agrícolas. "Muitas propriedades foram roubadas. Perdi um animal que iria vender no leilão. Cheguei a contratar pessoas para fazer a segurança na fazenda porque os roubos eram constantes nas propriedades vizinhas. Para quem cria gado de elite, a perda de um único bovino é prejuízo grande", destaca o pecuarista Sebastião Dutra, criador de nelore na cidade de Santa Vitória (MG). Eram tempos em que a maioria das queixas deixava de ser registrada por falta de comunicação com a polícia. Faltavam ainda viaturas para os policiais irem até as fazendas investigar o roubo. A atuação precária acabou criando animosidade dos fazendeiros para com os militares.

Centro: o pecuarista e selecionador de nelore, Sebastião Dutra

Três anos depois, a situação é bem diferente. O pátio da unidade da 10ª Companhia Independente da Polícia Militar na cidade de Ituiutaba (MG) abriga dez caminhonetes, cada uma no valor de R$ 70 mil. Todas foram compradas com o dinheiro da comunidade. Cansados da falta de estrutura para combater o crime, os produtores rurais decidiram realizar leilões no intuito de fazer caixa para a compra de equipamentos. "Na verdade, estou doando é a minha segurança. Não posso esperar o governo resolver o problema da violência porque enquanto cruzo os braços para essa insegurança os bandidos nos atacam", declara Dutra, um dos mais entusiasmados com o projeto.

O criador passa a semana na fazenda, e no sábado e domingo fica aos cuidados dos empregados. Quando viaja para Ituiutaba, onde tem residência, ou para qualquer outra localidade, o criador aciona a polícia pelo rádio instalado em sua caminhonete e com comunicação direta com a PM. Se aparece qualquer veículo suspeito na estrada ele avisa imediatamente. O posto militar mais próximo é acionado. Enquanto o caso é checado, o produtor volta a pegar a estrada, só que bem mais tranqüilo. Até mesmo esse sistema de rádio, instalado tanto nas patrulhas quanto nas unidades policiais, é fruto da doação da comunidade. A PM ganha ainda dos criadores combustível para que nenhuma viatura fique parada no pátio, além de armas mais modernas.

Especialização

A grande diferença do projeto Patrulha Rural está no modo operacional. Os policiais tiveram de entrar no universo pecuário para se tornarem mais eficientes. "O Instituto Mineiro de Agropecuária e lojas especializadas em defensivos agrícolas orientaram os militares a detectar pelo rótulo e notas fiscais se o produto é contrabando. Eles aprenderam ainda a identificar animais abatidos clandestinamente. An-

Sinal de alerta

Os especialistas em segurança pública são unânimes em afirmar que os criminosos preferem roubar locais de acesso fácil. Por isso, vale a pena investir em itens de segurança tanto para a casa e outras dependências da propriedade rural quanto para os veículos utilizados no transporte pessoal e de produtos. Outra dica é ficar atento a qualquer movimentação estranha na região e acionar a polícia em caso de suspeita. Mudanças simples na organização da fazenda podem impedir a ação dos bandidos. Veja:

- Isole as estradas com cercas (de preferência eletrificadas e com conexão direta com alarme na sede da fazenda ou na casa do vaqueiro) formando corredores para impedir que o gado fique solto;
- A colocação de cadeados na porteiras e nos embarcadouros dificulta o acesso à fazenda;
- Marque todos os seus animais para facilitar identificações em caso de roubo;
- Quando for contratar novos funcionários peça referências e cheque-as;
- Suspeite de pessoas que estejam rondando a fazenda, principalmente durante a noite, com veículos de grandes porta-malas (tipo Corcel I, Corcel II, Opala, Del Rey) ou pick-up leves (tipo Saveiro, Pampa, Strada);
- Informe imediatamente à polícia quando suspeitar de locais de abate clandestino de gado.

tes, a PM não recebia esse tipo de treinamento e isso dificultava o nosso trabalho ", explica o comandante da 10ª Companhia Independente, major Oliveiros Calixto de Souza Filho, idealizador do projeto. Ele mantém em sua unidade um cadastro dos fazendeiros da região e o símbolo que cada um utiliza na marcação do gado. Em caso de roubo, os militares têm como identificar os animais durante as buscas.

A inexistência de rotina nas rondas realizadas pelas estradas vicinais e rodovias do Pontal do Triângulo é outro diferencial da Patrulha Rural que acabou dando bons resultados. Não existe dia e hora para passar pelas fazendas, justamente para dificultar a ação dos bandidos. Quando chegam nos arredores das propriedades, os patrulheiros dão um sinal. É o momento de reunir os fazendeiros e verificar como andam as coisas. "No início, houve uma certa resistência da comunidade e até mesmo desconfiança. Foi um trabalho de paciência. Levamos nove meses para arrecadar o dinheiro necessário para a compra da primeira viatura. Depois que a criminalidade caiu, os criadores passaram a colaborar. Sempre que desconfiam de algo acionam a polícia", recorda o comandante. A iniciativa rendeu-lhe no ano passado a Medalha da Inconfidência Mineira, outorgada pelo governador de Minas Gerais Aécio Neves durante o Dia de Tiradentes, 21de abril, às pessoas que prestaram serviços relevantes ao estado.

Todas essas táticas de combate ao crime estão sendo repassadas às corporações de outros estados. Policiais de Goiás, São Paulo e do Distrito Federal já fizeram o treinamento em Ituiutaba e devem importar o projeto Patrulha Rural. Eles aprenderam a realizar perseguições e a forma correta de rastrear regiões como a zona rural. Como a propaganda é a alma do negócio, o major está distribuindo cópias do projeto para sindicatos rurais e associações de todo o Brasil, inclusive para Redenção e Sant'Ana do Livramento. No Pará, os criadores aguardam uma resposta do comando local. Já na cidade gaúcha, o presidente do sindicato garante que já tentaram implantar a patrulha rural, mas sem sucesso. Lá, a situação é mais delicada por ser uma região de fronteira e pelo fato dos produtores estarem descrentes de uma solução que seja fruto do envolvimento de toda a sociedade.

Enquanto isso, os mineiros incrementam cada vez mais a patrulha rural. O próximo passo será equipar os veículos responsáveis pelo transporte escolar de 1.500 estudantes da zona rural do Pontal do Triângulo com rádios de comunicação. O sistema seria utilizado não só para garantir a segurança da criançada, mas também para pedir socorro em caso de acidente. O projeto está orçado em R$ 14 mil e inclui estação repetidora e fixa, rádio móvel, custos com os serviços prestados pela Agência Nacional de Telecomunicação (Anatel) e com a instalação dos equipamentos.

Foto: L. Adolfo

O comandante da 10ª Companhia Independente, major Oliveiros Calixto de Souza Filho (à dir.) posa com sua frota

Violência e segurança preventiva no meio rural

João Luiz Cardoso e Joaquim Alves Ferreira *

Os atos de violência sempre foram mais notados nas cidades, junto à sociedade urbanizada. Por outro lado, o meio rural tem sido bastante associado à idéia de espaço no qual as atividades ocorrem de forma harmônica. Não raramente, ainda se ouve: "vou procurar um pedacinho de chão, fora da cidade, para viver em paz". Será que este ambiente ainda pode ser encontrado, de forma generalizada, no espaço rural? Na verdade, delitos como roubos, assaltos e seqüestros passaram também a ser mais notados recentemente em áreas rurais. Essas transgressões trazem prejuízos ao processo produtivo, comprometem os resultados econômicos das atividades e, conseqüentemente, podem contribuir para o incremento do êxodo rural.

Em um estudo feito no município de Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo, buscou-se identificar possíveis atos de violência no meio rural, bem como opiniões dos agropecuaristas sobre diretrizes julgadas interessantes, visando a assegurar a melhoria da segurança. Foram entrevistados 63 produtores do município. A maioria (62 % dos entrevistados) alegava a existência de um sentimento de completa insegurança no âmbito das unidades produtivas. No município, a cafeicultura constitui atividade de importância fundamental para a economia local. Em geral, os cafeicultores (98 %) eram levados a armazenar a produção fora do imóvel rural, em armazém particular ou em cooperativa, o que, evidentemente, acarretava custos adicionais. Devido aos fatos apontados, a maioria dos produtores (87 %) argumentava de forma favorável à análise de medidas para proporcionar segurança preventiva ao meio rural. Dentre as idéias, os agricultores mencionavam a importância de consultas a especialistas no assunto, o uso de patrulhas motorizadas, legalmente constituídas, com guardas treinados, em comunicação com os produtores rurais e com uma central de vigilância, atuando de modo preventivo, bem como enfatizavam a importância da existência de associações de produtores, por bairros, visando a contribuir e reivindicar medidas apropriadas junto aos órgãos competentes.

De modo similar, sobretudo em municípios situados em áreas próximas dos centros mais populosos, como nas regiões metropolitanas, também existem fortes evidências de violência rural, prejudicando o trabalho produtivo e criando transtornos sociais graves. Acrescente-se que, associado ao processo de desenvolvimento, o espaço rural também passa atualmente a exercer novas funções, como: residencial, industrial, de recreação e lazer. Assim, há pessoas que trabalham nas cidades, em atividades tipicamente urbanas, e residem na área rural, freqüentemente almejando bem-estar junto à natureza. Também há casos de indústrias instaladas no espaço rural.

Muitos citadinos também procuram o lazer nas "chácaras de final de semana" e, finalmente, deve-se considerar a expansão recente do turismo rural e do "pesque-pague". Como agravante, pelas próprias características do ambiente, os habitantes da área rural são até mais vulneráveis que os urbanos, por se encontrarem mais isolados e desprovidos de alguns recursos de proteção normalmente existentes nas cidades.

Portanto, justificam-se plenamente as ações para viabilizar a segurança preventiva no meio rural, aplicada de maneira integrada, para os diversos municípios. Para tal, torna-se muito importante valorizar a organização dos habitantes no espaço rural, por meio das associações, fortalecendo-se as instâncias representativas. Estas devem intensificar a participação junto aos órgãos competentes e relacionados às questões rurais, como os conselhos municipais e regionais de desenvolvimento rural, visando a discutir, reivindicar e contribuir para que sejam buscadas as medidas de proteção. Além das medidas já mencionadas e ressaltando-se a importância das políticas estruturais (educação, emprego, renda), acrescente-se que, evidentemente, os avanços das técnicas e instrumentos de telecomunicações, utilizando conhecimentos de geotecnologias, deverão ter crescente aplicação no campo, podendo contribuir de forma relevante para prevenir e minimizar os efeitos adversos da violência no meio rural. Também é válido o desenvolvimento simultâneo de campanhas educativas contra a violência, almejando estabelecer relações de convivência mais harmônica na comunidade.

(*)João Luiz Cardoso é professor da Faculdade de Engenharia Agrícola (FEAGRI), UNICAMP.
Joaquim Alves Ferreira é engenheiro-agrônomo da Casa da Agricultura de Espírito Santo do Pinhal, SP.

Curral para um homem só

Em maio de 1999, o Informativo ABCZ, que hoje evoluiu para a importante revista, publicou matéria sobre comportamento animal, de autoria da Dra. Temple Grandin, cuja tradução e condensação foi de nossa iniciativa.

Naquele ano, os currais adaptados ao temperamento e à índole dos bovinos eram muito raros, senão inexistentes, pelo menos em nosso país.

Durante 2001, tivemos notícia de uma instalação da linha Grandin existente próximo à Pirapora (MG). Para lá nos dirigimos e visitamos um dos primeiros currais de mangas e tronco em curva, seringa de espaço redutível, brete de aperto lateral e áreas de trabalho vedadas dos lados. Distribuímos um relatório sobre o assunto informando que o vaqueiro responsável fizera as melhores referências ao manejo nessa instalação.

Mais recentemente a Faz. Mundo Novo de Uberaba construiu 3 currais desse tipo, o último após comprovação dos anteriores. São currais relativamente grandes observando medidas recomendadas como mínimas qual seja o raio de 3,5 m para o tronco e a seringa e área de 2.2 m^2 para cada animal adulto.

Essas observações me animaram a reformar um pequeno curral tradicional existente na Faz. Aparecida, de minha propriedade, localizada em Mogi Mirim (SP). O espaço era exíguo e o rebanho pequeno, justificando planejar uma operação para um homem só, nas linha gerais de desenhos obtidos da Nova Zelândia.

Estudando melhor as recomendações da Dra. Grandin, descobrimos indicações sobre o corredor de fila única (tronco) para espaço reduzido com raio de 2,5m, receita que estendemos por nossa conta para a seringa. Assim conseguimos introduzir o desenho recomendado no meio do velho curral tradicional (ver planta).

O peão a pé, com bandeirola na ponta de vara, conduz um número de rezes para encher a manga de acesso, fechando a porteira de entrada. Volta para a plataforma elevada de serviço e com outra bandeirola introduz cerca de 10 cabeças na seringa, cerrando por corda a entrada desta, cuja porteira volta sempre à posição aberta, por ação de um contrapeso.

A seguir abre a entrada do tronco e, percorrendo a passarela à volta da seringa, puxa uma das porteiras giratórias enquanto a outra permanece na posição de funil. Devagar, com bandeirola, vai encaminhando os animais para o tronco, reduzindo aos poucos o espaço disponível na seringa. Uma vez cheio o corredor curvo de fila única para 9 cabeças adultas, fecha o portão corrediço de entrada.

Trabalha então os animais no tronco, brete, balança e apartador, todos de fácil acesso, dotados de diversos portões corrediços. Reinicia nova operação introduzindo na seringa as rezes remanescentes na manga. Finda a segunda leva, retorna ao 1º curralete, passando pelos portões de serviço estrategicamente localizados, para repetir a manobra de encher a manga de acesso.

Nossa experiência de vários meses de lida nesse curral anti-estresse mostrou que o desenho é funcional e que os princípios em que se baseia são totalmente válidos.

Evitando, ou pelo menos minimizando o estresse, não somente se está evitando perdas de peso, de fertilidade e de tempo, como ainda se está zelando pelo conforto animal, matéria que a cada dia merece mais e mais atenção e que poderá vir a condicionar alguns circuitos comerciais no futuro.

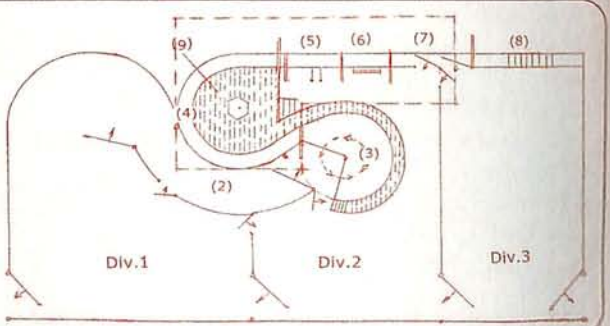
foto: divulgação

Fernando Penteado Cardoso é engenheiro-agrônomo e presidente da Fundação Agrisus

Curral Grandin para um homem só

Fazenda Aparecida - Mogi Mirim/ SP

1- Entrada do pasto;
2- Manga de acesso;
3- Seringa (r. 2,5m) com duas porteiras giratórias;
4- Tronco (r. 2,5m);
5- Brete de aperto;
6- Balança;
7- Apartador;
8-Rampa de carga;
9- Piso elevado
obs: as áreas 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 têm laterais vedadas (1)



Escala 1:200

3º Leilão

Embriões das Estrelas da Expogrande

04 Abril 2004

Domingo às 20:30 horas

Parque de Exposições Laucidio Coelho - Tattersall Elite

Campo Grande - MS

Carlos Novaes Guimarães

CONVIDADOS ESPECIAIS

Aluízio Lessa Coelho • Antonio Carlos Correa Lima • Antonio Paulo Abate • Braspelco • Carlos Fuzer
Carlos Muradás • Cesar Ciampolini - Telc • Claudio Fernando Garcia de Souza • Estância Soamim
Fazendas Terras de Kubera • Francisco José de Carvalho Neto • Hélio de Lima • Jamil Name
Janethe de Souza Moraes • Java Empresa Agricola e Pecuária • Jorge S. Picciani e Filhos
José Alberto A. Giorgi • José Carlos Bunlai • Luiz Adilson Bon • Luiz Aparecido de Andrade
Márcio de Rezende Andrade • Marco Iatauro • Marcos de Rezende Andrade
Orestes Prata Tibery Júnior • Pedro Novis • Raphael Coutinho • Ricardo Goulart Carvalho
Rubens Catenacci • Serafim Meneguel • Sérgio Casali Prandini • Sérgio Dias Campos
Ulisses Serra Neto • Virgílio Cesar de Castro • York da Silva Correa

PATROCÍNIO

TORTUGA
SEMPRE PRESENTE

APOIO

CENTRAL JOIA DA ÍNDIA
(67) 681.1082

VITROGEN

Nil HS Comunicação
(11) 3872.6042 / 5017.9977

DeDé
(14) 9771.2080

TRANSMISSÃO

CANAL DO BOI
(67) 321.9098

LEILOEIRA

PROGRAMA LEILÕES
(43) 3373.7077

Boi na pista

Mais de 40 milhões de bovinos são transportados todos os anos em caminhões e carretas pelas rodovias brasileiras para serem abatidos nos frigoríficos. Cair na estrada requer uma série de cuidados que, se ignorados, podem resultar em prejuízo financeiro para toda a cadeia produtiva da carne

Larissa Vieira

Abaixo: carretas desembarcam

Hora de colocar a boiada na carroceria do caminhão e transportar até o frigorífico. Muita gente não sabe, mas, dependendo do manejo adotado, o trajeto entre a fazenda e em margem do Rio Solimões pode significar prejuízo em vez de lucro. A batida do animal em alguma parte do veículo acaba provocando contusões na carcaça, como o aparecimento de coágulos sangüíneos. Quando isso acontece, a peça não é aprovada pelo controle de qualidade a indústria do frigorifico, principalmente aquelas voltadas para o mercado internacional, e fica inutilizada.

Uma pesquisa feita pelo professor Mateus Paranhos, pioneiro nos estudos sobre bem-estar animal, apontou que o treinamento dos profissionais envolvidos no transporte do gado e a adoção do manejo racional reduziu de 20% para 1,3% o índice de carcaças desclassificadas por contusão em uma empresa do setor. Se aplicarmos esses índices no abate geral do Brasil, em torno de 40,5 milhões de cabeças, dá para se ter uma idéia da redução do prejuízo. De 8 milhões de carcaças inutilizadas, as perdas cairiam para pouco mais de 500 mil. "Há necessidade de se avaliar a eficiência das instalações e equipamentos em uso, como currais na fazenda, embarcadouros, caminhões, currais no frigorífico", relata Paranhos em seu estudo "Ambiência e qualidade de carne".

Para reduzir os prejuízos durante o transporte, os grandes frigoríficos investiram na modernização da frota de caminhões e carretas. Como em geral os caminhoneiros são apenas prestadores de serviço, ou seja, donos dos próprios veículos, as indústrias financiam a compra dos automóveis feitos especialmente para levar o gado. As carrocerias são revestidas por dentro para impedir o contato do bovino com parafusos e arestas. Além de evitar contusões nas carcaças, isso impede a ocorrência de danos no couro.

Os motoristas que prestam serviço para as indústrias da carne e transportadoras recebem ainda treinamento especializado. "Eles aprendem como frear o veículo, fazer curvas e a velocidade ideal para evitar o estresse do animal. Alertamos para o risco da

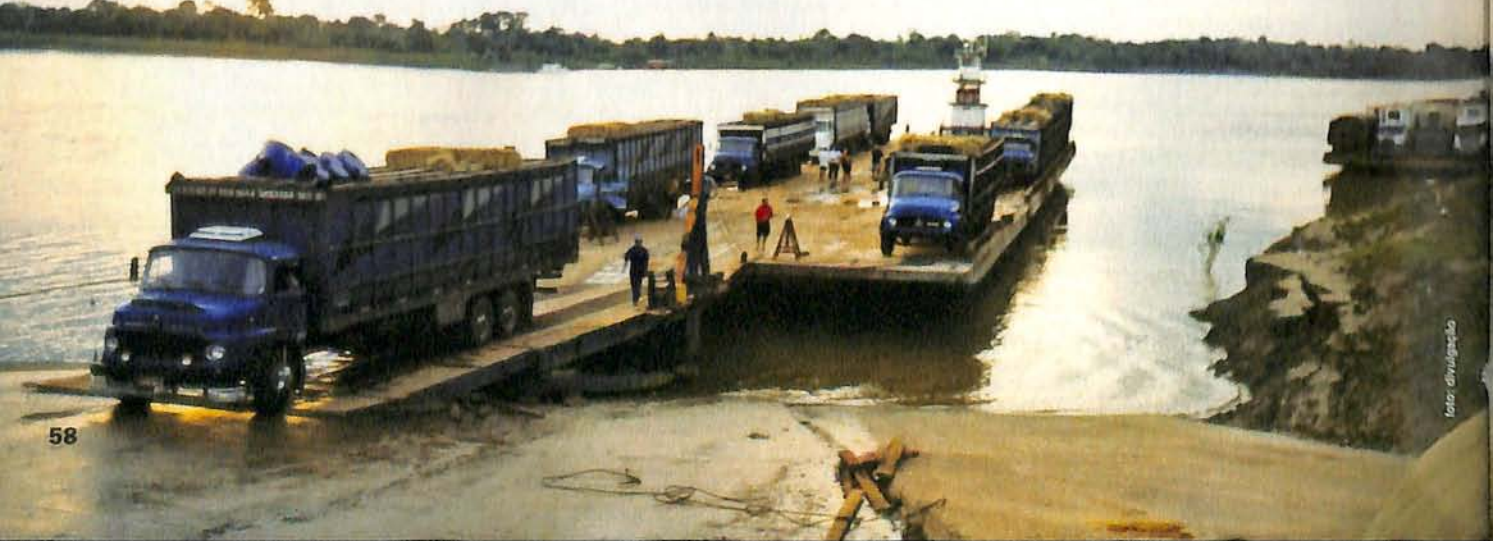


foto: divulgação

superlotação. O ideal é que eles transportem 18 bois na carroceria do caminhão e 27 na carreta. A implantação da reciclagem para os motoristas nos ajudou a reduzir as perdas", revela a médica veterinária do setor de Controle de Qualidade do Bertin, Cristiane Beveze. Segundo ela, as contusões mais comuns são no quarto dianteiro traseiro, de onde se tira por exemplo a picanha, peça de alto valor tanto no mercado internacional quanto no interno. A unidade da empresa, localizada em Lins (SP), abate por dia 1.100 animais.

Percalços da estrada

Todas essas exigências de mercado contribuíram para profissionalizar o setor de transportes. Quem trabalha com animais de alto valor genético ou destinados ao abate em grandes frigoríficos, prefere embarcar a carga em veículos mais modernos. O empresário mineiro Anailson Fidélis Costa conhece bem os novos rumos do segmento. Desde 1985, ele comanda a transportadora Sertanejo, uma das poucas empresas especializadas no transporte de gado de elite e fundada pelo pai em 1975. "Naquela época as gaiolas eram mais baixas do que as utilizadas agora. Tivemos que acompanhar a melhoria da genética. As carrocerias ficaram mais altas e largas porque os bovinos de hoje são maiores e mais pesados", explica Costa. Em geral, as gaiolas destinadas aos animais de elite têm pouco mais de 2 metros de altura. Para alguns tipos de bovinos é preciso revestir as laterais da gaiola com espuma. Se o destino for uma exposição o assoalho deve ser emborrachado e a cama de palha de arroz mais alta.

A Sertanejo trabalha com uma frota de 28 veículos e conta ainda com a prestação de serviço de caminhoneiro para pessoas de várias partes do Brasil que sempre procuram a empresa quando passam por Uberaba. É o caso do motorista mato-grossense Fernandes da Silva Mundim Filho. Ele saiu do norte do Mato Grosso rumo a Minas Gerais com o caminhão carregado de nelore. Para garantir a volta para casa, ele passou alguns dias na cidade até conseguir nova carga. "Faço isso toda vez que chego em um local porque não recebo a quilometragem da volta", conta o caminhoneiro que em todas as viagens leva a mulher e a filha pequena. Durante os anos de estrada, ele passou por diversos incidentes. "Certa vez fui contratado para levar uns animais a apenas 40 quilômetros de distância só que acabei quase 24 horas atolado na estrada. Não pude nem descer o gado porque era um local aberto e os bovinos poderiam fugir", lembra Fernandes.

Histórias como essa acontecem a todo momento fruto, na maioria das vezes, da má conservação das rodovias brasileiras. A Belém-Brasília, uma das mais utilizadas para o transporte de carga, lidera a

fotos: L. Adolfo

O caminhoneiro mato-grossense Fernandes da Silva Mundim Filho (à esq.), que em todas as viagens leva a mulher e a filha pequena

Abaixo: animal atravessa embarcador em direção à "gaiola"

"...para levar uns animais a apenas 40 quilômetros de distância acabei quase 24 horas atolado na estrada"

lista de reclamações e chegou a ganhar um apelido bastante sugestivo: Belém-Buraco. Outras vezes é a cobrança do pedágio em várias rodovias que dificulta o trabalho. Quem precisa trafegar pelos 300 quilômetros nas proximidades do Parque Indígena do Xingu, por exemplo, é obrigado a pagar R$ 30 à tribo. Para pagar as despesas e ainda garantir algum lucro, as transportadoras cobram em geral o valor do litro do diesel para cada quilômetro rodado. Existe uma pequena diferença de preço entre o transporte de gado de elite e o de corte. O frete cobrado até os frigoríficos costuma ser mais barato porque pode-se levar quantidade maior de bovinos na carroceria, além de não exigir tantas paradas. Mesmo assim, as indústrias do ramo estão abrindo filiais nas regiões de rebanhos maiores, porém afastadas de grandes centros, para diminuir os custos com frete.

Centro: o empresário mineiro Anailson Fidélis Costa

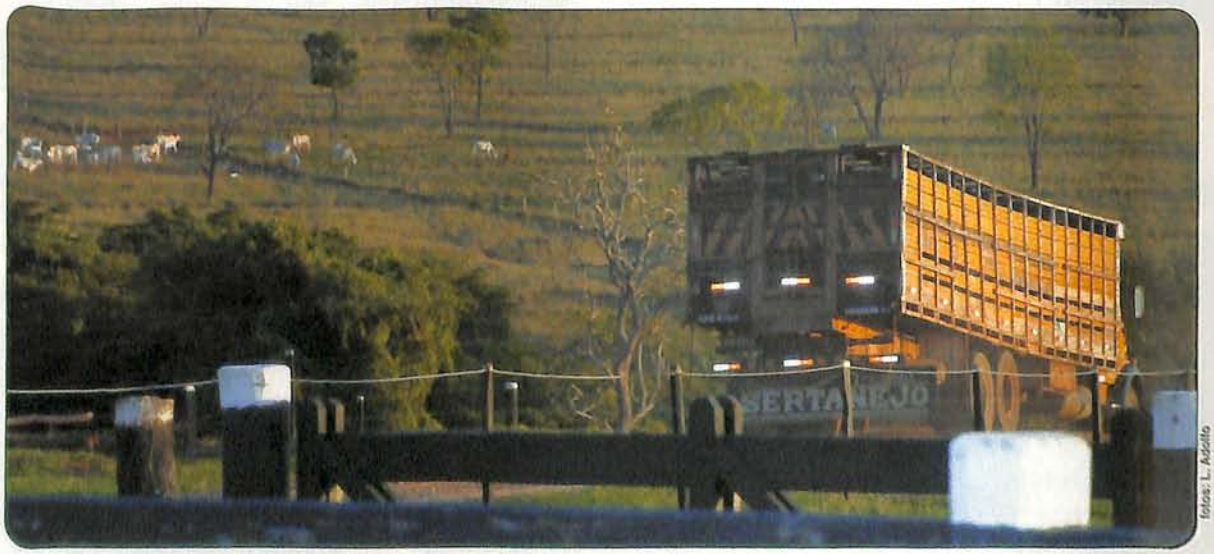
Os problemas no transporte vão além dos buracos no asfalto, as poças de lama ou encarecimento do serviço. O risco de assalto limita o trabalho dos caminhoneiros às horas de dia claro. A maioria prefere parar durante a noite. A Sertanejo equipou sua frota com rádio PX e mantém comunicação constante com os motoristas. Qualquer problema é repassado diretamente à sede da empresa ou para um colega de trabalho. Os veículos também são monitorados via satélite por meio do equipamento GPS (Sistema de Posicionamento Global), capaz de informar a localização exata da carreta. Em caso de assalto, o aparelho ajuda a polícia a detectar onde está o caminhão.

Outra precaução tomada no caso de animais de elite e de exposição é assegurar a carga. Há bovinos que valem mais de R$ 1 milhão. É o caso de muitas fêmeas arrematadas nos leilões de feiras pecuárias como a ExpoZebu e a Expoinel. Independente do destino do transporte, o motorista precisa levar documentos como a Guia de Trânsito Animal (GTA) – válida por sete dias –, e nota fiscal da carga. O exame negativo de tuberculose e brucelose são cobrados no caso de exposições.

O transporte de animais de elite, seja de uma fazenda para outra, seja para as exposições, exige outros cuidados. Em geral, um tratador viaja junto com o caminhoneiro para ajudar no manejo do gado. Qualquer emergência de menor gravidade eles fazem uso dos medicamentos da pequena farmácia que carregam. Socorrer o bovino em alguns casos significa ajudar a fêmea a parir. "Fui contratado para levar 160 vacas da raça gir para uma fazenda em Manaus. Percorremos três mil quilômetros por terra e outros mil por água. Ficamos três dias na estrada e mais cinco em cima da balsa atravessando os rios Madeira e Solimões até chegar ao destino. No meio do caminho, realizamos o parto de oito bezerros", lembra Costa. Quando o caso exige cuidados específicos, o tratador entra em contato com o veterinário mais próximo.

Hotel para bovinos

Para enfrentar as prolongadas horas de sacolejo na boléia do caminhão, os caminhoneiros abastecem o veículo com produtos alimentícios. Quando a fome aperta é o momento de dar uma parada. O fogão é ligado para cozinhar o tradicional arroz de carreteiro. Depois, é hora de tirar um cochilo, ali



fotos: L. Adolfo

Abaixo e na página seguinte: carregados, caminhões deixam propriedades

Foto: L. Adolfo

mesmo na boléia do caminhão. Isso para o caminhoneiro, porque o gado tem hotel garantido.

Na estrada que corta a cidade de Jucimeira, interior do Mato Grosso, a Pousada Santa Elvira é especializada em alojar bovinos. Dona Nilda Muniz Guedes, proprietária do estabelecimento, já se acostumou a receber a qualquer hora do dia ou da noite carretas cheias de bois vindas de várias regiões brasileiras. O local tem piquetes de pasto farto e água. Um funcionário da pousada retira a boiada de cima do caminhão e leva para as instalações. Geralmente, as paradas são curtas variando de uma a quatro horas. O preço é de R$ 5 por cabeça. "O descanso do gado é essencial para evitar o estresse", lembra a médica veterinária Cristiane. Os motoristas da Sertanejo costumam parar a cada 12 horas de viagem. Como nem todos os locais têm hotel especializado, eles levam feno.

A Pousada Santa Elvira não é a única da rodovia mato-grossense. Três quilômetros depois existe o Hotel do Chifrudo. "O movimento aumenta logo depois do término das feiras, principalmente a ExpoZebu", revela dona Nilda. O comércio é afetado também pela situação sanitária dos estados. Se surge um caso de aftosa, a quantidade de clientes cai. Os hotéis para bovinos são mais baratos nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste. Já no Sudeste, além do preço salgado, os caminhoneiros têm dificuldade de encontrar esse tipo de serviço.

Com destino ao exterior

Quando o transporte tem como destino os aeroportos internacionais de Guarulhos e Viracopos ou o porto de São Sebastião, todos situados no Estado de São Paulo, os cuidados são redobrados. A viagem precisa ser feita durante a noite para evitar que o animal sinta a diferença de fuso horário. Os caminhões carregam apenas cinco bovinos na gaiola e em áreas separadas. Na narina é colocado o equipamento para imobilizar, denominado formiga. O veículo tem de ser desinfetado para evitar o risco de transmissão de doenças.

Depois que a carga parte rumo ao exterior, no caso de transporte por navio, o motorista permanece ainda um dia no local. A medida tem caráter preventivo. Caso os animais retornem devido a algum problema durante o trajeto, o transporte para conduzi-los a outro local estará garantido. No ano passado, vinte e oito caminhões da Sertanejo levaram animais das raças gir, brahman e nelore até o porto de São Sebastião. Os bovinos foram vendidos para o Senegal.

Dia 09/03/04
às 14 horas
*Confirmado!!

LEILÃO
FAZENDA
COQUEIROS
Conquista/MG
*Venda pela maior oferta.

Praça:
17/02/04 às 14 horas
Venda pelo valor da avaliação
Avaliação:
R$ 6.272.500,00
Local do Leilão:
Justiça do Trabalho de Uberaba
Av. Maria Carmelita Castro
Cunha, 220 - Bairro Fabrício
Uberaba/MG

*Respeitando o critério de preço vil.

Informações e fotos
www.gregorioleiloes.com.br

PAULO DE GREGÓRIO
LEILOEIRO

34 3312.0653
Av. Leopoldino de Oliveira, 4.113
Sala 424 - 38010-000 - Uberaba/MG

arte

design

funcionalidade

tecnologia

espaço único

NATIVA

LEILÃO
VENTRES

JM Sabiá

09 de Março 2004 . 20 H
Hotel Unique . São Paulo SP

PROMOÇÃO:
ESTÂNCIA JM
FAZENDA DO SABIÁ

REALIZAÇÃO:
PROGRAMA LEILÕES
(43) 3373-7077

ASSESSORIA:
SAP Sucesso! Assessoria Pecuária
(18) 3624.5452

TRANSMISSÃO AO VIVO:
CANAL RURAL
Via TV a Cabo NET ou SKY

ETR de São Paulo faz rotação de atendimento ao produtor

Um crescimento de quase quatro mil registros de animais zebuínos no Estado de São Paulo dita o ritmo constante dos atendimentos técnicos às propriedades paulistas. Com um rebanho de 14,12 milhões de cabeças (leite e carne), onde predomina a pecuária de corte, o estado abriga um dos escritórios mais modernos da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ). O espaço foi totalmente reestruturado em 2002. Agora, é a vez da dinâmica de atendimento ser modificada para garantir ainda maior atenção ao associado. A rotatividade dos técnicos está sendo implantada para dar mais dinamicidade às visitas deles às fazendas.

E não é para menos, São Paulo tem conseguido grandes resultados com a bovinocultura. No estado, mais de 1.200 fiscais e inspetores da Defesa Agropecuária Estadual cuidam da sanidade animal e vegetal. O controle fitossanitário de toda a produção agropecuária é coordenado pela Defesa que realiza campanhas de vacinação contra a aftosa, raiva animal, brucelose e tuberculose bovina e controla as doenças e pragas na agricultura, como o cancro cítrico e morte súbita dos citros. São Paulo erradicou a febre aftosa a partir de muito trabalho e grande adesão dos pecuaristas às campanhas estaduais de vacinação. Incluído no circuito pecuário Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Paraná, Oeste de Minas Gerais e Mato Grosso) São Paulo recebeu, em maio de 2000, o status de livre da febre aftosa com vacinação, concedido pela Organização Internacional de Epizootias - OIE. O controle sanitário é um dos principais fatores, apontados pelo Governo Estadual, que explica o crescimento em 60% nas exportações de carne bovina, e que garante, também, o abastecimento de 5% do mercado mundial do produto, segundo dados da Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento. A produção de café é outro destaque em nível nacional. Contudo, São Paulo estabilizou-se economicamente como estado detentor de um dos maiores rebanhos brasileiros.

Localizado nesse complexo pólo comercial, o Escritório Técnico Regional (ETR) de São Paulo atende indústrias, agricultura, pecuária e conta hoje com onze técnicos, sendo quatro contratados recentemente por meio de concurso realizado pela ABCZ em julho de 2003. "Atualmente a meta da equipe do ETR São Paulo é viabilizar maior rapidez no atendimento aos clientes, verificando possíveis atrasos e sanando os problemas que venham a surgir no percurso entre a visita do técnico e o registro dos animais no escritório", explica Adriana Franco, recém chegada ao ETR, mas já com uma grande responsabilidade: gerenciar o escritório na ausência do Técnico Responsável, Evandro Ribeiro de Almeida, convalescente de grave acidente ocorrido no ano passado. "Estamos acompanhando a garra desses novos técnicos e o espírito de equipe daqueles que são veteranos para com esse novos companheiros. Isso demonstra que estamos no caminho certo ao ministrar os cursos de reciclagem e a filosofia de trabalho pautada na eficiência e no respeito mútuo", analisa o superintendente-adjunto de Genealogia da ABCZ, Carlos Humberto Lucas.

foto: divulgação

Ao lado: diretoria da ABCZ posa com o presidente da Faesp, Fábio Meirelles (3º esq. p/ dir.), no ETR/ SP

Leilão de Liquidação do Plantel de Nelore Mocho

NATIVA

OJC

Orpheu José da Costa

21 de Março de 2004 - Domingo 14h

Tattersal Leilopec - Uberaba MG

Assessoria

Quality genética
ASSESSORIA RURAL
(34) 3332.1300

Transmissão

CANAL RURAL
Via TV a Cabo NET ou SKY

Realização

LEILOPEC
(34) 3314-0102
(11) 5533-3288
www.leilopec.com.br

A ocupação do Cerrado

Percorrendo a região dos cerrados nos dias atuais parece que se trata de uma região que foi descoberta nos últimos 30 anos. De fato, devido ao uso intensivo do solo e dos recursos naturais, assim definidos pela sociedade brasileira, parece que essa região encontrava-se num estado de adormecimento e foi "acordada de seu torpor" em direção à modernidade agrícola e urbana. Vários depoimentos dão conta de uma imensa região de topografia plana e terras baratas que, repentinamente, atraiu migrantes do Sul e até de outros países. Estrangeiros, no sentido amplo, no sentido de estranhos ao meio, qual sejam: nordestinos, gaúchos, mineiros ou paulistas, mas também japoneses, norte-americanos e alemães, além de inúmeras empresas nacionais e multinacionais, bancos e missionários de diferentes matizes religiosas.

Conquistaram o Brasil Central e se apossaram das almas e das águas, das terras e dos seus frutos. Surgiram cidades novas de nomes estranhos, estradas cruzaram o planalto, as serras e os grandes rios em direção ao Norte e ao Oeste. Construíram grandes silos graneleiros. Pesadas e insistentes carretas Scania e caminhões Mercedes Benz, que escoam a produção, marcam o trajeto retilíneo das estradas e povoam postos de combustíveis. Cidades e povoados surgiram e cresceram ao redor desses postos. Ajudaram a difundir novos hábitos e a criar outros. Subiu a erva mate, o refrigerante, o picolé, a batata frita, o cigarro com filtro, o chocolate em tablete, o churrasco gaúcho, etc. Nos campos apareceram as grandes colheitadeiras e os tratores Massey Ferguson ou Massey, Valmet, Ford, New Holand, implementos Case, Tatu, etc. Fileiras de eucaliptos e a monocultura de soja, algodão, milheto, milho e outros grãos dominaram os vastos campos antes habitados por emas, tamanduás, tamanduás-bandeiras, lobos guarás e outras espécies de mamíferos, aves e insetos, assim como os peixes nos rios, todos em processo rápido de desaparecimento, de extinção denunciada nas famosas listas vermelhas de espécies ameaçadas.

Onde não foi possível ou interessante ao novo capital implantar lavouras chegou o gado zebu, em especial o nelore, e as pastagens de brachiária e o andropogon. Cederam seu lugar as veredas de buritis, as aroeiras, os angicos, os ipês amarelos, roxos e outras árvores. Drenos esvaziaram os campos úmidos, máquinas pesadas destruíram os covoais e a vocação agrícola fincou sua bandeira colonizadora no Brasil Central.

Não se trata de uma visão apocalíptica, mas as transformações foram significativas se considerarmos os relatos do sertão bravio e do Oeste vazio da literatura nacional dos anos 30 ou do fim do século XIX. Se considerarmos as histórias em que os chapadões foram erigidos em personagens, as cachoeiras colocadas como inacessíveis, vemos, no seu oposto, a imagem do atraso e da lentidão associada à necessidade urgente de revolver a terra, de derrubar a vegetação "pobre", rasteira, de arbustos tortuosos e "sem valor" econômico. Poesia e medo povoam as gentes do sertão, do Cerrado. Figuras longilíneas, trajando capas que se arrastam até os pés. O fogo, usado desde tempos imemoriais, é resgatado com toda força, surge para limpar pragas, para limpar a quiçaça, o mato fechado, o campo sujo. São termos que, por si só, indicam e denunciam toda uma filosofia agressiva e preconceituosa norteadora de uma nova conquista.

Nos anos 50, 60 e 70 do século XX, várias pesquisas começaram a mudar os conceitos sobre a região do Cerrado. Mapeado, estudado, levantamentos feitos, sabe-se hoje que esse domínio vegetal é o segundo em extensão no território brasileiro, ocupando cerca de 23% do espaço nacional. Possui uma imensa diversidade biológica, alimentou populações de indígenas durante milhares de anos e é uma espécie de caixa d'água do Brasil, pois importantes rios têm aí suas nascentes. Água não falta e a vegetação nativa da região tem a capacidade de buscá-la a uma profundidade de mais de 15 metros. A heterogeneidade marca sua fisionomia e constituição. É justamente essa a característica mais ameaçada nos dias atuais. Queimadas descontroladas, de grandes proporções, monocultura, aplicações intensivas de agrotóxicos e desmatamento estão comprometendo sua rica biodiversidade. É preciso vencer a fome e garantir o saldo positivo da balança comercial, mas, se prevalecer a visão predatória típica dos tempos coloniais, o prejuízo será maior do que o lucro.

foto: divulgação

Renato Muniz Barreto de Carvalho é geógrafo, professor universitário e coordenador do curso de Educação Ambiental da Fazu, em Uberaba

OLHO NO FUTURO...

1º LEILÃO

Matrize$ Goiana$

01 MARÇO 2004 • 2ª FEIRA • 20H

Parque de Exposições de Goiânia-GO

Nelcy Palhares Ribeiro & Filhos • Marcos Antônio Astolphi Gracia

Alcyr Mendonça Júnior • Alexandre Spirandelli • Amâncio Gomes Correia
Antônio Felipe de Mendonça (Tonico Mendonça) • Araguarina Agropastoril • Bruno Abreu Leão
Carmerindo Rodrigues Rabelo • Constantino Cunha Guimarães • Constantino de Oliveira Guimarães (Tininho)
Dionisio Modesto Andrade • Eduardo Camiz de Fonseca Júnior • Elidio Marchesi Filho • Euripedes Barsanulfo da Fonseca
Fausto Rodrigues da Cunha • Fernando Kuhne Andrade • Fernando Netto Safatle • Idevaldo Rodrigues Silva
Jardel Sebba • Joel Cruvinel Lima Júnior • José Albertoni e Outro • José Américo de Sousa
Júlio Cesar Pinto Uchôa • Julio Roberto de Macedo Bernardes • Juraci Martins de Oliveira
Luis Humberto Consoni Guimarães • Marco Aurélio de Oliveira Fernandes • Mário Ribeiro de Castro
Moacir Alves de Carvalho • Otoni Ernando Verdi • Otoniel Machado Carneiro
Ovídio Antônio de Ângelis • Paulo de Tarcio Teixeira Rabelo • Ricardo Yano • Ruitter Eurípedes Azzi
Sebastião Alves Cruvinel • Silvio Marques Júnior • Wagner Camargo e José Maria Chaves • Walter Geraigire

TRANSMISSÃO

CANAL DO BOI

321.9098

REALIZAÇÃO

MARCELINHO LEILÕES

(16) 3826.1100

Prosperidade e beleza no **Cerrado brasileiro**

Contrariando olhares que antes viam poucas perspectivas de produção, o Cerrado mostra seu potencial para proporcionar lucros. Entre seus encantos está a biodiversidade que atrai os pesquisadores, levando-os a descobrir riquezas ainda inexploradas

Renata Thomazini

Responsável por 58% da produção nacional de soja, na safra 2002/2003, com níveis de produtividade em estados como Mato Grosso (3.100 kg/ha) e Goiás (2.900 kg/ha) superiores aos da média nacional (2.765 kg/ha), o Cerrado brasileiro destaca-se como uma região altamente produtiva. Essa realidade destoa das perspectivas naturais se olharmos do ponto de vista mundial. A

fotos: divulgação

Ao lado (esq. p/ dir.): girassóis, siriemas e flor-do-cerrado; pág. anterior, vista geral de área do Cerrado

maioria dos povos estabeleceu a agricultura em locais onde a fertilidade natural dos solos permitia a capitalização inicial dos agricultores. Por aqui, no ambiente do Cerrado, a agricultura instalou-se em áreas de solos ácidos de baixíssima fertilidade. O que teria feito da região ser essa "terra prometida"? Além de políticas públicas de desenvolvimento regional, um dos principais fatores responsáveis por essa performance invejável da região foi a geração de tecnologias, que permitiu a incorporação desses solos pobres em nutrientes ao processo agrícola.

Existem 50 milhões de hectares de pastagens cultivadas, 30 milhões de hectares de pastagens nativas, 12 milhões de hectares de culturas anuais e dois milhões de hectares de culturas perenes e florestais nessa área. o Cerrado brasileiro é rico em exemplos como o da soja. Outras culturas contribuem para a produção nacional com números significativos. É o caso do algodão, que se destaca com 76% da produção do país; do milho, com 27%; do arroz com 18% e do feijão, que é responsável por 17%.

Culturas como a do girassol, da cevada, do trigo, da seringueira e dos hortifrutigranjeiros também ganharam lugar especial nesse cenário. É no ambiente do Cerrado que estão também 41% dos animais bovinos do rabanho brasileiro, estimado em quase 180 milhões de cabeças. A pecuária da região é responsável por 55% da produção nacional de carne.

Recentemente, a Embrapa-Cerrados anunciou um recorde na produção de trigo, acima de 7,0 t/ha, obtido com o cultivar BRS 207. Os produtores conseguiram uma boa remuneração, com valores superiores a mil reais de lucro líquido por hectare com o trigo irrigado do cerrado (a cotação da saca estava em torno de R$ 30). "O trigo é uma das culturas irrigadas no cerrado que mais remuneram e, dentro do sistema de produção, é uma alternativa para rotação com o feijão e hortaliças, a fim de quebrar o ciclo de pragas e doenças", esclarece o pesquisador Júlio César Albrecht.

Racionalidade, manejo correto, alto desempenho, lucratividade. Palavras que estão cada vez mais evidentes no agronegócio brasileiro. Pesquisas importantes sobre manejo e conscientização ambiental têm contribuído para que o homem do campo

A área nuclear do Domínio do Cerrado é estimada em aproximadamente 1,5 milhão de km². Se adicionarmos as áreas periféricas, que se acham encravadas em outros domínios vizinhos e nas faixas de transição, a área pode chegar a 1,8 ou 2,0 milhões de km². Esse Domínio representa grande parte dos estados do país, concentrando-se naqueles da região do Planalto Central, sua área nuclear.

Para exemplificar, dentro desse espaço caberiam Alemanha Oriental, Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Portugal, França, Grã-Bretanha, Holanda e Suíça, cujas áreas somadas perfazem 1.9 milhão km². Nessa região caberiam todos esses países, com uma pequena sobra de espaço.

O Cerrado ocorre desde o Amapá e Roraima, em latitudes ao norte do Equador, até o Paraná, já abaixo do trópico de Capricórnio. No sentido das longitudes, ele aparece desde Pernambuco, Alagoas, Sergipe, até o Pará e o Amazonas, neste último dentro da floresta amazônica.

Animais como a jibóia, a cascavel, várias espécies de jararaca, o lagarto teiú, a ema, a seriema, a curicaca, o urubu comum, o urubu caçador, o urubu-rei, araras, tucanos, papagaios, gaviões, o tatu-peba, o tatu-galinha, o tatu-canastra, o tatu-de-rabo-mole, o tamanduá-bandeira e o tamanduá-mirim, o veado campeiro, o cateto, a anta, o cachorro-do-mato, o cachorro-vinagre, o lobo-guará, a jaritataca, o gato mourisco, e muito raramente a onça-parda e a onça-pintada, são algumas das espécies encontradas nessa região.

descubra que pode trabalhar em sintonia com a natureza. E ainda mais: aumentando seus ganhos. A exploração dos recursos ambientais é vista cada vez mais com maior seriedade, resultando em melhor aproveitamento do potencial das regiões e na preservação do ecossistema.

Domínio do Cerrado

Nesse contexto, uma das regiões que ao longo dos anos têm demonstrado grande viabilidade econômica é justamente o espaço geográfico chamado "Domínio do Cerrado". É fácil identificar esse tipo de ambiente. Quem já teve a oportunidade de viajar pelos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso certamente observou campos extensos onde pequenas árvores retorcidas e dispersas repousam sobre gramíneas. É essa a imagem típica do Cerrado. Durante os meses quentes de verão, quando as chuvas se concentram e os dias são mais longos, tudo ali é muito verde. É no inverno que a diferença começa a ser notada. O capim fica lentamente amarelo e seco. As árvores e arbustos, por sua vez, trocam a folhagem por outra totalmente nova. Mas essa metamorfose é gradual. Ao contrário das Caatingas nordestinas, onde a vegetação se mostra "ressecada", no Cerrado enquanto algumas plantas ainda mantêm suas folhas verdes, outras já as apresentam amarelas. Ainda existem aquelas que se despem totalmente delas. Chamada de semicaducifólia, essa perda gradativa de folhagem é uma marca do Cerrado que mesmo no auge da seca apresenta espécies verdes no seu estrato arbóreo-arbustivo. Mas as espécies lenhosas são caducifólias – perdem as folhas totalmente.

É esse cenário tão diversificado o palco de estudos sobre produtividade e manejo, desenvolvidos por universidades e empresas interessadas em encontrar meios de aumentar a produção agropecuária ali focalizada, sem precisar ampliar a área explorada. Empenhados em garantir um aproveitamento mais racional do chamado Bioma do Cerrado – que constitui vegetação e clima, sem considerar vida aquática – e em minimizar a interferência do homem junto ao meio-ambiente, pesquisadores da Embrapa já vêem efeitos positivos nos resultados de seus projetos em prol da interação entre produtividade agropecuária e preservação ambiental. Essa eterna batalha pelo equilíbrio, que muitas vezes colocou em xeque a opinião pública, parece estar caminhando pela trilha certa. Como a área do Cerrado representa cerca de 25% do território nacional e é dentro desse espaço que estão os estados onde há grande concentração de atividades agrícolas, acelerar essas pesquisas voltadas ao melhor aproveitamento das áreas agricultáveis é fundamental.

Produção no Cerrado

Pássaros exóticos voam pelo céu. Em meio aos tucanos, caracarás, anus, uma ave se destaca pela engenhosidade. Um pássaro conhecido popularmente como "João graveteiro". A astúcia do bicho intriga os pesquisadores. O engenheiro do Cer-

foto: divulgação

Ninhos do pássaro João-graveteiro (à dir.) localizados em árvores chapadinha

rado constrói seu ninho utilizando gravetos e, para enganar os predadores, cria entradas falsas. Um mini-labirinto que abriga os preciosos filhotes. Nesse lugar, onde o cheiro do mato confunde-se com o odor inebriante das flores e frutos típicos da região, capivaras e seriemas contrastam com o colorido dos covoais, inundados com ninhos de aves. É a primavera no Cerrado.

O ambiente parece tomado pelo ciclo da vida. O local é o palco onde brotam nascentes de rios importantes como a do São Francisco. E em meio a essa biodiversidade que fascina estudiosos e inspira-os a descobrir os mistérios ainda não desvendados pela zoobotânica, está a ocupação do território pelo homem do campo. A partir do século 19, as áreas agricultáveis passaram a ser maiores dentro desse sistema. A ocupação foi grande e pouco orientada tecnicamente. Por isso, o impacto ambiental foi inevitável. As terras eram vendidas a preços baixos, propiciando o surgimento de novas propriedades rurais. Mesmo sabendo da baixa fertilidade do solo, agricultores desbravaram os sertões e se estabeleceram ali, dando início a um ciclo de produtividade que fez do Brasil uma grande potência no agronegócio.

Hoje, a prosperidade dessa região está em evidência. Para isso, muito trabalho e suor foram empregados por agricultores e pecuaristas, provando o valor da persistência. Com a utilização de novas técnicas de manejo, as terras de cerrado passaram a produzir cada vez mais. Prova disso é o destaque do Brasil como grande produtor de soja, milho, café, entre outros produtos. A pecuária também desponta como grande colaboradora para o superávit da balança comercial do país. Basta lembrar que a mais recente conquista do agronegócio brasileiro é a ocupação do primeiro lugar no ranking dos países exportadores de carne bovina *in natura*.

O manejo correto do solo do Cerrado mostra-se como o diferencial para garantir a lucratividade. Isso porque ele é bastante ácido quanto às suas características químicas, com pH variando de 4 a pouco mais de 5. Sem dúvida, um obstáculo para a agricultura. A forte acidez é devida, em boa parte, aos altos níveis de Al3+, item químico que os torna aluminotóxicos para a maioria das plantas agrícolas. Os níveis elevados de íons de ferro e de mangnésio também contribuem para a sua toxidez. De acordo com o pesquisador da Embrapa Cerrados, Lourival Vilella, a baixa capacidade de troca catiônica, baixa soma de bases e alta saturação por Al3+, caracterizam estes solos profundamente distróficos e, por isto, impróprios para a agricultura. É por isso que a correção do pH pela calagem (aplicação de calcário, de preferência o calcário dolomítico, que é um carbonato de cálcio e magnésio) e adubação, tanto com macro quanto com micronutrientes, são peças importantes que podem torná-los férteis e produtivos. Além da soja, existem outros produtos que se destacam em solos de Cerrado. É o caso dos grãos como milho, sorgo, feijão, e plantas frutíferas como manga, abacate, abacaxi, laranja, etc.. É justamente a tecnologia que tem contribuído para a evolução agrícola.

Foto divulgação

Ao lado: viveiro de mudas de plantas do Cerrado

Ao lado: plantação em harmonia com o ecossistema

foto: divulgação

O objetivo é proporcionar cada vez mais produtividade em menos espaço e buscar a sintonia com o ambiente natural dos Cerrados.

O projeto Conservação e Manejo da Biodiversidade do Bioma Cerrado é exemplo do incentivo à utilização correta dos recursos naturais. A iniciativa teve no final de 2003 a divulgação da segunda chamada de um edital que concede financiamento a planos de uso sustentável com geração de renda a comunidades no nordeste de Goiás. Nessa chamada foram destinados R$ 45 mil em incentivos. Uma nova fase de inscrições terminou em janeiro deste ano. De acordo com a assessoria de imprensa da Embrapa Cerrados, as comunidades que participaram devem estar localizadas em uma das 34 cidades da região do Paranã-Pireneus, conforme o edital. O plano deve prever a utilização de recursos naturais do Cerrado, especialmente fauna e flora, e a promoção do desenvolvimento social e econômico da comunidade.

O projeto, que conta com o financiamento do Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID) do governo britânico, promove basicamente meios de vida sustentáveis no Cerrado e é uma parceria entre a Embrapa Cerrados, Universidade de Brasília, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e a Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec).

As pesquisas desenvolvidas pela Embrapa em prol da aliança entre a preservação dos recursos naturais e o desenvolvimento sustentável das comunidades do Cerrado brasileiro obtiveram excelentes resultados e contribuíram para transformá-lo no maior produtor de grãos do país. Com a seleção de forrageiras adaptadas às condições da região e desenvolvimento de técnicas de manejo do gado, o Cerrado já abriga mais de 40% do rebanho nacional. E vai mais longe. A região é hoje alternativa para a produção de alimentos, tanto para consumo interno, quanto para exportação dos excedentes. Dados da Embrapa dão conta de que somente a agrossivilcultura pode produzir cerca de 350 milhões de toneladas de alimentos na área, com a utilização dos estoques de tecnologias disponíveis atualmente.

A pesquisadora Leide Rovênia Miranda de Andrade realizou estudos sobre a adaptação de plantas como o girassol e a leucena, uma leguminosa arbustiva, às condições de solo e clima do Cerrado. Os estudos têm revelado que as características de adaptação, tolerância à seca e elevado conteúdo de óleo comestível tornam esse tipo de planta uma nova opção para compor os sistemas de produção na região. A leucena, por exemplo, tem alto potencial forrageiro devido à sua rusticidade, palatabilidade e boa produtividade de massa verde e sementes. No entanto, as duas espécies são sensíveis ao alumínio contido nesse tipo de solo. Para garantir o desenvolvimento dessas plantas, a correção do solo foi necessária, e o resultado excedeu às expectativas da pesquisadora, mostrando o alto desempenho dessas plantas com a devida correção

GLOBAL SBS

REPRODUTOR DA RAÇA NELORE COM O MAIOR PERÍMETRO TORÁXICO DO BRASIL: 260cm

RGD SBSL 031

"LINHAGEM ABERTA PARA SER UTILIZADO EM VACAS - 1646 MN - LUDY - GIM DE GARÇA BITELLO SS - INCA POI".

JÁ FORAM COMERCIALIZADOS MAIS DE 4.000 DOSES DE SÊMENS.

CONTROLE DO DESENVOLVIMENTO PONDERAL

IP (dias)	PC (kg)	GPD (kg)	CL
205	256	1,053	E
365	452	1,128	E
550	669	1,143	E

MEDIDAS ATUAIS DO GLOBAL SBS AOS 48 MESES DE IDADE

Peso (kg)	A.Post.	A. Ant.	L. Garupa	C. Garupa
1.120	175cm	170cm	70cm	70cm

C. Corporal	P. Toráxico	P. Escrotal
187cm	260cm	40cm

VENDAS DE SÊMEM:

HORÁRIO COMERCIAL CONTATO
Fone: (62) 202-2020 - Flávia
Fax: (62) 202-2112 - Flávia
Fone/Fax: (62) 249-0993 - Sidônio

Patrocínio

BANCO DO BRASIL

Fotos: Manuel Gomes

UM TOURO JOVEM COM APURADO POTENCIAL GENÉTICO, TRANSMITINDO O MELHOR DA RAÇA

nelore
A Força de uma Raça

CRIADORES E PROPRIETÁRIOS

Sidônio Bonifácio de Souza
Carlos Cézar Emery de Souza

do solo.

Como já foi exemplificado, outra atividade que ganhou grande impulso na região foi a pecuária. A expansão do setor começou a mostrar potencial com o cultivo de gramíneas africanas introduzidas no país que, nos Cerrados, conseguiram alta produção e palatabilidade, como a braquiária, por exemplo.

O pesquisador Lourival Vilella explica que a integração lavoura-pecuária possibilita a recuperação das pastagens e, ao mesmo tempo, melhora a qualidade do solo. O fato pode expandir a produção de grãos. "Podemos dobrar a produção do rebanho e da agricultura no Cerrado sem que seja necessário abrir novas áreas para cultivo," diz. Lourival cita o exemplo de uma fazenda mineira na qual o proprietário utilizava 1.000 hectares apenas para pasto e hoje, com as técnicas de manejo adequadas, coloca o mesmo rebanho em 400 hectares e ainda planta grãos nos outros 600 hectares. "Eles costumam dizer que dobraram o potencial da fazenda sem comprar mais terras," lembra.

O pesquisador analisa a importância da atividade agropecuária para o país: "se olharmos pelo lado do desenvolvimento econômico e social, os setores da agricultura e da pecuária são importantíssimos para o Brasil. Isso sem se falar que a produção de alimentos é indispensável para uma nação que quer ser auto-sustentável".

Em relação às pastagens nativas do Cerrado, Lourival explica que quando são sobrepastejadas deixam o solo muito exposto e esse acaba sendo facilmente atingido pela erosão. Além dessa característica, devido a sua textura e estrutura, o solo é, também, freqüentemente sujeito à formação de enormes voçorocas.

A vegetação do Bioma do Cerrado não possui uma fisionomia única em toda a sua extensão. É bastante diversificada, apresentando desde formas campestres bem abertas, como os campos limpos de cerrado, até formas mais densas, florestais, como os cerradões. Podem ser encontradas também formas intermediárias, com fisionomia de savana, às vezes de carrasco, como os campos sujos, os campos cerrados e os Cerrados *stricto sensu* (s.s.).

Brotando das cinzas

O clima no qual o Bioma do Cerrado predomina é basicamente o tropical sazonal, com inverno seco. Nessa região, que consiste de área do território brasileiro com mais de 2 milhões de km² e abrange o Planalto Central, cobrindo a maior parte dos estados de Tocantins, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Bahia, Maranhão e Piauí, e partes menores dos estados de São Paulo, Pará, Roraima, Amapá e Rondônia, a vegetação predominante é a do Cerrado *lato sensu*, mas ocorrem inclusões de florestas e outros tipos de vegetação. As formas do Cerrado *lato sensu* em

Preservação ambiental

Poucas são as nossas unidades de conservação, com áreas bem significativas, onde o Cerrado é o bioma dominante. Entre elas podemos mencionar o Parque Nacional das Emas (131.832 ha), o Parque Nacional Grande Sertão Veredas (84.000 ha), o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (33.000 ha), o Parque Nacional da Serra da Canastra (71.525 ha), o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (60.000 ha) e o Parque Nacional de Brasília (28.000 ha). Embora essas áreas possam, à primeira vista, parecer enormes, para a conservação de carnívoros de maior porte, como a onça-pintada e a onça-parda, por exemplo, o ideal seria que elas fossem mais extensas.

foto: divulgação

REPRODUÇÃO

Plenum*

Sementes agrocria

ARAME Z-700 BELGO

Aqui utilizamos:

Foscálcio ISO 9002 Serrana NUTRIÇÃO ANIMAL

agrocria

Nutrição Animal

Sal mineral
Sementes para pastagens
Herbicidas para pastagens
Arames para cercas

agrocria@agrocria.com.br

MATRIZ-GO/TELEV. (62) 235-4000 (62) 235-4040

ARAGUAÍNA-TO (63) 414-4600 (63) 414-4880

REDENÇÃO-PA (94) 424-0658 (94) 424-0837

BARRA DO GARÇAS-MT (66) 401-4066

Ao lado: variedade de trigo que foi lançada pela Embrapa Cerrados e que bateu o recorde nacional de produtividade

foto: divulgação

particular se apresentam com diversas características fisionômicas e estruturais gradativas entre as condições ecológicas mais próximas de um campo ou savana tropical úmida e de uma floresta tropical sazonal úmida. Em muitos casos a vegetação se mistura, dificultando a identificação.

Com uma temperatura média anual que vai de 18°C a 25°C, e chuvas que variam entre 1.400mm a 1.700mm de precipitação, dois períodos climáticos acabam bem definidos na região, a estação de chuvas (de outubro a abril), quando ocorre mais de 90% da precipitação, e a estação da seca (de maio a setembro), com ausência quase total das chuvas e baixa umidade relativa. A ocorrência de incêndios nessa época é comum. Além da facilidade natural da queima da vegetação, devido ao ressecamento, algumas propriedades rurais adotam a queimada como forma de acelerar a brota do capim nas pastagens ou de preparar o solo para a agricultura. Essa prática pode ser arriscada, além de agredir o ambiente natural. Animais e plantas nativas acabam perecendo nesse tipo de procedimento. Mas, em meio à essa lógica, um fato é discrepante: a queimada acelera a remineralização da biomassa e a transferência dos nutrientes minerais para a superfície do solo, na forma de cinza. Contudo, grande parte desses nutrientes é perdida para a atmosfera como fumaça. Cerca de 95% do N presente na fitomassa combustível volatilizam-se, retornando à atmosfera como gás. A metade dos outros nutrientes, como fósforo, potássio, cálcio, magnésio e enxôfre entra em suspensão no ar sob a forma de micropartículas de cinza, constituindo a parte visível da fumaça. Outro fato interessante que remete o produtor a pensar melhor sobre a utilização dessa "ferramenta mais barata" é que no processo de recuperação de pastagens, sem o uso de culturas anuais, deve-se incluir uma leguminosa forrageira. De acordo com pesquisadores, a leguminosa incrementa a produção de forragem nas chuvas, pela maior oferta de nitrogênio, e elimina a perda de peso dos animais na seca; a permanência dessa planta no pasto depende da exclusão da queima, uma vez que um dos efeitos do fogo é a destruição das leguminosas.

A névoa seca que escurece os céus do Brasil Central na época das queimadas (julho, agosto) é uma demonstração visível da enorme perda de nutrientes. Mesmo que de forma mais demorada, esses nutrientes em suspensão na atmosfera acabam por retornar ao solo pela ação da gravidade ou por meio das gotas de chuva. Alguns estudiosos defendem que a queimada não seja utilizada, porque há grande prejuízo ambiental. Outros, dizem que esse prejuízo não seria grave ao ecossistema se fosse respeitado um intervalo de três anos entre a realização das queimadas.

À esq.: milharal dividido em solo com e sem adubação; na seqüência campo de soja

foto: divulgação

foto: L. Adolfo

Conjecturas à parte, uma conclusão fica clara: é imprescindível que o produtor não tome decisões precipitadas sobre os benefícios ou malefícios da utilização da queimada. É preciso que ele tenha orientação técnica sobre o assunto.

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) faz o monitoramento por satélite dos focos de queimada no Brasil. Um trabalho que ajuda pesquisadores em seus estudos sobre a influência dessas ações no meio ambiente. "Esses dados são utilizados por pessoas interessadas em estudar a intensidade dos incêndios em determinadas épocas do ano. Disponibilizamos as informações em nosso site (www.inmet.gov.br)", explica o meteorologista do Inmet, Mamedes Luís Melo. Apesar de não ser atribuição do Inmet fazer estudos sobre as conseqüências das queimadas no meio ambiente, Mamedes esclarece que o monitoramento das regiões brasileiras feito pelo instituto é peça fundamental para a conclusão de várias pesquisas sobre o efeito das queimadas no solo e na atmosfera.

Ecologicamente correta

As características físicas do Cerrado, apesar da baixa fertilidade original, são excelentes para a prática agrícola. Isso por causa do relevo plano e suavemente ondulado, que facilita a utilização de maquinaria. Vista como a região cuja reserva de terra é considerada a última do mundo capaz de suportar imediatamente a produção de cereais e de grãos e a formação de pastagens, a área dos Cerrados, que era tradicionalmente voltada para a pecuária extensiva, modificou seu quadro natural com a introdução da agricultura mecanizada. A pecuária também ganhou investimentos para a de pastagens com espécies selecionadas, as quais são antecipadas pela cultura de arroz de sequeiro. A qualidade e a otimização do trabalho no campo têm crescido no Brasil, viabilizando a prosperidade da região do Cerrado e preservando as riquezas nativas. O pesquisador Lourival Villela alerta que, apesar dessas perspectivas, a degradação está em toque acelerado na região. "Por isso é importante a orientação ao produtor rural", enfatiza. O pesquisador defende a orientação técnica porque ela tem ajudado a aumentar a lucratividade de vários produtores, diminuindo o impacto ambiental do manejo de culturas e de animais nas propriedades. "A atividade agropecuária gera muitos empregos no país. Cerca de 27% dos cidadãos estão desenvolvendo alguma atividade agrícola no Brasil. Esse segmento é importante porque é responsável também pelo abastecimento alimentar mundial. O que precisamos fazer é encontrar meios de garantir seu desenvolvimento minimizando ao máximo o impacto ambiental, buscando uma convivência harmônica e respeitando o ecossistema", explica Villela.

Ao lado: Buritis, que são árvores típicas da paisagem do Cerrado

O **jurado** como **agente de mudanças**

"A principal causa de nossa [...] relutância a admitir que uma espécie originou espécies claras e distintas é que sempre somos lentos para admitir grandes mudanças das quais não vemos as etapas."

Charles Darwin
A origem das espécies (1859)

Podemos utilizar vários conceitos para definir as habilidades desejadas em um jurado, desde aqueles que vão do aspecto mais genérico que pressupõe ser o jurado uma pessoa hábil o suficiente para indicar qual elemento em um grupo em concorrência é o melhor, com a capacidade subjacente de ordenar todos outros seus componentes do melhor para o pior; até a capacidade como indivíduo em assimilar situações presentes e, a partir delas, perceber tendências que permitam projetar, formar, prever e analisar situações futuras e conseqüentes.

De outra maneira, podemos conceituar que o jurado é um elemento capaz de perceber mudanças sutis em um dado processo e reencaminhá-las sob a forma de orientação para o melhor aproveitamento e aplicação dos fatores ali reunidos.

É importante que se desenvolva todas essas habilidades porque, afinal de contas, a imagem do jurado e o seu poder como agente de mudanças no processo produtivo da pecuária ainda é – com uma vantagem disparada sobre outras formas de extensão de conhecimento e técnicas – a mais efetiva no nosso país. São centenas de exposições que acontecem em centenas de cidades, todos os anos, nas quais centenas de produtores submetem todo o seu trabalho à avaliação pública; e outros milhares deles buscam referenciais para dinamizar e atualizar seus próprios sistemas de produção. E eles fazem isso de uma forma espontânea, acreditando que nas exposições ocorre o momento adequado de cotejar seus esforços com os de outros criadores. Provavelmente em nenhum outro tipo de evento pecuário, criadores estão tão próximos e abertos a discussões e transformações. É um cenário muito fértil e receptivo, onde o jurado se torna um emissor de mensagens, propostas e modelos de produção, que serão perseguidas durante muito tempo.

Esse estado geral de coisas elevam naturalmente o jurado à condição de "expert", imputando-lhe uma responsabilidade sem precedentes na atividade.

Por essas razões, o jurado deve assumir uma condição de aprendizado constante, revisando sempre seus critérios, atualizando-os de acordo com novas aquisições da ciência e de suas adequações ao ambiente produtivo e econômico em voga e, mais ainda, com os prováveis ambientes que vão se delineando ao longo do tempo. Mais do que o veredicto absoluto no momento em que se está julgando, o jurado deve ter em mente que essa não é uma ação que termina em si mesma e, por isso mesmo, poderá (e na maioria das vezes isso ocorre) ter reflexos posteriores numa centena de outras atividades.

O julgamento de um grupo de animais não consiste em um evento isolado. Muito pelo contrário, faz parte de um processo que vem muito antes da pista e seguirá, com certeza, muito depois da pista. Frente a essa situação, não é difícil perceber que veredictos anunciados na pista legitimam processos anteriores e criam sustentabilidade para que o mesmo processo venha a ser repetido ou copiado. A responsabilidade do jurado é imensa e o que se espera de um bom jurado, em um mundo cada vez mais competitivo, no qual os recursos naturais vão se escasseando dia após dia, é que ele tenha

foto: divulgação

Luiz Antonio Josahkian é superintendente-técnico da ABCZ

uma visão holística, transcendendo uma mera posição de "classificador" de animais, e tornando-se, muito antes, um verdadeiro agente de mudanças. Essas mudanças estão inseridas em um contexto maior de produção e portanto devem buscar o equilíbrio entre os fatores de produção naturais dominantes – água, solo, planta – e seu melhor correspondente de transformação em proteína nobre: o animal adequado.

Grandes discussões sobre interação genótipo-ambiente têm que estar na ordem do dia de qualquer jurado, e isto pode ter um efeito modificador na concepção de critérios de julgamento que vão muito além do julgamento pelo julgamento, atingindo o modelo ideal de julgar pela produção/produtividade.

"...o que se espera de um bom jurado... é que ele tenha uma visão holística, transcendendo uma mera posição de "classificador" de animais, e tornando-se, muito antes, um verdadeiro agente de mudanças"

CAPRA (1996) aborda de forma bastante profunda a questão da interdependência de todos e quaisquer processos, referindo-se a eles como a "teia da vida". Afirma que "reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos satisfazer nossas aspirações e nossas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. [...] A flexibilidade de um ecossistema é uma conseqüência de seus múltiplos laços de realimentação, que tendem a levar o sistema de volta ao equilíbrio sempre que houver um desvio com relação à norma, devido a condições ambientais mutáveis."

Essas colocações do autor, nos dão uma clara idéia da interatividade dos processos produtivos ou de transformações, alertando para o fato de que, na verdade, a condição de um ecossistema retornar a sua normalidade fica diretamente ligada à quantidade de "seus múltiplos laços de realimentação".

Nos sistemas de julgamento devemos cuidar para que sempre existam "laços de realimentação" suficientes para, sempre, inseri-los à normalidade sustentável. Uma tarefa difícil e que requer uma predisposição do jurado a novos conhecimentos e desafios.

O que nós temos, na verdade, no caso das raças zebuínas de corte, é uma plasticidade genética formidável e essa pode ser a única solução para recuperar sistemas incorretos de produção.

É nesse universo interativo de percepções de toda ordem que um jurado formula seu veredicto. Se existem fontes de informações ("laços de alimentação") obstruídas, desconectadas da realidade ou mal estruturadas, com certeza os resultados obtidos no processamento final serão igualmente desconectados e mal estruturados. Coisa que o julgamento não é ou pelo menos nunca deveria ser.

O processo de aquisição de conhecimento é formado por inúmeras relações causa/efeito não lineares, que ocorrem a partir de uma intrincada rede de informações, um tráfego imenso de conhecimentos subjacentes que somados a novos conhecimentos vão se amalgamando até chegar em um fato conhecido, a uma verdade estabelecida que se cristaliza às vezes em uma forma aparentemente isolada. Partindo-se desse princípio, fica claro que trilhar o caminho inverso frente a um fato conhecido, nos possibilita encontrar várias situações anteriores, quantificá-las, qualificá-las adequadamente e obter um resultado sólido e coerente em todas as suas direções. Isso seria aplicar o conhecimento de uma forma prática.

Por exemplo, um jurado com a capacidade de interagir informações chega a conclusão de que no julgamento de machos a circunferência escrotal é realmente importante não pelo fato em si, mas porque ela está relacionada a uma melhor espermiogênese e a geração de filhos (pelo uso do touro) de melhor performance reprodutiva.

A importância do aprendizado contínuo para aquisição de conhecimento resume-se na questão de ser ele quem possibilita conexões de raciocínios e, mais ainda, de que essas conexões permitam encontrar soluções que sejam verdadeiramente adequadas e inseridas em um plano maior de conhecimento, repleto de interatividade.

A ciência hoje deixou de ser a busca solitária típica das grandes e notáveis descobertas da humanidade. A pesquisa isolada está cada vez mais em desuso. O porte do conhecimento atual é gigantesco e requer equipes multidisciplinares, já que ninguém é capaz de deter todo um acervo de conhecimento sozinho. Isso ficou demonstrado claramente no Projeto Genoma Humano, que reuniu milhares de pessoas e centenas de instituições ao redor do mundo. As ciências estão claramente se unindo. Física, química e biologia têm um interrelacionamento sem precedentes na história da humanidade e nos permitem entender melhor o relacionamento dos seres vivos com o ambiente. Essa concepção precisa ser empregada no julgamento porque estamos, em última

análise, trabalhando com transformações e uso dos recursos naturais que interagem com, pelo menos, essas três ciências. O jurado precisa se apoiar nos ombros dos que o antecederam, se quiser enxergar um pouco mais adiante.

Outro ponto que merece ser analisado é se o julgamento é uma ciência puramente ou um misto de ciência e aptidões pessoais não convencionalmente estabelecidas.

O físico e escritor Clemente Nóbrega diz em uma de suas matérias: "Ciência é um processo que não proíbe a priori nenhuma hipótese, mas que exige que se chegue a algo mensurável, e replicável, a partir de certas hipóteses. Exige resultados que qualquer um possa ver, comprovar e reproduzir. Ciência não depende da minha opinião, do meu "estado interior" ou do meu grau de "elevação espiritual". Exige que hipóteses se submetam ao teste de se expor publicamente e pedir críticas. Ciência de verdade exige o escrutínio público. [...] Esse processo cultural chamado ciência se impôs porque, não tendo compromisso com nenhuma verdade estabelecida, não tendo de dar satisfações a "comitês dirigentes" ou respeitar hierarquias, pode se dar ao luxo de não rejeitar nenhuma idéia. Mas em contrapartida, tem a liberdade de poder rejeitar qualquer uma delas ao longo do próprio processo. Qualquer uma. E não liga a mínima ao fazer isso. Ciência é impessoal. Não há nada a ser defendido. Nenhuma filosofia, crença ou ideologia em jogo. Só há regras formais, procedimentos automáticos, que sempre serão aplicados, independentemente de qualquer consideração humana."

"Ciência é um processo que não proíbe a priori nenhuma hipótese, mas que exige que se chegue a algo mensurável, e replicável, a partir de certas hipóteses"

A princípio parece que nós devemos concordar unanimemente que o julgamento é absolutamente aplicação de ciência. Porém não há como negar que existe algo de pessoal, subjetivo e imponderável no julgamento; e ainda, que ele não é absolutamente replicável – senão como se explica três jurados que, simultaneamente, frente aos mesmos animais, fatos e informações, eventualmente apresentam classificações diferentes?.

E nesse ponto pode surgir um questionamento: não deveria ser o julgamento impessoal, científico e replicável? O mais provável é que não, embora não pareça ser possível responder com absoluta certeza essa pergunta, mas realmente se espera de um bom jurado que ele tenha algum meio supra-genético de conhecer os méritos genéticos, apesar de duvidoso, porque lida com características invisíveis (ABCZ, 1998).

De toda sorte, para quem acompanha o trabalho de julgamento fica a idéia de que o processo seja replicável e, a rigor, ele deve se aproximar o mais possível disso.

É por isso que os conceitos que emanam da opinião média dos julgamentos formam uma escola e pressupõem a existência de um pacote tecnológico capaz de replicá-los, sob a maioria das condições de produção. E o jurado se torna, plenamente, um agente de mudanças.

Cabe ao jurado encontrar o equilíbrio perfeito entre o rigor científico (e sempre ser obediente a ele) e sua percepção pessoal da situação. É essa capacidade extra que o torna talentoso, diferenciado e capaz de mover culturas inteiras em diferentes sentidos, aumentando mais ainda sua responsabilidade. PINEDA (1999), sintetiza essa situação de uma forma muito clara ao dizer que "a visão de um jurado como líder é paradoxal: simples e extremamente complexa simultaneamente; ora a aplicação de um dom, ora a procura da estabilidade da decisão com ajuda dos conceitos de genética, reprodução, nutrição ou estatística. Julgar é uma arte e ao mesmo tempo uma ciência."

" Porém não há como negar que existe algo de pessoal, subjetivo e imponderável no julgamento; e ainda, que ele não é absolutamente replicável"

Por vezes as pessoas que estão à frente de processos de mudanças enfrentam resistências naturais advindas de paradigmas estabelecidos. A ciência ao longo da história da humanidade está repleta dessas situações: Copérnico e Galileu chocaram o mundo ao dizer que o Sol, e não a Terra, era o centro de nossa galáxia e que provavelmente não estávamos sozinhos nesse universo; Newton com a lei da gravidade mudou a concepção de um mundo que imaginava-se em direção ao éter e não atraído para o centro da Terra; Darwin foi duramente criticado por sua teoria evolucionista ao postular que o homem é o estágio atual mais avançado dos primatas, contrariando a lei divina do criacionismo; Einstein ingressou o mundo na era atômica ao provar com sua teoria da relatividade que a matéria contém

A EVOLUÇÃO NO GERENCIAMENTO DO SEU REBANHO NÃO PODE PARAR

XR 3000

PECUÁRIA PROFISSIONAL
TRU-TEST

MAIS QUE UMA BALANÇA ELETRÔNICA, UMA FERRAMENTA DE CONTROLE

SIMPLES

Extremamente fácil de usar;

Mensagens de ajuda na tela do indicador.

ROBUSTO

Para ser usado em quaisquer condições climáticas, inclusive na chuva;

Desenvolvido para uso no curral.

VERSÁTIL

Customização do indicador de acordo com as suas necessidades.

POTENTE

Funções de pesagem avançadas (ganho de peso, classificação, escala, rendimento de carcaça);

Contempla até 50.000 registros (200 arquivos), tendo a maior capacidade de entrada de dados em um único registro;

Relatórios comparativos (raça, sexo, idade, filiação...);

Estatísticas (incluindo desvio padrão);

Previsões (pesos de abate, pesos reprodutivos...) de acordo com os ganhos obtidos;

Gráficos (evolução do ganho de peso, distribuição dos pesos no lote...).

(51) 3337 9470 (62) 233 4493
farmtech.balanca@terra.com.br
www.trutest.com.br

TRU-TEST
SEMPRE A FRENTE

CONSULTE NOSSA REDE DE REPRESENTANTES EM TODO O BRASIL

uma brutal soma de energia que pode ser liberada; Mendel e Fleming nos conduziram ao microuniverso dos genes e das células inaugurando um era que culmina com a descrição do DNA por Watson e Crick e a prática de uma nova ciência, logo transformada em indústria, que é a biotecnologia, ainda envolta em muitas controvérsias e discussões éticas e religiosas.

É esse conhecimento monstruoso que agora detemos que não nos garante nenhuma impunidade. Somos obrigados a estabelecer as conseqüências de todos nossos atos numa dimensão jamais imaginada na história das civilizações que nos precederam.

"Somos obrigados a estabelecer as conseqüências de todos nossos atos numa dimensão jamais imaginada na história das civilizações que nos precederam"

BRODY et al (1999) abordam a questão da formação da ciência de uma forma bastante clara ao afirmarem [...] "compreender o universo e a nós mesmos precisa continuar a ser o objetivo da ciência. Para atingir esse fim, é mister existirem instituições que facilitem da melhor forma possível uma sociedade livre e próspera. Devemos sempre ter consciência de quanto essa liberdade pode ser fugidia. O progresso humano em todos os aspectos está fortemente ligado à liberdade. O crescimento intelectual é tolhido quando a liberdade de ação ou expressão traz ameaça de sanção. Quando se sugere uma mudança em crenças há muito acalentadas, a reação de muitas pessoas é restringir o livre intercâmbio das idéias que apóiam essa mudança. Assim, a ausência de liberdade e o medo da mudança estão solidamente ligados. A insistência no status quo freqüentemente baseia-se em mitos, não em supressão consciente da verdade, e no entanto esta pode representar uma ameaça maior à liberdade do que a supressão movida por mentiras inequívocas. Como afirmou John F. Kennedy na cerimônia de colação de grau da Universidade de Yale em 1962: "o grande inimigo da verdade muitas vezes não é a mentira, deliberada, tramada e desonesta – e sim o mito, persistente, persuasivo e realista". Os mitos continuam a proliferar hoje em dia, e em muitos aspectos predominam no mundo todo. A liberdade não depende da lei; requer que o público entenda e aprecie o pensamento racional. A razão é a alma da ciência."

" O grande inimigo da verdade muitas vezes não é a mentira, deliberada, tramada e desonesta – e sim o mito, persistente, persuasivo e realista"

A situação do julgamento é uma conjunção muito peculiar de análises críticas fundamentadas em bases científicas (parte objetiva), e a capacidade preditiva e de inferência do jurado para predizer situações futuras (parte subjetiva). Olhar para trás e examinar o real ou realizado deve ser feito de forma objetiva/científica. Agora, usar isto para predizer o futuro e/ou onde e como usar cada tecnologia em um sistema de produção imaginário (futuro) para maximizar nosso objetivo, contém sempre um elemento imponderável e de predição. Mesmo usando computadores e todo o acúmulo de informações, existe uma margem de erros e riscos, assim como ocorre nos mercados de capitais. Nenhuma metodologia é absolutamente perfeita para predizer valores, seja em que ramo da ciência estiver sendo usada. Todas contêm uma margem de erro e é preciso saber conviver com essa margem de insegurança. Não foi dado ao ser humano, em nenhum momento, a capacidade plena de prever o futuro. Nós podemos apenas, a partir dos fatos conhecidos, elaborar suposições de comportamentos futuros, que serão tanto mais próximos de sua realização verdadeira, quanto maior e melhor for o conhecimento da situação atual e passada.

O sucesso de uma sociedade depende, em grande parte, da sua capacidade de realizar predições corretas: à medida em que elas conseguem predizer preferências e situações de mercado, tendências populacionais e tomar decisões conseqüentes, o sucesso ou não dessa sociedade se estabelece e vai se acumulando. É bom lembrar que toda opção determina a morte de todas as outras possibilidades. A responsabilidade então é imensa.

Referências citadas:

BRODY, D.E., BRODY, A .R. As sete maiores descobertas científicas da história. São Paulo: Companhia das Letras. 1999. 436p.

CAPRA, F. A Teia da Vida. 1ª ed. Trad. Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. 256 p.

NÓBREGA, C. Vamos estudar pessoal? Exame. São Paulo. ed. 695. ano 33. nº 17. p. 66-76, ago. 1999.

PINEDA, Nelson. Julgamento de Raças Zebuínas: Ética e Comunicação. Uberaba: ABCZ/FAZU, 1999. 66p. (Módulo III).

1 extraído de Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" Julgamento de Raças Zebuínas. Módulo X: JOSAHKIAN, L. A. Julgamento Aplicado a Gado de Corte. Uberaba. ABCZ/FAZU 2001

rticipe do espetáculo de crescimento da pecuária brasileira

ENIPEC

Encontro Internacional dos Negócios da Pecuária

Palestras, Feira, Visita Técnica, Rodada de Negócios, Jornada Científica, Fórum de Políticas Públicas e o Desenvolvimento da Agropecuária Brasileira, Fórum Nacional das Entidades Executoras de Defesa Agropecuária, Fórum de Produtoras Rurais de Mato Grosso, Leilões e uma série de grandes atrações marcam a terceira edição do Enipec nos mais importantes segmentos da pecuária. Participe, na primeira fila, deste espetáculo de crescimento. Participe. **Reserve seu estande ou inscreva-se agora mesmo.**

9 a 12 de março de 2004 - Centro de Eventos do Pantanal - Cuiabá - Mato Grosso - Brasil

Realização: FAMATO, SENAR Mato Grosso, Sindicatos Rurais

Apoio: Mato Grosso Mãos à Obra, Sicredi

Patrocínio: Tortuga, Belgo Arames de Qualidade

Agência oficial: Cidade Verde Publicidade

Transportadora oficial: TAM Linhas Aéreas

Parceria: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, CNA Brasil, IMEA, FEFA MT, UFMT, Sistema Famato, FIEMT SENAI, UNEMAT, UNIC, UNIVAG Centro Universitário, ACRIMAT, Estância Bahia, SBMV, CRMV-MT

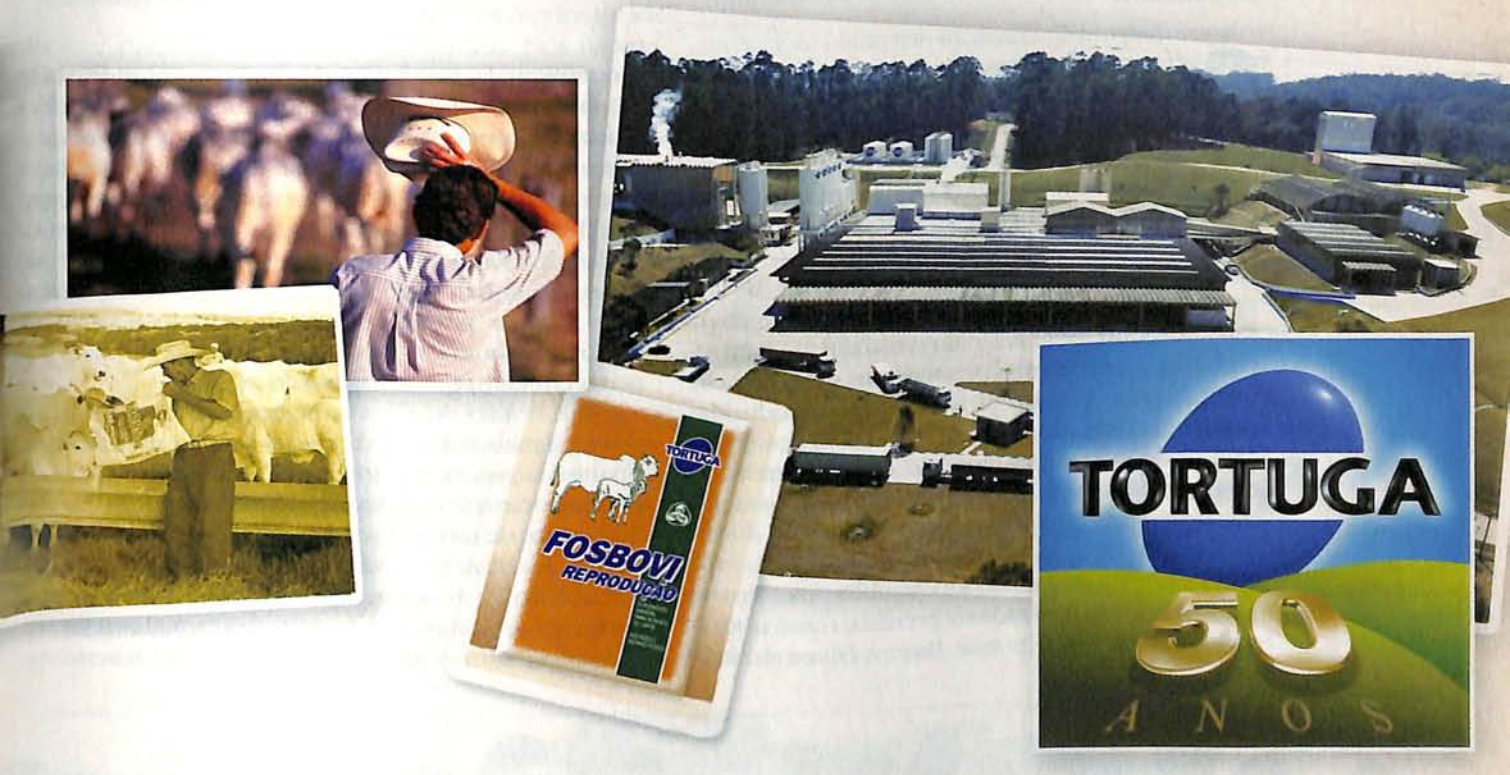
Secretaria do evento: FAMATO - Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso
Rua B, s/n - esquina com Rua 2 - Centro Político Administrativo - Cuiabá - MT - 78050.970
Tel.: (65) 617-4426/617-4443 - Fax: (65) 613-1086 - www.enipec.com.br - enipec@famato.org.br

PUBLIQUE

TORTUGA 50 ANOS
O FUTURO SEMPRE PRESENTE

Volte no tempo, lembre-se dos seus primeiros passos, das primeiras aventuras, do primeiro dia na escola. Tanta gente fez planos e se orgulhou de você, te desejaram dias sempre melhores, criaram expectativas para o seu futuro, fizeram parte do seu crescimento, da sua história. E hoje, o presente continua ai, caminhando ao lado do seu futuro, cheio de novos desafios, de novas conquistas, de novas amizades. A vida é assim mesmo. Experiência se ganha com o tempo. A cada minuto se cresce um pouquinho mais. Os visionários nunca são compreendidos à sua época, mas lá na frente são, sempre, reconhecidos. Então, continue caminhando, tenha orgulho do chão que você pisa. E, nunca, nunca se esqueça: O futuro está sempre presente.

Tortuga 50 anos - o futuro sempre presente


TORTUGA
FOSBOVI
REPRODUÇÃO
TORTUGA
50
ANOS

Aula de zebu

Curso de Julgamento de Zebuínos bate recorde de inscrições e atrai pessoas de várias partes do Brasil e da América Latina. Mais de 300 pessoas puderam conhecer de perto as características raciais dos zebuínos e as atuais tendências da pecuária

Larissa Vieira

O setor pecuário tem pela frente dois importantes desafios em 2004: manter-se na ponta das exportações de carne e melhorar a rentabilidade do produtor rural. Para atingir esses objetivos será preciso produzir bovinos precoces, de carcaças musculosas e com acabamento de gordura subcutânea, exigências tanto do mercado interno quanto do externo. "O processo de produção da carne bovina precisa atingir um produto de qualidade percebida pelo consumidor final e com rentabilidade para toda a cadeia produtiva. Características econômicas e de qualidade de carcaça deverão ser introduzidas nos programas de melhoramento", sentenciou o diretor de Informática da ABCZ, Nelson Pineda.

O alerta do pecuarista foi direcionado a uma platéia de mais de 300 pessoas que participaram do 50º Curso Intensivo de Julgamento de Zebuínos, realizado em dezembro passado em Uberaba. Mesmo para quem está iniciando na pecuária, como o advogado carioca Marcelo Assis Lage, a ênfase no lado econômico da produção é um grande norteador. "Tenho a terra, mas falta o gado. Por isso é que decidi fazer o curso. Para definir qual raça vai me proporcionar maior rentabilidade. Como meu capital é pequeno não posso errar na escolha", conta Lage, que divide o trabalho de advocacia com as aulas da faculdade de Veterinária. Antes de participar do curso, ele tinha optado pelo brahman. Ao acompanhar as aulas práticas sobre os padrões raciais de cada raça zebuína, o advogado mudou de idéia e já pensa em comprar animais tabapuã.

A 50ª versão do Curso de Julgamento de Zebuínos foi a mais concorrida de todas. O total de participantes superou em quase três vezes o número registrado no mesmo período do ano passado. Os alunos vieram de todo o Brasil e da América, leia-se México, Costa Rica, El Salvador e Bolívia. A maior comitiva veio do México, cinco criadores. Aqui, constataram o avanço da pecuária zebuína brasileira em relação ao de outras nações do continente americano.

Abaixo: alunos observam juíz em aula prática

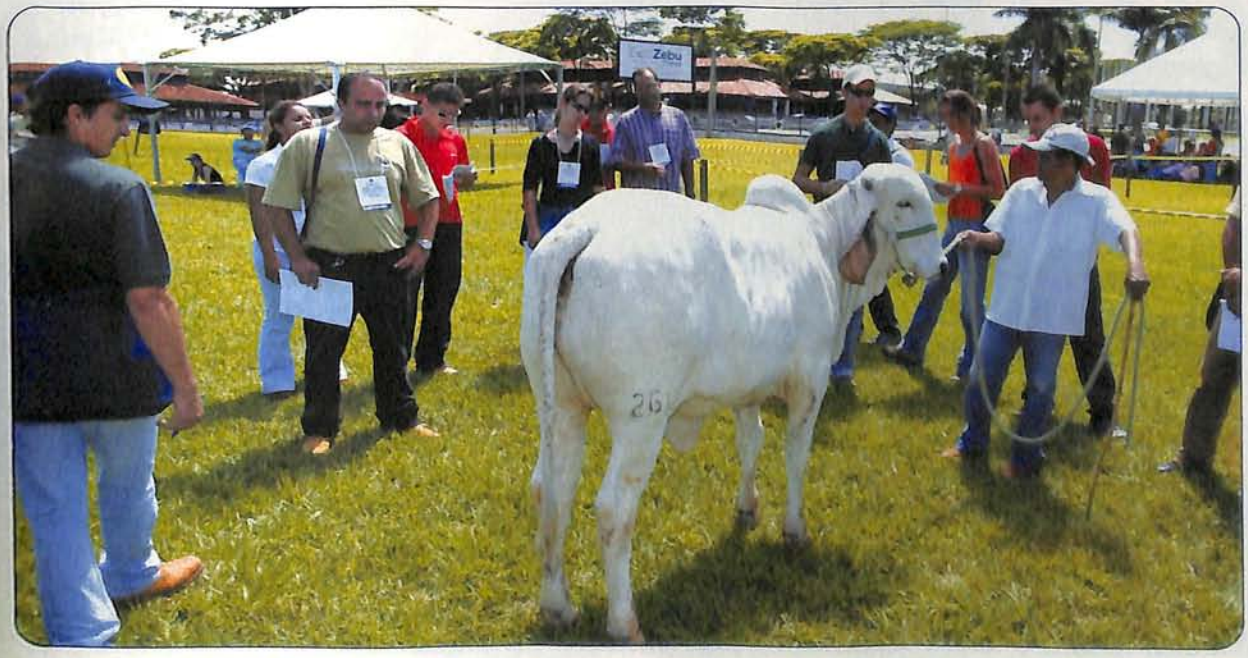
Enquanto nosso rebanho ultrapassou a marca de 170 milhões de cabeças, os mexicanos contam com quase 20 milhões e uma produção de carne que não atinge 2 milhões de toneladas. Em contrapartida, eles tem material genético das raças brahman e indubrasil de boa qualidade. "O Brasil tem a técnica, os modos de seleção e padrões raciais bem definidos. Nós não temos no México cursos como esse voltados para o criador. Em geral, eles são abertos somente para zootecnistas e médicos veterinários", destaca o selecionador de brahman em Tabasco, Mario Jesús Guzmán Alvarez. Os companheiros de viagem Javier Rovelo, criador de nelore mocho, e Alfredo d'Árgence Zardain, selecionador de brahman e indubrasil, revelam que o país está começando a aplicar ferramentas como progênie.

Julgamento na pista

Criado para formar novos jurados de pista, o curso acabou muito procurado pelos criadores que querem aperfeiçoar os conhecimentos sobre as características raciais dos zebuínos. Durante cinco dias, os participantes conhecem o funcionamento do Colégio de Jurados da ABCZ, os métodos e critérios utilizados nas pistas, o Programa de Melhoramento Genético da associação, novos parâmetros na seleção e exterior de zebuínos (aprumos e pelagens, etc.). "Este curso não foi desenvolvido para construir uma teoria sobre conduta dos jurados das raças zebuínas, mas, sim, conscientizá-los de seu papel preponderante dentro do processo de seleção de zebu", esclarece Pineda.

Criadores mexicanos (ao lado), que participaram do Curso de Julgamento, e o advogado carioca Marcelo Assis Lage (à esq.)

Julgar bovinos foi uma tarefa que os participantes tiveram de executar durante a realização da mini exposição de gado, uma simulação da ExpoZebu, onde os alunos atuam como jurados das provas de julgamento. Eles tiveram que definir qual o animal campeão com base nos critérios raciais ensinados durante o curso. "Fiquei muito satisfeito por ver a democratização das informações sobre o zebu, que até pouco tempo atrás eram privilégio de poucos", ressalta o pecuarista Luiz de Oliveira Carvalho Netto. Devido à grande procura pelo curso, a ABCZ está descentralizando o evento e realizando as aulas em vários estados brasileiros. A próxima edição em Uberaba acontece em julho deste ano e a procura já é grande. Quem estiver interessado pode entrar em contato pelo número com Goretti pelo telefone (34) 3319-3920.



Ao lado: exemplar é exposto aos participantes do curso

Cuidado com o Cão!

foto: L. Adolfo

Quase toda fazenda tem, pelo menos, um cão correndo pelos campos. Esses animais são utilizados para vigiar a propriedade ou mesmo como companheiros na lida diária. Prova do companheirismo desse animal é o ditado: "o cão é o melhor amigo do homem". Mesmo esse amigo tão constante precisa de cuidados com a saúde para que continue mantendo a tradição e não acabe sendo um perigo para o bem-estar físico do homem e até de outros animais na fazenda. Apesar de não ser transmitida apenas pelo cão – o parasito pode se alojar em animais silvestres também –, a neosporose bovina é um exemplo de doença que precisa ser cuidadosamente prevenida, se o produtor não quiser amargar um prejuízo considerável.

Melhor ficar atento às dicas dos veterinários. "A neosporose pode trazer grandes problemas ao pecuarista. Os animais acometidos desse mal têm complicações que vão desde a diminuição da produção de leite até o aborto", explica o médico veterinário Pedro Carlos Lucas de Oliveira. Outros problemas que podem ocorrer estão ligados à desvalorização dos filhos desses animais, aumento do descarte e da reposição dos animais. A doença ainda pode prejudicar a cobertura e as técnicas de reprodução assistida, como a inseminação artificial, transferência de embriões e fecundação *in vitro*.

"A neosporose pode trazer grandes problemas ao pecuarista"

Esses prognósticos deixam bem claro que

MEGA LEILÃO 10004 Promete

MEGA LEILÃO 10003 17.073 animais

MEGA LEILÃO 10002 17.042 animais

MEGA LEILÃO 10001 12.861 animais

O Maior Leilão Bovino da Pecuária Mundial

MEGA LEILÃO 10004 da Estância Bahia

Mato Grosso: O Futuro do Agronegócio é aqui.

24 DE ABRIL 2004 • SÁBADO 10H • ÁGUA BOA - MT

Local: Tattersall de Estância Bahia Leilões

Em 2004, serão no mínimo 10.004 animais para cria, recria e engorda com toda qualidade dos melhores e maiores produtores do Mato Grosso. Agende logo sua participação.

Organização: ESTÂNCIA BAHIA LEILÕES (66)468.1740

Leilão Oficial: ABCZ

Transmissão: CANAL DO BOI

allée · Martini Combustíveis · Biovet · OUROFINO · ADIFORT · Allvet · Marlan

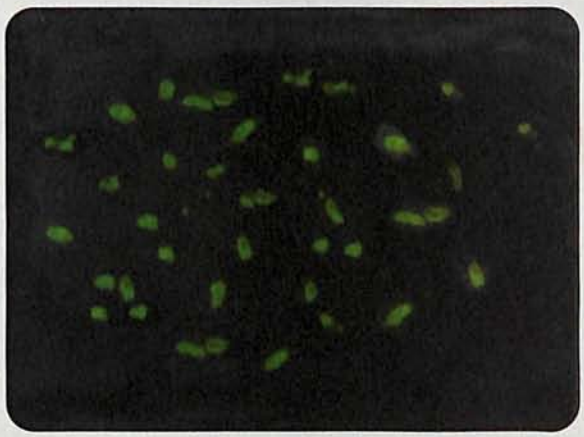
todo cuidado é pouco quando se trata da saúde do rebanho. "Se o produtor não tiver os cuidados necessários para verificar as condições de saúde de uma receptora, correrá o risco de que a transferência de embrião em sua propriedade seja um grande prejuízo", analisa o pesquisador da Embrapa Renato Andreotti. O pesquisador explica que uma fêmea soropositivo para a doença tem grandes possibilidades de abortar. Nesse caso, o investimento do selecionador vai por água abaixo.

Diagnóstico

Causada por um parasito conhecido pelo nome científico *Neospora caninum*, a neosporose bovina entra no organismo por meio da água ou do alimento contaminados. Não existem estudos que comprovem que a doença pode ser transmitida ao homem. Além de o protozoário possibilitar a indução de abortos a partir do segundo mês de gestação das vacas, pesquisadores supõem que as fêmeas podem se infectar por meio de ingestão da placenta ou

Previna-se:

1- Evite que os cachorros defequem sobre o alimento;
2- Use locais fechados para armazenar os alimentos;
3- Cubra silos com plástico e construa cercas ao redor das pilhas de alimento;
4- Elimine rapidamente os fetos abortados, placentas e animais mortos para evitar que sejam comidos por cães ou outros animais;
5- Identifique os animais positivos por meio de exame sorológico e evite manter na fazenda bezerras filhas de vacas positivas;
6- Havendo descarte de vacas velhas ou pouco produtivas, dê prioridade às que são soropositivos e têm histórico de abortamento;
7- Na transferência de embriões, use receptoras comprovadamente negativas nos testes sorológicos.



Ao lado: imagemde teste que detecta a neosporose; à esquerda, Andreotti: cuidados em TE a fim de evitar prejuízos

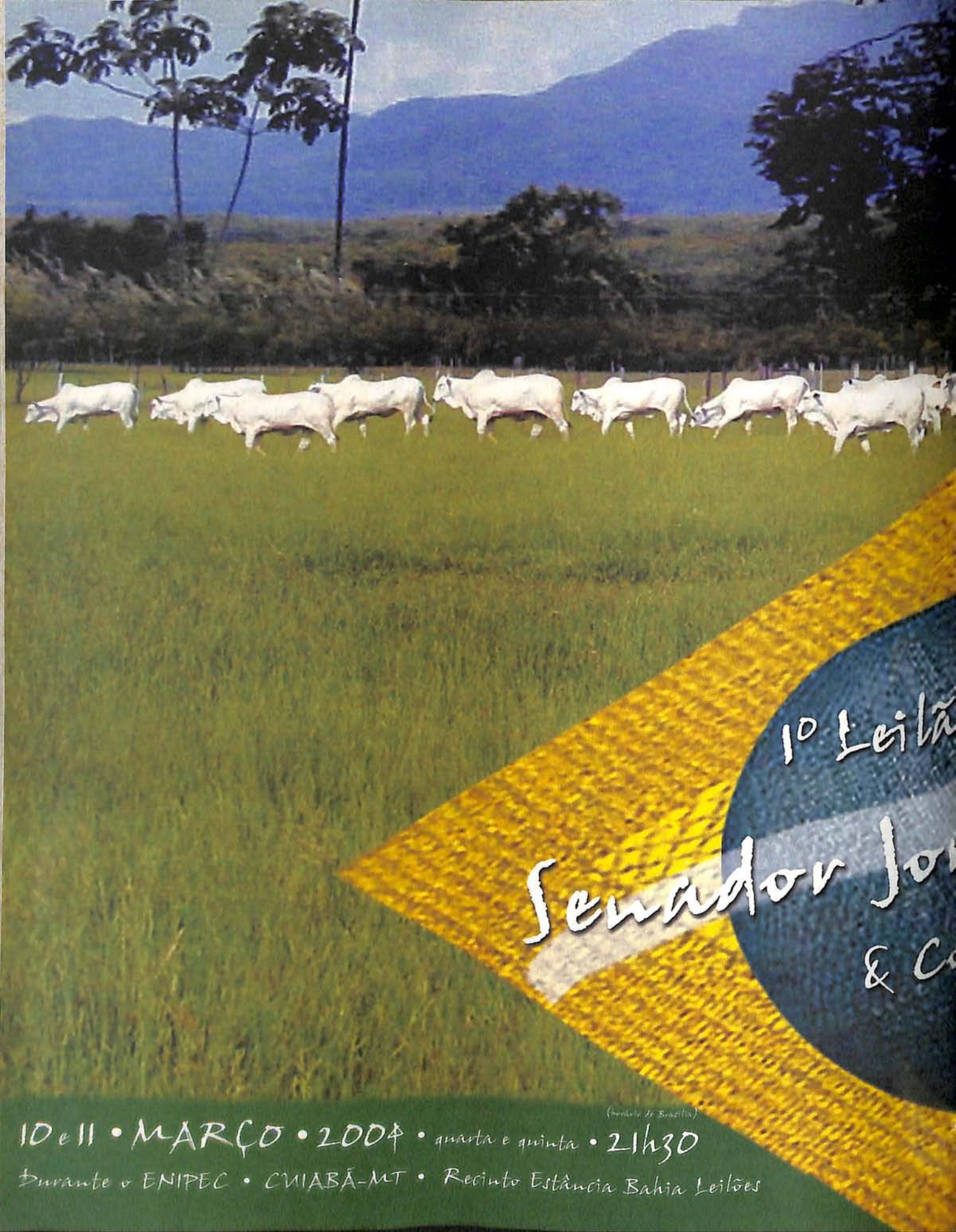
líquidos do aborto expostos ao protozoário. "Um teste sorológico positivo indica exposição, mas não necessariamente infecção. O diagnóstico para aborto deve considerar também diarréia bovina a vírus (BVD), rinotraqueíte infecciosa bovina (IBR), leptospirose e brucelose", recomenda Pedro Oliveira. Para que não ocorra a infecção do rebanho é preciso evitar ao máximo dar carne crua aos cães – animais que sempre têm acesso a pastagem e armazéns. Se a contaminação já ocorreu e as fêmeas forem reprodutoras selecionadas, uma das saídas mais coerentes é garantir a boa nutrição das fêmeas prenhes, especialmente nos últimos meses de gestação. Isso ajuda a reduzir os riscos de aborto. Caso o número de animais contaminados seja baixo, e o pecuarista prescinda desse material genético, o descarte pode ser a solução mais viável. A averiguação periódica da saúde do rebanho deve ser realizada por um médico veterinário e todos os animais introduzidos na propriedade devem ser testados para verificação se são de fato soronegativos.

"Há algum tempo pensava-se que o aborto nos animais bovinos fosse provocado apenas por doenças como a brucelose"

Pesquisas realizadas pela Universidade da Bahia, que envolveram 450 vacas holandesas e mestiças, dão conta de que 14% dos animais apresentaram abortos devido ao protozoário *Neospora caninum*. Há algum tempo pensava-se que o aborto nos animais bovinos fosse provocado apenas por doenças como a brucelose. O protozoário foi detectado pela primeira vez em 1984, na Noruega, mas a doença só veio a ser classificada e isolada em 1988, nos Estados Unidos. A neosporose chegou a ser motivo comum de abortos em animais no Reino Unido, Holanda, Nova Zelândia, Estados Unidos e Canadá. Além dos bovinos, outros animais podem ser contaminados. Como exemplo estão os caprinos, ovinos e eqüinos.

Os ovos de *Neospora caninum*, eliminados por meio das fezes, principalmente dos cães, permanecem alguns dias no ambiente até serem ingeridos por um outro animal. O perigo maior está na propagação vertical da doença. Ou seja, o microorganismo é transmitido para o feto em cada prenhez. Apesar de nascerem e crescerem aparentemente sadias, as crias continuam carregando a neosporose e transmitindo-a para suas descendentes. Daí para a frente, a única saída é eliminar todas as vacas e seus filhos que forem diagnosticados como positivos.

Não existe tratamento conhecido para curar a doença, e muito menos pesquisas para encontrar vacina. Os testes para diagnóstico da neosporose mais utilizados são o Elisa e o de imuno-fluorescência. Hoje, o material utilizado para análise é importado, o que eleva os custos com exames laboratoriais. O pesquisador Renato Andreotti conta que a Embrapa, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Mato Grosso do Sul (Fundect/MS), está prestes a desenvolver a técnica de análise e diagnóstico do parasito com material brasileiro. "Essa doença ainda não tem uma estatística definida de incidência em território nacional. Por isso, é importante que o produtor se preocupe com a sanidade do rebanho não só em relação à aftosa ou outras doenças mais conhecidas", alerta. Renato diz que nas fazendas onde o gado é mantido confinado, as fezes podem estar misturadas com as rações. Como é difícil controlar os alimentos que são adquiridos em outras propriedades, é importante limpar diariamente os cochos e currais.


1º Leilã
Senador Jo
& C
10 e 11 • MARÇO • 2004 • quarta e quinta • 21h30
(horário de Brasília)
Durante o ENIPEC • CUIABÁ-MT • Recinto Estância Bahia Leilões

elore
s Pinheiro
dados
Apoio
Leilão Oficial
Leiloeira
Transmissão
Assessoria
Escola Brasileira de Mercadorias
FAMATO
ENIPEC
Encontro Internacional dos Negócios da Pecuária
FEFA MT
SICREDI
ABCZ
ACRIMT
nelore
A Força de uma Raça
ESTÂNCIA BARIA
(66) 468.1740
CANAL DO BOI
(67) 321 9098
AP
(18) 3624 5452

CNA ajuíza ações na Justiça Federal contra o **Incra**

Comissão de Política Fundiária da entidade contesta judicialmente índices distorcidos de avaliação adotados pelo instituto

Duas ações contra o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) foram ajuizadas, no dia 17 de dezembro de 2003, na Justiça Federal – Seção Judiciária do Distrito Federal – pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), através da sua Comissão de Política Fundiária. A primeira delas, contesta os procedimentos adotados pelo Incra para o cálculo de módulos fiscais; a outra, questiona a fixação e a edição de índices de produtividade em desconformidade com o que preceitua a legislação aplicável à matéria.

"O ingresso de duas novas ações contra o Incra foi legitimado pelo sistema sindical. Ou seja, os sindicatos rurais deliberaram para que suas respectivas federações de agricultura autorizassem a CNA a tomar essa iniciativa", informou William Koury, presidente da Comissão de Política Fundiária.

No que diz respeito à forma adotada pelo Incra para fixar a quantidade de módulos fiscais das propriedades rurais, a CNA entende que o órgão está dividindo a área total do imóvel pela dimensão do módulo fiscal do município, para determinar a classificação da propriedade em pequena, média ou grande. "Conforme determina a Lei Nº 6.746/79, essa divisão deve ser feita sobre a área aproveitável do imóvel e não sobre a área total do mesmo", explicou o advogado Gervársio Alves de Oliveira Júnior.

De acordo com o especialista em direito agrário, é importante saber exatamente o tamanho da propriedade rural, pois a sua classificação pode significar a desapropriação, ou não, do imóvel para fins de reforma agrária, e conseqüentemente, a permanência ou não do produtor na atividade rural.

"A metodologia de cálculo utilizada pelo Incra está gerando a reclassificação das propriedades rurais de médias para grandes, tornando-as passíveis de desapropriação. Tem-se observado casos reais em que pequenas propriedades foram classificadas, indevidamente, como médias e médias como grandes", exemplificou Gervásio Alves, ao citar informações dos Certificados de Cadastro de Imóvel Rural – CCIR 2000/2001/2002. "Mesmo sem adquirir mais terras ou apresentar ao Incra qualquer alteração cadastral que validasse uma nova classificação, o pequeno e médio produtor tormou–se, momentaneamente, um latifundiário na avaliação do Incra", completou.

Infelizmente muitos produtores rurais somente estão percebendo esta situação, quando recebem uma notificação de vistoria de seu imóvel, expedida pelo instituto, para levantar a situação fundiária e a aferição dos graus de produtividade.

Quanto à segunda ação movida pela CNA, a mesma foi motivada pelo fato de que o Incra adotou, ao arrepio da lei, novos índices de lotação pecuária, para apuração do Grau de Eficiência na Exploração (GEE) e Grau de Utilização da Terra (GUT) – parâmetros utilizados para verificação da produtividade do imóvel rural e como critérios para desapropriação.

Abaixo: fazenda voltada p/ produção pecuária

TODA A QUALIDADE DO REBANHO SUL-MATO-GROSSENSE, EM EXCELENTES NEGÓCIOS PARA VOCÊ.

Data	Dia	Horario	Evento	Leiloeira
16 de março	Terça	20h	Leilão Nelore (Bunlai)	
18 de março	Quinta	20h	Leilão JAVA	Leilosat
19 de março	Sexta	20h	Leilão Capitaliza	Leilão Capitaliza
20 de março	Sábado	20h	Terra Roxa	Leilosat
21 de março	Domingo	12h	Leilão Liquidação de Plantel Faz. Gávea (Candu)	Leiloboi
22 de março	Segunda	21h	Leilão Sertãozinho	Leiloboi
23 de março	Terça	21h	Leilão Furninha / NH	Leiloboi
24 de março	Quarta	21h	Leilão Embriões Machos	Leiloboi
25 de março	Quinta	20h	BPW	Leiloboi
26 de março	Sexta	12h	Leilão Fêmeas Elite	Leilosat
26 de março	Sexta	21h	1º Leilão Volta as Origens Faz. Balsamo	Programa
27 de março	Sábado	12h	Corte Especial	Leilosat
27 de março	Sábado	21h	1º Leilão Volta as Origens Faz. Balsamo	Programa
28 de março	Domingo	12h	Leilão Nelore VIP	Programa
28 de março	Domingo	17h	Leilão Nelore MAX	Leiloboi
29 de março	Segunda	12h	Leilão Fêmeas do Futuro	Leilosat
29 de março	Segunda	21h	Leilão Dois de Ouro	Leiloboi
30 de março	Terça	12h	Leilão Super Precoce / Charoles	Leilosat
30 de março	Terça	21h	Leilão LS	Leiloboi
31 de março	Quarta	12h	Nelore Precoce	Leiloboi
31 de março	Quarta	19h	Max QM	Leiloboi
31 de março	Quarta	21h	Leilão Melhoradores	Leilosat
01 de abril	Quinta	12h	Leilão Só Bezerros do MS	Leilosat
01 de abril	Quinta	19h	Brahma	Leilosat
01 de abril	Quinta	21h	Raça Nelore	Leiloboi
02 de abril	Sexta	12h	VR	Leiloboi
02 de abril	Sexta	19h	Braford - Conexão Delta G	Leilosat
02 de abril	Sexta	21h	Leilão Toca Jacaré	Programa
03 de abril	Sábado	19h	Guzera	Leilosat
03 de abril	Sábado	21h	União da Raça	Programa
04 de abril	Domingo	10h	2º Leilão Master Ovinos	Leiloboi
04 de abril	Domingo	12h	Leilão Nelore Campo Grande	Programa
04 de abril	Domingo	18h	Leilão Girolando Fazendão	Leiloboi
04 de abril	Domingo	21h	Leilão Embriões	Programa
05 de abril	Segunda	12h	Leilão Baby Mocho	Leiloboi
05 de abril	Segunda	19h	Caracu	Leiloboi
05 de abril	Segunda	21h	Top do Mocho	Leiloboi
06 de abril	Terça	21h	Marchigiana	Leilão Capitaliza
06 de abril	Terça	19h	Limousim	Leiloboi
06 de abril	Terça	21h	Nelore (Helio Coelho)	Leiloboi
07 de abril	Quarta	12h	Pecuaria Novo Horizonte	Leiloboi
07 de abril	Quarta	19h	Brangus	Leiloboi
07 de abril	Quarta	21h	3 W	Leiloboi
08 de abril	Quinta	12h	Leilão Corte Fazendeiro	Triangulo
08 de abril	Quinta	19h	Charoles	
08 de abril	Quinta	21h	Goya	Leiloboi
10 de abril	Sábado	10h	Leilão Avestruz	Leiloboi
10 de abril	Sábado	12h	Blonde	
10 de abril	Sábado	21h	Cavalo Arabe	Leiloboi
10 de abril	Sábado	21h	Bonsmara	
11 de abril	Domingo	10h	Ovinos Marca 7	
11 de abril	Domingo	12h	Santa Gertrudis	
11 de abril	Domingo	19h	Cavalo Pantaneiro	Leilosat
11 de abril	Domingo	21h	Reprodutores LA	Leilosat
12 de abril	Segunda	21h	Leilão Fazenda Reunidas	Leiloboi

ACRISSUL
Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul

PARQUE LAUCÍDIO COELHO

EXPOGRANDE2004
31 de março a 11 de abril
CAMPO GRANDE - MS

A irregularidade praticada nesse caso, conforme as explicações de Gervásio Alves, consiste no estabelecimento unilateral pelo Incra da conversão de cabeça animal para unidade animal (UA), já que esta é uma competência conjunta dos Ministérios da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) e do Desenvolvimento Agrário (MDA), após a oitiva do Conselho Nacional de Política Agrícola (CNPA), de acordo com o Art. 11, da Lei 8.629/93.

foto: L. Adolfo

Centro: William Koury, que preside a Comissão de Política Fundiária da CNA

"Vale ressaltar que os atuais índices exigidos penalizam os produtores rurais e não retratam a realidade da atividade pecuária brasileira, bem como dificultam o alcance dos graus de produtividade das propriedades rurais", disse William Koury, ao salientar que as ações contra o Incra devem ser julgadas procedentes. "É preciso conhecer exatamente a situação fundiária da propriedade rural (tamanho e classificação), em conformidade com a legislação em vigor, sem prejuízos de eventual desapropriação por classificação indevida", comentou Koury.

Segundo ele, faz parte da filosofia do presidente da CNA, Antônio Ernesto Werna de Salvo, a discussão legal de questões polêmicas que contrariam a classe produtora. "Quando são cometidas ilegalidades contra o setor produtivo, agimos sempre com diálogo e respaldados pela Justiça, exigindo apenas o cumprimento de nossos direitos", finaliza, William Koury.

Dentro da regra

Nas ações propostas na Justiça, a CNA pleiteia a aplicação da tabela sugerida pela a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Em 23 de junho de 2003, a Embrapa concluiu um estudo de conversão de cabeças do rebanho para unidades animais (UA) adotando conceitos científicos e zootécnicos com base na relação peso/produtividade/idade, portanto, mais adequados à realidade nacional.

Por solicitação da CNA, e do próprio Incra, a Embrapa Gado de Corte desenvolveu tal proposta sugerindo um modelo mais simplificado da conversão de cabeças do rebanho para unidades animais. A idéia é incluir mais grupos, ou seja, subdividir categorias de animais com intervalos de seis meses.

Com intuito de realizar uma avaliação mais precisa do rebanho da região Norte, foi sugerido pela Embrapa utilizar os mesmos índices das regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste. A incorporação foi justificada em função desses rebanhos apresentarem índices de produção equivalentes ou superiores aos das demais regiões do país.

Além dos aspectos regionais, a proposta considerou outros aspectos da cadeia de produção de bovinos, tais como: sistemas de criação; fases da produção; relação custo/benefício; condicionantes da produção (condições edafoclimáticas, de acesso e outras); etc.

Animais de trabalho como bovinos, eqüinos, etc., tiveram seus valores superiores aos seus pesos, uma vez que necessitam de alimentação especial para realizar as tarefas a que são destinados. Existe uma diferença média da ordem de 25% entre o estudo da Embrapa e o exigido pelo Incra. (Veja a sugestão da Embrapa Gado de Corte para conversão de cabeças do rebanho para unidades no quadro abaixo).

Proposta p/ conversão de cabeças do rebanho para unidades animais (UA)

Categoria animal	Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte	Nordeste	Precoce	Superprecoce
vaca solteira	1.00	0.83	1.00	1.00
fêmeas prenhes	1.20	1.00	1.25	1.25
touros	1.40	1.25	1.40	1.40
bois de trabalho	1.10	1.00	1.10	1.10
bezerro(a) 0 a 6 meses	0.40	0.30	0.42	0.45
bezerro(a) 6 a 12 meses	0.50	0.42	0.60	0.65
novilho (a) 12 a 18 meses	0.65	0.55	0.75	0.80
novilho (a) 18 a 24 meses	0.75	0.65	1.00	1.00
novilho (a) 2 a 3 anos	0.85	0.75		
bois de engorda	1.00	0.85	1.00	
bubalinos	1.25	1.05		
eqüinos	1.25	1.05		
asininos	1.25	1.05		
muares	1.25	0.20		
ovinos	0.25	0.20		
caprinos	0.25			

A Lei e a Reforma Agrária

A Constituição Federal de 1988 ditou normas específicas relativamente à questão da desapropriação para a reforma agrária. O art. 185, estabeleceu, de forma imperativa e específica, duas modalidades que, excepcionalmente, serão insuscetíveis dos efeitos da desapropriação para fins de reforma agrária: I – a pequena e média propriedade rural, assim definida em lei, desde que seu proprietário não possua outra; II - a propriedade produtiva. Assim, é passível à desapropriação para reforma agrária a propriedade rural que: a) pelo tamanho, seja superior a quinze módulos fiscais ou sendo pequena ou média, seu proprietário tenha outro imóvel rural; e b) não seja produtiva.

A Lei 8.629/93 (Lei Agrária), no art. 4°, regulamentou dispositivo constitucional acima, e definiu a pequena propriedade como sendo a área compreendida entre um e quatro módulos fiscais (inciso I) e média propriedade o imóvel rural de área superior a quatro e até quinze módulos fiscais (inciso III). O Módulo Fiscal, então, passou a ser o fator para o cálculo da pequena e média propriedade.

Esse módulo fiscal foi criado pela Lei N° 6.746/79, lei que também deu nova redação aos art. 49 e 50 da Lei 4.504/64 (Estatuto da Terra), estabelecendo o cálculo do número de módulos fiscais: "O número de módulos fiscais de um imóvel rural será obtido dividindo-se sua área aproveitável total pelo módulo fiscal do Município".

Para saber o enquadramento de sua propriedade precisa-se, finalmente, conhecer o que é área aproveitável total da propriedade. De acordo com o Art. 10 da Lei 8.629/93 e Instrução Normativa N° 11 do Incra, a área aproveitável do imóvel será aquela correspondente à diferença entre a sua área total e sua área não aproveitável.

O Incra, entretanto, está adotando o critério de dividir a área total de imóvel, pelo módulo fiscal do município de localização do imóvel rural, para se estabelecer a quantidade de módulos de cada propriedade, ao invés de dividir pela área aproveitável do imóvel. Isto pode estar contribuindo para um aumento da quantidade de imóveis rurais passíveis de desapropriação, que pelo cálculo correto não poderiam sofrer tal conseqüência, e estariam incursos nos conceitos de pequena e média propriedade.

O efeito do cálculo do número de módulos fiscais e o seu impacto na classificação das propriedades e conseqüente suscetibilidade para desapropriação, pode ser observado pelo exemplo de um determinado imóvel com área de 600 ha, área aproveitável de 400 ha, e que tenha o Módulo Fiscal do município de 30 ha, conforme tabela.

PARÂMETROS	Normas legais vigentes	Critérios Incra
Área total do imóvel (ha)	600	600
Área não aproveitável	200	não considera
Área total aproveitável (ha)	400	não considera
Dimensão do módulo fiscal do município (ha)	30	30
Cálculo (divisão realizada)	400/30	600/30
Número de módulos fiscais	13.33	20.00
Classificação da propriedade Resultado Final	MÉDIA	GRANDE

A Riqueza das Nações VII

O declínio do império? I

Este é o sexto artigo da série, que, embora tratando de assuntos diferentes, é em essência, um só. O próprio título da coluna indica que os temas abordados devam ser prioritariamente econômicos, ou, pelo menos, geopolíticos – com uma pitada aqui e acolá de História. Como Economia é assunto pouco estimulante (até para os profissionais da área), prefiro tentar alcançar o mesmo objetivo, mas por outros caminhos. Caso contrário, só servirá aos meus leitores, que, porventura, sofrerem de insônia crônica.

Minha intenção, sempre, é tentar explicar "como as coisas funcionam" no mercado internacional, e como e onde isso nos afeta como cidadãos, e como país.

Na edição de setembro-outubro/2002, dissertei vagamente sobre protecionismo, nossa perda de autonomia e de soberania, e propostas para suplantar as barreiras que nos são impostas (presentes e futuras). Na edição novembro-dezembro/2002, voltei à década de 40, quando se formalizou o início da hegemonia global anglo-saxã, através de mecanismos muito mais sutis e eficazes que uma simples tarifa alfandegária, ou uma cota de importação. É o que eu chamei de "instrumentos de dominação". E na edição de janeiro-fevereiro/2003 o tema foi a União Européia, que, como bloco, é o maior parceiro comercial do Brasil – mas também um dos mais escorregadios, e não muito confiável. Finalmente, em março-abril/2003 o assunto foi a Alca, matéria que, assim como o "programa de rastreabilidade bovina – Sisbov" – quanto mais eu leio a respeito, menos entendo. Limitação de massa encefálica minha, sem dúvida. E, nas últimas duas edições, tratei dos requisitos básicos para um crescimento sustentável e sustentado da economia brasileira.

O título deste artigo não deve deixar dúvidas de que trato dos Estados Unidos, já que é o último "império" ou superpotência que restou na Terra. Partindo de alguns fatos, mas, principalmente de minha "intuição sobre História", sinto que os contornos de uma "nova ordem mundial" já começaram a ser delineados, embora de forma tímida e ainda indefinida.

Vamos liberar nossas mentes, e filosofar livre e etimologicamente sobre o que representa um "império", os requisitos básicos, e verificar onde e como os Estados Unidos se 'encaixam' no modelo.

Superioridade militar

Sem dúvida, é um requisito indispensável, já que rotas e privilégios comerciais normalmente eram (e ainda são) obtidos e mantidos, via "manu militari", para não falar na manutenção de "colônias" em outros continentes. Isto acontece desde o berço da civilização: a Babilônia [1], passando pelo Egito, Pérsia, Grécia, Macedônia, Roma, Espanha, Portugal [2], Império Britânico, Japão, e... os Estados Unidos. [3]

Embora hoje esta superioridade militar não seja mais necessária para a manutenção dos privilégios de um império, já que os mecanismos de dominação são muito

foto: divulgação

Carlos Arthur Ortenblad é economista e titular da Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, SP

[1] *Basicamente, é onde hoje se situa o Iraque (que ironia...).*
[2] *Sim, Portugal já foi uma potência mundial, e constituiu um dos maiores impérios que o Mundo já conheceu, dos séculos XV ao XX. Apenas para se ter uma idéia, na África: Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe; na Índia: Goa, Diu e Damão; na Ásia: Macau e Málaga, sem nos esquecermos de privilégios quase monopolistas no comércio da China e do Japão com o Ocidente (nos séculos XVI e XVII), e, voltando ao tema de colônias, a mais preciosa jóia da Coroa portuguesa: o Brasil.*
[3] *Minha omissão da União Soviética como um dos "impérios" ou superpotências, foi intencional. A falecida URSS jamais foi uma superpotência mundial, na acepção do termo, já que exerceu pouca influência cultural, não tinha grande relevância comercial, e ainda menos financeira. Eram fortes tecnológica e militarmente. Para usar um termo de Chu en Lai (embora não dirigido à URSS), eram um "tigre de papel, mas com dentes atômicos". Para os incrédulos: o PIB da Rússia é menor que o do Brasil.*

mais sutis e eficazes, ainda assim os Estados Unidos se encaixam perfeitamente neste perfil, e há bastante tempo, desde o século XIX.

Influência ou dominação cultural

Se considerarmos o termo "cultural" no sentido mais amplo da palavra, isto é: hábitos, estilo de vida, literatura, cinema, culinária, ciência, tecnologia, língua, educação e métodos de gestão, entre outros – não há país que tenha sequer uma fração da influência que os Estados Unidos exercem sobre o nosso planeta.

Influência comercial e financeira

Novamente, não existe nação que tenha tanto peso quanto os Estados Unidos. Se confrontarmos o PIB americano com a soma dos PIB da Alemanha e do Japão, por exemplo, ainda sobrarão algumas dezenas de bilhões de dólares de troco.

Homogeneidade racial

Embora não seja uma condição "sine qua non", a maioria dos impérios apresentou esta característica, e quando não – como nos impérios Romano e Britânico – apenas como exemplo, um forte e dominante traço de "princípios" e de "valores" sempre esteve presente. Como veremos depois, os Estados Unidos ainda apresentam uma dominância de princípios e de valores "wasp" [4], mas não por muito tempo.

[4] *wasp = White Anglo Saxon Protestant*

Influência política e diplomática

Sem dúvida alguma, é o calcanhar de Aquiles dos Estados Unidos. Em parte, esta queda de prestígio deve-se exatamente a isso. Excesso de prestígio, excesso de influência, excesso de poder. Como já nos ensinava o físico britânico Isaac Newton, "toda ação tem uma reação igual e contrária". Os adeptos ardorosos dos Estados Unidos classificam tal sentimento como reles "inveja". Os libertários preferem argüir que se trata de uma justa reação de países que, de uma forma ou de outra, se insurgem contra um estado de "dominação". Pessoalmente, fico na coluna do meio. Sucesso gera inveja, sem dúvida. Mas viver sob a sombra de um gigante, mesmo que este seja bonzinho, produz inconformidade e revolta. E, desculpem-me pela franqueza: a política externa americana, e o latente belicismo de seu governo nos últimos anos, não tem ajudado muito a imagem do país no exterior. Ah, que saudade de Adlai Stevenson e de Henry Kissinger...

Se os Estados Unidos apresentam, de forma exuberante e até excessiva, todos os pré-requisitos para serem um império, uma superpotência mundial (exceto no penúltimo requisito, apenas em parte, e na última condição, esta sim, de forma mais contundente), por quê esta minha idéia maluca de aventar a possibilidade de que já tenham atingido o apogeu, e o que está por vir – na melhor das hipóteses para eles – será estabilidade, ou talvez mesmo, o início do declínio ?

Porque o que constitui a força dos Estados Unidos hoje, é, paradoxalmente, também sua fraqueza, qual ideogramas que têm duplo e antônimo sentido. Por necessidade de concisão editorial, encerro este artigo neste ponto. Na próxima edição da revista ABCZ, pretendo me estender sobre cada um destes cinco pré-requisitos para "status" de Império, e avaliar como os Estados Unidos se comportam em relação a cada um deles.

AUMENTO DE PRODUTIVIDADE
E REDUÇÃO DE CUSTOS NO AGRONEGÓCIO,
SEMPRE É POSSÍVEL.
MELHOR QUE ISSO,
É TER QUEM FAÇA POR VOCÊ.

EFICIÊNCIA PRODUZINDO RESULTADOS

A Central de Compras/ ABCZ oferece a melhor gama de produtos e serviços destinados a tornar as transações do agronegócio mais simples, rentáveis e seguras. Com um banco de dados informatizado, a Central de Compras/ ABCZ fornece informações atualizadas sobre o comportamento do mercado e detalhamento sobre transações executadas, e, com base nestas informações proporciona a seus clientes uma série de vantagens como:simplificação no processo de cotação,economia de tempo, redução de custos operacionais, planejamento de compras, agilidade nas negociações, transportadoras confiáveis, simplificação no processo de contas a pagar, indicação de momentos apropriados para a compra e venda, acompanhamento técnico on-line.

As cotações são realizadas a partir de sua proposta firme ou preço base para negociação, e poderão ser solicitadas via e-mail, fax ou telefone, sem custos iniciais, mensais ou anuais. Fazendo uso de parcerias, departamentos especializados e uma vasta experiência no mercado agropecuário, a Central de Compras estabelece estratégias de negociação e, junto com você, obtém excelentes resultados reconhecidos no setor agropecuário como o melhor serviço de compra.

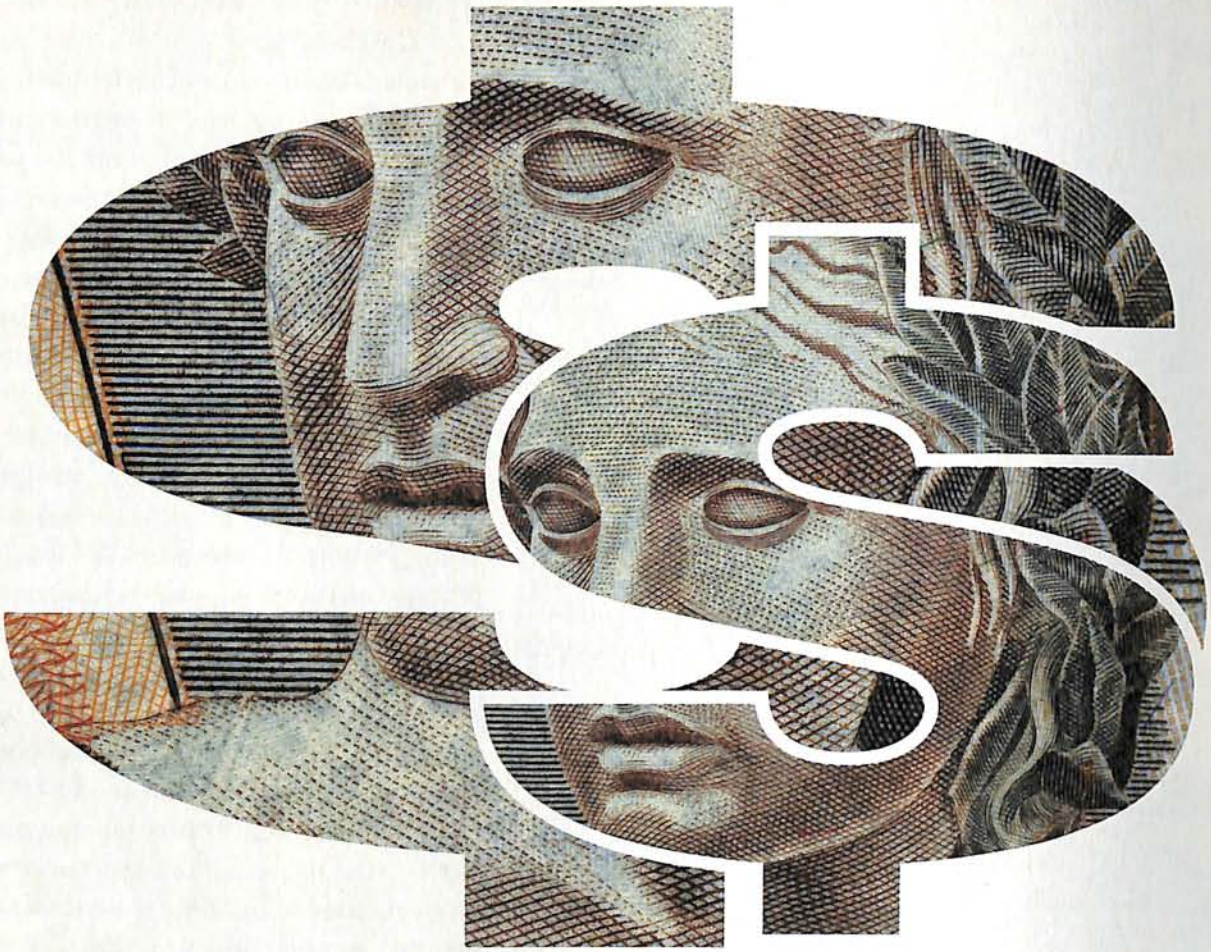
Agronegócio é aqui.

central de **compras**

PARCERIA DE RESULTADOS, VISITE O SITE:
www.centralcompra.com.br/abcz

ABCZ
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE ZEBU

0300 789 1203
***fax:* 67 421 5005**



Santo **lucro**

Apesar dos avanços tecnológicos terem invadido o campo na última década, a produção agropecuária peca pelo alto índice de perdas. Um problema que pode ser evitado com pequenas mudanças na administração da fazenda capazes de render um dinheiro extra no fim do mês

Larissa Vieira

Na fazenda Santa Sofia, em Maracaju, Mato Grosso do Sul, a palavra desperdício foi abolida há um ano. Pressionada pelo agressivo crescimento da soja na região, a família Caminha resolveu mudar a forma de administrar a propriedade antes que, atraída pelos altos preços, fosse obrigada a arrendar as terras para agricultores. Tradicionais criadores de gado na cidade de quase 26 mil habitantes, eles resolveram aliar experiência com a lida do dia-a-dia no campo e com eficiência empresarial. "Um verdadeiro furacão". É como Fábio Olegário Caminha, um dos proprietários da Santa Sofia, define o efeito causado pelo processo de gerenciamento implantado na fazenda. "O nosso grande problema era a falta de planejamento das atividades. Não havia controle dos gastos e, muitas vezes, nossos investimentos eram mal direcionados sem qualquer relação custo/benefício compensadora".

Um dos erros mais comuns cometidos pelos pecuaristas brasileiros, que também era praticado por Fábio, é a aplicação de calcário e fertilizantes sem análise prévia do solo. O que era para ser ganho acaba em prejuízo, devido ao gasto desnecessário com o produto ou efeito muito

"O desperdício é o grande inimigo em qualquer empreendimento. Sem dúvida o erro mais comum é a falta de planejamento do que se tem intenção de fazer"

aquém do esperado. Se a palavra desperdício hoje é proibida na Santa Sofia, planejamento tornou-se linguagem corriqueira. Abrir o cofre, só depois de pesar na balança se o investimento é realmente necessário.

Essa "antecipação" do futuro, tão comum em grandes empresas de outros setores e feita com base em dados da realidade da fazenda, é apontada por especialistas em economia rural como o caminho mais curto para se chegar ao lucro. "Quando se planeja, algo pode dar errado, mas quando não se planeja, algo poderá dar certo". É com essa frase que o engenheiro agrônomo da Projepec, Alexandre de Campos Gonçalves, tenta convencer os pecuaristas e administradores de propriedades rurais de que sem planejamento o lucro no final do mês pode se tornar um sonho distante. Em um verdadeiro trabalho de catequese que já dura nove anos, feito inclusive na Santa Sofia, ele alerta os criadores para o fantasma do desperdício. Todos os anos o Brasil joga fora 30% da sua produção agrícola.

Nos Estados Unidos, outro grande produtor mundial, essa perda não ultrapassa 6%. Na pecuária, o problema pode ficar escondido atrás da baixa produtividade. Até mesmo a lotação do pasto pode interferir negativamente. Número de animais em uma área além da capacidade da pastagem em fornecer alimento vai resultar em rápida degradação do solo e rebanho mal alimentado. Tudo isso derruba a eficiência reprodutiva e produtiva do gado e obriga o criador a gastar mais para recuperar o animal e o pasto.

O oposto também é sinônimo de prejuízo. Uma lotação bem abaixo da suportada pelo pasto causa desperdício de capim e dos insumos aplicados na região sub-pastejada. "O desperdício é o grande inimigo em qualquer empreendimento. Sem dúvida o erro mais comum é a falta de planejamento do que se tem intenção de fazer. É comum encontrar pecuaristas que se importam muito com genética, reprodução, instalações, enquanto o gado está mal alimentado ou a pastagem está degradada", alerta Alexandre. Outro erro comum acontece quando se faz o controle sanitário do rebanho. A constante reinfestação do rebanho por endo e ectoparasitas é um sinal de que algo está errado no plano de controle sanitário. O uso excessivo de produtos veterinários além de aumentar os gastos contribui para deixar os parasitas cada vez mais resistentes.

Fotos: divulgação

Ao lado: Alexandre de Campos, engenheiro agrônomo da Projepec

Abaixo: sede da fazenda Santa Sofia, localizada em Maracaju, Mato Grosso do Sul; em seguida, gado zebu da propriedade

O prejuízo deixa de ser apenas econômico. Há o risco de danos ambientais, à saúde dos animais e do homem. E como o exigente mercado consumidor tem dado prioridade aos produtos naturais, sem grande adição de substâncias químicas durante o processo produtivo, o agropecuarista que abusa de agrotóxicos ou produtos veterinários perde a chance de agregar valor à mercadoria e ganhar novos nichos de mercado. "Existem dois tipos de controle sanitário que ajudam a solucionar o problema: o estratégico e o curativo. O primeiro é planejado. As aplicações de produtos veterinários são definidas antes do início do ano pecuário. Com

"A nova realidade do agronegócio levou para o campo programas de controle de qualidade, antes restritos às indústrias e grandes empresas. Adaptados para a agropecuária, eles introduziram um jeito empresarial de fazer pecuária"

isso, consegue-se concentrar o trabalho com o gado em épocas pré-determinadas, economizando recursos, mão-de-obra e estressando menos o rebanho", ensina o engenheiro agrônomo.

Já o controle curativo só acontece caso, por algum motivo não planejado, a infestação volte a ficar acima do nível aceitável. Daí, o pecuarista aplica novamente o produto. Essas estratégias facilitam ainda o fluxo de caixa já que o gasto é planejado.

Competitividade

Solucionar os problemas do dia-a-dia de uma propriedade rural não é tarefa fácil. A globalização aliada à acirrada concorrência do mercado está obrigando os produtores a se manterem atualizados. Entender apenas de gado já não é suficiente. É preciso entender um pouco de economia, informática, administração, relações comerciais, humanas, mercado financeiro... Toda essa gama de conhecimentos ajuda a gerenciar melhor a fazenda e otimizar a rotina de trabalho. O bom desempenho do agronegócio nos últimos anos também está forçando o aprimoramento do setor. Manter-se no topo dos maiores exportadores de carne, grãos e outros produtos agropecuários está exigindo a implantação de sistemas de produção seguros, rápidos e de baixo custo.

O pecuarista da porteira para dentro está fadado a ser alijado do mercado. "O domínio da informação na atualidade constitui fator de primordial importância em qualquer atividade. Muitos produtores ainda encontram sérias dificuldades para acesso aos modernos e variados instrumentos de informação de mercado, permanecendo, então, extremamente dependentes dos agentes intermediários. Na verdade, o domínio da informação dá condições de melhoria para toda a gestão da empresa rural", sentencia o professor da Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), João Luiz Cardoso. Com pós-doutorado em Economia Rural, feito na França, ele lembra da importância de estar por dentro também da política agrícola do país. Atitude comum entre os agropecuaristas europeus, amparados pelas leis dos subsídios.

A nova realidade do agronegócio levou para o campo programas de controle de qualidade, antes restritos às indústrias e grandes empresas. Adaptados para a agropecuária, eles introduziram um jeito empresarial de fazer pecuária. Tudo o que se gasta é devidamente planejado e depois transforma-se em planilhas de custo. Elas servem de norte para os próximos passos. Desperdício, nem mesmo de tempo. Uma dessas filosofias de trabalho é o Sistemas Toyota de Produção (veja quadro "Sete vezes desperdício"), elaborado para funcionar em unidades industriais do setor automobilístico. Ele elimina o retrabalho, a necessidade de refazer uma tarefa em virtude do trabalho mal feito. Entre as vantagens apontadas pela empresa de consultoria Projepec, que combina esses sistema com outros para implantar em fazendas de várias partes do Brasil, está a redução do desperdício de esforço, mão-de-obra e recursos.

A maioria dos sistemas aplicados foram importados de outros países. O PDCA (sigla em inglês cujo significado é: Planejar, Executar, Verificar, Agir) foi criado por um americano, e difundido mais tarde no Japão de onde passou a ser conhecido mundial-

Sete vezes desperdício

O Sistema Toyota de Produção aponta os principais tipos de desperdício. Veja se algum deles está acontecendo em sua propriedade rural:

I. Tempo perdido refazendo serviços ou consertando aquilo que foi mal feito;
II. Produção além do necessário ou em época inadequada;
III. Operações desnecessárias no processo de produção como uso constante de produtos veterinários por falta de adoção de um plano de controle sanitário preventivo;
IV. Programar as compras de insumos e as idas à cidade para buscá-los pode representar uma economia muito grande de tempo e de recursos;
V. Armazenamento incorreto de insumos e da produção pode levar à perda da qualidade e contaminação do produto. Grandes estoques são um sério problema pelo espaço físico que tomam e pelos riscos de perdas a que estão submetidos;
VI. Falta de planejamento das atividades diárias pode deixar alguns funcionários ociosos enquanto que outros trabalham em excesso;
VI. Ferramentas em estado precário de conservação e guardadas em qualquer local provoca desperdício de tempo e trabalho.

mente. Ele controla processos de produção com base no planejamento. Outro método bastante aplicado é o 5S. De origem japonesa, ele tem como pontos essenciais a organização, arrumação, limpeza, padronização e disciplina. A lista de sistemas inclui ainda teoria da setorização, PPO (Padronização dos Procedimentos Operacionais), Qualidade Total. Os especialistas garantem que os primeiros resultados podem ser notados em 30 dias, mas, melhorias mais consistentes, somente depois de seis meses da reorganização estrutural.

Adaptação

Apesar de tanta opção, o que vale é respeitar a realidade da fazenda adaptando a nova filosofia de trabalho ao perfil dos funcionários e administradores. Não é porque um método deu certo no vizinho que irá funcionar em sua propriedade. Para Alexandre, receita de bolo não existe em gerenciamento. "É comum histórias como a do pecuarista que soube pela mídia dos benefícios da adubação de pastagens. Ele compra o adubo recomendado na reportagem e o aplica em suas pastagens. Porém, o resultado obtido é bem diferente do prometido. Daí, ele chega a conclusão que desperdiçou recursos, tempo e fertilizante. Mas ele sequer fez análise de solo para verificar quais as medidas necessárias antes da aplicação do fertilizante".

O ideal seria ajustar o sistema de produção às características dos recursos disponíveis, sejam humanos, físicos, econômicos ou naturais. O uso de forma racional de máquinas, equipamentos e até mão-de-obra evita o chamado custo "invisível", aquele que não sai diretamente do bolso do produtor e que, portanto, não é contabilizado. É o caso, por exemplo, de quem tem um trator pouco usado na fazenda. A máquina, perde valor a cada ano pelo próprio processo de depreciação. Nesses casos, uma das alternativas, segundo o professor da Unicamp, seria o aluguel do trator e a aplicação do dinheiro em outra área de produção.

A falta de informação sobre todos os bens existentes da propriedade é que muitas vezes causa esse desperdício "invisível". Como desconhece todos os recursos que tem, o produtor acaba não

usando os equipamentos, materiais e objetos de forma racional. Neste caso, organizar o inventário da unidade produtiva é essencial para avaliar o patrimônio existente, seja terra, culturas permanentes, benfeitorias, máquinas, implementos e veículos ou animais. Isso facilita na hora de determinar quais serão os custos da produção. Anotar toda e qualquer despesa ou receita também é fundamental. Baseado nessas informações, é possível efetuar análises econômicas a partir de indicadores como: receita total, renda líquida, relação benefício-custo, taxa de rentabilidade do capital, entre outros.

O envolvimento de toda a equipe de trabalho, desde o tratador até o gerente da propriedade, é outro passo importante para o sucesso do empreendimento. "Nossos funcionários sempre foram muito comprometidos com a fazenda, mas depois das mudanças eles passaram a compreender melhor qual o papel de cada um dentro do contexto. Acho que essa capacidade de comunicação foi fundamental para que todos colaborassem como uma grande equipe. Eles têm feito cursos de aperfeiçoamento, como o de inseminação artificial, para aumentar a eficiência nas tarefas", conta Fábio. Basta ver os números do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) para comprovar que o trabalhador rural brasileiro está acordando para a necessidade de se especializar. Em 2002, 365 mil pessoas participaram dos cursos oferecidos pela entidade – os números de 2003 ainda não foram divulgados. Desse total, em torno de 100 mil fizeram atividades voltadas para a pecuária, a segunda maior procura.

"Nossos funcionários sempre foram muito comprometidos com a fazenda, mas depois das mudanças eles passaram a compreender melhor qual o papel de cada um dentro do contexto"

Ao lado: alunos do projeto Senar em aula de inseminação artificial

Foto: divulgação

valfran®

TRONCOS - BALANÇAS - DUCHAS

DDG - 0800-142111

Balanças Mecânica

Tronco de Contenção

Tronco de Contenção VF . com adaptação para Balanças Eletrônicas

Matriz: Av. Nasser, 2.333 - P. Industrial PABX: (17) 3421-2111
Fax: (17) 3421-3191 - CEP 15503-005 - Votuporanga - SP

Filial: Av. Castelo Branco, 2.423 S. Coimbra
Fone: (62) 233-0273 Fax: 233-0105 - CEP 74530-010 Goiânia - GO

www.valfran.com.br - valfran@valfran.com.br

fotos: divulgação

Acima: José Carlos Prata Cunha apresenta dois raçadores nelore do seu plantel

Material genético em alta

Diretor de Relações Promocionais da ABCZ fala sobre o mercado de material genético e diz que a pecuária brasileira tem tudo para se destacar internacionalmente por muitos anos

Renata Thomazini

"Não poderia atuar em outra atividade senão com o zebu". Essa frase resume a vocação do diretor de Relação com Associações Promocionais da ABCZ, o médico veterinário e pecuarista José Carlos Prata Cunha. Criador de nelore, sua lida com a pecuária é o que ele mesmo denomina: "herança genética". Os avós já traziam consigo a paixão pelo gado indiano. Foram precursores da importação do nelore da Índia para o Brasil. O espírito de luta, a crença no potencial da raça estavam entranhados na alma do pai, Torres Homem Rodrigues da Cunha, que, por sua vez, dedicou-se à implantar e alicerçar a raça no país.

Coube a José Carlos e a seus irmãos darem continuidade a esse trabalho, com a mesma determinação e seriedade. Na sua pauta de atividades: buscar o melhoramento genético, investindo e fornecendo ao mercado o que a marca VR tem de melhor. "Quero preservar o espírito das gerações passadas de minha família", afirma José Carlos.

Os números confirmam o otimismo de José Carlos quanto ao mercado de material genético do zebu. O Brasil, em 2003, exportou 82% a mais de sêmen bovino do que no ano de 2002. Um crescimento incrível se considerarmos que a algum tempo atrás os países que mais com-

pravam esse tipo de material proveniente de animais brasileiros eram apenas Colômbia e Paraguai. Hoje, com o trabalho de marketing internacional elaborado pelo governo, assim como pelo consórcio Brazilian Cattle Genetics – criado pela ABCZ e Apex/Brasil para viabilizar a negociação de material genético zebuíno e animais vivos — as exportações de semên interessam a mais países da América Latina, além de locais como Benin e Senegal. Nesta entrevista, José Carlos Prata Cunha fala sobre a abertura desse mercado e mostra sua visão, como empresário do ramo de inseminação artificial. O pecuarista é um dos proprietários e um dos diretores da Central VR, que lida diariamente com material genético bovino.

Revista ABCZ: ***Sua família é tradicionalmente empreendedora no que diz respeito a zebuinocultura. Como o senhor cria o rebanho nelore de sua propriedade?***

José Carlos Prata Cunha: Busco há anos sempre acrescentar ao nelore fertilidade, precocidade e habilidade materna. Acredito ser importante preservar, acima de tudo, suas características raciais e fazer com que a raça atinja altos índices de performance. Os animais de meu plantel são designados desde novos à campanha de pista. As exposições, ao meu ver, são importantíssimas para a raça, pois é ali que se vê realmente em que nível a gente se encontra como selecionador. Foi com essa linha de trabalho que produzi alguns campeões nacionais como Narambu, Garoto, Lagan, Mig, Rolex, Porche, Templo, Vermut, Asteca e Boston.

ABCZ: ***O senhor trabalha com um dos segmentos que mais crescem nos últimos anos dentro da pecuária, o negócio de material genético.***

JCPC: A Central VR é pioneira do segmento no Brasil. Os seus primeiros exemplares a serem coletados foram os animais provenientes da importação de 1962. E os frutos dessa genética melhorada foram os que integraram a bateria de touros de coleta do futuro. Após essa distribuição de material genético em todo o território nacional, sentimos a necessidade de ampliar nossa área de atendimento (vendas). Foi então que, em 1997, firmamos parceria com a Alta Genetics. Hoje, cobrimos todo o país, com qualidade na entrega e assistência técnica de primeira linha.

ABCZ: ***Como começou a selecionar seu plantel?***

JCPC: Meu plantel é originário do rebanho de meu pai. Aproveitando esse baú de genética, selecionei meu rebanho priorizando produtividade. Conseguimos animais nelore de alto padrão, que atendem às exigências do mercado atual. Concentro meu rebanho na fazenda Fortaleza, situada em Valparaíso (SP). E, tanto meu gado de pista, quanto os animais de cocheira, são tratados com uma dieta à base de volumoso e concentrado de alta qualidade, aliado à genética quase centenária VR.

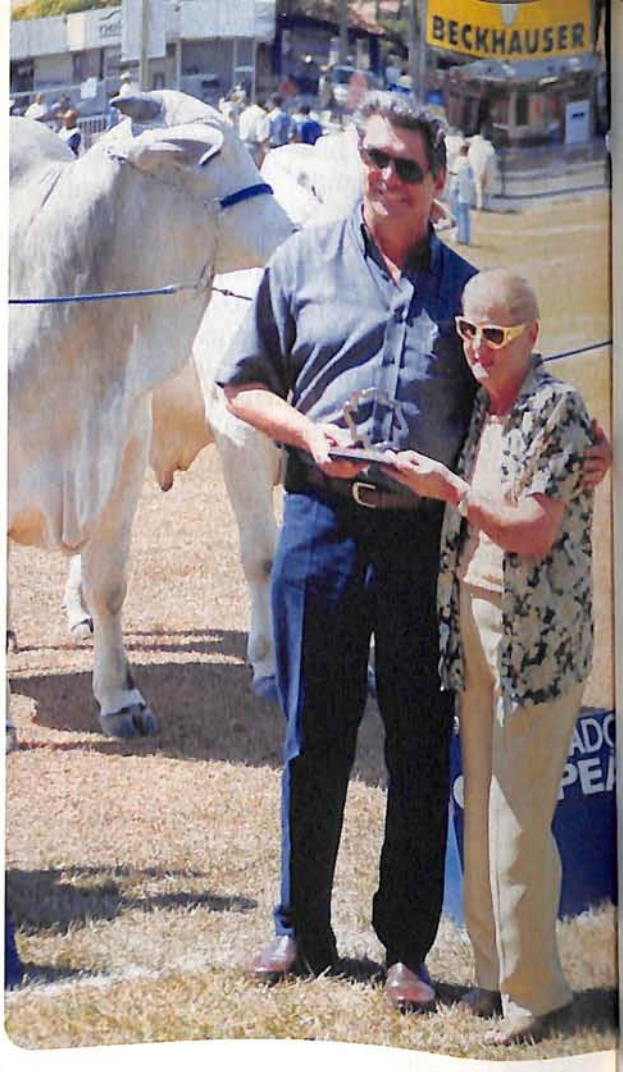
Acima e nas págs. 110 e 111: diretor recebe premiações ao lado de familiares e amigos

"O Brasil, em 2003, exportou 82% a mais de sêmen bovino do que no ano de 2002"

ABCZ: ***E existe alguma receita para se conseguir tanto rendimento com os animais?***

JCPC: Existe sim. Chama-se trabalho. Conduzo minha vida dia após dia em função da melhoria da raça. Para preservar um plantel de qualidade não se pode deixar levar por emoções. O nelore é minha indústria, meu remédio. Não posso correr o risco de introduzir aventuras no rebanho. É necessário, além de velocidade nas decisões, uma equipe dedicada, com técnicos à altura. A grande vantagem desse meio é a oportunidade de trocas de experiências e a convivência com os amigos. Esses são motivadores de plantão, uma segunda família.

Fotos: divulgação



ABCZ: ***E como está o mercado de material genético hoje?***
JCPC: A demanda está alta. Foi ela que nos deu sinais do crescimento do setor. Essa movimentação nos ajudou a traçar novos planos para atender aos novos clientes. Nunca deixamos de investir em novas tecnologias ou mão-de-obra especializada. É importante trabalhar para atender nosso mercado interno, assim como a procura externa pelo material genético de nosso zebu.
Acredito que o potencial do Brasil hoje é, sem dúvida, satisfatório tanto para a carne *in natura*, quanto para o material genético. A ascensão de nossa produção é um indício de que teremos condições de abastecer o exterior por muitos anos. Isso é animador e garante segurança ao nosso mercado produtivo. As especulações do mercado externo sobre a forma de produção de nossa carne ou material genético têm aumentado. Mas é questão de tempo para alcançarmos nosso objetivo de poder dar maior credibilidade ao nosso produto no exterior.

ABCZ: ***Alguns criadores enveredam pelo território dos cruzamentos industriais. Como o senhor vê essa atitude?***
JCPC: Há anos, as pessoas estudam cruzamentos a fim de compor uma raça que possua características positivas que as distanciem das demais. Contudo, é um trabalho difícil. Sou progressista e acredito que todo trabalho elaborado no intuito de melhoria para o rebanho nacional é bem-vindo. No entanto, no meu caso, prefiro continuar dedicando-me à melhoria da raça nelore; um gado que apresenta melhor e mais rápido desempenho com o passar das gerações.

ABCZ: ***Esse verdadeiro "boom" do agronegócio brasileiro nos últimos anos é reflexo de um maior apoio do governo ao setor?***
JCPC: O governo de uns anos para cá se deu conta de que o eixo econômico do país é o setor agropecuário. Estou mais confiante com a expansão de nossos agroprodutos para outros continentes. A ABCZ tem investido há muito tempo em prol da expansão das exportações. Essas investidas conjuntas são doses ministradas de fôlego para vencermos a partida contra os concorrentes externos.
O papel da ABCZ tem sido fomentar os mercados internacionais e buscar o aprimoramento das raças

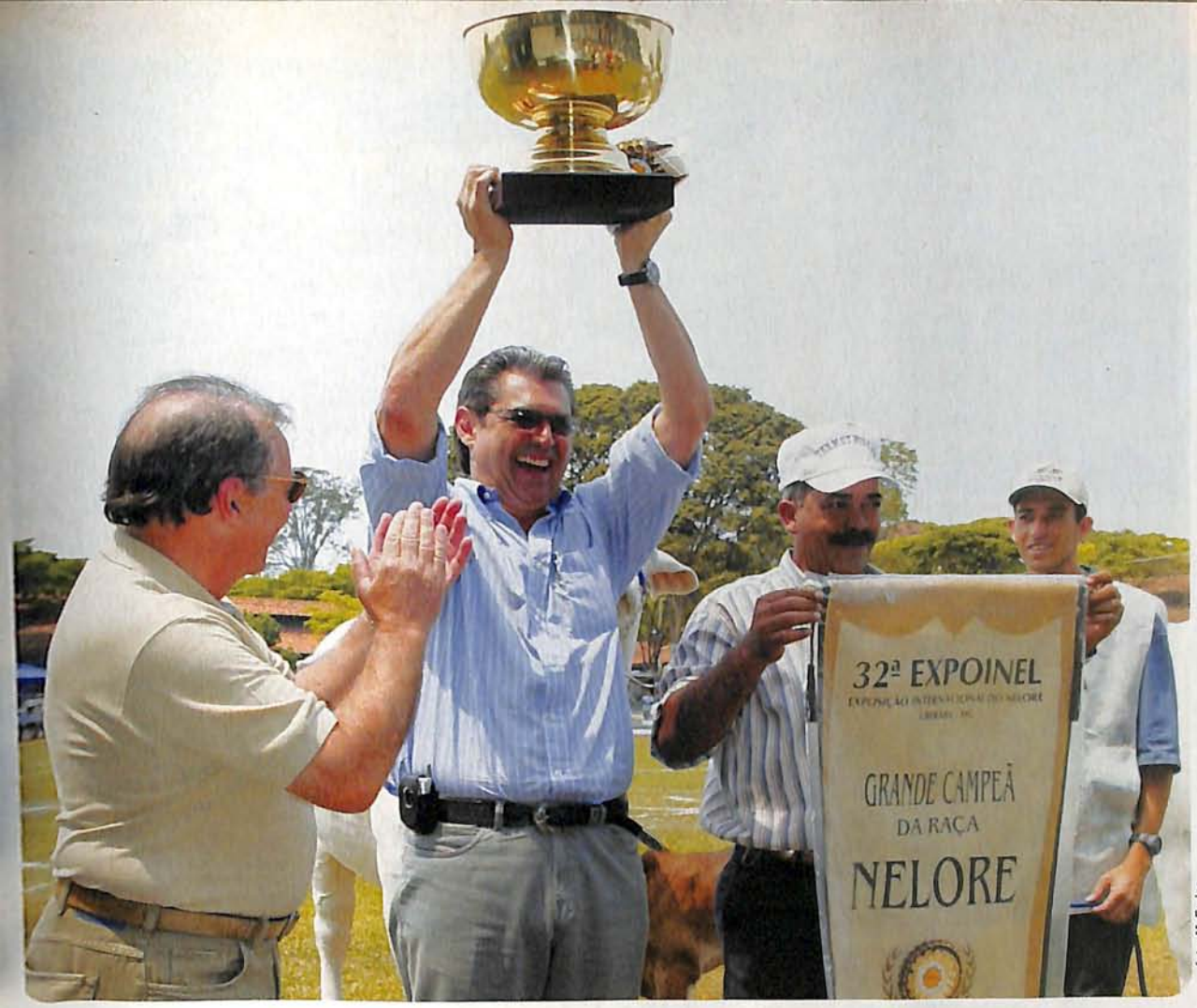


foto: M. Farias

zebuínas para que estejam dentro das exigências das novas praças. Por isso, é importante ter união. A participação maciça dos pecuaristas e a habilidade nas negociações políticas, por parte da presidência e diretoria da entidade, são fundamentais para que a ABCZ alcance suas metas. Os diretores são pessoas que, além de criadores, também ocupam a presidência de grandes empresas, lidam com a pecuária como um negócio. Essa bagagem transmite segurança ao associado. Com a soma de experiências conseguimos desenvolver projetos que visam a evolução do zebu, com vistas à abertura de novos mercados, e melhorar a prestação dos serviços.

ABCZ: ***O governo pode ficar tranqüilo quanto ao abastecimento dos novos mercados que estão surgindo a partir do trabalho de fomento às importações dos produtos pecuários brasileiros?***

JCPC: Temos tudo para atender o mercado externo. Nosso produto é diferenciado, se comparado ao dos grandes fornecedores. Nossa produção é obtida basicamente através de uma dieta natural, o que reflete na visão dos consumidores que querem

foto divulgação

Ao lado: José Carlos abraça o saudoso Dico

cada vez mais alimentos saudáveis e de boa procedência. Não podemos afrouxar o cinto para nossos problemas sanitários, porque só os esforços em erradicar as nossas zoonoses resultarão positivamente na aceitação de nosso produto.

"Se conseguimos chegar ao estágio em que nos encontramos, foi porque trabalhamos certo"

ABCZ: ***O trabalho de seleção é contínuo?***
JCPC: Acredito na idéia de que nada é perfeito. Se conseguimos chegar ao estágio em que nos encontramos, foi porque trabalhamos certo. Porém, a cada recorde que alcançamos é um sinal de que podemos melhorar. É natural. Basta unirmos esforços, cuidadosamente, buscando desempenho e produtividade, aliados a bases genéticas sólidas.

ABCZ: ***A investida recente do governo federal para abrir o comércio de material genético e animais zebuínos com a Índia, interrompido há mais de 40 anos, é sinal de que o rebanho brasileiro pode se tornar ainda mais produtivo?***
JCPC: Pela distância que separa a última importação que fizemos de material genético até agora, acredito na evolução do rebanho indiano. É indiscutível que o rebanho nacional se encontra em uma condição mais desejável em relação ao deles, mas isso acontece porque nosso trabalho de seleção e de melhoramento genético durante esse período foi mais sólido, com utilização de melhor tecnologia. Eles não têm os mesmos interesses comerciais que nós. O que podemos aproveitar da possível negociação de material genético zebuíno entre nossos países é o que chamamos de refrescamento de sangue. Contudo, na minha opinião, temos condições de continuar nosso trabalho dentro de nossas bases genéticas.

ABCZ: ***Como as centrais de inseminação vêem essa fase de ascendência da pecuária zebuína?***
JCPC: Estamos vivendo uma fase onde colhemos o que plantamos. A procura por material genético zebuíno é tão grande que nos levou a adotar em nossa fazenda procedimentos industriais para aumentar a produção. Sêmen, embriões implantados e congelados, matrizes, bezerras, novilhas; enfim, em qualquer circunstância disseminamos nossa produção. O cenário da pecuária nacional está sendo elaborado inteligentemente. Estamos atendendo a um mercado forte e exigente que, se for bem cativado, estará pronto para dar ainda mais crédito aos nossos produtos.

Só quem anda lado a lado com o pecuarista pode oferecer o...

Melhor

Allflex
Kit
SISBOV
RASTREABILIDADE ANIMAL

Identificação e coleta de dados para rastreabilidade.

Para facilitar o processo de rastreabilidade, agora os melhores brincos do mundo vem acompanhados de planilhas personalizadas para a coleta de dados a campo. KIT SISBOV, mais uma vez a ALLFLEX sai na frente.

Mais informações pergunte a sua certificadora ou acesse o nosso site: ***www.allflex.com.br***

Fabricados no Brasil, vendidos em todo mundo.

Allflex

Ninguém é melhor por acaso.

"A senhora **Dona Galinha** e **seus amores**"

Nunca se viu uma galinha participando de espetáculos circenses ou de teatro. Acontece que nossa amiga é incapaz de aprender algo que não esteja programado em sua cachola vazia. É possuidora de uma inteligência elementar ou quase nula. Chamá-la de burra seria ofender aos pacíficos e resignados muares. É difícil defini-la. É uma coisa.

Observem-na pondo um ovo. Todo o parto é feito com a cara mais inexpressiva do mundo. Não chora, não faz careta e não geme. Terminada a operação, levanta-se e olha entre as pernas espantada para o ovo. Todos os dias repete o mesmo espanto, como se fosse a primeira vez, ou duvidasse ser a autora da proeza. Em seguida faz um escarcéu danado, num cocoricó irritante e sem melodia. Esta propaganda ajuda a vender seu produto. Dona galinha deveria ser a padroeira dos publicitários. A senhora pata e a dona gansa produzem ovos maiores, mais ricos, mas parecem ter vergonha e se calam. Seus ovos não têm procura, embora sejam um santo remédio prá fraqueza do peito e brochura.

"Não chora, não faz careta e não geme"

Todas as fêmeas entram em cio, época em que aceitam o relacionamento sexual com o macho. É seu período fértil. A galinha não. Frígida, não tem prazer no ato sexual, e sem chamego aceita o macho a qualquer tempo, hora e lugar. É só o galã, ou melhor o galo, ameaçar e a messalina agacha e se deixa usar.

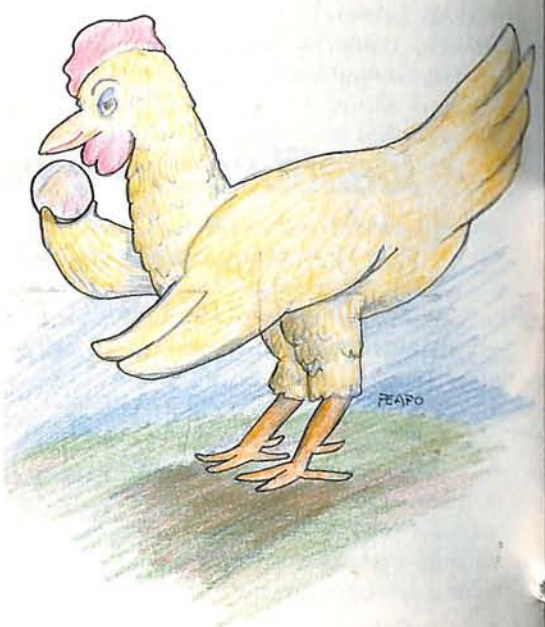
A caipira é feliz, burra e bem amada. Cisca aloprada, zureta pelo terreiro, estabanada, assustando-se ao menor ruído. Livres, doidonas, gostam de quentar sol, botam um ovinho pequeno, de gema amarela como ovo e com gosto de ovo. As galinhas de granja são umas infelizes. Bobocas. Não conhecem nem o galo. Morrem virgens. Não ciscam, não correm e não tomam sol. Morrem sem nunca comer uma minhoca. Sangram ao botar ovos grandes, de gema pálida e sem gosto.

A senhora galinha que me perdoe, mas devia ser mais recatada e respeitar seus filhos. Eu sei que o galo é sedutor, insinuante, machão, musculoso, e tem bela crista, mas é preciso ter um pouquinho mais de recato. O galo canta bem, mas é preciso esperar pelo menos a cantada. Não vá se agachando logo. Seja mais difícil. Veja como sua reputação está em baixa. Quando uma mulher facilita muito em seus querer-bens logo é chamada de galinha.

Quando o galo vier excitado, mandão e todo cheio de razões e calores, diga que está indisposta, cansada ou com dor de cabeça. Faça-se disputada, ou será chamada de galinha.

foto: divulgação

Hugo Prata é engenheiro-agrônomo e professor universitário

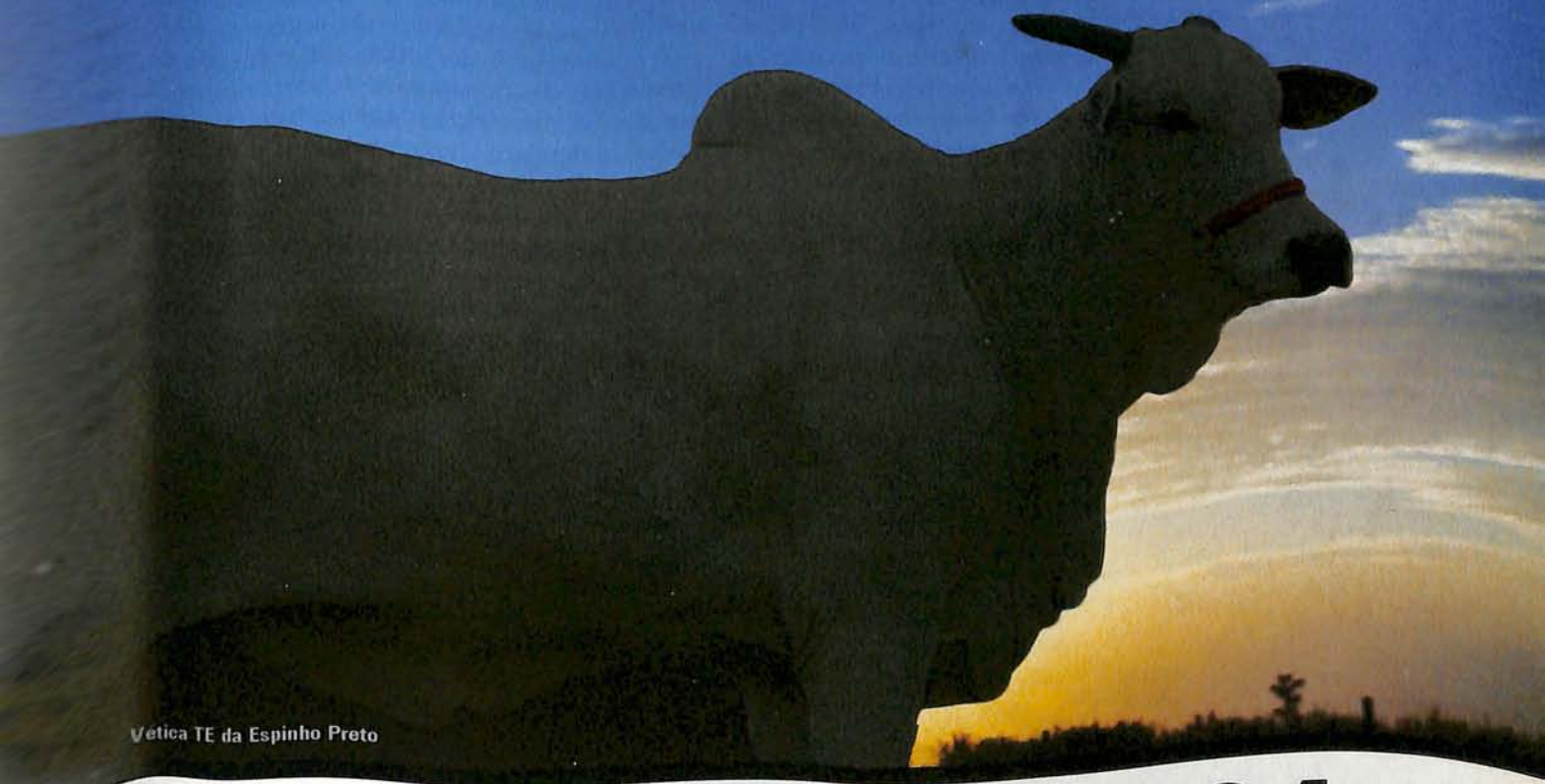


ART RURAL

2º Leilão

ESPINHO PRETO

& Convidados



Vetica TE da Espinho Preto

11 - ABRIL - 2004

DOMINGO - 12H

Durante a Expo Londrina 2004

Realização

PROGRAMA LEILÕES
(43) 3373-7077

Transmissão ao vivo

CANAL RURAL
CADASTRO:(43) 3373-7077
LANCES: (43) 3373-7000

Assessoria

Pé OURO
Assessoria Genética Animal Ltda
(34) 3315-4600

Celio Arantes Heim
CRMV - PR 2805

Agência oficial

ART RURAL
PROPAGANDA
(43) 3328-1400

Zebu capixaba

Depois de enfrentar a maior seca dos últimos tempos, o produtor rural do Espírito Santo só pensa em voltar a crescer economicamente. A crise acabou evidenciando a força dos animais zebuínos, capazes de sobreviver mesmo em climas mais adversos

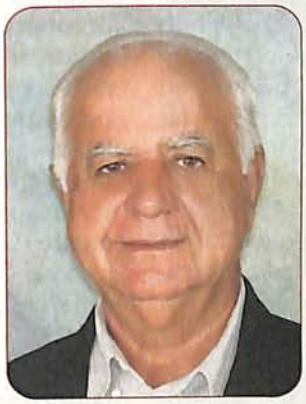
Larissa Vieira

Dizem que a verdade está por toda a parte, o que interessa é para onde você olha. Esse pensamento, imortalizado em uma das obras do escritor norte-americano Roger Von Oech, exemplifica perfeitamente a atual visão dos criadores capixabas. O Estado do Espírito Santo teria todos os motivos para apagar da história da pecuária o ano de 2003. A seca foi implacável obrigando os pecuaristas a se desfazerem de muitos animais para reduzir a lotação na pastagem. Alguns nem tiveram tempo para isso, pois parte de suas crias morreram, debilitadas pela falta de comida no pasto. A estiagem está sendo considerada a pior dos últimos anos, maior ainda que a grande seca ocorrida em 1995. De acordo com dados do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), o prejuízo do setor agropecuário, incluindo a fruticultura, é estimado em R$ 180 milhões. Mas como diria o escritor americano, esse é apenas um ângulo da verdade.

O olhar dos capixabas em direção a essa crise é de otimismo. É a chance de recomeçar, só que com mais experiência, união. "Se não fosse a rusticidade do zebu teríamos perdido tudo". A constatação é de um criador apaixonado pelo nelore, Paulo Lindenberg Von Schilgen. Bastam alguns minutos de prosa para perceber esse amor. "O nelore está vencendo no norte do Espírito Santo. A região está ficando cada vez mais seca, o que acaba tornando inviável a criação de animais das raças européias e mestiços. É por isso que a perda foi maior na pecuária leiteira", revela Von Schilgen,

um dos três conselheiros da ABCZ no estado.

A seca foi maior justamente no norte capixaba. Os municípios situados acima do Rio Doce como Montanha e Mucurici sofreram mais. Quilômetros adiante, bem no sul da Bahia, a chuva caiu com regularidade deixando o pasto vizinho verde e farto. Enquanto isso, os pecuaristas do Espírito Santo viam o capim ser queimado pelo sol durante oito meses de estiagem e voltar a brotar com as poucas chuvas de novembro. Daí vieram mais 25 dias de seca, fatais para a rebrota das forrageiras. A chuva só deu o ar da graça no último mês de 2003 e em pouca quantidade. Foi o presente de Natal, modesto diga-se de passagem, que São Pedro reservou aos capixabas. Para enfrentar o mau tempo, alguns criadores trocaram o colonião por variedades de capim mais resistentes como a braquiária brizantha e o marandu. A mudança resolveu parte do problema.



O feno, a silagem, sal proteinado e a cana-de-açúcar acabaram sendo essenciais na alimentação do gado. Tanto é que encontrar feno foi tarefa difícil nos últimos meses. Mesmo com a grande procura, a inflação dos preços não aconteceu, para alívio dos produtores rurais. Na fazenda Tabapuã, de propriedade de Agildo de Medeiros Bastos, a cana amenizou o problema da falta de pasto. "Sempre planto cana porque é uma garantia de lucro. Quando chove bem e não preciso dar a cana ao rebanho, vendo a produção para as usinas. Se falta chuva, ela vai alimentar o gado", atesta Bastos, também conselheiro da ABCZ no Espírito Santo. Apostando no velho ditado de que um homem prevenido vale por dois, Agildo irá aumentar a lavoura de cana este ano para garantir estoque no caso de outra intempérie. Ele também teve de se desfazer de alguns animais, mas, garante, na hora certa. Quem esperou mais amargou prejuízos. A mortalidade em todo o estado, segundo o criador, atingiu 15% do rebanho.

Melhor sorte tiveram os produtores com fazendas na região de Guarapari onde choveu mais. "Passei a seca sem enfrentar problemas. Só precisei atrasar a estação de monta em 26 dias, mas sem qualquer prejuízo. Desde maio resolvi suplemen-

Centro: criador de nelore, Paulo Lindenberg Von Schilgen; abaixo, bezerrada tabapuã em fazenda capixaba

tar o rebanho com silagem de milho e sal proteinado. É mais fácil evitar a perda de peso do que fazer o animal ganhar peso quando já está debilitado. Infelizmente, tem gente que só tomou providências depois da seca instalada", ressalta o criador de nelore e nelore mocho, Eraldo Missagia Serrão, também conselheiro da ABCZ no Espírito Santo. Apesar de uma de suas propriedades estar localizada na zona não atingida pela estiagem, ele enfrentou a falta de chuvas em Ecoporanga, norte do estado, onde cria gado de elite. A saída foi manter a suplementação que já vinha sendo feita anteriormente. Para o criador, os problemas enfrentados em 2003 serviram para reforçar a importância do zebu para países tropicais como o Brasil.

Boas notícias

Olhando a pecuária capixaba como um todo, e não apenas pelo episódio indesejado da seca, existe uma gama de bons desempenhos a serem lembrados. O Espírito Santo conta com um rebanho de quase 1,7 milhão de cabeças. A pecuária de corte predomina na maioria das propriedades rurais. Os rebanhos mais expressivos estão em fazendas entre 100 e 1.000 hectares. Nos últimos cinco anos, a produção estadual de carne aumentou de 76.358 toneladas para 95.056 toneladas em equivalente carcaça, um crescimento de 24%. Essa produção é sustentada pelo abate de mais de 500 mil cabeças de gado e consegue abastecer o mercado capixaba. O que resta é exportado pelos frigoríficos da região. "Em geral, os frigoríficos preferem comprar zebuínos e pagam até mais. Já os bovinos provenientes de cruzamento valem menos. A criação de animais cruzados está em queda no Espírito Santo e o zebu não pára de crescer com força", garante Eraldo. Em 2002, cerca de oito mil zebuínos foram registrados pela ABCZ, cerca de três mil a mais que em 2001.

fotos: divulgação

Ao lado: equipe que cordenou a II PGP Coletiva de Nelore do Espírito Santo

O aumento do número de gado registrado influencia inclusive a arrecadação nos leilões realizados no Espírito Santo. A média de matrizes gira em torno de R$ 32 mil contra R$ 23,7 mil da média de prenhezes. Acostumado a viajar o Brasil realizando remates, Eraldo atesta que esses valores estão no mesmo patamar de outras regiões do país. Ele preparou para os dias 6 e 7 de fevereiro dois leilões: no primeiro dia de prenhezes, e, no posterior, de matrizes, na capital Vitória.

O uso das biotecnologias tem puxado o crescimento da pecuária local. Como em outros estados, a busca por touros melhoradores, capazes de repassar a boa genética para seus descendentes, é grande. O estado sedia programas de melhoramento genético como a "II Prova de Ganho em Peso a Pasto de Nelore", iniciada há quase um ano. Animais de 17 criatórios do Espírito Santo e também de outros estados estão sendo pesados regularmente. O ganho de peso dos bovinos é avaliado com base em critérios como equilíbrio e acabamento de carcaça. Ou seja, não adianta apenas

Por trás dos números

Mais de três milhões de pessoas vivem no Espírito Santo. O agronegócio local é sustentado tanto pela pecuária de corte e leiteira quanto pela fruticultura, cafeicultura, cana-de-açúcar, eucalipto e frutos do mar. O estado também é produtor de minérios de ferro, extrai e faz o beneficiamento de mármores e granitos, sedia fábricas de cimento. Toda essa diversidade econômica ganha o reforço do turismo. Além da beleza do litoral capixaba, os turistas contam com roteiro variado, capaz de agradar a todos os gostos. Nas regiões montanhosas mais ao sul do Espírito Santo, eles podem saborear quitutes como doces e biscoitos. Há quem prefira curtir a arquitetura religiosa ou as cachoeiras. Na zona rural, vivem quase 635 mil capixabas. Do campo, saem bons rendimentos para a economia do estado. Confira abaixo o desempenho do setor pecuário:

Rebanho bovino: 1.675.379 cabeças*
Rebanho leiteiro: 376.922 cabeças
Rebanho de corte: 1.298.457 cabeças
Abate: 501.649 cabeças
Taxa geral de abate: 29,4%
Produção de carne: 95.056 toneladas em equivalente carcaça
Produção de leite: 354.991 litros
Produção de bezerros: 412.316 cabeças

Fonte: Anuário da Pecuária Brasileira (Anualpec) 2003

apresentar ganho médio diário mais elevado.

A qualidade da carcaça é fundamental. Para isso, os técnicos da prova avaliam os índices de ganho de peso diário e ganho médio diário. Os dados obtidos ao longo das pesagens são depois comparados com a avaliação de tipo Epmuras, método que analisa as características raciais do animal levando em conta o todo e não apenas um item específico. O pecuarista Von Schilgen acredita que nos últimos cinco anos o investimento dos produtores capixabas em melhoramento genético cresceu significativamente. Exatamente o mesmo período de aumento da produção de carne. O consumo do produto também teve elevação. As vendas do alimento no estado ficaram 5% maiores, tornando-se concorrente direto da tradicional moqueca capixaba. Mas a meta do governo estadual é bem mais audaciosa: crescimento de 50% no consumo per capita de carne ao longo dos próximos dez anos, passando dos atuais 30 quilos por habitantes/ano para 46 quilos.

Lácteos

Os produtores de leite foram os mais atingidos com a seca porque parte das 376.922 cabeças do rebanho leiteiro é composta de raças européias. Diversas matrizes acabaram vendidas para criadores da região Sul do Brasil. Isso pode favorecer as raças zebuínas com aptidão leiteira, como gir e guzerá. Segundo dados do Anuário da Pecuária Brasileira, a produção de leite gira em torno de 355 mil litros. O preço pago ao produtor – como no restante do país – ainda é abaixo do ideal, ficando em torno de 40 centavos de real. A tributação incidente sobre a comercialização do produto foi reduzida no ano passado, o que poderá garantir mais fôlego ao segmento.

A alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre as vendas internas de derivados do leite caiu para 7% desde o final de junho do ano passado. De acordo com o governo estadual, a saída de derivados do leite para outros estados terá a alíquota reduzida de 12% para 1%. "Os produtores de leite trabalham em conjunto para reduzir custos e garantir uma margem de lucro melhor. O Espírito Santo tem diversos laticínios de pequeno porte e cooperativas que ajudam a sustentar a cadeia produtiva", destaca o pecuarista Agildo Bastos. Segundo a Secretaria de Estado da Agricultura, o segmento conta com 16 mil produtores, a maioria pequenos empreendedores familiares, e gera 34 mil empregos diretos e 28 mil indiretos. Com a nova política tributária e a volta das chuvas, os pecuaristas capixabas trabalham agora para voltar a crescer.

Ao lado e abaixo: bois em fila para pesagem de entrada

fotos: divulgação

A vanguarda de São Paulo...

22 • MARÇO • 2004 • SÃO PAULO • SP • 20h • DIRECTV MUSIC HALL (ANTIGO PALACE)

FAZENDA BRUMADO
RUBICO CARVALHO
Tel.: (17)3322.0366 • Fax: (17)3322.0713
Faz. Tel.: (17)3329.1134 • Barretos-SP
www.fazendabrumado.com.br

BRAHMÂNIA
CONTINENTAL
A Terra do Brahman

FAZENDA SANT'ANNA

OUERENCA
A MARCA BRAHMAN DO BRASIL

Patrocínio

TORTUGA
SEMPRE PRESENTE

Bradesco

Assessoria

SAP
Sucesso! Assessoria Pecuária
(18) 3624.5452

Realização

REMATE
LEILÕES
www.remateleiloes.com
(11) 3872-5777

Transmissão

CANAL RURAL
Via TV a Cabo NET ou SKY

...com a elite da raça Brahman.

Uma união de peso.

1º Leilão Elite da raça Brahman

Aliança Brahman eSPecial

NATIVA

Uma bela página na história da ciência da carne

Parte II
Solucionando o problema de **endurecimento da carne**

Avanços tecnológicos ocorrem com tanta rapidez e parecem ser frutos das melhores intenções de cientistas e engenheiros, que o homem comum não ousa suspeitar dos resultados de suas aplicações agropecuárias ou industriais. Mas, como diz Jô Soares, o computador pessoal surgiu para resolver todos os problemas que não tínhamos antes da sua existência. É assim com quase todas as tecnologias, exceto talvez pelos novos métodos de diagnósticos e drogas medicinais, que são cada vez mais eficazes, porém tão caros que poucos terão acesso a eles.

Na edição anterior, foi apresentada a história da descoberta do "cold thoughening" (endurecimento da carne pelo frio) na Nova Zelândia. Resumidamente, a produção de cordeiro cresceu tanto na NZ, na década de 50, que as empresas investiram em modernos equipamentos, e acabaram ocupando, com túneis de congelamento altamente eficientes, quase todos os espaços até então reservados ao resfriamento lento das carcaças. Como conseqüência, a carne ficava dura, mas seria quase uma heresia contestar o progresso da engenharia, que resultara na nova refrigeração industrial, pelo menos até que começassem a chegar as reclamações dos importadores. Mas o fato é que tal aplicação não levara em conta o grau de sensibilidade do tecido muscular nas primeiras horas *post-mortem*.

Na mesma época, desenvolvia-se naquele país uma linha de pesquisas que levaria a importantes desenvolvimentos. O Dr. R.H. Locker e sua equipe descobriram, então, que o "cold shortening" é a capacidade que tem o músculo para contrair-se por estímulo do frio, endurecendo a carne; ela persiste por algum tempo, enquanto a contração, que inicialmente é reversível, vai se tornando irreversível no decorrer das 10 primeiras horas *post-mortem*, ou até que o pH caia a 6,3. Na prática industrial é mais seguro ter como limite o pH=6,0, quando se estabelece o "rigor-shortening" (ver boxe), para só então reduzir bruscamente a temperatura da câmara.

A solução seria deixar as carcaças por algumas horas em ambientes como os que eram utilizados antes das mudanças, mas onde esses espaços ainda existiam, suas condições higiênicas não eram das melhores. Novos ambientes refrigerados foram então construídos, mas era impossível acondicionar uma produção que já chegava a 27 milhões de cordeiros, anualmente. Decidiu-se, então, priorizar os importadores dos EUA, fazendo-se o "conditioning" (acondicionamento) em diferentes combinações de tempos e temperaturas antes do congelamento. Depois de várias tentativas bem ou malsucedidas, surgiram exigências da União Européia, na década de 70, de abaixamento de temperatura a 7ºC em 24 horas, e constatou-se que este método daria um produto satisfatório, desde que fosse cuidadosamente controlada a temperatura nas primeiras 10 horas.

Pouco tempo depois, um destacado técnico de laboratório do MIRINZ, reinventaria a EE-estimulação elétrica de carcaças (*Carse, W.A. Meat quality and the acceleration of post mortem glycolysis by electrical stimulation. J. Food Technol.* 8, 163, 1973), que ele aparentemente não sabia, mas que havia sido patenteada nos Estados Unidos, em 1947, com a finalidade de "amaciar a carne" (Patente essa que venceu sem nunca ter sido utilizada). Depois do trabalho de W.A Carse, o mundo todo passou a estudar e a aplicar a eletricidade para aceleração do *rigor-mortis* de modo a possibilitar o resfriamento e o congelamento rápido e até a "desossa a quente", sem endurecimento dos músculos usualmente mais afetados pelo "cold thoughening". Uma boa explicação para a ação da EE é que, através da aceleração do processo, a rigidez vai ocorrer antes que a temperatura da carne caia abaixo de 10ºC. Mas há outras hipóteses, como

foto: divulgação

Pedro Eduardo de Felício é professor de Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp

por exemplo, a aceleração da proteólise enzimática.

Assim como o computador pessoal não aumentou as nossas horas de lazer, nem melhorou a qualidade de vida das pessoas, a EE não resolveu completamente o problema, mas é mais um recurso que se pode usar para evitar o endurecimento pelo frio.

Para concluir, temos um comentário do Dr. Locker, de 1985: "Ironicamente, na prática, os consumidores que têm comprado carne de cordeiro vinda dos matadouros tecnologicamente mais atrasados vêm sendo beneficiados com um produto mais macio, enquanto quem compra dos modernos frigoríficos têm consumido carne dura." Qualquer semelhança com a carne bovina do Brasil não é mera coincidência.

"Rigor-shortening" = encurtamento próprio do *rigor-mortis*; é um aumento de tensão resultante da formação de pontes entre os miofilamentos contráteis actina e miosina, que reduz o comprimento dos sarcômeros, mas pouco afeta a maciez da carne na faixa de temperatura do ambiente entre 8 e 25°C. Quando a temperatura do ambiente for <8°C ou >25°C tem-se o "temperature shortening", que pode ser "cold" (frio) ou "heat" (calor).

MANANCIAL DO NELORE

Leilão dos Araxás

LEILÃO DE EMBRIÕES

05 DE MARÇO DE 2004 • SEXTA-FEIRA • 20 H
TROPICAL HOTEL DE ARAXÁ-MG

CONVIDADOS

Acioli Castelo Branco, Alfeu Crozato Mozaquatro, Antônio Paulo Abate, Benedito A. Müller / Agropec. DasAnas, Cond. Americana, Fazenda Guadalupe, HRO Empreend. e Agropecuária, João Cruz Barocello, Jonas Barcellos C. Filho, José Carlos Prata Cunha, José Francisco Diamantino, Luiz Aparecido de Andrade, Marcos e Luciana Mammana / Agropec. DasAnas, Mônica Marchett, Orpheu José da Costa e Vânia Hungaro

FÊMEAS NELORE, FONTE DE VALOR GENÉTICO

06 DE MARÇO DE 2004 • SÁBADO • 20 H
TROPICAL HOTEL DE ARAXÁ-MG

CONVIDADOS

Agropec. J Galera, Benedito Mutran Filho, Élson Cascão, Fazenda do Arrojo, Fazenda do Sabiá, Fazenda Terras de Kubera, Grupo Camargo, Irmãos Barros Corrêa, Java Empresa Agrícola, João Dinarte Patriota, José Odemir Spaggiari, José Augusto Siqueira, Lux Agropecuária, Márcio Rezende de Andrade, Marco Antônio Veloso Araújo, Orestes Prata Tibery Jr., Rafael Coutinho, Serafim Meneghel, Toni Salloum e Unimar

Realização

Assessoria

Transmissão

INTEGRAL PECUÁRIA

AgropeVa A Força do Nelore

FAZENDA BALUARTE

PROGRAMA LEILÕES (43) 3373-7077

Quality genética (34) 3332.1300

CANAL RURAL Via TV a Cabo NET ou SKY

NATIVA

Fim do amadorismo

Enquanto a indústria da carne adota metodologias de produção cada vez mais rigorosas, alguns consumidores insistem em comprar produtos sem qualquer controle sanitário. Mas na Bahia empresários e governo se uniram para acabar com o abate clandestino

Larissa Vieira

O abate de bovinos no Brasil pode ser contado utilizando dois enredos. Em um deles, a carne que chega à mesa do consumidor passa antes por um processo rigoroso de produção capaz de garantir qualidade e segurança alimentar. Cada elo da cadeia produtiva trabalha dentro de parâmetros desenvolvidos cientificamente para proporcionar mais maciez ao bife nosso de todo dia. Nesse universo, estão em voga palavras como bem-estar animal, nível de estresse do bovino, abate humanitário. É o que acontece em grande parte dos frigoríficos do país, principalmente aqueles voltados para o mercado internacional.

O outro enredo tem capítulos nebulosos. Encontrar dados oficiais sobre o número de bovinos abatidos na clandestinidade no Brasil é tarefa difícil. De acordo com o Departamento de Inspeção Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a pasta não faz estatísticas sobre o problema. Fontes ligadas a órgãos de inspeção estadual garantem que o percentual é bastante significativo. Extra-oficialmente, os números estariam em torno de 50% do total de animais abatidos no país, podendo chegar à patamares ainda maiores em alguns estados. Além de ser um atentado à saúde pública, a prática deixa de gerar riquezas para os estados que cobram o Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços (ICMS) nas comercializações da carne produzida no próprio estado. Sem o pagamento do tributo, a arrecadação cai e os governantes investem menos em educação, saúde e segurança. Os consumidores também levam a pior já que os animais abatidos de forma clandestina são em geral de péssima qualidade, tratados sem qualquer mane-

fotos: divulgação

jo sanitário. Em geral, eles têm alguma deficiência e não passariam pelo controle de qualidade dos frigoríficos. Esse mercado negro é abastecido por produtores que trabalham de forma amadora e estão longe de se encaixarem no perfil exigido pelo mercado: o de empresário rural. Em um país que abate mais de 40 milhões de cabeças por ano e figura entre os cinco maiores consumidores de carne bovina, a significativa produção fora das normas sanitárias exigidas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) preocupa e muito.

Centro: Alex Bastos, coordenador de Modernização da Pecuária da Seagri; entreposto do interior baiano (pág. anterior)

Os baianos, por exemplo, querem banir o amadorismo no processamento e comercialização da carne. Eles estão trabalhando para mostrar bom desempenho não só na etapa de cria, recria e engorda, mas também nos outros segmentos da cadeia produtiva. Dono de um rebanho de mais de dez milhões de cabeças, o Estado da Bahia abateu oficialmente no ano passado perto de 2,5 milhões de bovinos. Foram exatas 469.365 toneladas de carne produzidas.

E é nas cidades do interior que o problema incide com maior força, apoiado geralmente em pilares culturais. Para muitas pessoas, a melhor carne é aquela abatida no dia, a chamada "carne quente". O couro do rabo do bovino não é sequer retirado para indicar abate recente. O transporte até o açougue é feito em carroças, carrinhos de mão, forrados com lona ou saco de linha.

Em algumas feiras de rua, por exemplo, as partes do gado abatido são comercializadas ao ar livre sem qualquer refrigeração. As carcaças deixam de passar pelo importante processo de resfriamento, capaz de controlar a proliferação de microrganismos nocivos à saúde humana. Só quando chega à casa do consumidor é que o produto será resfriado na geladeira. É claro que isso não acontece em todos os municípios do interior baiano ou outras localidades brasileiras (vale lembrar que o abate clandestino acontece em todas as regiões do país, não só na Bahia; e em algumas com maior intensidade do que em outras). Em geral, nas localidades próximas a frigoríficos, o abate clandestino acontece em menor escala por causa da presença de órgãos fiscalizadores, como o rigoroso Serviço de Inspeção Federal (SIF).

A realidade de Santo Antônio de Jesus, município baiano localizado a 187 quilômetros de Salvador, não era muito diferente até a pouco tempo. A virada aconteceu em 2001. A cidade de aproximadamente 100 mil habitantes já contava com um frigorífico, o FrigoSaj, mas alguns comerciantes eram resistentes em aceitar a mudança na forma de abate. Uma intervenção séria do Ministério Público em conjunto com os órgãos de inspeção animal mudou a situação na cidade. A venda de carne clandestina é encarada pela Promotoria Pública um crime contra o consumidor já que pode causar intoxicação alimentar e, em alguns casos, até a morte.

A fiscalização rigorosa foi uma das medidas adotadas depois da instalação do Programa Estadual de Regionalização do Abate. "Tivemos de fazer uma campanha educativa durante seis meses nas escolas e outros pontos da cidade para mostrar à população a importância de abater o bovino dentro dos critérios de higiene exigidos pelo governo federal. Muita gente era contra a instalação do frigorífico porque desconhecia o processo de produção da indústria", lembra o empresário José Elenilson Ribeiro da Cruz, um dos proprietários do FrigoSaj. Por mês, o frigorífico abate cinco mil cabeças. A produção é vendida para Santo Antônio e outras cinco cidades da região, inclusive a capital Salvador.

Junto com as campanhas educativas, vieram ações mais práticas. A parceria entre o FrigoSaj e açougueiros baianos possibilitou a instalação de balcões refrigerados nos estabelecimentos comerciais. Agora, eles vendem carne "limpa" – sem pelancas e sebo –, como é comum nos grandes centros e nas cidades onde existem frigoríficos nas proximidades. O mesmo vem acontecendo em outros municípios baianos nos últimos meses. Em algumas cidades, as unidades frigoríficas deixam de cobrar pela entrega do produto nos açougues pelo período de um mês para conquistar os clientes.

"Não adianta fiscalizar os açougues e punir os estabelecimentos irregulares se não for dada às cidades a mínima infra-estrutura para processamento e conservação do produto"

Regionalização

A guerra contra o abate clandestino na Bahia só está dando certo porque os órgãos e empresários envolvidos decidiram atuar na raiz do problema. "Não adianta fiscalizar os açougues e punir os estabelecimentos irregulares se não for dada às cidades a mínima infra-estrutura para processamento e conservação do produto", afirma Alex Bastos, coordenador de Modernização da Pecuária e responsável pela

parte executiva do Programa Estadual de Melhoria das Indústrias Frigoríficas da Seagri. Municípios localizados nas proximidades da cidade Jequié, distante 380 quilômetros de Salvador, ganharam desde outubro do ano passado entrepostos de câmaras frigoríficas. Cada uma das 13 estruturas montadas possui sala de desossa, câmara de resfriamento e de congelamento (para miúdos), além de bloqueio sanitário com lava-botas, lava-mãos e pedilúvio.

A capacidade de armazenamento das câmaras de estocagem varia entre 50 e 100 carcaças, dependendo da demanda do local. No caso de Jequié, onde existe um frigorífico de grande porte, a indústria oferece abate terceirizado para os comerciantes que compram gado para vendê-lo abatido, os chamados marchantes, e também para os açougueiros. Essa etapa de industrialização da carne leva o nome de sangria. O frigorífico cobra de R$ 15 a R$ 30 pelo serviço. O mesmo acontece em Santo Antônio de Jesus. Lá, os comerciantes não pagam pelo transporte dos bovinos.

A idéia é estender o Programa Estadual de Regionalização do Abate para outras localidades, como o entorno de Feira de Santana, cerca de 100 quilômetros da capital baiana, onde algumas cidades também ganharam entrepostos. Construir uma unidade com capacidade para 50 carcaças fica em torno de R$ 90 mil. Já os destinados para 100 carcaças custam R$ 160 mil. O investimento para instalação dos 13 entrepostos na região de Jequié foi de R$ 2,5 milhões.

Os recursos vieram da parceria entre a Secretaria Estadual de Agricultura e as prefeituras dos municípios beneficiados. "O objetivo do programa é melhorar significativamente o volume de abate sob inspeção enfocando principalmente a sanidade e evitando qualquer ociosidade das indústrias existentes no estado. Existe uma certa resistência a princípio, mas depois as pessoas acabam compreendendo que a iniciativa irá garantir vida mais saudável à população. Essa mudança de mentalidade já vem acontecendo com a cadeia produtiva do leite que teve de se adequar às novas regras de transporte refrigerado e a granel, e deve acontecer também com o segmento da carne", espera Bastos.

"Os técnicos da Adab percorrem o estado fiscalizando os postos de venda e processamento da carne, mas também explicando como deve ser feito o abate"

Combate

Embutir no dia-a-dia das pessoas a preocupação em exigir produtos de qualidade nas prateleiras dos supermercados ou balcões dos açougues acontece não apenas por meio de campanhas educativas. A punição para quem não obedece as regras também ajuda a alertar os consumidores. Foi o que aconteceu em Santo Antônio de Jesus e vem sendo feito nos outros municípios

fotos: divulgação

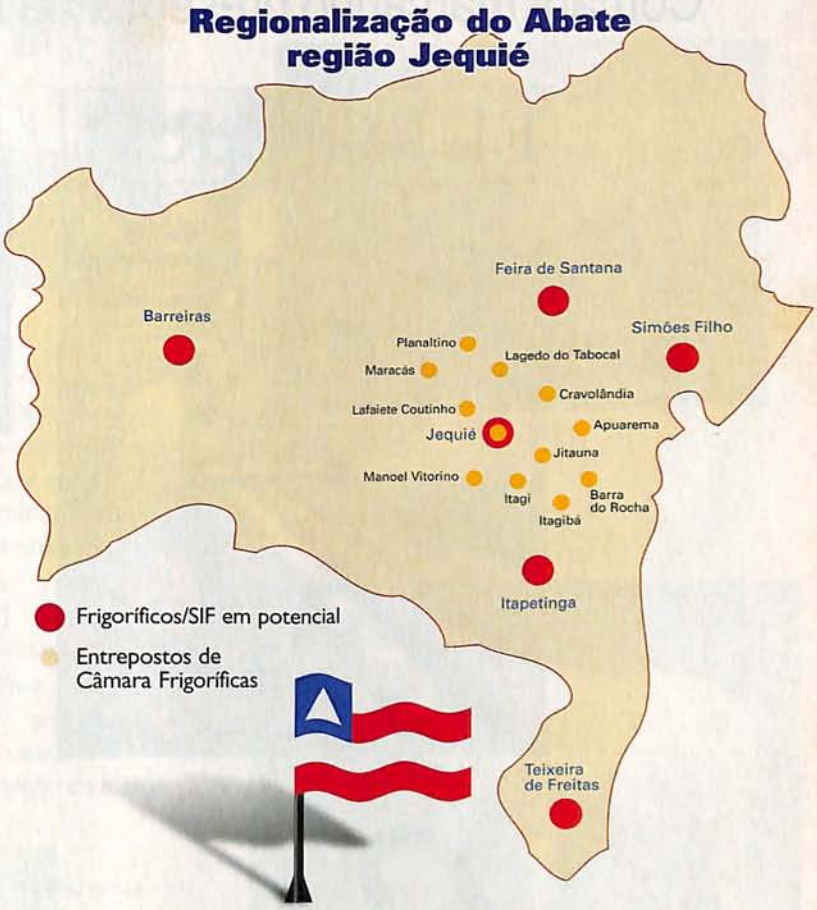
Equipe de funcionários do Frigosaj (ao lado) reunem-se no pátio da indústria

baianos. Os técnicos da Agência Estadual de Defesa Agropecuária (Adab) percorrem o estado fiscalizando os postos de venda e processamento da carne, mas também explicando como deve ser feito o abate.

Um dos argumentos utilizados é o do valor agregado. Carne produzida dentro das normas de higiene vale mais no mercado. Quem não se adapta às exigências do mercado acaba sem o produto. A idéia de agregar valor está sendo aplicada também na comercialização do couro. A peça retirada de um animal abatido clandestinamente estaria sendo vendida para os curtumes por R$25. Já o FrigoSaj paga entre R$60 e R$70. "O bovino que é entregue no frigorífico em geral é de maior qualidade. O couro não tem furos ou outros defeitos e isso aumenta em mais de 40% o valor pago ao pecuarista pela peça", garante o proprietário do FrigoSaj que inaugurou outro frigorífico na Bahia. A nova empresa foi montada com estrutura para exportar carne para mercados da América do Sul, África e Oriente Médio.

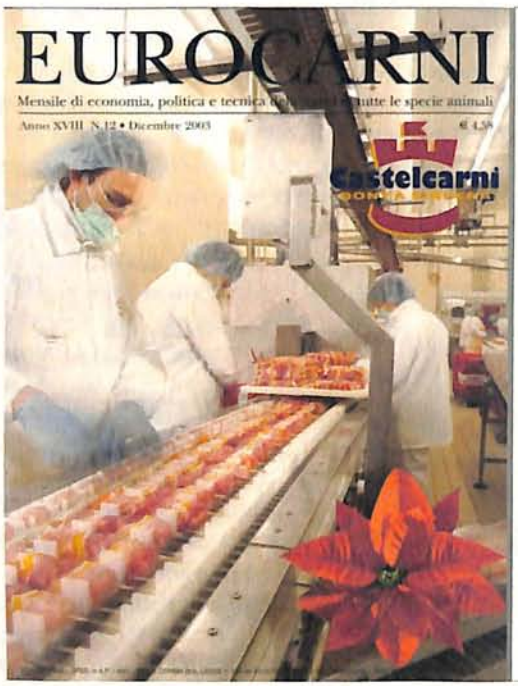
Até mesmo a famosa carne de sol nordestina está mais valorizada. Feita antes em fundo de quintal de muitas casas de Santo Antônio de Jesus, o alimento passou a ser produzido no frigorífico. A empresa cedeu uma sala para os comerciantes locais onde agora eles fazem a carne dentro das normas exigidas pelo Mapa. Cerca de 50 pessoas trabalham na produção da carne de sol. Em troca, doam ao frigorífico partes como sebo, ossos e pelanca.

A indústria transforma tudo em ração para frango já que é proibido alimentar ruminantes com esse tipo de farinha em razão do perigo de ocorrência de casos da encefalopatia espongiforme bovina (a doença da "vaca louca") no Brasil. E até mesmo a produção de farinha à base de resíduos animais está passando por controle mais rigoroso no país. Desde o final de outubro do ano passado, o Mapa baixou instrução normativa regulamentando as condições higiênico-sanitárias e de boas práticas de fabricação para estabelecimentos que processam resíduos como os de bovinos destinados à alimentação animal. Entre as exigências está o processamento dos resíduos em no máximo 24 horas a partir da colheita ou abate. Esse tempo só poderá ser aumentado quando existir sistema de resfriamento menor que 10°C permitindo a estocagem dos produtos. Regras que só terão finalidade se, assim como no caso da produção de carne bovina, não ficarem apenas no papel. Cabe ao consumidor exigir de todos os segmentos da cadeia produtiva a transposição das palavras gravadas em formas de leis para a vivência do dia-a-dia.



Ao lado: profissional trabalha em carcaça bovina

Comapi marcando presença na revista EUROCARNI nº12.



Razze

Un modello di eccellenza in genetica... ai Tropici

COMAPI, la divisione Agricoltura e Zootecnia del Gruppo brasiliano Bertin, svolge un ruolo attivo nel settore del miglioramento genetico, tant'è che il suo nome è diventato sinonimo della selezione della razza Nelore

La storia della razza Nelore

L

Comapi

Modelo de Excelência em Genética nos Trópicos.

A Comapi, Bertin) Agropecuária, atua na criação de gado de corte em fazendas próprias, onde o gado é criado a pasto, em locais bem selecionados. O rebanho conta com um rigoroso controle sanitário, em conformidade com as exigências sanitárias internacionais, com um sistema de rastreabilidade que identifica o gado e facilita o acompanhamento de todas as movimentações na vida do animal.

Os animais da Comapi são destinados ao abastecimento do Grupo Bertin. Esse procedimento promove vantagens competitivas a todas as áreas de negócios do Grupo, já que utilizam como matéria-prima, partes do bovino.

Além disso, a Comapi está presente também no segmento de melhoramento genético, consolidando-se como sinônimo de excelência na seleção da raça Nelore, pela sua significativa atuação no campo científico e pelos resultados positivos obtidos nas mais importantes exposições do setor.

A marcante atuação da Comapi no cenário agropecuário fez com que a empresa ganhasse reconhecimento internacional. Prova disso tem sido as constantes visitas de pecuaristas, empresários, pesquisadores e interessados de várias partes do mundo à Fazenda Floresta que, acompanhados de instrutores especializados, têm a oportunidade de comprovar a eficácia das melhores práticas em nutrição, controle de rebanho e melhoramento genético adotadas pela Comapi.

A Comapi se dedica de forma permanente às soluções para o melhoramento genético como colaborador científico em favor da raça Nelore. Tamanho esforço reflete diretamente na obtenção, com qualidade, de ganhos de produtividade do seu rebanho, contribuindo desta maneira para o Bertin) Alimentos sustentar sua posição de maior exportador de carne bovina do Brasil.

O trabalho é feito em uma das propriedades da empresa, na Fazenda Floresta, onde a Comapi mantém um laboratório com o que há de mais moderno, operacionalizado por profissionais-pesquisadores altamente qualificados.

Rastreabilidade: ainda não está claro aonde queremos chegar

Muito já se falou sobre rastreabilidade, apesar disso ainda não está claro aonde queremos chegar. O objetivo desse artigo é estimular uma discussão mais aberta dos rumos que a cadeia da carne deseja para a rastreabilidade no Brasil. Com certeza, essas atitudes terão conseqüências para o Brasil no mercado interno, que não demorarão muito para chegar.

A rastreabilidade da carne teve sua origem na busca por aumentar a garantia da carne oferecida ao mercado. Esse movimento ganhou força com os problemas de EEB (doença da "vaca-louca") em inúmeros países da Europa e a conseqüente diminuição no consumo e credibilidade da carne bovina. França e Reino Unido são bons exemplos de como a queda e a retomada da confiança da carne como alimento seguro influenciaram diretamente no consumo desse alimento.

"Não há informações individuais sobre cada animal, pois não há nenhum tipo de manejo"

Hoje sempre que se fala em rastreabilidade de qualquer alimento, os principais argumentos são:

- segurança alimentar
- respeito às exigências do consumidor atual

São razões muito importantes e devemos atender a essas novas exigências, se quisermos atender esses mercados, como o europeu. Muitos podem acreditar que essas demandas não são importantes, ou ainda, que o consumidor não deseja realmente tudo isso: quer apenas um bife macio e saboroso.

Um especialista australiano em rastreabilidade explicou muito bem essa questão, afirmando:

"Pouco importa se o consumidor europeu realmente deseja ou não a rastreabilidade. Os políticos (europeus) acreditam que os consumidores se importam, por isso criaram leis e normas que exigem a rastreabilidade. Nós (australianos) acreditamos que vender ao mercado europeu é interessante e que vale a pena investir nessa tecnologia para poder fornecer para esse mercado. O fato é: hoje ganhamos mais vendendo à Europa, mesmo tendo esse 'custo' extra."

Segundo Lirani (2002), a função da rastreabilidade é: "encontrar o histórico de localização e utilização de um produto, por meio de identificação registrada". Logo, se poderia esperar o seguinte procedimento de um animal rastreado, separado aqui de forma prática em 4 etapas:

1 - animal é identificado com número nacional, único e inviolável;

2 - dados individuais sobre o animal são cadastrados, ligados ao número único do animal. Deveriam ser cadastrados dados como manejo alimentar, propriedade onde nasceu, possíveis (e muito freqüentes no Brasil) mudanças de propriedade durante a vida do animal, manejo sanitário (vacinas, medicamentos, etc.), entre outras possíveis informações;

3 - ao ser abatido, o número individual do animal (com todas as informações individuais) seria relacionado à respectiva carcaça do animal;

4 - na desossa também haveria uma ligação entre o número da carcaça e cortes (mesmo que em lotes).

Dessa maneira, seria possível ter informações precisas sobre o "histórico" da carne produzida. Aí vem a pergunta mais comum de todo o processo de rastreabilidade: Porque se faz necessário identificar individualmente os animais? A resposta é simples, mas está totalmente interligada com os outros itens citados acima.

Só com a identificação individual será possível saber por onde o animal "andou", isto é, onde nasceu, onde foi recri-

foto: divulgação

Miguel da Rocha Cavalcanti é engenheiro-agrônomo, selecionador de nelore e coordenador do site www.beefpoint.com.br
miguel@beefpoint.com.br

ado, engordado, pois com a identificação apenas por lote ou com uma numeração interna da fazenda não é possível que se tenha confiança nesses dados, pois uma fazenda de engorda pode ter adquirido garrotes de diversas outras fazendas, que por sua vez podem ter comprado de diversos criadores. Logo, um mesmo lote de 100 animais pode ter muitas origens. Além disso, número interno de uma fazenda pode ser duplicado, isto é, seria possível comprar 2 animais de 2 propriedades distintas, com o mesmo número.

No entanto, o que ocorre hoje e muitos acreditam que isso significa ter um animal "rastreado"? O animal é identificado com um número único, nacional e inviolável, isto é, com um brinco ou *chip* com o número Sisbov. Essa identificação ocorre no mínimo 40 dias antes do abate.

Até aí tudo vai indo muito bem. Essa identificação é a mais adequada possível, podendo apenas ter o refinamento de ser eletrônica. Para isso vale uma análise de custo/benéfico comparando o preço mais elevado e uma maior rapidez e eficiência nas coletas de dados, com erro zero. O resultado dessa comparação varia dependendo da situação particular de cada propriedade ou empresa.

Hoje a grande maioria dos animais "rastreados" abatidos no Brasil atende a apenas ao primeiro item dos 4 citados acima, que é a identificação individual. Não há informações individuais sobre cada animal, pois não há nenhum tipo de manejo (nutricional, sanitário, movimentação, etc. etc.) com apenas 40 dias antes do abate. Além disso, o número individual do animal não é "linkado" com a carcaça no momento do abate.

Logo, esse processo de identificação e certificação não agrega nenhuma informação nova. Se o produtor envia 100 animais para abate, todos identificados individualmente, após o abate, o frigorífico tem 100 carcaças, 100 "passaportes Sisbov" individuais, mas não há relação entre os passaportes e as carcaças nem informações individuais no passaporte (além do número). Isto é, todos os animais têm números únicos invioláveis, mas não se sabe "quem é quem".

Desde 1º de janeiro de 2004 todos os animais cuja carne for exportada (não só para a Europa, mas para todos os países), deveriam estar rastreados. A partir de 1º de maio, o prazo mínimo pré-abate para entrada no banco de dados do Sisbov será de 90 dias.

Em visita à feira de Anuga, na Alemanha, em outubro do ano passado, todos os compradores de carne brasileira me informaram que a rastreabilidade brasileira estava atendendo suas necessidades. Por enquanto não há reclamações, mas a qualquer momento, técnicos do serviço de Inspeção Sanitária da União Européia podem questionar nossos procedimentos.

Por outro lado, várias certificadoras brasileiras já estão atendendo o mercado que exige realmente a rastreabilidade. Alguns chamam de "protocolo A" quando têm dados individuais, isto é, realizam as 4 etapas do processo. E apelidam de "protocolo B" quando só identificam e certificam. Essas empresas estão prontas para fazer um trabalho muito mais completo, o que se pode realmente chamar de rastreabilidade. Conheço várias empresas que atendem esses dois mercados, que têm o mesmo nome de rastreabilidade, mas são bem distintos.

A rastreabilidade deveria ser mantida como facultativa, como é feita hoje na Austrália. O produtor que deseja ter seus animais como "candidatos" a exportação, se adequaria ao sistema e buscaria maior preço. Isso ocorre na Austrália hoje, nosso grande competidor e muito eficiente em todos os elos da cadeia da carne. Lá existem sistemas distintos para atender a mercados distintos e a rastreabilidade é só mais um item dentro do "sistema" para exportação para a Europa.

"...a rastreabilidade individual séria, completa e com credibilidade será uma forte ferramenta para garantir acesso a mercados e para servir como endosso de nosso sistema de produção"

Acredito firmemente que a rastreabilidade individual séria, completa e com credibilidade será uma forte ferramenta para garantir acesso a mercados e para servir como endosso de nosso sistema de produção. Isto é, servirá de "auditoria externa" para a qualidade ofertada pelo Brasil.

Se essa mudança de paradigma é complexa, acredito que o ideal seja favorecer os produtores e empresas que desejam ter uma rastreabilidade "blindada" a críticas e investigações do que estender (aos poucos) a todos os produtores brasileiros um sistema que não está dando nenhuma garantia adicional ao que se já tinhamos no Brasil "pré-Sisbov" e que não permite o produtor sério e tecnificado a buscar um melhor valor para seus produtos de maior valor.

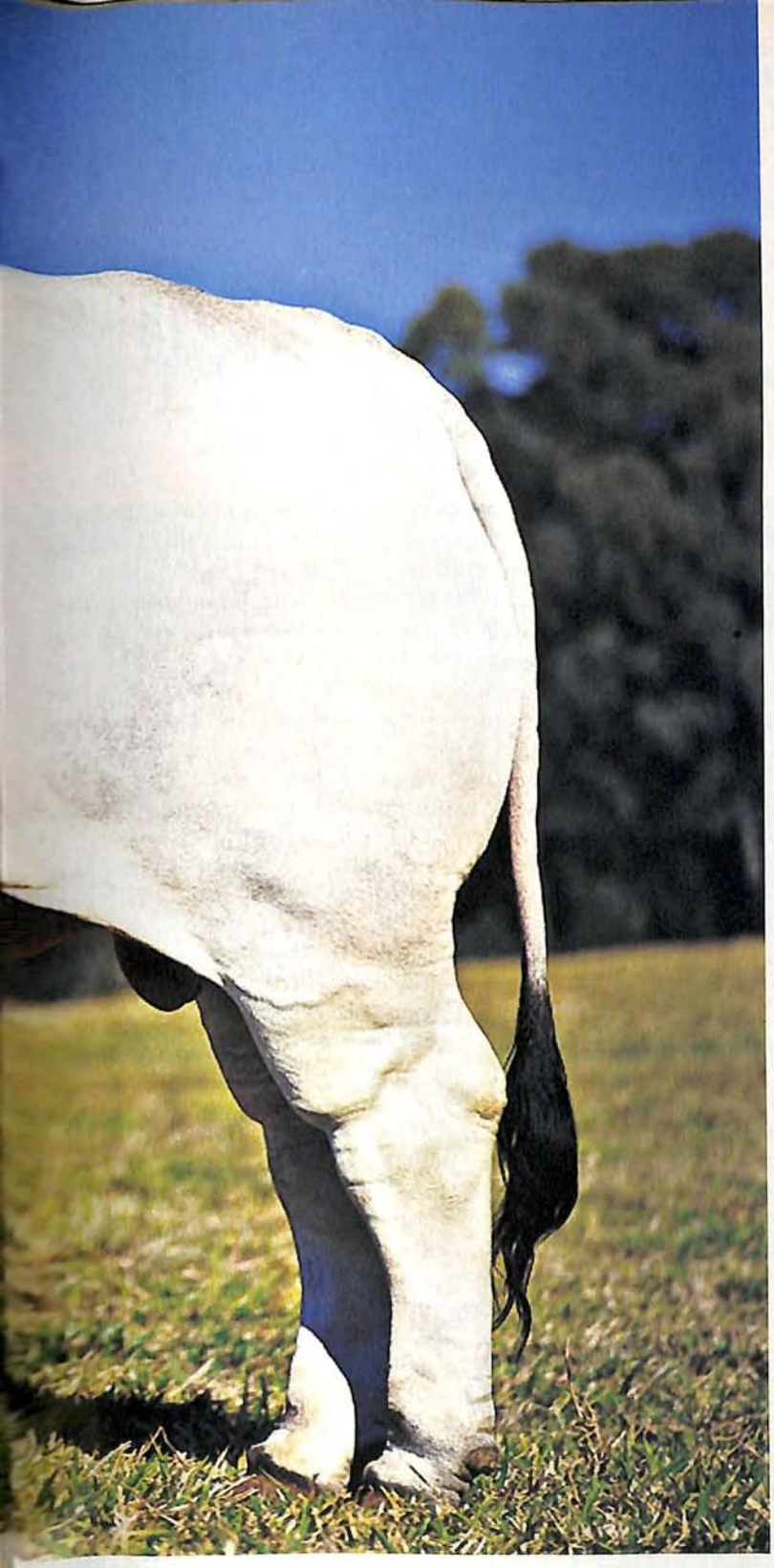
Se temos dificuldades de executar um sistema robusto de rastreabilidade para os animais a serem exportados para a Europa, não seria melhor aprimorar esse sistema antes de estendê-lo a mercados que ainda nem o exigem?

CABELLO PASTORE EURO RSCG

Liberty 847/5

DEP - ABBA-American Brahman Breeders Association, USA				
	Peso ao nascer	Peso no desmame	Peso 12 meses	Capac. leiteira
JDH Sampson de Manso	+ 1,9	+ 19,5	+ 34,6	+ 6,3
(pai) JDH Sir Liberty Manso	+ 2,8	+ 22,5	+ 43,2	+ 1,8
(mãe) JDH Lady Ver Manso	+ 1,5	+ 14,5	+ 23,1	+ 10,7

Qualidade + Qualidade + Qualidade



JDH SAMPSON DE MANSO 760/6.

A perfeição da raça.

Sampson foi importado do Texas pela BRBR Brahman Brasil, que seleciona exclusivamente genética J.D. Hudgins. Trata-se de um filho do lendário JDH Liberty Manso 847/5, considerado por muitos como o melhor touro da raça, em todos os tempos. Sampson 760/6 é extremamente semelhante ao pai, tanto na aparência quanto na qualidade dos DEPs (Diferença Esperada de Progênie), emitidos pela ABBA. A mãe de Sampson, Lady Ver Manso 695/5, é uma das mais importantes matrizes da JDH e carrega em sua genética o que a raça tem de melhor: Trullo, Dakota, Rha, Bross, Grande.

ALTAVR BV
Inseminação Artificial

SÊMEN À VENDA
(34) 3318-7777

O MELHOR DO MELHOR.

BRBR
BRAHMAN BRASIL

www.brbr.com.br

Adeus
Dona Francisca

Seguramente, poucos importadores brasileiros de gado zebu vasculharam a Índia como Celso Garcia Cid. Sua perseverança lendária teve conseqüências valiosas para nossa pecuária. Falecido prematuramente em 1972, sua obra de progresso no nosso zebu foi consolidada pela mão bondosa e dedicada da sua esposa. Desde 1972, ela – mais do que ninguém – foi a guardiã incansável dos sonhos do marido. Nesses trinta e um anos sem o patriarca, foi o traço de união, porto seguro de partir e chegar da filha, dos filhos, dos netos, dos bisnetos, de todos aqueles que gravitaram em torno do eixo da marca 2C, que soube preservar para o Brasil linhagens diferentes de várias raças zebuínas.

Se houve alguém que podia representar, ser o símbolo da família Garcia Cid, concretizar os sonhos e garantir a perpetuação da seleção 2C, esta pessoa seguramente foi D. Francisca.

Pouco depois da morte do marido, reuniu os filhos e disse de modo calmo com a serenidade que Deus dá aos eleigidos:

"Enquanto eu viver, os sonhos de Celso não morrerão."

E assim foi. E assim continuará sendo, porque sua imagem, suas lembranças e seu exemplo com certeza continuarão norteando os rumos da fazenda Cachoeira.

Dona Francisca esteve sempre ao lado do marido, com sua presença calma, silenciosa e tranqüilizadora. Frágil externamente, por dentro era uma gigante imbatível, perseverante e tenaz nos seus princípios, na sua sinceridade e na sua infinita bondade.

Sem a menor sombra de dúvida, foi do Seu Celso a maior colaboradora. Deu-lhe toda a segurança para cruzar os mares e os ares, na busca do sonho maior. Que ele fosse e não se preocupasse, pois ela garantiria a união familiar. E fez isso com maestria.

Manteve todos sob suas asas protetoras. E quando os filhos seguiram o pai, orava por eles, pedindo o regresso breve e a vitória certeira.

Quem a via na sede da Cachoeira, com seus passos miúdos e sorriso constante, percorrendo as salas, a varanda, cercada pelas relíquias, prêmios, galardões, objetos de dois, três continentes, tinha a impressão de sentir a vida pulsando em cada um dos guardados.

Ela deu vida ao inanimado e mostrou que a história foi real. Ela foi elo verdadeiro, inquebrável, entre o ontem, o hoje e certamente o amanhã.

Os criadores das novas gerações precisam enxergar em D. Francisca, seu modo retilíneo de ser, seu talento e sua capacidade de amar todas as pessoas, como só as mães verdadeiras sabem fazê-lo. Ela nos guiou no Caminho de Santiago, ensinou-nos a humildade e mostrou-nos que um homem só tem o direito a olhar outro homem de cima quando o ajuda a levantar-se.

Para D. Francisca, mola mestra do trabalho de seleção da fazenda Cachoeira, que todos nós pecuaristas, independentemente de raças, preferências e credos admiramos porque soube preservar e desenvolver um trabalho de melhoramento da pecuária brasileira, oferecemos as nossas lágrimas como homenagem singela, mas pura, para reverenciar a Mulher Brasileira, a Mãe Brasileira, a Criadora Brasileira.

Adeus Dona Francisca.

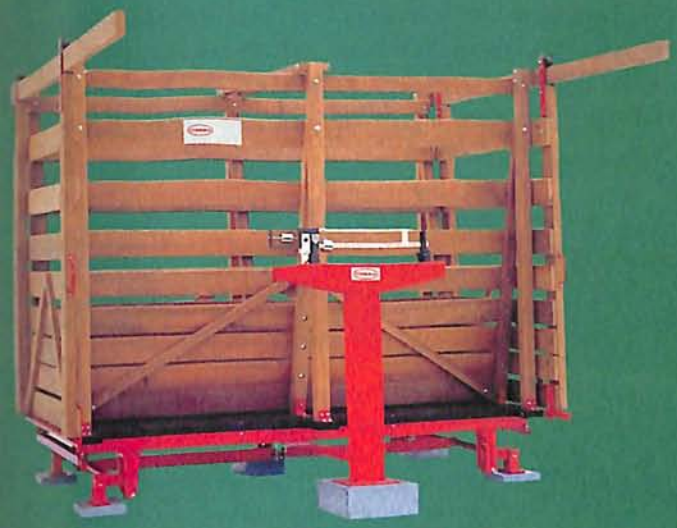
(Nota do Autor: Inspirado no livro "O tempo de Seo Celso" Cid Garcia C. & Pelegrini D.- Editora dos Autores. 1990 - e em palavras de homenagens feitas a Dona Francisca por vários autores.)

foto: divulgação

Nelson Pineda é diretor de Informática da ABCZ
pineda@terra.com.br

om tanto prêmio assim não há dúvida.
melhor é Coimma.

Pentacampeã
Top of Mind



Balança Mecânica

Balança Tronco (eletrônica)

Balança Eletrônica

Produtos Especiais:

- Balança Suína
- Balança Comercial
- Balança Rodoviária
- Balança Móvel
- Carrinho de Tração Animal
- Câmara Atomizadora (Ducha de Pulverização)

COIMMA®
53 anos

alidade que pesa exato!

SAC Serviço de Atendimento ao Consumidor:
0800 11 2555 / (18) 3821-9900
Fábrica: Dracena - SP
www.coimma.com.br - coimma@coimma.com.br

ÁGUA que te quero RIO

Estimativas apontam para uma desastrosa realidade: 25% da população do mundo terá grande dificuldade de obter água potável até 2025. O uso racional da água é a solução para esse futuro assustador e pode até render bons lucros para aqueles que souberem aproveitar esse precioso recurso natural.

Renata Thomazini

Otimizar o uso da água em todo o planeta. Esse será o grande desafio do terceiro milênio. O setor de produção agrícola, dependente direto dos recursos hídricos, é, certamente, um dos que mais sofrem com a diminuição do volume dos mananciais de água doce. Além do aquecimento da temperatura global, que dificulta o armazenamento de umidade no solo e leva o produtor a aumentar a irrigação na propriedade, a constante queda do volume dos rios e lençóis freáticos tem intensificado gastos com a recuperação das lavouras. Economicamente desastrosa essa realidade também é reflexo da falta de orientação técnica. Mas esse cenário pode ser revertido em lucro se o produtor souber administrar a água como um negócio. O manejo correto é discutido em vários fóruns e nas rodas de resenhas nas fazendas Brasil afora. Em recente audiência pública, realizada pela Câmara dos Deputados Federais, foram tratados vários pontos de vista que abordaram a utilização racional dos recursos hídricos, principalmente no agronegócio. O presidente da Comissão de Agricultura e Política Rural, deputado federal Nelson Marquezelli, apresentou relatório sobre audiência pública realizada para debater a utilização desses recursos no Brasil. Uma das saídas encontradas para se garantir a subsistência dos mananciais é a conscientização das comunidades brasileiras em torno da iminente escassez de água doce para os próximos anos.

"Estamos propondo a criação de uma subcomissão, dentro da Comissão de Agricultura e Política

Rural, que irá discutir o manejo correto para otimizar o uso da água na agropecuária", defende Marquezelli.

Um dos pontos verificados na audiência realizada pela Câmara Federal foi que a perfuração de poços artesianos, sem a prévia orientação técnica, além de afetar os aqüíferos, prejudica a própria produção agrícola. Acaba se tornando um círculo vicioso: a propriedade retira a água do solo para sua manutenção e, caso não chova, a reposição do lençol freático fica prejudicada, podendo inviabilizar as culturas de alimentos ou pastagem. O que será do Brasil, um país que se destaca nos primeiros lugares na exportação da maioria dos produtos alimentícios, caso o abastecimento de água continue em risco?

Seguido de perto pela poluição dos rios e afluentes, o desperdício e a exploração inadequada dos recursos hídricos são apontados por inúmeros pesquisadores como as principais causas da sede que vem se tornando constante em todo o mundo. Quem pode mudar o rumo dessa história? Cada vez a resposta fica mais evidente. O próprio homem volta a ser o protagonista, agente modificador do meio ambiente. Tem nas mãos a possibilidade de agir, de intervir, de evitar crises.

"Uma das saídas... para se garantir a subsistência dos mananciais é a conscientização das comunidades brasileiras em torno da eminente escassez de água doce para os próximos anos"

A Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou 2003 como o Ano Internacional da Água Doce. Em várias declarações, o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, deixou claro que os estudos sobre o uso da água em todo o mundo são cada vez mais preocupantes. Alguns pesquisadores dizem que o abastecimento de grande parte do planeta pode estar seriamente comprometido para os próximos anos, caso a população mundial não se conscientize da necessidade de utilizar a água como bem esgotável. Pode ser uma peça triste do destino. Algo até irônico. Mas a principal fonte de vida para o ser humano, a água, depende dele para continuar existindo.

O planeta azul já esteve diante de situações que exigiram um grande poder de recuperação. Hoje, vive mais um momento decisivo para sua sobrevivência. A água ainda corre pelos leitos dos rios e segue límpida pelas veias do solo em muitos lugares. Gera vida e prosperidade em muitos países. O Brasil é um desses. Um território vasto com área agricultável privilegiada. Aqui, "em se plantando tudo dá". Realidade diferente para alguns países africanos e orientais. Eles não têm a mesma sorte e convivem com desertos e secas avassaladoras. Por lá, a água é artigo de luxo. Por isso, tiveram que aprender cedo a poupar o líquido como se fosse parte de uma rara riqueza. A necessidade de subsistência fez com que egípcios, árabes, israelitas desenvolvessem técnicas de irrigação onde a água é aproveitada ao máximo e até mesmo reciclada. Apesar de conseguido a duras penas, esse é um exemplo a ser seguido em todo o mundo.

Irrigação

Para que o Brasil continue em ritmo acelerado de produção no agronegócio é preciso reavaliar a utilização da água potável. Essa é a opinião de Uri Goldstein, gerente de Marketing e Comercial da Netafim, empresa que tem desenvolvido técnicas para otimização do uso da água na irrigação. Em plantios de batata, café, hortaliças, a irrigação por gotejamento tem sido eficiente. A técnica era utilizada em outros países, como Israel. "Estamos disponibilizando mini-kits para famílias de baixa renda, através do Governo Federal, para o Programa Fome Zero. Ao todo, cerca de 1000 kits foram entregues", explica Uri. Esse tipo de trabalho não visa apenas a viabilizar alimento às pessoas, mas ensiná-las como utilizar a água de forma racional para a irrigação das plantações.

Crônica de um Sertanejo

O sol estava alto quando José saiu de casa naquela manhã. Seus pés trincados pela sequidão do lugar tocavam o chão quente e quebradiço do sertão. Os animais magros retratam a dureza do lugar. Aquela era a seca mais prolongada que eles já haviam passado. Na família do José sete anjinhos esperam pelo feijão que ele colhe em um pedacinho de terra que conseguiu cultivar, mesmo com tanta dificuldade. A chuva abençoada ainda não caiu naquela terra. Às vezes, José olha o céu e se engana com uma nuvem ou outra, é a esperança. Esperança que a chuva venha regar a terra e fazer o milagre da vida florescer. E a nuvem fica densa. Dela se aproximam outras e mais outras. E José vê do céu uma gota cair e molhar seu rosto. E outras se sucedem até que ele percebe que algumas dessas gotas são lágrimas que seus olhos deixam cair para se misturarem com a chuva. "Abençoada seja a água que molha a terra e nela faz crescer a vida", desabafa.

(José é personagem fictício que representa o sertanejo)

Importante para quem vai começar a irrigar suas terras é buscar a orientação técnica. "Qualquer tipo de prática que se tente em uma determinada cultura pode ser desastrosa se não for feito o manejo correto", sentencia Uri ao explicar que a irrigação por gotejamento tem sido mais utilizada em culturas pouco extensas, devido ao custo do projeto. Para o pesquisador e professor Luiz César...., a irrigação deve obedecer a necessidade da cultura produzida, mas deve ser vistoriada para que não haja desperdício. "A regulagem dos equipamentos é fundamental para se conseguir eficiência com melhor utilização de água", diz. O professor também ressalta a importância da presença de um agrônomo nesse processo. "A orientação é indispensável", destaca.

Em alguns países o uso do hidrômetro em pivôs já é uma prática natural. Assim, o produtor sabe exatamente quanto está gastando de água e pode controlar a vazão. Mas em outros, o esgotamento dos lençóis freáticos é tão grave que foi instituída a cobrança pelo uso da água até na agricultura. Por aqui, a Câmara dos Deputados estuda formas de estimular o uso racional da água sem precisar de medidas tão extremas.

"Qualquer tipo de prática que se tente em uma determinada cultura pode ser desastrosa se não for feito o manejo correto"

País destaque no agronegócio, o Brasil não poderia ficar de fora das discussões sobre o uso da água, nem se dar ao luxo de não falar sobre o assunto. A maior bacia hidrográfica do mundo está em solo brasileiro. Por isso, o país busca apresentar propostas que envolvem até a administração da água enquanto mercadoria de alto valor econômico. Uma mercadoria que também é negociada por meio dos alimentos. "Quando exportamos soja, frutas e outros produtos alimentícios, estamos vendendo água também, porque a maior parte da composição dessas mercadorias nada mais é do que água", explica Rodrigo de Almeida Pontes, presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos (SMEA). O engenheiro agrônomo visitou, no ano passado, a sede da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), e falou sobre questões como a transposição de rios, a irrigação na agricultura e na pecuária e a utilização da água como geradora de energia. Rodrigo diz que o Brasil possui apenas 6% do total de suas terras (em produção) irrigadas. Área que é responsável por 40% de toda a produção de alimentos no país. Para ele, é indiscutível haver um limite para o uso da água na irrigação. "O fato não é aumentar ou diminuir a área irrigada e, sim, minimizar os desperdícios que ocorrem nessas áreas", defende o agrônomo.

A utilização na agricultura e na pecuária de bacias como a do Rio Grande, que divide os estados de Minas Gerais e São Paulo, foi abordada pelo especialista. "Na margem paulista do Rio Grande são irrigados mais de 100 mil hectares, enquanto que na mineira não ultrapassa os 12 mil hectares", diz. Rodrigo denuncia que existem questões legais que ao mesmo tempo impedem um estado de explorar o seu potencial hidrográfico, mas permitem isso a outro. Quanto ao processo de irrigação de pastagens, Rodrigo Pontes explica que as diversas críticas que são dirigidas aos sistemas não levam em consideração que um pasto bem manejado se transforma em um importante armazenador de águas. "Numa pastagem degradada a irrigação certamente implicaria num grande escoamento de água, mas uma vez bem manejada a área atua como uma 'esponja'", emendou Rouverson Pereira da Silva, coordenador do curso de Agronomia das Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu). Rouverson defende que o armazenamento de água é um dos principais pontos de discussão na atualidade. "A água que evapora diariamente de uma represa como a de Sobradinho, por exemplo, daria para alimentar três

fotos: divulgação

Morangos irrigados por gotejamento (ao lado); na seqüência, detalhe de irrigação por gotejamento mangueira

foto: divulgação

À esq.: videiras em irrigação por gotejamento; abaixo, pastagem com pivô central

projetos Jaíba, por dia", salientou Augusto César Soares dos Santos, mestre em Engenharia de Irrigação e Gerente Executivo da Fundação Rural Mineira (Rural Minas). Na visita à ABCZ, os pesquisadores, que também organizaram o 4º Seminário Água-Negócios, foram recebidos pelo diretor Comercial e de Marketing da entidade, William Koury.

Pesquisa

Aliada da humanidade, a pesquisa tem mostrado caminhos interessantes rumo à utilização racional da água, até mesmo a salgada. Uma pesquisa realizada pela Embrapa Semi-Árido (Petrolina-PE), combina o fornecimento de água de qualidade com o destino adequado do resíduo salino do tratamento da água. Material altamente poluente, o resíduo pode produzir alimento animal. Os solos no Semi-Árido são compostos de rochas sedimentares do tipo cristalino, de baixa permeabilidade. Nesse tipo de solo a água circula lentamente. Essa é uma das causas da salinização dos aqüíferos nordestinos, onde foram constatadas concentrações salinas de 1 g/l, muito acima do máximo admitido para o consumo humano (250 mg/l).

É aí que entra a dessalinização. A solução para obter água potável. O processo não é tão complicado. Consiste em forçar a água, sob pressão, a passar por uma membrana semipermeável, que retém as moléculas de sal e permite apenas a passagem da água. Essa membrana precisa ser lavada para retirar os sais retidos na filtragem. Na saída do dessalinizador há uma vertente de água potável e outra com a água resultante da lavagem, saturada com sal, possuindo um alto potencial de impacto no ambiente. Depois do processo, a água dessalinizada torna-se potável; mas o que fazer com o resíduo salino? Impróprio para cultivo, devido ao potencial poluidor muito alto – embora raras, as chuvas que caem na região arrastarão o sal para mananciais e fontes de água

"O fato não é aumentar ou diminuir a área irrigada e, sim, minimizar os desperdícios que ocorrem nessas áreas"

Reciclagem

A solução proposta pela Embrapa é a criação de tilápias, pois os peixes reciclam parte do sal contido na água. Como há necessidade de oxigenação constante, uma parcela da água do tanque deve ser substituída diariamente. A água proveniente dos tanques de criação de peixes é utilizada para irrigação. Pode parecer estranho que uma água saturada com cloreto de sódio possa servir de substrato adequado a um vegetal. Por isso a recomendação dos pesquisadores é o uso da erva-sal (Atriplex nummularia), conhecida por sua alta tolerância a ambientes salinos. "Essa é uma maneira de se utilizar logicamente a água. Mesmo salobra ela pode servir ao meio ambiente, desde que manejada adequadamente", destaca o Engenheiro Agrônomo e pesquisador da Embrapa Soja, Décio Luiz Gazzoni.

foto: L. Adolfo

O cenário perfeito para
um excelente negócio.
Leilão
angra dos Reis

LOCAL

HOTEL PORTOBELLO
RESORT & SAFARI
Km 438, Rod. Rio-Santos Mangaratiba RJ
CEP 23860-000 - Tel: (0xx21) 2789-8000
Toll Free: 0800 888-3636
Fax:(0xx21) 2689-3100

REALIZAÇÃO

PROGRAMA LEILÕES
(43) 3373-7077

REMATE LEILÕES
(11) 3872-5777

ASSESSORIAS

Pedigree
Fone: (34) 9988-2009
Fax: (34) 3246-2121

AVANTI
CONSULTORIA EM PECUÁRIA
(18) 224-1941

LEILÃO

Angra dos Reis

NELORE

&

PRENHEZES

Leilão Prenhezes

Dia 19 de Março

Sexta-feira - 20h

Leilão Nelore

Dia 20 de Março

Sábado - 15h

Hotel Portobello Resort & Safari

Mangaratiba, RJ

Km 438, Rod. Rio-Santos

PROMOÇÃO

Jefferson Salgado

Unit SANTA CLARA
INSTITUTO DE TECNOLOGIA E PESQUISA

Jorge Picciani

MONTE VERDE

PATROCÍNIO

LIDER

Beechcraft

Hawker

UNIVERSO

TRANSMISSÃO

GLOBO RURAL

CADASTRO: (43) 3373-7077
LANCES: (43) 3373-7000
VIA TV A CABO OU SKY
Parabólica polarização horizontal 4171 Mhz
Banda L 980 Mhz

AGÊNCIA OFICIAL

ART RURAL
PROPAGANDA
(43) 3328-1400

Dominó nefasto da Parmalat

A crise do grupo Parmalat cujo último desdobramento foi o pedido de concordata preventiva no dia 28 de janeiro e o anúncio do decepcionante conjunto de medidas do governo pode transformar-se em um dominó nefasto para a economia do país. A cadeia produtiva do leite, além de abastecer com produtos básicos a mesa dos brasileiros, gera divisas com exportações e é o setor que mais cria postos de trabalho. São mais de 1,6 milhão de empregos, superando inclusive a construção civil. Toda essa cadeia de produção e abastecimento estará ameaçada se as nossas autoridades econômicas não agirem rápido para conter a tormenta.

Por entender a gravidade do problema, fui um dos primeiros parlamentares a agir, logo que estouraram as notícias da inadimplência e do rombo financeiro na multinacional italiana. Minha maior preocupação é com o futuro imediato que o desacerto econômico da Parmalat abre para a produção de leite no Brasil. Ainda mais agora, com o pedido de concordata preventiva, pois a empresa poderá protelar por até dois anos o pagamento aos produtores. Temo que a maioria da sociedade brasileira e até mesmo algumas autoridades ainda não tenham se dado conta dos riscos que essa crise representa.

Os efeitos previsíveis do rombo da Parmalat já foram desencadeados e em pouco tempo baterão em nossas portas, caso não tomemos urgentemente as medidas necessárias. Segunda maior compradora de leite do país, captando quase 10% de toda a produção e tendo cerca de 20 mil produtores como fornecedores, a empresa provoca um vácuo gigantesco na cadeia produtiva ao atrasar o pagamento de suas dívidas e desativar suas unidades inteira ou parcialmente.

Os produtores, que historicamente recebem uma remuneração no limite entre o lucro e o prejuízo, viram cair mais ainda o valor pago pelo leite *in natura*. Nesta época de chuvas, vivemos o auge da produção e, com o crescimento da oferta, os preços costumam apresentar uma queda natural. Mas com a crise da Parmalat, essa queda ultrapassou todas as margens possíveis. Em janeiro de 2003, o produtor recebia em média 50 centavos por litro. Agora, um ano depois, ele só está encontrando quem pague apenas 40 centavos.

Como resultado, uma parte significativa dos produtores já está abandonando a atividade, trocando o gado leiteiro pelo gado de corte. Não há outra alternativa, uma vez que produzir leite passa a ser algo tão deficitário. Nas próximas semanas, esse movimento passará a ser sentido nas prateleiras dos supermercados, com a elevação dos preços dos laticínios. Para que não haja uma pressão inflacionária generalizada, o Brasil voltará a importar quantidades altíssimas desses produtos, alimentando mais ainda a retração das nossas linhas de produção.

Está aí, portanto, o nó da crise da Parmalat e o motivo de tanta apreensão. Na comissão especial da Câmara, tomei uma série de medidas, como a que requer a criação de um comitê gestor da dívida da Parmalat, com a inclusão obrigatória de representantes dos produtores. Isso se faz necessário, pois o pedido de concordata pode prejudicá-los, sobretudo os que não possuem qualquer garantia, situação bem diferente das instituições financeiras credoras da multinacional, que há muito tempo vêm trabalhando com medidas preventivas.

O produtor não pode, nem vai arcar com mais esse revés. O pagamento para as dezenas de milhares de famílias lesadas deve ser prioritário. Sugeri inclusive que o governo decrete intervenção imediata na empresa para assegurar essa condição durante o processo de concordata. As medidas anunciadas pelo governo "reforço nas linhas de crédito agrícola e aquisição do leite em pó" não são suficientes.

O governo deve incentivar a criação e a reativação das linhas de produção que estão paradas ou funcionando bem abaixo

foto: divulgação

Leonardo Moura Vilela é deputado federal (PPB-GO) e ex-secretário de Agricultura de Goiás

de sua capacidade. Para tanto, precisará dar prioridade aos produtores e suas cooperativas. É um investimento que precisa ser feito o quanto antes, pois o processo de instalação e adaptação de novas indústrias demanda no mínimo dez meses para se concretizar.

As soluções para o problema da Parmalat passam por questões mais profundas. É preciso combater a alta concentração do setor de laticínios, principalmente na mão de multinacionais, e a perda de participação no mercado pelas cooperativas. A saída é investir em medidas para evitar o monopólio. Com o apoio do governo e do legislativo, poderemos acelerar a integração entre os produtores, modernizar nossa produção e criar melhores condições para exportar.

Essas reivindicações do setor já foram discutidas na Comissão de Agricultura e quero aproveitar a atenção da sociedade para reforçá-las. As lições desse episódio não podem ser esquecidas. O problema da Parmalat pode tornar-se catastrófico para a nossa economia, mas o Brasil é bem maior do que esse problema e nossos produtores, com certeza, darão a volta por cima. Esta é a sina do homem do campo. Nosso país está fadado a ser o maior produtor de alimentos do mundo, mas precisa aprender a valorizar quem o alimenta e quem lhe gera riquezas.

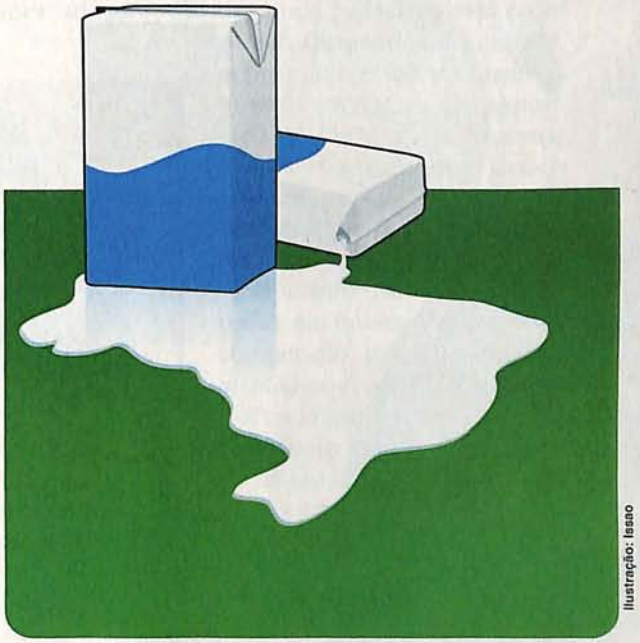
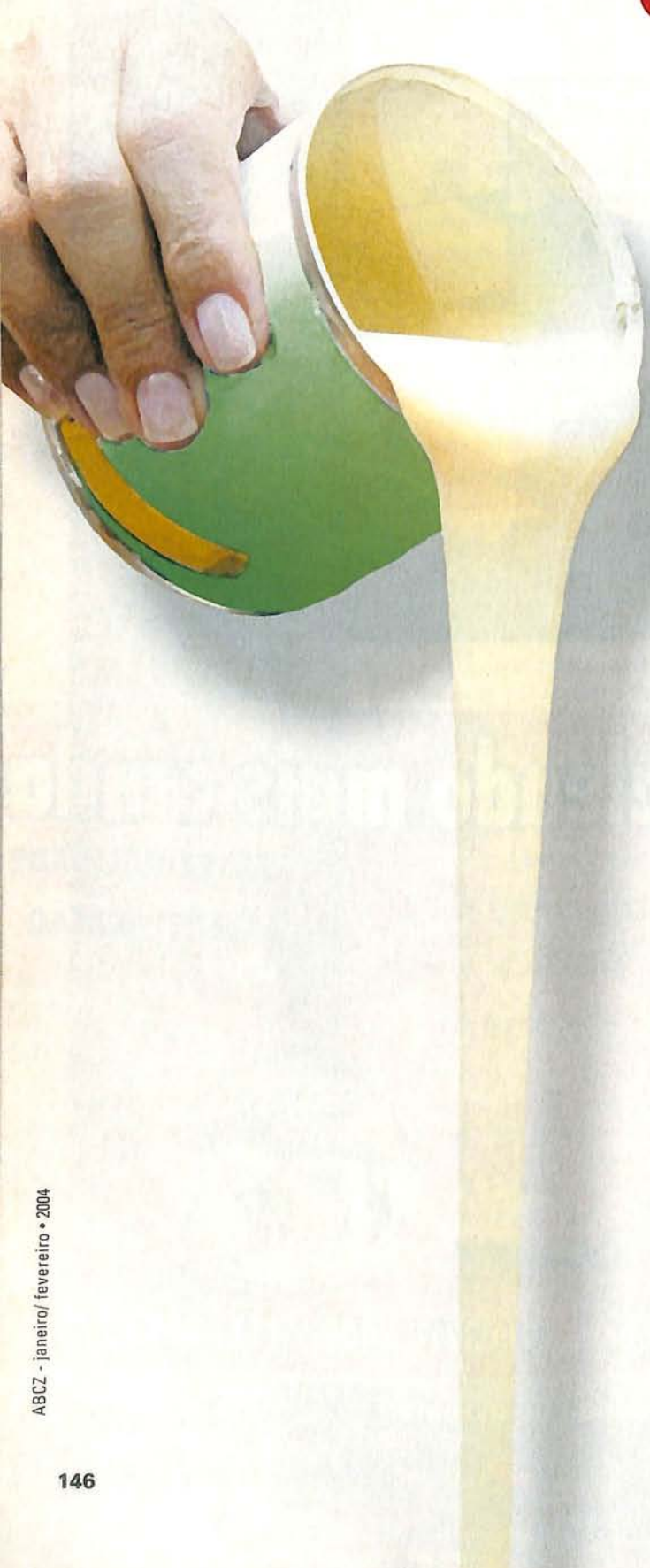


Ilustração: Isaso

Carta escondida na **manga**



Quinto produtor mundial de leite, o Brasil tem o custo de produção mais barato do mercado e dispõe de matéria-prima para liderar a produção de uma das vedetes do exterior: o leite condensado

Renata Thomazini

Com uma área agricultável de aproximadamente 60 milhões de hectares plenamente disponíveis e que, segundo a Embrapa, pode chegar a 90 milhões de hectares para plantio de grãos, dados correspondentes ao Centro-Oeste, que possui dimensões propícias ao plantio dessa cultura sem a necessidade de grandes desmatamentos, o Brasil faz cada vez mais jus ao título de "celeiro do mundo". Batendo recordes nos últimos anos, o agronegócio se tornou peça fundamental para a economia brasileira, sustentando cerca de 40% da balança comercial do país. Mercadorias como soja, café ou carne sempre contribuíram muito para esse sucesso. Mas entre os principais produtos agropecuários brasileiros que vêm se destacando em nível internacional estão os lácteos e o próprio leite fluido. Mas é com o leite condensado que o país pode incrementar o mercado e trazer excelentes resultados para a balança comercial. Vicente Nogueira Netto, diretor do Departamento Econômico da Confederação Brasileira de Cooperativas de Laticínios, é enfático ao dizer que matéria-prima não é problema para o Brasil. "Além de uma importante produção de leite, podemos contar com o fato de sermos um grande produtor de açúcar", diz.

Um dos principais produtos da pauta de exportação desde as primeiras comercializações, feitas no ano de 1997, o leite condensado atinge excelentes números para venda. Em 2003, foram 18,2 mil toneladas no período de janeiro a setembro. "A julgar pelo número de países que estão com-

foto: L. Adolfo

prando leite condensado do Brasil, o futuro do produto no mercado internacional é muito promissor. Em 2002, o leite condensado foi comercializado para 31 mercados diferentes", analisa Vicente.

Os gastos com importação de produtos lácteos caíram para mais da metade no país. Nesse cenário, o setor lácteo aparece como uma atração aos investidores e pode surgir como mais um trunfo brasileiro na conquista de novos mercados internacionais. Quinto maior produtor de leite, o país tem, ainda, o segundo maior rebanho mundial nessa modalidade, com aproximadamente 20 milhões de vacas ordenhadas, de acordo com dados do IBGE. Apesar das dificuldades que o setor ainda atravessa, a produção brasileira é considerada uma das mais baratas do mercado mundial US$ 0,15 por litro, em média. Mas a competição acirrada no exterior é pautada nos subsídios que chegam, por exemplo, a equivaler a 40% do PIB (Produto Interno Bruto) europeu. Esses "incentivos" acabam sendo altamente nocivos a países competitivos como o Brasil. A luz no fim do túnel fica por conta da notícia de que esses subsídios podem cair até 2005. A mudança não elimina esses chamados incentivos, mas prevê o fim da vinculação entre o auxílio financeiro dos governos aos produtores e à produção. Para o ministro Roberto Rodrigues, o que realmente muda é o "modelo de proteção". O ministro defende que o país comece a definir a estratégia e contrapartida que oferecerá nas próximas negociações multilaterais.

foto: divulgação

Vicente Nogueira Netto (à esq.), diretor da Confederação Brasileira de Cooperativas de Laticínios

"... o agronegócio se tornou peça fundamental para a economia brasileira, sustentando cerca de 40% da balança comercial do país..."

Mercado

"Na nova fase da atividade leiteira nacional, as exportações representam a melhor alternativa para manter o equilíbrio entre a oferta e a demanda no mercado interno, minimizando as oscilações de preços que provocam danos recorrentes ao setor", explica Vicente Nogueira, que é engenheiro agrônomo e mestre em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa. O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, já se arrisca a dizer que a voz do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC) hoje pode ser ouvida em alto e bom som. Para o presidente, o mundo está cada vez mais inclinado a reconhecer o valor produtivo do Brasil, principalmente dentro do agronegócio.

No entanto, Vicente Nogueira se mostra preocupado com a concorrência internacional. "O mercado mundial de produtos lácteos está entre os mais distorcidos do mundo, ocupando o primeiro lugar no quesito taçhação às importações. Os preços internacionais dos produtos lácteos refletem essas práticas de dumping utilizadas pelos países desenvolvidos." O impacto econômico é mais sério para os países em desenvolvimento. "A competição injusta em seus mercados domésticos impede o crescimento da produção, bem como a possibilidade de se tornarem exportadores. O desenvolvimento da pecuária de leite nesses países poderia ser significativamente mais elevado se lhes fosse permitido explorar sua vantagem comparativa", analisa. A certeza esboçada por Vicente de que a competitividade do Brasil em relação ao comércio de lácteos está atrelada a políticas internacionais mais justas está relacionada ao estudo que a Abare, instituição australiana para consultoria de mercado, desenvolveu sobre o assunto. De acordo com suas conclusões, "a melhoria do acesso ao mercado, com duplicação das quotas e redução das tarifas pela metade, resultaria em grande aumento da demanda. Os preços mundiais se ajustariam ao novo cenário e o valor do comércio mundial de lácteos aumentaria em US$ 1,8 bilhões".

Pelas contas de Vicente, o incremento do comércio de queijos seria de 39%, de manteiga 37% e de leite em pó entre 14% e 25%. No que se refere à quantidade, as importações mundiais de queijos aumentariam em 138 mil toneladas, de manteiga em 40 mil e leite em pó desnatado em 45 mil toneladas.

Com a eliminação dos subsídios às exportações, os setores lácteos da União Européia e da América do Norte ficariam em grande desvantagem comercial. Esse é um dos fatos que têm sido motivo forte para o endurecimento do governo norte-americano em relação à redução dos subsídios. A força comercial e de produção demonstrada por países como o Brasil ameaçam a hegemonia dos Estados Unidos em relação a alguns mercados agrícolas.

Coringa

Há nove anos, a produção nacional de leite era de 15,78 bilhões de litros. A maior parte dessa produção era transportada em latões, sob temperatura ambiente, um quadro que contribuía para grande perda de qualidade do produto até a chegada na indústria. Com as novas diretrizes para transporte do leite, as estimativas de produção aumentaram. Em 2002, o país produziu 20,4 bilhões de litros de leite. Em 2003, o Brasil atingiu a marca dos 21,3 bilhões de litros do produto e um consumo interno estimado em 21,6 bilhões de litros. "A elevação da produção e da produtividade do rebanho brasileiro está diretamente ligada à especialização do pecuarista", afirma Vicente. A introdução de tecnologias adequadas à realidade nacional, privilegiando a utilização de forrageiras tropicais e o bom gerenciamento da propriedade, modificaram o perfil da atividade leiteira nas diversas regiões do país e foi fundamental para esse avanço.

"Em 2003, o Brasil atingiu a marca dos 21,3 bilhões de litros do produto e um consumo interno estimado em 21,6 bilhões de litros"

A qualidade da matéria-prima também sofreu grande evolução. Mais de 70% do leite sob inspeção é resfriado na propriedade e transportado a granel, permitindo que o consumidor tenha acesso a um alimento de melhor qualidade. Privilegiado pelo baixo custo de oportunidade da terra e com novas tecnologias à disposição, o Brasil passou a incomodar os competidores no mercado internacional. Juntamente com a Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Uruguai, o país compõe um grupo seleto de nações que produz um litro de leite por menos de US$ 0,15.

"Mais de 70% do leite sob inspeção é resfriado na propriedade e transportado a granel, permitindo que o consumidor tenha acesso a um alimento de melhor qualidade"

Além da grande extensão territorial agricultável, empresas como Bongrain, Danone, Arla Foods, Nabisco, Nestlé, Comitê de Laticínios da Nova Zelândia, Philip Morris-Kraft, Sodiaal e Unilever têm investido muito em parcerias com empresas nacionais para aperfeiçoar sua produção e torná-la ainda mais competitiva. "Apesar de o Brasil possuir um dos mais baixos custos de produção de leite do mundo, essa vantagem comparativa não se reveste em competitividade, ou seja, o país tem dificuldades para exportar seus derivados lácteos com lucro", explica Vicente Nogueira, lembrando que o motivo para esse impasse é em decorrência dos preços artificialmente baixos dos laticínios, em função das práticas desleais de comércio.

De acordo com o economista Benedito Rosa do Espírito Santo, ex-secretário de Política Agrícola e representante do Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura (IICA) no Brasil, "o país disputou a posição de maior importador de leite em pó do mundo, equiparando-se ao México e a Argélia. Ao longo das últimas décadas, a exposição às imperfeições do mercado internacional retardou o desenvolvimento da pecuária de leite nacional, bem como inibiu as iniciativas de exportação". Para o economista, as primeiras exportações relevantes de produtos lácteos, que ocorreram em 1996 e alcançaram o valor de 19,3 milhões de dólares, ironicamente levaram o Brasil a gastar US$ 512 milhões com as importações de leite e derivados. Os importadores, entre eles algumas indústrias de laticínios, erraram na dose, internalizando mais leite em pó do que o mercado podia consumir (196 mil toneladas). "A saída foi reexportar esse produto. O principal destino dessas exportações foram a Venezuela e o Paraguai. Nascia, dessa forma, às avessas, a experiência do Brasil como exportador de leite", explica.

Um mercado que já desponta como grande comprador da produção leiteira do Brasil é o chinês. O país fica atrás apenas dos Estados Unidos na importação de leite brasileiro. Entre os produtos lácteos, o leite em pó produzido em território nacional também mostra grande potencial para exportação. Uma grande empresa da área de exportações acaba de anunciar que comercializou duas mil toneladas de leite em pó, via *World Food Program* (WFP), programa desenvolvido pala Organização das Nações Unidas (ONU), para atender ao Iraque. Outros países estão negociando a compra de lácteos brasileiros, especialmente países do norte da África, como a Argélia.

Melhor que usar ração no creep-feeding
é usar a genética Guzerá no rebanho.
A raça Guzerá é a única raça que cruzada com o nelore aumenta a habilidade materna e o desempenho, tanto para machos, quanto para fêmeas, com o aumento da rusticidade. Ganhe ainda a alta eficiência e longevidade dos touros Guzerá em qualquer região do país.
Leilões Oficiais:
12 e 13 de Março de 2004 • 3º Leilão Guzerá da Barra • Barra Bonita - SP • Transmissão Canal do Boi
19 e 20 de Março de 2004 • 5º Leilão Perfeita União e Amigos • Transmissão Canal do Boi
03 de Abril de 2004 • 1º Leilão Guzerá MS • Durante a Expogrande • 18h • Transmissão Canal do Boi
Saiba mais sobre o Guzerá pelo site: www.guzeraacgb.com.br
Vacas Guzonel com bezerros ao pé, sem nenhuma suplementação para o bezerro e para as vacas. Fazenda Barra do Buritizinho, Serranópolis - GO.
Novilha Guzonel primipera mostrando sua alta habilidade materna.
GUZERÁ COUROTEX
BAHIA
(71) 9122.9229
SÍTIO HARAS 4S
SERGIO BORELLI
RIBEIRÃO PRETO - SP
(16) 637-3330
GUZERÁ ALVORADA
Dante E. Romenzoni
ONÇA PARDA
(44) 523.3829
CAMPO MOURÃO - PR
Fazenda Pequizeiros
RODRIGO P. CANABRAVA
LUCAM AGROPASTORIL LTDA
(16)243.1501 • IBATÉ - SP
BC
FAZENDA LUA NOVA
BENÍCIO CUNHA CAVALCANTI
(75) 625.0952 • LAGEDINHO • BA
FAZENDA PINHAL
GUZERÁ
ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GUZERÁ DO BRASIL
www.guzeraacgb.com.br
Pç. Vicente Rodrigues da Cunha, 110 - Bl. 01 - Parque Fernando Costa
CEP: 38022-330 Uberaba - MG - Fone/fax (34) 3336.1995
E-mail: guzerabr@terra.com.br
AgroBarra
FAZENDA PERFEITA UNIÃO
OCTAVIANO PENA RAMOS
AGROPECUÁRIA CORONA
FAZENDA PALESTINA
FAZENDA CANOAS
Guzerá NR
FAZENDA LAGEADO
CONTROLE LEITEIRO E PONDERAL
GUZERÁ MAAB
VAR
FAZENDA ESMERALDA
VIVALDO REGO
MARCA SOL GUZERÁ
HAROLDO GUARTIM BARBOSA
FAZENDA MORUMBI
LEIZER VALADÃO - LUZIÂNIA - GO

Atmosfera modificada faz a diferença

Faculdade desenvolve estudo sobre a conservação do queijo tipo frescal com a utilização de método que preserva a qualidade do produto por mais tempo, evitando a perda de nutrientes

Renata Thomazini

Um consumo expressivo norteia a produção de queijo tipo frescal no Brasil atualmente. Para dar conta de abastecer a esse mercado o país produziu 30,5 milhões toneladas em 2003, o que mobilizou, também, a produção leiteira, principal ingrediente para o queijo. A cada ano são destinados em torno de 200 milhões de litros de leite para o segmento da indústria de laticínios. Mas um detalhe pode jogar por água abaixo toda essa perspectiva de rentabilidade: a deficiência na preservação desse produto. Muitas vezes, as indústrias utilizam métodos equivocados que acabam por alterar física e quimicamente o queijo.

Para evitar a queda no consumo do produto e atender a um mercado que se torna mais exigente, uma técnica de conservação alimentar está sendo utilizada pelas Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu). A idéia é verificar os níveis exatos de nitrogênio, oxigênio e gás carbônico que devem ser ministrados em uma embalagem especial preparada para reter uma atmosfera modificada. Por meio de um material resistente – que pode suportar o peso de uma pessoa de 70 quilos e que evita a entrada e saída de gases – a conservação do queijo frescal é estendida por cerca de 40 dias.

Como existe uma tendência do consumidor em

Págs. 150 a 152: técnicos coletam dados para estudo de conservação do queijo

buscar alimentos de boa qualidade e conservados com a máxima segurança, sem a utilização de conservantes ou aditivos que possam ser prejudiciais à saúde, essa linha de procedimentos tem no acondicionamento em atmosfera modificada um fabuloso aliado. A Fazu tem realizado pesquisas para ampliação do tempo de vida do queijo tipo frescal com a utilização desse método, que ganhou a denominação de Projeto Multi-empresarial. De acordo com especialistas, a substituição do ar atmosférico que envolve o produto por uma mistura gasosa adequada, contendo gás carbônico, nitrogênio e às vezes oxigênio (para os produtos com células vivas) pode propiciar um aumento de vida útil do alimento. "A degradação de alimentos em conseqüência da oxidação e desenvolvimento de microrganismos pode ser retardada em atmosfera modificada com esses gases. Durante a estocagem os gases interagem com os componentes dos alimentos (gorduras, carboidratos, proteínas, vitaminas) e com a flora microbiana contida neles. Porém, a taxa de degradação dos componentes nutricionais é minimizada em contato com o ar atmosférico, ocorrendo preservação do tempo de vida dos alimentos", explica o professor doutor José Roberto Delalibera Finzer, coordenador do Curso de Engenharia de Alimentos da Fazu.

Maior durabilidade

A idéia de modificar a atmosfera ao redor de um produto alimentício, com o fim de aumentar sua vida útil, transformou-se em tecnologia aplicada comercialmente na preservação de carnes e derivados, aves, pescados, produtos de panificação, de confeitaria, massas frescas, produtos secos, frutas e vegetais. A utilização de embalagens com atmosfera modificada para preservação de alimentos apresenta inúmeras vantagens segundo o professor. Uma delas, o aumento da vida útil do produto, melhorando a produção, estocagem e distribuição. "Atendemos às expectativas de nosso consumidor. A qualidade será amplamente beneficiada, com a melhor conservação de cor, aroma e frescor desse alimento", enfatiza.

O professor José Roberto ainda explica que existe um outro fator de destaque nesse contexto que é a redução de perdas na distribuição e comercialização desses produtos. Também há diminuição dos conservantes. Em alguns casos eles são completamente eliminados. A tecnologia de acondicionamento em embalagens com atmosfera modificada depende da otimização do sistema que envolve vários parâmetros críticos, sendo um deles a embalagem. "Em aplicações com atmosfera modificada há dois tipos distintos de embalagem, dependendo se o produto continua ou não a respirar após o acondicionamento. Desta forma, os materiais de embalagem serão abordados separadamente para essas duas classes de produtos", argumenta o professor. Embalagem para produtos que não respiram, tais como carnes e derivados, aves, pescados,

foto: M. Farias

massas, devem formar uma barreira contra os gases para manter a atmosfera modificada ao redor do produto. A taxa de permeabilidade a gases da embalagem e o volume do espaço livre dentro dela são fatores associados à quantidade de gás necessária para a inibição microbiana. O potencial da vida útil do alimento depende da menor taxa de permeabilidade e maior relação entre o volume do espaço livre da embalagem e a quantidade em quilos desse produto. O material da embalagem é responsável, também, por manter a composição gasosa do espaço livre devendo ser barreira ao oxigênio, ao gás carbônico, ao nitrogênio e ao vapor de água.

No caso de alimentos com alta atividade de água, a perda de umidade pode provocar alteração na textura, perda de peso e comprometimento da aparência. Já nos alimentos de baixa atividade de água o ganho de umidade leva à perda de crocância ou aglomeração do produto, alteração de cor e, nos casos mais críticos, leva ao desenvolvimento microbiológico. Quando a embalagem acondiciona produtos secos sensíveis à oxidação como snacks, biscoitos cookies, etc., a embalagem deve ser barreira à luz, uma vez que esta acelera a oxidação da gordura, favorecendo a rancificação do produto.

Teste a campo

O queijo frescal, objeto dos estudos, esteve armazenado por 40 dias, a uma temperatura de 7º C. De acordo com os pesquisadores da Fazu, o alimento não apresentou qualquer modificação em seu aspecto ou sabor. Normalmente, de 10 a 15 dias o queijo frescal perde sua validade e começa a ter gosto e aparência diferentes. De acordo com o professor José Roberto, teoricamente a temperatura utilizada nos testes seria a encontrada nos pontos de venda. Mas, para garantir o sucesso da pesquisa, a próxima etapa promete ser ainda mais arrojada. Depois de analisar os resultados da primeira fase e comparar o crescimento de microrganismos no queijo embalado em atmosfera modificada com o embalado da maneira convencional, será a vez de ir a campo e realizar o teste nas condições reais de comercialização no mercado. Ali, o cliente manuseia o produto, alterando a temperatura do alimento e a temperatura das pistas frias nem sempre é a ideal. Os contatos preliminares com os parceiros já foram feitos para que o teste seja iniciado no final de março.

O projeto da Fazu teve o aval do Diretor Comercial da Copervale (cooperativa de laticínios), Fernando Ferreira Vieira da Silva Filho, e conta com as parcerias das empresas White Martins, que contribui com os gases, e Selovac Indústria e Comércio Ltda., que comercializa a máquina de embalagem em atmosfera modificada, assim como as embalagens.

Os avanços no desenvolvimento deste projeto, no qual estão sendo efetuadas avaliações microbiológicas e físico-químicas de queijos armazenados em diferentes atmosferas para otimização tecnológica da melhor mistura, têm sido satisfatórios. "O objetivo da Copervale é dar continuidade a ações que possibilitem o oferecimento de produtos de qualidade para a população", ressalta Fernando Vieira. O projeto está sendo desenvolvido pelo Núcleo de Excelência em Engenharia de Alimentos da Fazu, o Neea.

LEILÃO VIRTUAL DE PRENHEZES LUX

E CONVIDADOS

LUX agropecuária

Doadoras LUX, com prenhezes ofertadas no

LEILÃO VIRTUAL DE PRENHEZES LUX E CONVIDADOS.

23 de Março de 2004 - 20:00 hs

D'VITA

CANAL RURAL

PROGRAMA LEILÕES
(43)3373-7077
www.programaleiloes.com

ABCZ (Uberaba-MG)

setor (contato)	e-mail	telefone (34)
Presidência (Sandra Regina)	abczpre@abcz.org.br	3319 3800
Diretoria (Isa)	diretoria@abcz.org.br	3319 3810
Dir. Comercial e Marketing (Cláudia)	abczacm@abcz.org.br	3319 3820
Sup. Geral (Agrimedes)	abczsug@abcz.org.br	3319 3818
Sup. Adm. Financeira (Márcia)	abczsaf@abcz.org.br	3319 3850
Sup. Técnica (Goretti)	abczsst@abcz.org.br	3319 3920
Sup. Melhoramento Genético (Josina)	josina@abcz.org.br	3319 3930
Comunicação Social (Larissa)	larissa@abcz.org.br	3319 3826
Colégio de Jurados (Moacir)	colegiojurados@abcz.org.br	3319 3924
CDP • Controle Desenv. Ponderal (Ismar)	abczcdp@abcz.org.br	3319 3932
PAD • Prog. Acasal. Dirigido (Ice)	abczpad@abcz.org.br	3319 3934
CEP • Certificado Especial de Produção (Ice)	abczcep@abcz.org.br	3319 3934
PGP • Prova de Ganho em Peso (Bruno)	abczpgp@abcz.org.br	3319 3935
Controle Leiteiro (Rodrigo)	abczscl@abcz.org.br	3319 3935
ETRs e Filiadas (Carlos Lucas)	abczcoe@abcz.org.br	3319 3940
Departamento de Genealogia (Abadia)	abczddg@abcz.org.br	3319 3948
Comunicação Elet. Criadores (Abadia)	eletronic@abcz.org.br	3319 3948
Secretaria Geral (Kátia Regina)	abcz@abcz.org.br	3319 3834
ABCZ Leilões (Vítor Acêdo)	leilao@abcz.org.br	3319 3881
Sistema PROCAN (equipe de atendimento)	procan@abcz.org.br	3319 3904
ABCZnet (Leonardo Mio)	abcznet@abcz.org.br	3313 3779
Grife ABCZ (Daniela Miziara)	griffeabcz@abcz.org.br	3319 3822
Museu do Zebu (Márcio Cruvinel)	museuzebu@ldc.com.br	3319 3879
Brazilian Cattle Genetics (Guilherme)	export@braziliancattle.com.br	3319 3958

Escritórios Técnicos Regionais (ETRs) e Filiadas à ABCZ

setor (contato)	e-mail	telefone
Aracaju-SE (José Prudente)	abczaju@infonet.com.br	(79) 3179 2293
Araguaína-TO (João Batista)	etraux@abcz.org.br	(63) 415 1831
Belo Horizonte-MG (Saulo)	abczbhz@uai.com.br	(31) 3332 6066
Campo Grande-MS (Murilo)	abczcgr@vsp.com.br	(67) 342 1480
Cuiabá-MT (André Lourenço)	etrcgb@abcz.org.br	(65) 685 1011
Fortaleza-CE (Célio)	abczfor@secrel.com.br	(85) 287 5328
Goiânia-GO (Ednira)	abczgyn@internetional.com.br	(62) 203 3415
Ji-Paraná-RO (Guilherme Henrique)	abczjpr@pncnet.com.br	(69) 421 4042
Maceió-AL (Ulisses)	abczmac@uol.com.br	(82) 221 6021
Montes Claros-MG (Marcos Miguel)	abczmoc@connect.com.br	(38) 3222 4482
Natal-RN (Rodrigo)	abcznat@digi.com.br	(84) 272 2430
Palmas-TO (João)	etrpmw@abcz.org.br	(63) 212 1299
Porto Alegre-RS (Edon Rocha)	abczpoa@nutecnet.com.br	(51) 473 7133
Rio de Janeiro-RJ (Verônica - interina)	abczrj@iis.com.br	(21) 2224 8404
Rio de Janeiro-RJ	museuzeb@terra.com.br	(21) 2544 9125
Salvador-BA (Simeão)	abczssa@zaz.com.br	(71) 245 3248
São Luís-MA (Rogério)	abczslz@elo.com.br	(98) 247 0979
São Paulo-SP (Evandro)	abczsao@uol.com.br	(11) 3129 3729
Teresina-PI (José)	abczthe@hotmail.com	(86) 213 1600
Vitória-ES (Lauro)	abczvix@uol.com.br	(27) 3328 9772
Brasília-DF • Ass. Criadores de Zebu do Planalto (Marcelo)	aczp@linkexpress.com.br	(61) 468 8200
Belém-PA • Ass. Rural da Pec. Pará (José Carlos)	arpp@amazonline.com.br	(91) 243 3373
Recife-PE • Soc. Nordestina Criadores (Ricardo Ferreira)	sociedadenecriadores@ig.com.br	(81) 3228 4332
Campina Grande-PB • Soc. Rural da Paraíba (Fabiano)	ruralpb@ig.com.br	(83) 331 3112
Londrina-PR • Soc. Rural do Paraná (Edson)	registro@sercomtel.com.br	(43) 3328 2000

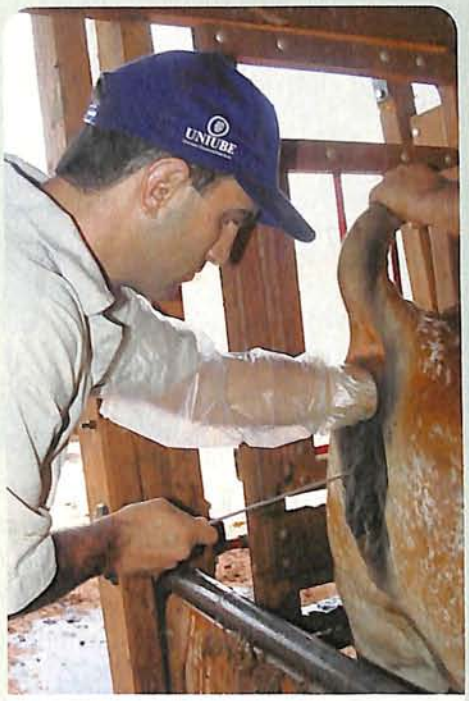
fotos: M. Farias

Homenagem

O 4° Batalhão de Polícia Militar de Minas Gerais entregou a homenagem "Colaborador Benemérito" ao presidente Curador do Museu do Zebu, Márcio Cruvinel Borges (foto), no dia 10 de dezembro. A solenidade aconteceu na sede do batalhão, localizada em Uberaba. A iniciativa, segundo o comandante do 4° BPM, tenente-coronel Emanuel da Paixão Kappel, "é um reconhecimento à contribuição do historiador, que trabalha em prol da preservação da história da pecuária zebuína, enaltecendo a cidade de Uberaba".

Governador de Alagoas visita a ABCZ

O governador de Alagoas, Ronaldo Lessa (foto), visitou no dia 19 de dezembro a sede da ABCZ, em Uberaba. Ele foi recebido pelo presidente José Olavo Borges Mendes e por membros da diretoria da casa. Lessa veio conhecer os trabalhos desenvolvidos pela entidade em prol do zebu no Brasil e no exterior.



Aptidão Leiteira

As 32 fêmeas gir que participam da Prova de Aptidão Leiteira realizada pela ABCZ estão cumprindo outra etapa do processo de inseminação, que começou no dia 14 do mês de outubro de 2003. O índice de fecundação obtido com a primeira tentativa de inseminação foi de 75%, o que é considerado excelente pelos técnicos da ABCZ. As fêmeas que não emprenharam foram inseminadas novamente.

A prova teve início em julho de 2003 e objetiva analisar o desempenho de todas as fêmeas participantes, assim como o desenvolvimento de suas crias, sob as mesmas condições de ambiente e manejo, quando estiverem em plena lactação. O projeto tem ainda como propósito provar o nível de evolução do melhoramento genético das raças zebuínas leiteiras no Brasil. Os animais estão no Centro de Tecnologia e Pesquisa (foto) da entidade, localizado a 7 Km do Parque Fernando Costa, em Uberaba .

Girolando

O presidente da ABCZ José Olavo Borges Mendes abriu no dia 3 de dezembro, em Uberaba, o Curso Intensivo de Julgamento de Girolando. Durante o pronunciamento, ele destacou a importância do boi de capim (gado criado basicamente a pasto) no sucesso alcançado pela pecuária brasileira no exterior. O Brasil deve fechar o ano com 1,4 milhão de toneladas de carne bovina vendidas para outros países. Outro tema abordado pelo presidente da ABCZ foi o crescimento das exportações de lácteos e os investimentos na pecuária leiteira para aumentar a qualidade do leite produzido no Brasil.

A raça girolando originou-se do cruzamento de animais zebuínos gir com o taurino holandês. O curso, promovido pela Associação Brasileira dos Criadores de Girolando, teve duração de três dias.

Balanço

O saldo da balança comercial do agronegócio registrou superávit em 2003 de US$ 25,848 bilhões, 27% acima do saldo de US$ 20,347 bilhões registrado em 2002. O resultado coloca o agronegócio como responsável pela totalidade do superávit global de US$ 24,824 bilhões da balança comercial do país, já que os demais setores juntos apresentaram um déficit de US$ 1 bilhão no período. O presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes, destacou a importância dos investimentos do setor no melhoramento genético dos animais, com vistas a manter a qualidade do rebanho e a sedimentar o espaço já conquistado pelo país no cenário do comércio internacional dos produtos cárneos. Outro aspecto destacado por José Olavo é a necessidade do país trabalhar para conquistar novos mercados em 2004.

foto: A. Milena/ABr

ABCZ acompanha comitiva presidencial à Índia

O presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), José Olavo Borges Mendes, e o vice-presidente da entidade, Jonas Barcellos, embarcam no dia 23 de janeiro para a Índia a convite do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Os representantes da ABCZ integraram a comitiva presidencial brasileira (foto) em visita oficial àquele país.

foto: M. Farias

Comércio

De acordo com José Olavo, a ABCZ está empenhada em agilizar a abertura da comercialização de material genético zebuíno, entre o Brasil e a Índia. Com a assinatura do documento bilateral revogando a proibição desse comércio, interrompido há 42 anos, o presidente da ABCZ disse estar confiante que, em pouco tempo, os dois países serão novamente parceiros nos negócios voltados para a pecuária bovina. Há quase uma década representantes da ABCZ discutem com o governo federal a necessidade de retomar a importação de material genético da Índia, proibida desde 1962 por questões sanitárias. Agora, os dois países chegaram a um consenso, o que é muito positivo para a pecuária brasileira, segundo José Olavo, porque poderá viabilizar a importação de material genético das raças gir (foto), gir leiteiro, guzerá e nelore para ser incorporado à genética de altíssima qualidade já disponível no país.

Houston Livestock Show & Rodeo

O calendário de feiras internacionais que terão a participação do consórcio Brazilian Cattle Genetics (foto), criado pela ABCZ e Apex/Brasil, inicia-se em março deste ano. De 2 a 10 de março o zebu brasileiro terá representatividade garantida na "Houston Livestock Show & Rodeo", feira agropecuária mais importante dos Estados Unidos, que será realizada na cidade de Houston, Texas.

A feira de Houston reúne visitantes de todas as partes do mundo, sendo conhecida como ponto de encontro de pecuaristas oriundos principalmente da América Latina e África do Sul e conta também com a presença de pecuaristas da Oceania e da Ásia. De acordo com o gerente do consórcio, Gerson Simão, a feira é importante ainda para abrir espaço para contatos com delegações de países que estão na pauta de visitas do BCG este ano e que estarão também participando do Salão Internacional do Zebu durante a ExpoZebu 70 anos.

fotos: divulgação

Cairo International Fair

Um dos eventos mais esperados deste ano é o "Cairo International Fair", feira multisetorial, que será realizada de 17 a 26 de março, na cidade do Cairo, Egito. A ABCZ e o consórcio BCG estarão participando com um estande no pavilhão número seis, junto com países como Índia, China e México.

O mercado egípcio é a porta de acesso para o mundo árabe. A Câmara de Comércio dos Países Árabes no Brasil representa 22 nações, e está empenhada na organização de uma visita do BCG a centros de produção pecuária no Egito, na semana que antecede a feira.

A Austrália, principal exportador de animais vivos para abate com destino ao Egito, vendeu ao país mais de 145 mil animais, somente no ano passado. Mais de 970 mil cabeças de gado foram exportadas por aquele país para várias partes do mundo, com um saldo de US$609 milhões.

• Durante encontro com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva no Palácio do Planalto, o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes, recebeu garantias de investimento do governo federal na pecuária para este ano. Lula disse que a sanidade animal do rebanho bovino brasileiro está garantida em 2004. A reunião, em Brasília (DF), aconteceu no dia 12 de dezembro (foto). O encontro, que reuniu representantes de todos os elos da cadeia produtiva do agronegócio brasileiro, tratou do balanço das atividades do setor rural em 2003. A ABCZ apresentou informações sobre a pecuária de elite.

fotos: M. Farias

• O superintendente da ABCZ, Eduardo Milani esteve em São Paulo, capital, no dia 28 de janeiro para reunião com o diretor de Informática da entidade, Nelson Pineda. Em pauta: a informatização dos técnicos que atendem as propriedades dos associados em todo o território nacional. De acordo com Milani, a visita técnica aos associados da ABCZ será mais eficiente e terá maior agilidade na transmissão das informações. Os funcionários trabalharão com leptop (computador portátil) para armazenar os dados dos animais que serão, mais tarde, transmitidos diretamente para a sede da ABCZ via internet. O projeto ainda não tem data certa para ser implantado, mas os detalhes já começaram a ser discutidos pela diretoria.

fotos: A. Araújo

• Outra importante reunião da qual participou o presidente da ABCZ em Brasília aconteceu no dia 5 de janeiro deste ano. O Ministro da Agricultura, Pecuaria e Abastecimento, Roberto Rodrigues, recebeu José Olavo em seu gabinete para tratar de assuntos relacionados à cadeia produtiva da carne. Entre os temas abordados, as perspectivas de mercado e problemas vivenciados por outros países com relação ao mal da "vaca-louca".

• No dia 3 de dezembro de 2003 aconteceu um happy hour no estande da ABCZ montado na Fenagro, exposição realizada em Salvador (BA). A feira reuniu pecuaristas de quase todos os estados brasileiros. Presentes os presidentes de associações como Assogir (Associação Brasileira dos Criadores de Gir), Abcgil (Associação Brasileira dos Criadores de Gir Leiteiro), ABCT (Associação Brasileira dos Criadores de Tabapuã). Também marcaram presença no espaço montado pela ABCZ, representantes do governo da Bahia e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Os diretores João Machado Prata Júnior e Luiz Humberto Carrião representaram a ABCZ no evento.

• Os técnicos do Escritório Regional da ABCZ em Goiânia receberam treinamento de reciclagem durante a primeira semana de fevereiro. Durante o evento, o superintendente-adjunto de Melhoramento Genético da entidade, Carlos Henrique Cavallari Machado, ministrou palestra sobre os novos parâmetros de avaliação animal utilizados pela ABCZ, entre outros assuntos.

Este serviço é gratuito. Para publicar seu pequeno anúncio, envie o texto pelo e-mail: revista.abcz@abcz.org.br

tourinhos gir EVA PO

Vendo tourinhos Gir marca EVA com procedência leiteira comprovada pela ABCZ.
João Guilherme M. Pitanguy
31 3291 6839 • 31 9972 2705
cduequipamentos@uol.com.br

Trabalhamos com produtos para

cerca elétrica, identificação animal, além da maior e mais completa linha de produtos importados para Farm & Ranch. Levantamento com GPS, projeto, implantação e assessoria em cerca elétrica.
Site: www..allfarm.com.br
e-mail: allfarm@allfarm.com.br
(12) 252 1410. Falar com Hermann.

Vendo marcas, mochadores,

numeradores, turquez, freios, aquecedor de marca em aço inox. Todos os produtos são da marca Zezinho Paraqueda.
Falar com Orlando
telefone (34) 3313 2828 ou (34) 9960 5490.

nelore CR

Tourinhos e Novilhas de qualidade, mocho e padrão, filhos e netos de Campeões. Criador: Carmerindo Rabêlo. Central de vendas: (62) 218 7000 • 9632 8146.

Vendedora :Fundagri/Fazu

Venda de reprodutores ovinos Santa Inêz, PROV. I, PROV. II e matrizes BASE e PROV. I; na pelagem preta e castanho.
Contato : Fundagri/Fazu, pelo Tel. : (34) 3318 4188.

garrotes gir LA (GAIOLÃO)

Vendo 8 garrotes Gir LA, criatório de Jayme de Oliveira - Franca (SP)
Informações tratar
fone: (16) 3722 2241.

nelore CR

venda permanente de touros e matrizes criteriosamente selecionadas fone: (62) 218 7000
nelorecr@terra.com.br

Vendo fazenda no norte de Minas,

município de Jaíba, de 1.755 ha, casa sede, curral, energia elétrica, 2 poços artesianos, 100% mecanizável. Ideal para gado nelore. Preço: R$600,00/ha. Tratar pelos telefones (31) 3491-1920 ou (31) 9981-0408

vendo doses de sêmen do touro B9791

Linhagem Lemgruber (1646), Akasamu e Golias. Genética comprovada para produtividade, fertilidade e carcaça.
fone: (34) 3313 9585 - Luciano

Fazenda a 50km de Brasília

55 hectares. Vende-se motivo mudança exterior. Excelente casa-sede, local tranqüilo.Terras de cultura beira rio. Propriedade lindíssima. Joía rara. Sylvio
(O61)328 7002 • (061)9983 1062

Vendo fazenda em Minas Gerais de

8.600 ha, casa sede, campo de pouso para aeronaves, serraria, dois depósitos, dois galpões para oficina mecânica, casa gerente, escritório, 10 casas colonos, 9 currais, 20 poços artesianos, 40 divisões de pastos, 4 pivôs central funcionando, topografia plana própria para gado de corte. Preço: R$750,00 p/ha. tel (31) 3491 5194

zootecnista procura trabalho

graduada pela UCG(Goiânia),e especialista em nutrição de poligastricos pela UFG, (Goiânia). Experiência em gado de elite (nelore) parte de preparação para leilões e exposições. Cintia Andrade.
e-mail: andrade.ci@ig.com.br

Vendo 65 vacas nelore cara limpa

45 delas com cria ao pé o restante prenhe e mojando, as crias são de cruzamento industrial com limousin. Contato com Júnior
(19)939 0751 • (19) 3546 1210.

Edital de Convocação

Assembléia Geral Ordinária

De acordo com as disposições estatutárias, convoco os senhores associados da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu para reunirem-se em Assembléia Geral Ordinária, no dia 15 de março de 2004, às 14:00 horas, na sede da entidade, no Parque Fernando Costa, na Praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 110, Bloco 01, para tratar dos seguintes assuntos:

a) Tomar conhecimento do relatório do Presidente;

b) Discutir e votar o parecer do Conselho Fiscal sobre o balanço e contas do exercício anterior.

Não havendo número legal na primeira convocação, ficam convocados desde já, para segunda convocação, às 15:00 horas, no mesmo local e dia aprazados.

José Olavo Borges Mendes
Presidente da ABCZ

Ademir Vieira Buçard Santo Antônio de Pádua – RJ	nº 12565
Adivaldo Marques Cavalheiro Dourados – MS	nº 12612
Agropecuária Contact Ltda Araçatuba – SP	nº 12561
Agropecuária Hetty Ltda São Jorge D'oeste – PR	nº 12610
Agropecuária Rodrigues Torres São Paulo – SP	nº 12576
Ailton Stropa Garcia Dourados – MS	nº 12607
Aderson da Silva Costa Porto Nacional – TO	nº 12564
André Caixeta Castro Silvânia – GO	nº 12566
Anselmo Franceschi São José do Rio Preto – SP	nº 12616
Antônio Aparecido Savegnago Barra do Garças – MT	nº 12538
Antônio Sansão Barra do Bugres – MT	nº 12588
Antônio Tadeu Fachetti Vila Velha – ES	nº 12599
Arno Schneider Cuiabá – MT	nº 12637
Átila Silva Gattass Cáceres – MT	nº 12591
Atílio Possenti Neto Americana – SP	nº 12628
Bruno Galvão de Negreiros Avanhandava – SP	nº 12563
Carlos Alberto de Azevedo Pimentel São Paulo – SP	nº 12568
Carlos Alberto de Oliveira e Fª-Cond. Vargem Grande do Sul – SP	nº 12540
Carlos Antônio da Silva Riscado Rio de Janeiro – RJ	nº 12641
Cássio Roberto Gradela Naviraí – MS	nº 12598
Cyro Alves de Britto Filho São José dos Campos – SP	nº 12562
Dalton Pastore Júnior e Fª – Cond. São Paulo – SP	nº 12536
Diego Sousa Carmona Belém – PA	nº 12541
Domingos Teixeira Rodrigues São Paulo – SP	nº 12649
Donizeti Antônio Borges Batatais – SP	nº 12614
Edmundo Américo Dias Soares Belo Horizonte – MG	nº 12634
Eduardo Macedo Moreira de Andrade Belo Horizonte – MG	nº 12615
Eduardo Sérgio Monteiro de Morais Brumadinho – MG	nº 12595
Elisabete Liso São José do Rio Preto – SP	nº 12635
Fábio Augusto Curado Fleury Goiânia – GO	nº 12650
Fernando de Ferreira Rezende Porangatu – GO	nº 12611
Francisco Barbosa da Silva Tucuruí – PA	nº 12617
Francisco Ferreira da Silva Mirassol D'Oeste – MT	nº 12636
Gairova Agropecus Ltda São Paulo – SP	nº 12579
George de Rezende Iplinsky Rio Verde – GO	nº 12560
Geraldo Silverio da Cunha Uruaçú – GO	nº 12582
Gilberto Franco Sampaio Neto Cáceres – MT	n º 12589
Gilson de Sousa Kyt Imperatriz – MA	nº 12642
Godofredo Fernandes Machado Serrana – SP	nº 12625
Hélio Macedo de Queiroz Governador Valadares – MG	nº 12631
Homero Alves Pereira Cuiabá – MT	nº 12590
Iran de Souza Nunes Porto Velho – RO	nº 12585
Jacy Pinto de Almeida Arraias – TO	nº 12555
João Carlos Seefeldt Barreiras – BA	nº 12557
João Dalmaso Brasil Novo – PA	nº 12620
João Delorenzo Neto Maringá – PR	nº 12542
João Gonçalves Echaporã – SP	nº 12539
João Sebastião de Queiroz Pontes e Lacerda – MT	nº 12601
João Vicente Graciano Anicuns – GO	nº 12638
José Adelvan Costa Monteiro São Paulo – SP	nº 12600
José Átila Matoso Berriel Vila Velha – ES	nº 12654
José Carlos de Carvalho Júnior Campinas – SP	nº 12556
José Carlos Gabriel Paragominas – PA	nº 12619
José Donizete Caetano Goiânia – GO	nº 12558
José Marques Peruíbe – SP	nº 12571
José Pascoal Costantini São José do Rio Preto – SP	nº 12629
José Paulo de Souza Nantes – SP	nº 12573
José Pereira Filho Nova Odessa – SP	nº 12572
José Pereira França Camapuã – MS	nº 12606
José Ronaldo Maia Goiânia – GO	nº 12581
Josemar Rodrigues Neves Comodoro – MT	nº 12587
Juliana Maria Lemos Gurupi – TO	nº 12609
Jumar Agropecuária S/A São Paulo – SP	nº 12644
Juvenil Alves Ferreira Filho Belo Horizonte – MG	nº 12596
Laerte Frisso Jacundá – PA	nº 12621
Leonardo Alves de Oliveira Rio Verde – GO	nº 12554
Leonel Fernandes de Lima Pontes e Lacerda – MT	nº 12655
Leopoldo de Oliveira Bueno Neto Ji-Paraná – RO	nº 12643
Ludmila Almeida Silva Miranda Bacabal – MA	nº 12605
Luiz Carlos Messias de Oliveira e out. Cond. Gurupi – TO	nº 12597
Manoel Benedito Rosa Filho Cuiabá – MT	nº 12646
Marco Antônio Suplicy São Paulo – SP	nº 12570
Marcus Augusto Fedrizzi Campo Novo do Parecis – MT	nº 12593
Mário Gonçalves Ferreira Júnior Porto Velho – RO	nº 12645
Mário Silveira João Pessoa – PB	nº 12552
Marta Boiago Sansão Barra do Bugres – MT	nº 12602
Matsuda Minas Com. e Ind. Ltda São Sebastião do Paraíso – MG	nº 12553
Maurício Cristiano Perego Imperatriz – MA	nº 12640
Milton Lopes Rocha Júnior Contagem – MG	nº 12653

Errata:
Na revista da ABCZ Ano 2, nº8, Maio/Junho de 2002, pág. 151. O crédito da foto é para Rubens Sales

Pichanga Quente

Ingredientes

- 1/2 beterraba cozida e cortada em tiras finas
- 1/4 de abacate cortado em tiras
- 1 ovo cozido cortado em rodelas
- 8 azeitonas - 5 batatas médias
- 3 lingüiças - 4 salsichas (opcional)
- 500 g de carne de segunda
- 1 xícara de couve-flor em conserva
- óleo para fritar
- sal, pimenta preta, molho de pimenta vermelha

Preparo

Descasque as batatas e corte-as em tiras (como para fritar), lave bem, seque-as e frite em óleo quente. Reserve.

Corte a carne em cubinhos. Corte a lingüiça e as salsichas em rodelas não muito grossas. Frite a carne, a lingüiça e a salsicha em óleo quente. Agregue sal, pimenta preta e molho de pimenta vermelha. Misture as carnes fritas com as batatas fritas reservadas e junte a couve flor. Coloque tudo em um recipiente grande, prove o sal e decore com o abacate, o ovo, as azeitonas e a beterraba. Sirva quente.

Variações

Há quem prefira prepará-la sem a lingüiça para que não tenha sabor forte e alguns ainda não acrescentam couve-flor. A ausência desses ingredientes deixa o prato com sabor mais suave, mas cabe ressaltar que a alma dele é o seu sabor forte.

Dica

Para as batatas fritas ficarem bem sequinhas deixe de molho em água com 2 colheres de sopa de cachaça ou álcool de cereais.

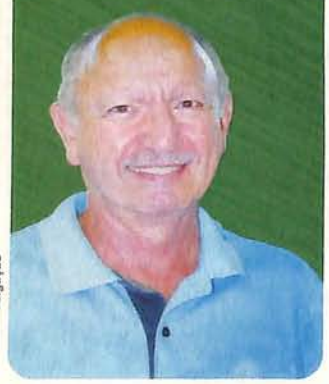
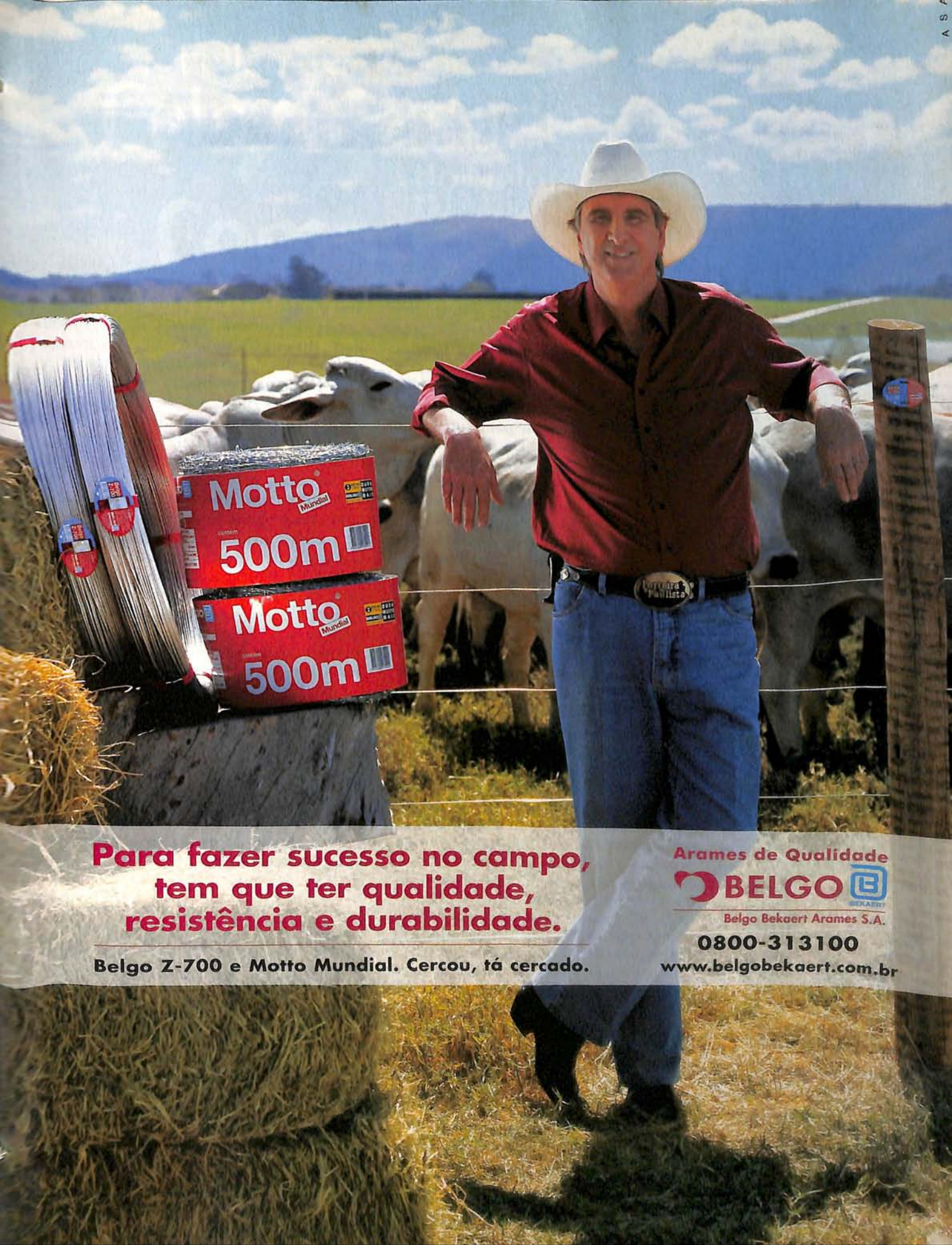


foto: divulgação

Alberto Sternick é engenheiro civil, ex-presidente do Clube Gourmet de Minas Gerais. Pedidos de receitas ou indicações de restaurantes: *albertosternick@uol.com.br*



Para fazer sucesso no campo, tem que ter qualidade, resistência e durabilidade.

Belgo Z-700 e Motto Mundial. Cercou, tá cercado.

Arames de Qualidade

BELGO BEKAERT

Belgo Bekaert Arames S.A.

0800-313100

www.belgobekaert.com.br

Filhos **ricos** e pai **pobre**

Não existe nada melhor que se deliciar dos biscoitos de polvilho frito de Tia Fiúca, senhora Tiãozinho Cunha, com chá de sassafrás, madeira que propicia um buquê extraordinário à bebida da nobreza acadêmica brasileira, herdada dos ingleses. Principalmente se a tarde está de chuva. Do alpendre do casarão rosado, ficam as celebridades se deliciando com aquelas guloseimas, contemplando o leite da terra caindo do céu e trocando histórias de antanho.

Noutro dia tive o prazer e porque não dizer a honra de participar dessa confraria. Falava de minha satisfação de haver pela primeira vez levado um dos meus filhos a um passeio de avião. Dizia de minha emoção ao ver o semblante daquela criança quando o avião iniciou a decolagem rumo a capital federal. Foi um sorriso de satisfação que imagino jamais sair de minha cabeça. Empolgado falava de minha realização como pai e da lembrança que, com certeza, ficará marcada na cabecinha de meu herdeiro quando nosso anfitrião saiu com essa: é conheço uma história um pouco parecida com essa. O professor Aristharco, sentado numa cadeira de balanço logo retrucou: lá vem chumbo grosso. Tiãozinho não gostando da observação levantou, calçou seus chinelos franciscanos e foi para a cozinha descontar sua insatisfação na Tia Fiúca, alegando que os biscoitos daquela tarde estavam parecendo câmara de ar de bicicleta, borracha pura.

De volta ainda que com seu humor mal resolvido, sentou e ficou calado. Foi aí que indaguei: mas o senhor não ia falar de uma viagem semelhante a que fiz com o meu filho? Ia, respondeu bruscamente. E por quê não o faz? Persisti. É que tem gente aqui que só pensa em me atazanar. Não é nada disso, continuei, vamos lá, o que aconteceu? Está bem! Vou contar.

Lá pelos idos da década de 50, grande parte do transporte era realizado através das ferrovias. No Triângulo Mineiro a Cia. Mogiana interligava o Estado de Minas a São Paulo. Os ricos coronéis e suas famílias viajavam na primeira classe e a camada média e baixa da população de segunda.

Um dos mais ricos zebuzeiros do Triângulo, cujo nome reservo neste instante, prosseguiu Tiãozinho Cunha, veio de uma origem muito humilde. Construiu seu império através de muito trabalho e dedicação. E numa dessas viagens, percebi que seus filhos viajavam na primeira classe, inclusive, fazendo suas refeições no vagão-restaurante, e ele, de segunda e se alimentando através de uma farofa muito bem preparada por sua companheira, trazida em um caldeirão de alumínio muito bem areado coberto por um pano de prato de saco de algodão bordado na parte inferior. Não me contive: Compadre, como que se explica o senhor viajando de segunda enquanto meu afilhado e seus irmãos viajam de primeira? E compadre, respondeu meio que lamentando, quem tem pai rico são meus filhos e não eu.

foto: M. Farias

Luiz Humberto Carrião é professor, articulista do jornal "Opção", de Goiânia, e diretor da Assogir e da ABCZ

Tiãozinho Cunha é um personagem fictício. Qualquer semelhança com a realidade será mera coincidência.

1° Leilão

CeleBridades do Nelore

Comapi

& Convidados

BERTIN

Inauguração do Recinto

Anexo ao Hotel Quality
Lins - SP

Arena

LEILÃO DE VENTRES
12 . março . 2004
sexta-feira . 20 horas

LEILÃO DE ANIMAIS
13 . março . 2004
sábado . 20 horas

PROMOÇÃO

Comapi

BERTIN Agropecuária

REALIZAÇÃO

PROGRAMA LEILÕES
(43) 3373-7077

ASSESSORIA

AVANTI

Quality

TRANSMISSÃO

CANAL RURAL
TV a cabo, Net ou SKY

AAAA - BRAHMAN PILAR • 2004 - 10 anos de seleção

Mais de 240 mil doses de sêmen Brahman PILAR já vendidas

DBO

MISS PILAR POI 566
Idade: 12 meses
Peso: 412 kg*

MISS PILAR POI 584
Idade: 12 meses
Peso: 427 kg*

Fêmeas **PILAR**, genética POI impecável, seleção focada na pressão por desempenho nas características econômicas: Fertilidade, Feminilidade, Capacidade de Aleitamento, Uniformidade e Conformação para Corte.

* Pesagem oficial ABCZ

Prenhez aos **17 meses**, evidencia sua fertilidade, feminilidade e precocidade sexual.

MISS PILAR POI 498 560 dias 666 kg*

MISS PILAR POI 573
Idade: 12 meses
Peso: 445 kg*

MISS PILAR POI 605
Idade: 11 meses
Peso: 378 kg*

- Mais de **650 kg** aos **560 dias** evidencia sua precocidade para ganho de peso.
- Sua cobertura muscular, evidencia excelência como matriz de bezerro de corte.
- Sua estrutura corporal, umbigo corrigido, abertura de costelas e comprimento de carcaça evidenciam as múltiplas alternativas de acasalamento que pode ter com os melhores touros Brahmam do mundo.
- Sua maravilhosa caracterização racial, vem de uma impecável genética POI Americana fechada, característica da maior parte dos acasamentos LA Brahman PILAR.
- **MISS PILAR POI 498**:
  - **6 GRANDES CAMPEÕES INTERNACIONAIS NO PEDIGREE**
  - **4 ANCESTRAIS CLASSIFICADOS ENTRE AS 20 MELHORES TOUROS DA RAÇA NA CARACTERÍSTICA DE CAPACIDADE DE ALEITAMENTO DAS FILHAS.**

"Fêmeas Brahman PILAR, nasceram para ser comparadas!"

FAZENDA PILAR - Maricá - RJ / Tel.: (21) 9601-5215